

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**ENCENAÇÃO JORNALÍSTICA DA VIOLÊNCIA NO  
FUTEBOL: ESTUDO DE ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS,  
EFEITOS DE SENTIDO E VALORES**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Magnos Cassiano Casagrande**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2014**

**ENCENAÇÃO JORNALÍSTICA DA VIOLÊNCIA NO  
FUTEBOL: ESTUDO DE ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS,  
EFEITOS DE SENTIDO E VALORES**

**Magnos Cassiano Casagrande**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação,  
Área de Concentração em Comunicação Midiática,  
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – RS),  
como requisito parcial para obtenção do título de  
**Mestre em Comunicação.**

**Orientador: Prof. Dr. Adair Caetano Peruzzolo**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2014**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Casagrande, Magnos Cassiano

Encenação jornalística da violência no futebol: estudo de estratégias discursivas, efeitos de sentido e valores / Magnos Cassiano Casagrande.-2014.

235 p.; 30cm

Orientador: Adair Caetano Peruzzolo

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2014

1. Estratégias Discursivas 2. Efeitos de Sentido 3. Valores 4. Violência no Futebol 5. Jornalismo Esportivo  
I. Peruzzolo, Adair Caetano II. Título.

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Mestrado em Comunicação Midiática

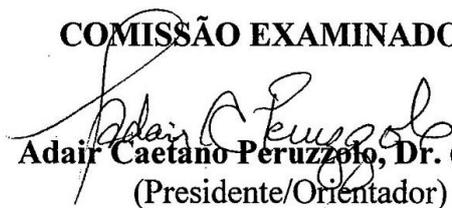
A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

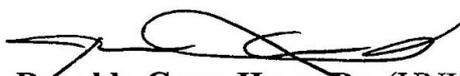
**ENCENAÇÃO JORNALÍSTICA DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL:  
ESTUDO DE ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS, EFEITOS DE SENTIDO E  
VALORES**

elaborada por  
**Magnos Cassiano Casagrande**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Comunicação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

  
**Adair Caetano Peruzzolo, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

  
**Ronaldo Cesar Henn, Dr. (UNISINOS)**

  
**Roberto Ferreira dos Santos, Dr. (UNIVERSO)**

Suplente  
**Márcia Franz Amaral, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

Santa Maria, 2014.

*Aos meus pais, Albino e Irene  
e aos meus irmãos, Dieison e Lucas,  
por tudo que significam.*

## AGRADECIMENTOS

A necessidade do outro é o fundamento de vida do ser humano. Este estudo é fruto de uma ação coletiva, devido a isso, agradeço àqueles que, de alguma forma, contribuíram para sua elaboração.

A Deus.

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria, seus docentes e funcionários, por todo apoio e conhecimento compartilhado.

À Capes, por financiar esta pesquisa.

Ao meu orientador, professor Dr. Adair Caetano Peruzzolo, pelo qual tenho profunda admiração em virtude da dedicação a este estudo, compreensão e humildade, sabedoria com que aponta os caminhos e dos valiosos conhecimentos compartilhados.

Aos professores participantes da banca, Ronaldo Cesar Henn e Roberto Ferreira dos Santos pelas profícuas considerações.

Aos colegas do mestrado, que se transformaram em bons amigos

Aos meus pais, Albino e Irene, pelo apoio incondicional, amor, carinho, compreensão, amizade e por tudo que significam. Vocês foram e são fundamentais para minha formação acadêmica e como cidadão.

Aos meus irmãos, Dieison e Lucas, por todo apoio, carinho, amizade e tudo que significam.

Aos meus avós, Raimundo e Helena, pelo imenso carinho.

Ao meu primo Francis, pelo apoio, incentivo e parceria desde nossa chegada a Santa Maria, há quase sete anos.

Aos meus amigos, Paulo Henrique, Dioni, Régis, Andirlei, Paulo Vitor, Carlos Alberto (Juba), Fernando, Eduardo, Cátia, Caciane, Paula, Valesca... que se tornaram uma segunda família.

À minha namorada, Ana Hoeckel, por todo amor, carinho e compreensão.

Ao Claudinei Ascoli (*In Memoriam*), pelo exemplo de caráter, simplicidade e perseverança.

Cada palavra possui a contribuição de vocês.

A todos, muito obrigado!

*A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão.*

***Mikhail Bakhtin (Volochinov)***

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **ENCENAÇÃO JORNALÍSTICA DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: ESTUDO DE ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS, EFEITOS DE SENTIDO E VALORES**

AUTOR: MAGNOS CASSIANO CASAGRANDE

ORIENTADOR: DR. ADAIR CAETANO PERUZZOLO

Local e Data de Defesa: Santa Maria, 19 de fevereiro de 2014.

O presente estudo propõe analisar como constitui-se a construção discursiva a respeito do fenômeno sociocultural da violência no futebol por enunciadores dos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora. Com efeito, investigam-se as estratégias discursivas acionadas para a produção de efeitos de sentido, os quais afirmam e manuseiam valores humanos e sociais. Para tanto, apresentam-se os fundamentos da comunicação como uma relação e sua natureza estratégica e do discurso como um espaço de interação entre os sujeitos. Teorizam-se ainda os efeitos de sentido de realidade, de enunciação e de tematização, os quais são utilizados como passos que guiam o processo analítico. Em seguida, desenvolvem-se considerações a respeito do futebol, da violência, da violência no futebol e o imbricamento desta última com a mídia. O enfoque teórico-metodológico adotado para análises das materialidades jornalísticas baseia-se na Análise do Discurso, na Semiologia dos Discursos e na Teoria da Enunciação. Sabendo que os valores permeiam o discurso jornalístico e que os enunciadores estabelecem relações com os enunciatários e com o que dizem, além de tentarem dar concretude aos sentidos que desejam compartilhar, buscam-se possíveis respostas para o lugar assumido pelo jornalismo esportivo em relação aos eventos futebolísticos com violência.

**Palavras-chave:** Estratégias discursivas. Efeitos de sentido. Valores. Violência no futebol. Jornalismo esportivo.

## **ABSTRACT**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **JOURNALISTIC STAGING OF FOOTBALL VIOLENCE: A STUDY OF DISCURSIVE STRATEGIES, MEANING EFFECTS AND VALUES**

**AUTHOR: MAGNOS CASSIANO CASAGRANDE**

**ADVISER: DR. ADAIR CAETANO PERUZZOLO**

Place and Date of Defense: Santa Maria, February 19, 2014.

This study aims to analyze how the discursive construction is about the sociocultural phenomenon of violence in football for enunciators newspapers Folha de São Paulo and Zero Hora. Thereby, investigates the discursive strategies adopted to produce meaning effects, which affirm handling human and social values. To this end, presents the fundamentals of communication as a relationship and its strategic nature and discourse as a space of interaction among subjects. It is theorized also meaning effects of reality, enunciation and theming, which are used as steps that guide the analytical process. Then it develops considerations of football violence, violence in football and the latter interweaving with the media. The theoretical-methodological approach adopted for analysis of newspaper materiality is based on Discourse Analysis in Semiology of Discourse and Theory of Enunciation. Knowing the values permeating journalistic discourse and enunciators establish relations with the enunciated and what they say besides try to give concreteness to the meanings that want to share, is seeking possible answers to the place assumed by sports journalism in relation to football events with violence.

**Key-words:** Discursive strategies. Meaning effects. Values. Football violence. Sports Journalism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Dispositivo de enunciação.....	49
Figura 02 - Esquema de análise de Efeitos de Sentido.....	53
Figura 03 – Texto: “Torcidas em xeque” .....	95
Figura 04 – Histórico de violência de torcedores do Palmeiras .....	98
Figura 05 – Texto: “Palmeiras tenta barrar agressores até em jogo fora do país” .....	100
Figura 06 – Texto: “Incêndio atinge loja; organizada nega ter culpa” .....	105
Figura 07 – Texto: “Incendiários” .....	106
Figura 08 – Texto: “O império do medo” .....	107
Figura 09 – Texto: “Medo” .....	108
Figura 10 – Texto: “Por segurança, time vai para refúgio em Itu” .....	108
Figura 11 – Texto: “Perdedores” .....	111
Figura 12 – Texto: “Vandalismo – Recado” .....	113
Figura 13 – Texto: “Dia da chibata” .....	115
Figura 14 – Texto: “Bom exemplo” .....	119
Figura 15 – Texto: “Avalanche”.....	121
Figura 16 – Texto: “O comandante da baderna na Arena” .....	125
Figura 17 – Texto: “O que explica a violência” .....	129
Figura 18 – Texto: “Alianças Nacionais”.....	132
Figura 19 – Tumultos envolvendo torcedores da dupla Gre-Nal .....	133
Figura 20 – Texto: “No sul, túneis de tapume evitam os confrontos”.....	134
Figura 21 – Texto: “Grêmio controla a Geral para não perder dinheiro”.....	138
Figura 22 - O mapa dos relacionamentos entre as torcidas .....	142
Figura 23 – Texto: “Torcida faz alusão a morte de torcedores”.....	146
Figura 24 – Texto: “A reflexão urgente” .....	148
Figura 25 – Texto: “Enfim, uma palavra justa” .....	152
Figura 26 – Texto: “Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade”.....	163
Figura 27 – Texto: “Fábio Santos afirma ser a favor de expulsão se violência acabar” .....	165
Figura 28 – Texto: “Corintianos detidos serão indiciados por homicídio de jovem” .....	169
Figura 29 – Texto: “Torcedores têm ligação com as organizadas” .....	173
Figura 30 – Ilustração: Como ocorreu a tragédia .....	175
Figura 31 – Texto: “Corintianos serão indiciados” .....	176
Figura 32 – Imagem que acompanha o texto “Corintianos serão indiciados”.....	179
Figura 33 – Texto: “A lei seca do futebol”.....	182
Figura 34 – Texto: “Espírito Esportivo”.....	189
Figura 35 – Texto: “Morte no estádio” .....	193
Figura 36 – Mapa valorativo 01: “Cooperação” e “Dinheiro” .....	207
Figura 37 – Mapa valorativo 03: “Impunidade”, “Fim da impunidade” e “Justiça”.....	210
Figura 38 – Mapa valorativo 03: “Proteção” e “Racionalidade” .....	213
Figura 39 – Mapa valorativo 04: “Irracionalidade”, “ <i>Status</i> ”, “Medo”, “Segurança”, “Fanatismo”, “Vingança” e “Derrota”.....	215

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</b> .....	<b>21</b>
1.1 RAZÕES PARA BUSCAR OS EFEITOS DE SENTIDO .....	21
1.2 OS LUGARES DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA MÍDIA.....	24
<b>1.2.1 Lugar das condições de produção</b> .....	<b>25</b>
<b>1.2.2 Lugar das condições de recepção</b> .....	<b>29</b>
<b>1.2.3 Lugar da construção do produto</b> .....	<b>31</b>
1.2.3.1 O dispositivo jornalismo impresso .....	38
1.3 COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIA .....	40
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	48
<b>1.4.1 Efeitos de sentido</b> .....	<b>54</b>
1.4.1.1 Efeito de sentido de realidade.....	56
1.4.1.2 Efeito de sentido de enunciação .....	59
1.4.1.3 Efeito de sentido de tematização e a figurativização.....	62
<b>1.4.2 Sistematização do <i>corpus</i></b> .....	<b>65</b>
<b>2 OS JOGOS DO FUTEBOL E A VIOLÊNCIA</b> .....	<b>68</b>
2.1 APROXIMAÇÃO ENTRE FUTEBOL, CULTURA E SOCIEDADE.....	68
2.2 O FENÔMENO SOCIOCULTURAL DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL.....	71
<b>2.2.1 O futebol como integrante do processo civilizatório</b> .....	<b>76</b>
2.3 AS TORCIDAS, A VIOLÊNCIA E O JORNALISMO ESPORTIVO .....	80
<b>3 VALORES, EFEITOS DE SENTIDO E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO DISCURSO DA MÍDIA ESPORTIVA IMPRESSA SOBRE A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL</b> .....	<b>92</b>
3.1 TORCIDAS E TORCEDORES VIOLENTOS, ‘EM XEQUE’ .....	92
3.2 DE SÃO PAULO A ORURO.....	159
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>199</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>224</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>231</b>

## INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais acompanhado pelos brasileiros na mídia. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>1</sup>, são 121 milhões de pessoas acima dos 16 anos de idade que acompanham pela mídia notícias relacionadas a algum esporte. O futebol é o esporte preferido de 93% dos homens e 73% das mulheres, que disseram que conferem as notícias e é também o esporte que recebe maior cobertura dos jornais brasileiros. Conforme dados da pesquisa *International Sports Press Survey* (ISPS)<sup>2</sup>, notícias relacionadas ao futebol correspondem a 74,6% da cobertura jornalística brasileira sobre esporte. Apenas com intuito de mostrar a diferença do futebol frente a outros esportes, o segundo da lista é a Fórmula 1, com 3,3% da cobertura.

Helal (1990, 1997) afirma que o futebol é um fenômeno que está impregnado na vida do homem moderno, pois envolve emoção, desenvolve paixões em milhões de pessoas e é motivo de conversas e debates diários entre a população.

Como afirma Murad (2012, p.81-82), “o futebol é uma grande representação social, um conjunto de retratos da vida brasileira, que se revelam nos campos, nas torcidas, nas comemorações, nas organizações dos torneios”. O futebol é um esporte que tem por essência a coletividade. Torna-se, dessa maneira, uma substância fundamental do que o autor chama de cultura das multidões.

Pelo fato de ser um esporte coletivo, democrático e extremamente popular, o futebol é considerado um instrumento que possui um grande poder de integração social. Isso pode ser explicado através dos seguintes dizeres de Murad (2007, p.12): “o futebol pode ser e tem sido um processo lúdico que ajuda a reeducar, uma vez que sua lógica está fundamentada, em tese,

---

<sup>1</sup> Dados disponibilizados por BDOBrazil. Disponível em:

<<http://www.bdobrazil.com.br/pt/analises/esporte/Futebol,%20a%20maior%20paix%C3%A3o%20dos%20brasileiros.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

<sup>2</sup> A pesquisa foi desenvolvida em 2011 por acadêmicos da German Sport University, da Macromedia University for Media and Communication em parceria com o Danish Institute for Sport Studies. Dados disponíveis em:

<<http://www.apublica.org/2012/10/jornalismo-esportivo-nem-mulheres-nem-fontes/>> Acesso em: 26 mar. 2013.

na igualdade de oportunidades, no respeito às diferenças e na assimilação de regras de convivência com o outro”. É um esporte que prima pelo coletivo sem deixar de valorizar o individual, e, como diz o autor, coloca grupal e individual em sintonia. Sua capacidade de integração possui grande potencial, pois envolve regras determinadas, as quais são poucas e de fácil entendimento.

No entanto, apesar de todos esses benefícios, que podem e são encontrados no futebol, existe uma questão preocupante que o atinge e que é estudada por diversas áreas do conhecimento, como a antropologia, sociologia, psicologia, biologia, é a questão da violência.

A palavra violência possui origem latina; haja vista que o termo *violentia* deriva do verbo *volare*, o qual significa violentar e transgredir. O verbo *volare* faz referência ao termo *vis*, que significa usar força física em intensidade, potência, opressão, impor algo ao outro através de uma força, seja qual for sua natureza. No direito, o termo faz referência à *coação*.

Autores como Arendt (1994), Maffesoli (1987) e Peruzzolo (1990) apontam que a violência faz parte e sempre esteve presente na existência humana. Para Arendt (1994), podemos dizer, de forma reduzida, que o papel desempenhado pela violência no universo humano não deve ser negligenciado. Segundo a autora, a violência possui um caráter instrumental, dessa forma, os instrumentos da violência servem para aumentar o vigor de cada indivíduo. Conforme Maffesoli (1987), a violência, em suas várias modulações, é um fenômeno onipresente em toda civilização, basta aos seres humanos encontrarem formas para lidar com sua presença, ou seja, maneiras para “amansá-la” e “socializá-la”, como diz o autor. Já para Peruzzolo (1990), a violência, apesar de ter sempre acompanhado o homem em sua existência, ela passa a ser vista como um problema, cuja necessidade de ser gerido aparece apenas no século XIX.

Michaud (1989, p.11) apresenta uma visão sobre a violência que, por ser abrangente, é aplicável à violência relacionada ao futebol,

há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira, direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos há uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Os modos mais comuns de violência relacionada ao futebol são: aquela que ocorre no campo de jogo, ou seja, jogadas violentas praticadas pelos atletas, mais comumente chamada de “violência do futebol”; a violência entre os atletas, isto é, brigas, confusões; a violência entre



quais são chamados, hoje, de “infiltrados”. Os torcedores violentos e os “infiltrados” representam não mais que 7% do total de indivíduos presentes nas torcidas organizadas<sup>8</sup>.

Pesquisas como as de Neto et.al. (1989), Murad (2007, 2012), Barroso et.al. (2007), Moraes e Moraes (2012) e Ferreira (2012) apontam que a violência no esporte, especialmente no futebol, é influenciada, e por vezes motivada, pelo contexto social no qual estão inseridos os indivíduos. Aspectos como a impunidade, a ilegalidade, o tráfico de drogas, o crime organizado, a corrupção, o descaso com a segurança, dirigentes e policiais despreparados e a educação desqualificada são geradores de violência na sociedade e aparecem diluídos também no futebol. Como diz Murad (2012, p.11), “são as chamadas macroviolências, que aparecem no microcosmo do futebol”, e o que confirma isso são os dados por ele apresentados: 78,8% dos torcedores mortos não possuíam ligação com grupos aos quais se atribui os atos violentos nas praças esportivas. Moraes e Moraes (2012, p.155) apontam que o comportamento violento pode ser alterado, no entanto, necessita de um “contexto sedimentado na justiça social”.

Devido aos fatos e dados apresentados, a violência relacionada ao futebol recebe, inevitavelmente, grande atenção dos meios de comunicação. Ao ocorrerem acontecimentos violentos no mundo futebolístico, estes são acompanhados em grandes proporções pela população brasileira, pois não há dúvidas que estarão estampados no caderno de esportes dos jornais, serão apresentados pela televisão, serão notícias no rádio e na internet.

As mídias tratam de fenômenos socioculturais e a violência no futebol é um fenômeno sociocultural. Sendo um fenômeno que está permanentemente em evidência na sociedade, a violência no futebol atrai a atenção da mídia. O que diz Sodré (2002, p.9) sobre a relação da violência em todas as suas formas e a mídia serve, conseqüentemente, à relação entre esta e a violência no futebol:

O aumento exponencial da violência, em todas as suas formas, (...) assim como o primado avassalador dos meios de comunicação sobre as formas de acesso de jovens e adultos às regras de relacionamento intersubjetivo no espaço social, coloca continuamente a mídia – senão, o tipo de organização social afim à mídia – no centro das interrogações sobre o fenômeno da violência.

Realizamos esta breve explanação sobre o futebol, mais especificamente sobre a violência relacionada a ele, pois são sobre textos jornalísticos impressos que tratam do assunto que recai a ideia central de nosso estudo: a análise de estratégias discursivas. Estratégias discursivas que se conjugam em efeitos de sentido, manuseiam e afirmam valores, e produzem

---

<sup>8</sup> Dados apresentados por Murad (2012) e produzidos pela FIFA e pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

sentidos que levam ao consumo dos produtos midiáticos. É através dos efeitos de sentido presentes nos textos jornalísticos da mídia esportiva impressa, mais especificamente, nos textos do Jornal Folha de São Paulo e do Jornal Zero Hora, que falamos sobre a violência no futebol, que olhamos as estratégias discursivas. Construindo um breve percurso de nosso estudo, temos então, a análise de estratégias discursivas, observadas através de efeitos de sentido presentes em textos jornalísticos impressos, que falamos sobre a violência no futebol.

Ressaltamos que nosso foco são as estratégias discursivas acionadas, os efeitos produzidos, os valores afirmados e manuseados pelo discurso de determinada fração da mídia esportiva impressa para tratar da violência no futebol. Nossa intenção é aclarar o quê e com o quê trabalha o jornalismo esportivo impresso quando se refere à violência no futebol. Assim, embora pensamos ser muito importante falarmos sobre a violência, especialmente aquela relacionada ao futebol, não é nosso objetivo encontrar soluções para tal fenômeno, algo que deixamos para outras áreas do conhecimento, já referidas.

A enunciação da violência relacionada ao futebol é carregada de efeitos de sentido elaborados por um conjunto de estratégias discursivas, as quais são construídas com a intenção de persuadir. Devido a isso, atravessamos os textos para identificarmos e examinarmos tais estratégias. Através da leitura das estratégias, bem como dos modos de enunciação, é que podemos verificar como são manuseados e afirmados valores e movimentados os sentidos, quais são as vozes que estão presentes nos textos, e como se dá o entrecruzamento de diversos temas. Tal caminho possibilita que nos questionemos sobre qual é o sentido dado à violência no futebol pelo discurso midiático e a linguagem utilizada pelos meios para tratar do assunto. Notamos, então, que a questão é bastante complexa.

Na comunicação, um sujeito comunicante quer persuadir o outro de determinado valor (valores de conduta, de contra-conduta, por exemplo) e para persuadir este outro realiza investimentos através de estratégias discursivas. Estratégias discursivas, efeitos de sentido e valores formam a temática central de nosso estudo. Analisando as estratégias discursivas elaboradas e utilizadas por um sujeito comunicante, podemos ver os valores propagados, os valores que vêm do outro e que lhe são atribuídos. Chegamos assim, aos valores relacionados à violência no futebol que são disseminados por um segmento midiático, o jornalismo esportivo impresso.

Podemos afirmar que toda instituição midiática quer que seus produtos sejam vistos, lidos, ouvidos. Para isso, investem estratégias variadas para apresentar um programa, uma reportagem, um artigo e constituírem seus dizeres sobre um determinado assunto, orientadas

pelas lógicas econômica e simbólica apresentadas por Charaudeau (2006). A princípio, ao tratar de um assunto de grande interesse para a sociedade, a instituição midiática esforça-se para apresentar um discurso que represente o máximo possível a realidade e que desperte o interesse do público-leitor. Os modos de organização, as estratégias, os efeitos de sentido e os valores presentes no discurso midiático, no caso, o desenvolvido pelo jornalismo esportivo impresso<sup>9</sup>, influenciam na construção dos significados de um sujeito interpretante acerca de um determinado acontecimento.

É importante ressaltar que o texto que chega ao leitor não é capaz de representar fidedignamente o acontecimento ocorrido, até porque são sujeitos humanos relatando, descrevendo, narrando um acontecimento e estes sujeitos, além de constituírem-se no discurso que estão produzindo, colocam em ação seu próprio modo de organizar a fala, de construir estratégias, de manusear valores. Como diz Quéré (2012, p.38), os acontecimentos tomados pelos veículos de comunicação não correspondem a “uma garantia de real”. A realidade dos acontecimentos “é passada e irrecuperável”. Os acontecimentos tratados no universo do discurso, especialmente o midiático, são pensados pelo autor como acontecimentos-objetos, os quais “são substitutos ideacionais e discursivos de acontecimentos existenciais”, no entanto, “eles não podem restituir a qualidade e o impacto existenciais destes últimos”.

Os sujeitos construtores de um discurso são ainda influenciados pela linha editorial do jornal e pelo pensamento de companheiros de profissão. Salientamos, portanto, que repórteres, redatores, editores não são neutros em relação aos acontecimentos, pois elaboram apenas uma interpretação possível e são guiados por valores próprios e por valores do veículo para o qual trabalham.

Afirmamos, também, que a mídia não inventa uma realidade, no entanto, é possível dizer que ela seguramente a constrói. O que sustenta nossa afirmação são os dizeres de Peruzzolo (2004, p.209-210): “os acontecimentos sociais não são objetos que se encontram já feitos em alguma parte do mundo. É a linguagem que os monta e qualifica de tal modo que eles passam a existir à medida que a linguagem os elabora”. Segundo o autor, os meios de comunicação social, de modo primordial, tornaram-se o lugar de constituição dos acontecimentos sociais. Assim, estes acontecimentos produzidos, ou seja, as construções ou reelaborações do real passaram a fazer parte de nosso cotidiano. Todo acontecimento que passa pelos meios de

---

<sup>9</sup> Consideramos, em nosso estudo, o jornalismo esportivo impresso, pois cabe a este setor, geralmente, do jornalismo impresso, falar sobre o futebol e sobre os atos violentos que o cercam. Salvo raras exceções, todos os acontecimentos violentos relacionados ao futebol são apresentados no caderno de esportes dos jornais.

comunicação tornam-se acontecimentos construídos, os quais são dotados de estratégias discursivas que procuram levar o consumidor de um determinado produto jornalístico, por exemplo, a compreender e aceitar os valores que são propostos.

Baseados no quadro teórico-metodológico constituído através dos pensamentos de Bakhtin e Benveniste sobre a enunciação e sobre a linguagem, das proposições da Análise do Discurso e do manuseio de estratégias do sujeito sobre a linguagem apresentadas por Charaudeau e Maingueneau, da Semiologia dos Discursos apresentada por Barros e Peruzzolo, da concepção de comunicação como uma relação, um encontro necessário entre os sujeitos e, instigados pela crítica realizada por Murad sobre o modo como a mídia brasileira trata a violência no futebol, propomos responder a seguinte problemática: que estratégias discursivas são elaboradas por enunciadores de Folha de São Paulo e Zero Hora para a produção de efeitos de sentido que afirmam e manuseiam valores humanos e sociais sobre a temática da violência no futebol. Deriva dessa problemática, um segundo questionamento: como os veículos acima citados apresentam e ofertam discursivamente o fenômeno da violência no futebol para seus leitores.

A presente pesquisa parte de alguns pontos que carecem de estudos. Por exemplo, quando pensamos o discurso midiático acerca da violência no futebol: o que ele afirma ou deixa de afirmar, quais são os destinatários ideais projetados, quais são as vozes apresentadas e mascaradas, quais valores são exaltados e quais são desqualificados, que outros temas sociais são suscitados pelos textos jornalísticos. Em exercício exploratório recente, realizado nos sites de busca, como Banco de Teses da Capes, Domínio Público, Google Acadêmico não foram encontrados estudos que se dedicassem ao modo como constitui-se o discurso midiático sobre a violência no futebol, especialmente no que tange à análise de estratégias discursivas, a produção de efeitos de sentido e a construção discursiva de valores.

Obviamente, não podemos afirmar que nosso trabalho é único, pois estaríamos realizando uma contradição com o aporte teórico-metodológico utilizado ao longo do estudo. Como afirma Charaudeau (2012, p.15), toda análise de um texto resulta em um novo texto, no entanto, é um texto “a respeito de outro texto, que depende, por sua vez, de um outro texto” e assim sucessivamente. Todavia, arriscamos em dizer que ele apresenta algumas particularidades, como é o caso da constituição dos efeitos de sentido sobre a violência no futebol.

A justificativa do presente estudo está centrada no fato de que há a necessidade de uma análise mais profunda sobre a constituição do discurso midiático acerca da violência no futebol.

Destacamos que o fenômeno da violência no futebol é frequentemente abordado pela cobertura midiática; como exemplo, apontamos que, ao longo do período escolhido para composição do *corpus* de análise – agosto de 2012 a maio de 2013 –, foram recolhidos 125 textos que se dedicaram à temática. Há a necessidade de verificar-se quais são os efeitos de sentido presentes nele, que estratégias discursivas utilizadas para a elaboração de tais efeitos, como a violência é tematizada, quais são os valores humanos afirmados e manuseados. Acrescentamos ainda, que existe grande dificuldade de encontrarmos estudos a respeito do assunto oriundos de programas de pós-graduação que se dedicam a pensar a comunicação.

Além de buscar a compreensão do discurso midiático, a investigação intenta refletir sobre um objeto social, uma problemática cultural. Com efeito, surge outro aspecto que torna o estudo relevante: a validade social da cultura desportiva brasileira. Além disso, cabe ressaltar que o Brasil será sede, dentro de poucos anos, dos dois maiores eventos esportivos do mundo: Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Como diz uma frase que já virou senso comum: “os olhos estão voltados para o Brasil”. A análise aponta para o modo como são elaborados os ditos sobre diversas questões que são de responsabilidade de órgãos governamentais, como a segurança dos estádios, a qualificação policial, o cumprimento de leis, temas que certamente estão em voga na mídia e ressurgem toda vez que algum fato relacionado à violência ocorre. Esperamos que nosso trabalho possa ampliar e aprofundar a discussão sobre a relação existente entre a mídia e a violência no futebol.

O estudo justifica sua inserção na área de concentração “Comunicação Midiática” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, pois trata do discurso, da maneira como são produzidos efeitos de sentido, pelo jornalismo impresso, acerca de um fenômeno social. Além do mais, estamos baseados na ideia de comunicação como uma relação, no pensamento do discurso como um espaço de interação entre os sujeitos. Nesse espaço, são produzidos os efeitos de sentido e manuseados os valores. Nele, ainda, os sujeitos promovem o encontro com o outro, os quais apresentam suas intencionalidades.

Todo ato comunicativo é, no nosso entender, naturalmente estratégico. Os efeitos de sentido são produzidos e os valores humanos são afirmados e manuseados através da elaboração de estratégias discursivas que são elaboradas pelos sujeitos comunicantes. Assim, justifica-se a inserção do estudo na linha de pesquisa “Mídia e Estratégias Comunicacionais”.

O objeto empírico do estudo são as reportagens, os artigos de opinião, as notícias dos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora que tratam da violência no futebol. Tais textos, coletados entre meados de 2012 e meados de 2013, constituem um recorte do objeto empírico,

ou seja, um *corpus* de análise. Já como objeto teórico, temos as estratégias discursivas constituintes do discurso sobre a violência no futebol, seus efeitos de sentido e valores humanos.

Assim sendo, reafirmando o objetivo geral de nosso estudo, ele está montado da seguinte maneira: analisar as estratégias discursivas com intuito de compreender a construção de efeitos de sentido, a afirmação e o manuseio de valores acerca da violência no futebol em Zero Hora e Folha de São Paulo.

Para dar sustentação ao objetivo geral são elaborados os seguintes *objetivos específicos*: mapear os efeitos de sentido de enunciação, de realidade e de tematização; verificar os valores afirmados e manuseados pelo discurso do jornalismo impresso sobre a violência no futebol; identificar as vozes presentes e ausentes no discurso; refletir sobre as relações existentes entre a violência no futebol, mídia e sociedade.

A metodologia do estudo baseia-se nos saberes da Análise do Discurso, cujos fundamentos foram buscados, principalmente, em Charaudeau (2006; 2012) e em Maingueneau (1997; 2008). O estudo considera ainda os ensinamentos vindos da Teoria da Enunciação, através de Bakhtin (1986, 1997) e Benveniste (2005; 2006), e da Semiologia dos Discursos, por meio de Barros (1998; 2010) e Peruzzolo (2004). As referidas escolhas permitem desmembrar os discursos segundo efeitos de sentido. Os efeitos de sentido considerados, em nossa análise, são os de realidade, de enunciação e de tematização. Olhar para os referidos efeitos possibilita a identificação e análise de estratégias discursivas acionadas para constituí-los.

Nota-se que o campo de análise é vasto, por isso o restringimos e tentamos fazer com que todas as abordagens, que serão apresentadas ao longo do estudo, possuam uma relação muito próxima com a problemática elaborada. Utilizamos os referidos autores, pois neles encontramos as bases e as instruções para realizarmos uma análise consistente acerca da constituição do discurso midiático.

A presente dissertação é composta por três capítulos. O primeiro, denominado “Fundamentação Teórico-Methodológica”, está dedicado, como o próprio nome diz, à fundamentação teórico-metodológica do estudo e está dividido da seguinte maneira: começamos pelas razões de buscar os efeitos de sentido, passamos pelas lógicas do sistema midiático e, conseqüentemente, pelos três lugares de construção de sentido na mídia, sendo eles, lugar das condições de produção, lugar das condições de recepção e lugar da construção do produto. Apresentamos, posteriormente, proposições da Análise do Discurso, da Semiologia dos Discursos e da Enunciação, que ajudam a teorizar e explicar a questão das estratégias

discursivas e dos efeitos de sentido. Por último, desenvolvemos os procedimentos metodológicos do estudo.

O segundo capítulo, “Os jogos do futebol e a violência”, consiste em um investimento teórico, através do qual são apresentadas relações entre o futebol, a cultura, a sociedade e o jornalismo esportivo e os vínculos existentes com o fenômeno sociocultural da violência no futebol. Vejamos que o futebol está circunscrito por uma série de jogos, ou seja, diversas facetas – culturais, históricas, sociais e simbólicas – que transformam o esporte em um espaço diversificado e popular e, ao mesmo tempo, ajudam a explicar a eclosão da violência nas praças esportivas.

O terceiro capítulo, “Valores, efeitos de sentido e estratégias discursivas no discurso da mídia esportiva impressa sobre a violência no futebol”, dedica-se à análise proposta para a investigação. Nele são identificadas e analisadas as estratégias discursivas utilizadas para a produção de efeitos de sentido que afirmam e manuseiam valores humanos e sociais. Buscamos apresentar os principais valores fortificados e desqualificados pelo discurso da mídia impressa sobre o fenômeno estudado, perpassar a constituição dos efeitos de sentido de realidade, de enunciação e de tematização, identificar as vozes que são explicitadas e silenciadas, identificar o entrecruzamento de temas e estabelecer bases que possibilitem uma reflexão a respeito das relações entre violência no futebol, discurso midiático, sociedade e cultura. O presente capítulo encontra-se dividido em duas seções principais: a primeira, “Torcida e torcedores violentos ‘em xeque’”, é composta, basicamente, pela análise da cobertura midiática dos atos violentos de torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras e das confusões entre torcedores do Grêmio Football Porto-Alegrense; já a segunda, “De São Paulo a Oruro” desenvolve uma análise a respeito da cobertura midiática da morte do torcedor Kevin Beltrán Espada, atingido por um sinalizador marítimo arremessado por um torcedor corintiano em jogo entre São José de Oruro da Bolívia e Corinthians pela Taça Libertadores da América de 2013.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este capítulo tem início com as razões e os fundamentos teóricos que levam a busca e estabelecimento dos efeitos de sentido de um discurso e pelo pensamento da comunicação como uma busca necessária do outro e naturalmente estratégica. Apresentam-se, posteriormente, os lugares de construção de sentido na mídia (lugar das condições de produção, lugar das condições de recepção e lugar da construção do produto), os quais estão relacionados com as três lógicas do sistema midiático (econômica, tecnológica e simbólica). Em seguida, através dos saberes da Análise do Discurso, da Teoria da Enunciação e da Semiologia dos Discursos, entra-se na questão do discurso, da enunciação, do dispositivo midiático e das estratégias discursivas. Para encerrar o capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos do estudo, no qual o *corpus* aparece sistematizado e os efeitos de sentido de realidade, de enunciação e de tematização são teorizados. As bases para este capítulo foram buscadas em Charaudeau (2006; 2012), Maingueneau (1997; 2008), Bakhtin (1986; 1997), Benveniste (2005; 2006), Barros (1998; 2010), Fiorin (2009), Peruzzolo (2004; 2006). Circulam por entre os referidos autores, outros como, Verón (2004), Authier-Revuz (1990, 1998), Eco (1995), Landowski (1992) e Barthes (1988, 2008, 2009).

## 1.1 RAZÕES PARA BUSCAR OS EFEITOS DE SENTIDO

A violência no futebol é estudada por diversas áreas do conhecimento, cada uma trazendo contribuições fundamentais. Ao escolhermos trabalhar com textos jornalísticos que tratam da violência no futebol, cabe-nos, da área da comunicação, apresentar a nossa contribuição, a qual está orientada pela busca de efeitos de sentido constituídos por estratégias discursivas elaboradas por determinado segmento da mídia, o jornalismo esportivo impresso, para noticiar, comentar e argumentar sobre os atos violentos ocorridos no futebol brasileiro e mundial.

No nosso modo de pensar, a comunicação é eminentemente uma relação, que se estabelece entre sujeitos, que buscam o encontro com o outro (a alteridade), tendo como fundamento a solidariedade da vida. Entender a existência do outro é fundamental para a comunicação, pois, para ela acontecer e para o indivíduo sobreviver, faz-se fundamental o reconhecimento de desejos e necessidades do outro. Dessa forma, a comunicação é a condição básica de sobrevivência do ser humano, pois, é na relação com o outro que ele desenvolve-se. Como afirma Charaudeau (2006, p.42), o homem sabe que sua existência depende da existência do outro, “a consciência de si passa pela tomada de consciência do outro, pela assimilação do outro e ao mesmo tempo pela diferenciação com relação ao outro”. O encontro com o outro torna-se, portanto, a base para o desenvolvimento dos sujeitos.

A força da comunicação está no fato de que ela está para auxiliar o indivíduo a desenvolver-se. Pensada como encontro, ela é necessária para o ser, e é através dela que ocorre a busca do devir pessoal, da constituição e realização como ser humano. Como afirma Peruzzolo (2006), o fenômeno da comunicação é aquele que opera a vida. Dessa forma, ela não é algo acidental, mas vital e eficaz, sendo responsável por possibilitar a construção de relações sociais. Os seres são sociais, pois há, entre eles, a comunicação.

Verón (2004) e Peruzzolo (2006) afirmam que uma relação de comunicação é composta por fluxo triplo. Temos a relação, na comunicação humana, entre dois sujeitos comunicantes; a relação entre o destinador e a mensagem organizada por ele e a relação entre o destinatário e a construção realizada pelo destinador, sendo esta (a mensagem) “o elemento destinado para ser o encontro com o outro, e onde se dá efetivamente o agenciamento” (PERUZZOLO, 2006, p.48). Isso leva o autor a compreender que a comunicação dá-se entre os indivíduos e que seu sentido está no peso, no valor desse caráter relacional.

Pensamento semelhante é apresentado por Charaudeau (2012, p.29-31), quando nos diz que as condições de produção e as condições de interpretação de um ato de linguagem são dadas pela “relação que o sujeito enunciador e o sujeito interpretante mantêm face ao propósito linguageiro” e pela “relação que esses dois mesmos sujeitos mantêm, um diante do outro”. Mais adiante em sua obra, o autor afirma que “a linguagem nasce, vive e morre na intersubjetividade”. O sujeito enunciador cria hipóteses “sobre o saber do sujeito interpretante”, já este, no seu processo de interpretação, também cria hipóteses sobre: “(i) o saber do sujeito enunciador; (ii) sobre seus pontos de vista em relação aos seus enunciados; (iii) e também seus pontos de vista em relação ao sujeito destinatário”.

Eis, então, a razão pela qual se fala em discurso, pois é nele que podemos identificar o investimento persuasivo existente entre os comunicantes. As comunicações modernas passam todas pelo nível do discurso. A relação torna-se, dessa maneira, essencialmente discursiva e intersubjetiva. Assim, ao falarmos sobre discurso, afirmamos que ele é o espaço de interação entre os sujeitos, o espaço em que cada indivíduo constitui-se como sujeito.

Nossa análise, apesar de refletir em alguns momentos sobre as condições de produção de um discurso, volta-se principalmente para o produto acabado, aquele, segundo Charaudeau (2006, p.205), “no qual se configura um texto portador de sentido como resultado de uma encenação que inclui os efeitos de sentido visados pela instância midiática e aqueles, possíveis, construídos pela pluralidade das leituras da instância da recepção, numa relação de cointencionalidade”. Dessa forma, o autor afirma que é sobre um texto já produzido que o analista detém-se. Em nosso estudo, o texto ao qual se refere o autor é reportagens, notícias, artigos de opinião que tratam da violência no futebol, tendo em vista que a significação de um fato ocorrido resulta da leitura realizada pela instância de produção, pelo modo de organizá-lo e das estratégias discursivas elaboradas, bem como do processo de interpretação levado a efeito por quem lê, ouve ou vê. Portanto, nosso foco não é a totalidade da intenção de um sujeito comunicante e nem os mecanismos que possibilitaram a produção de um texto, mas sim, interpretar aquilo que foi dito e como foi dito, ou seja, focar nos efeitos de sentido e nas estratégias discursivas que os constituem.

Todo ser humano busca um sentido para suas ações e para sua existência. O sentido é da esfera do sujeito humano. O discurso, sendo o espaço que possibilita a interação entre os sujeitos, tem a função de despertar um sentido, ou seja, um discurso provoca efeitos de sentido. Em todo discurso, existem sujeitos comunicantes que têm a intenção de persuadir o outro de determinados valores (valores de conduta, de contra-conduta, valores positivos e valores negativos, por exemplo). Na concepção de Peruzzolo (2010, p.123), o valor “é aquilo que funda o fazer humano; e, como tal, é ele que determina a consciência do homem em relação às suas condutas no mundo. Como fundamento do fazer, o valor aparece manifesto em toda a ação cultural”. Em relação ao processo de persuasão do outro, podemos dizer que ocorre através de investimentos persuasivos conduzidos por estratégias discursivas.

As estratégias discursivas visam a produção de efeitos de sentido, assim sendo, ambos (estratégias e efeitos) são tomados como nosso objeto de análise. A identificação e a análise das estratégias discursivas elaboradas por um sujeito comunicante e dos efeitos de sentido

constituídos em um discurso possibilitam que cheguemos aos valores propagados, aos valores que vêm do outro e que lhe são atribuídos.

Chegamos, assim, aos valores relacionados à violência no futebol que são manuseados e afirmados por um segmento midiático: o jornalismo esportivo impresso. Conforme Peruzzolo (no prelo) “Processar análise dos efeitos de sentido produzidos por um discurso é procurar os valores de orientação existencial, as intencionalidades escondidas por debaixo dos significados declarados na fala”. Ou seja, tentar identificar quais as intenções que estão manifestadas e orientam determinado dito.

Antecipando questões que serão detalhadas ao longo da investigação, os principais passos metodológicos do estudo são os seguintes: identificar as estratégias discursivas, analisar tais estratégias e os efeitos de sentido produzidos (enunciação, realidade e tematização) e verificar os valores manuseados por estes efeitos.

## 1.2 OS LUGARES DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA MÍDIA

As mídias ocupam-se de fenômenos socioculturais. Esses fenômenos são integrados a duas lógicas principais que regem o sistema midiático, apontadas dessa forma por Charaudeau (2006): a) lógica econômica: todo veículo de comunicação é um empresa, ou seja, necessita trabalhar com um produto, necessita de organização e de consumidores, faz uso de meios tecnológicos, os quais estão intrinsecamente relacionados à qualidade de difusão de conteúdo para o maior número de pessoas; b) a simbólica: está relacionada à produção de sentidos, ao papel democrático e formador da opinião pública das mídias.

O entendimento da lógica econômica tem importância considerável, pois funcionando como uma empresa, as mídias precisam captar clientes, difundir os conteúdos com qualidade e contar com contingente pessoal qualificado. No entanto, apesar de fazermos inúmeras remissivas à lógica econômica<sup>10</sup>, é a outra, a simbólica, que recebe maior atenção durante o nosso estudo<sup>11</sup>. A lógica simbólica, de acordo com Charaudeau (2006, p.16), trata do modo pelo qual “os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que

---

<sup>10</sup> E isso se faz necessário, pois, há grande possibilidade de a lógica econômica influenciar a lógica simbólica, bem como esta ajudar no desenvolvimento daquela. Como afirma Charaudeau (2006, p.59) “Se as manchetes dos jornais são diferentes, é porque, para se diferenciar do concorrente, cada jornal deve produzir efeitos diferentes”. Isso ajuda-nos a explicar o motivo de selecionarmos textos produzidos por mais de um veículo de comunicação, no caso, Jornal Folha de São Paulo e Jornal Zero Hora.

<sup>11</sup> Procedemos dessa forma, pois, assim também faz Patrick Charaudeau, em “Discurso das mídias” (2006), obra que tomamos por base para falarmos sobre o assunto.

subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido”. Para o autor, através do simbólico é que são constituídos os sistemas de valores que guiam as ações, as atitudes dos sujeitos em um grupo social. Dessa forma, a lógica simbólica, inerente à mídia, coloca-a como membro participante da formação da opinião pública. Assim sendo, o trabalho da lógica simbólica exige um esforço interdisciplinar. No entendimento de Oliveira (2012, p.4), o jornalismo insere-se em um “ambiente semiótico”. Com efeito, a produção de sentido está intimamente associada a esse ambiente que circunscreve a prática discursiva denominada jornalismo.

São duas lógicas principais que, como foi dito, perpassam todo sistema midiático. Conseqüentemente, condicionam a relação que existe entre as duas instâncias que são responsáveis por um ato de comunicação: instância de produção e instância de recepção. Como diz Charaudeau (2006, p.23-24), “o sentido resultante do ato comunicativo depende da relação de intencionalidade que se instaura entre essas duas instâncias”, ou seja, segundo nossa interpretação, o sentido do ato de comunicação depende de cada sujeito que participa do agenciamento discursivo. Esses dizeres apontam para o que é de interesse desse item do estudo, os três lugares de construção do sentido na mídia, apontados da seguinte maneira pelo autor: lugar das condições de produção, lugar das condições de interpretação (recepção) e lugar da construção do produto.

### **1.2.1 Lugar das condições de produção**

O primeiro lugar, o das condições de produção, é regido, por um lado, pela lógica econômica (buscar consumidores, pensar o público como consumidor, escolher a programação, contratar profissionais, estabelecer uma linha editorial), ou seja, está orientado por aspectos socioeconômicos. Por outro lado, é constituído por uma ambiência, ou seja, por jornalistas, chefes de redação, diretores que decidem o que será colocado em discurso e contam com a ajuda de aparatos tecnológicos para veiculá-lo; compreende o que Charaudeau (2006, p.25) chama de “*condições semiológicas*”<sup>12</sup> da produção”. Neste espaço, projeta-se um destinatário ideal, que se pretende atingir através de práticas e discursos que são circunscritos por aquilo que o autor chama de efeitos de sentido visados. Efeitos elaborados por estratégias discursivas. O destinatário pode apenas ser projetado, imaginado, pois não há a garantia de que ele será o

---

<sup>12</sup> Grifo do autor.

receptor real, muito menos de que os efeitos de sentido visados serão os efeitos de sentido produzidos.

Os aspectos socioeconômicos e as condições semiológicas da produção fundamentam o modo como será a enunciação do discurso midiático. Os jornalistas, editores, chefes de redação e demais profissionais são considerados, neste processo, atores que, geralmente, trabalham em prol da consolidação de uma linha editorial de um veículo de comunicação. Linha editorial que estabelece os critérios de seleção dos acontecimentos que serão colocados em cena e o modo como estes são reelaborados.

Transformado em ator, o jornalista adquire certo anonimato. O discurso midiático é uma produção realizada por um conjunto de atores. Devido a isso, é difícil encontrarmos um único responsável para determinado discurso. É por isso que se fala costumeiramente, por exemplo, que “Zero Hora disse isso...”, “Folha de São Paulo disse o seguinte...” e, neste sentido, não se faz menção ao jornalista que desenvolveu o trabalho. Mesmo quando ele assina um determinado texto, Charaudeau (2006) diz que ele está recoberto pelos efeitos da instância de produção, circunstância que afeta as intenções e o ato enunciativo individual.

O propósito social do jornalismo é complexo. Como diz Fairclough (1995, p.91), “os jornalistas não apenas recontam os eventos, eles também os interpretam e os explicam, tentam levar as pessoas a ver as coisas e agir de determinadas maneiras”<sup>13</sup>. É o que nos assevera também Vizeu (2003, p.108), ao apresentar as ideias de Gaye Tuchman: “a notícia está permanentemente definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo fenômenos sociais”. Desse modo, não é facultado ao jornalista a possibilidade de inventar uma realidade, pois a função dele é agir sobre um acontecimento já transcorrido e reconstruí-lo. A criação e a inventividade ficam restritas ao modo de dizer, ou seja, às estratégias utilizadas. Como já foi dito na introdução, através do pensamento de Peruzzolo (2004), a mídia é capaz de construir realidades, mas não de inventá-las.

Os sujeitos comunicantes fazem escolhas em relação à construção do discurso, conseqüentemente, as escolhas evidenciam determinados fatos e mascaram outros. São escolhas de estratégias discursivas elaboradas para persuadir o outro, que em muito estão relacionadas com situação de comunicação em que um artigo de opinião, uma crônica, uma notícia são desenvolvidos. Charaudeau (2006) trata aqui de um ponto muito interessante: até que ponto os jornalistas, ao produzirem uma matéria, ao disseminarem uma informação,

---

<sup>13</sup> Tradução para: “journalists don’t only recount events, they also interpret and explain them, try to get people to see things and to act in certain ways”.

refletem sobre os efeitos que possam estar produzindo de acordo com o modo que tratam determinado assunto. Devido ao caráter emergencial, ao prazo de fechamento de uma edição, devido à obstinação pelo “furo” de reportagem, essa questão tão importante parece não ganhar relevância. Segundo Charaudeau (2006, p.38),

A linguagem é cheia de armadilhas. Isso porque as formas podem assumir vários sentidos (*polissemia*) ou sentidos próximos (*sinonímia*), (...) um mesmo enunciado pode ter vários valores (...), um valor referencial (ele descreve um estado do mundo), enunciativo (diz coisas sobre a identidade e as intenções dos interlocutores), de crença (...) há também o fato de que a significação é posta em discurso através de um jogo de dito e não-dito, de explícito e implícito, que não é perceptível por todos.

O autor questiona-se se os jornalistas têm real consciência desta “multiplicidade de efeitos discursivos”. Para ele, a questão é pensada, ainda que raramente, apenas na hora de escolher os títulos.

Em “Discurso das Mídias” (2006) e “Linguagem e Discurso” (2012), Patrick Charaudeau desenvolve a noção de contrato de comunicação<sup>14</sup>, o qual está relacionado ao reconhecimento recíproco por parte dos sujeitos comunicantes das condições e das restrições em que se realiza um ato comunicativo. Salientamos que a noção de contrato de comunicação é uma questão ampla, está relacionada tanto à instância da produção midiática, como à instância da recepção (interpretação) midiática, as quais se encontram através de um acontecimento construído. O contrato de comunicação, de acordo com Charaudeau (2012, p.60-61), “fornece um estatuto sociolinguageiro aos diferentes sujeitos da linguagem” e dele depende todo ato de linguagem, pois é ele que “sobredetermina, em parte, os protagonistas da linguagem em sua dupla existência de sujeitos agentes e de sujeitos de fala”. É devido a isso, que, para o autor, a análise de estratégias discursivas como a fabricação de diversas imagens de enunciação<sup>15</sup> para um mesmo sujeito comunicante deve ser realizada tendo conhecimento e em função do contrato de comunicação.

O contrato de comunicação resulta das características inerentes à situação de comunicação (os dados externos) e das características discursivas (os dados internos). A situação de comunicação é composta de restrições, as quais são formadas pelos próprios

---

<sup>14</sup> O contrato de comunicação se estabelece entre a instância de produção midiática e a instância de recepção midiática, que, através de um acontecimento construído, são responsáveis por um processo de transação. O acontecimento bruto e interpretado, através de um processo de transformação desencadeado pela instância de produção midiática, se transforma em um acontecimento construído. Já o acontecimento construído, ao passar pela instância da recepção midiática sofre um processo de interpretação e resulta em um acontecimento interpretado (CHARAUDEAU, 2006, p.114).

<sup>15</sup> São essas imagens que, para Fiorin (2012, p.69), importam para a teoria do discurso e “não o sujeito em carne e osso”.

sujeitos, que se regulamentam por sistemas de valores, normas, intenções, comportamentos, os quais regem a comunicação humana. Tanto locutor quanto destinatário possuem restrições próprias, ambos devem ter consciência que cada um enfrenta-as. De acordo com Charaudeau (2006, p.67-68), o locutor “deve supor que seu interlocutor, destinatário, tem a capacidade de reconhecer” as restrições enfrentadas por ele no momento da produção de um discurso, bem como todo leitor “deve supor que aquele que se dirige a ele tem consciência dessas restrições”. Como afirma Benetti (2008, p.18), “é necessário que os dois sujeitos envolvidos no processo possam compreender a posição de sujeito do outro, além de sua própria”. Entendemos que é essa compreensão bem como a compreensão dos elementos do contrato de comunicação por parte dos sujeitos que permite a constituição do jornalismo como “uma prática discursiva particular” (BENETTI, 2009, p.2).

Charaudeau (2006, p.68-70) categoriza os dados externos em quatro condições de enunciação relacionadas à produção de um ato de linguagem: a) identidade: o ato de linguagem depende de quem participa dele, ou seja, da situação social, regimento cultural, sistema de valores dos sujeitos envolvidos; b) finalidade: o ato depende dos objetivos, da intencionalidade dos sujeitos comunicantes; c) propósito: o ato de linguagem necessita ser recoberto por um tema, necessita de um recorte do mundo, precisa apresentar um valor; d) dispositivo: o ato depende das “circunstâncias materiais em que se desenvolve”, para o autor, forma e conteúdo são indissociáveis.

Já os dados internos são divididos pelo autor em três espaços: a) de locução: o sujeito falante impõe-se como tal e estabelece um destinatário; b) de relação: após “conquistar seu direito de poder comunicar”, o sujeito falante “estabelece relações de força ou de aliança, de exclusão ou de inclusão, de agressão ou de convivência com o interlocutor”; c) de tematização: espaço dedicado ao tema do ato comunicativo e a seu respectivo modo de disseminação e organização, um acontecimento só ganha sentido quando é estruturado através de temas. De forma resumida, podemos dizer que os dados internos são formados pelas estratégias discursivas, as quais são responsáveis pela produção de efeitos de sentido, pelo modo de falar ou escrever, e de conduzir o que é dito ou escrito e, passíveis de análise, através de um produto da linguagem.

Tratamos, brevemente, do contrato de comunicação dentro de um item referente à instância da produção, pois pensamos que esta é a instância, quando nos referimos ao discurso jornalístico, que possui a responsabilidade de desencadear um discurso ou de dar voz a um

discurso que está em voga na sociedade. Deve, portanto, ter conhecimento total das noções do contrato.

### **1.2.2 Lugar das condições de recepção**

Embora não seja nosso objetivo falarmos sobre a recepção, apresentamos aqui algumas considerações que a ela estão relacionadas e que se fazem necessárias para entendermos o discurso midiático, pois, o estudo dos sentidos visa a observar as relações que são propostas pelo enunciador ao buscar os destinatários. O lugar das condições de recepção é constituído por um espaço ocupado pelo destinatário ideal, o qual é uma ideia de receptor. O destinatário ideal é o alvo da instância midiática, pois é a ele que esta direciona efeitos visados. O outro espaço é ocupado pelo receptor real, é o público, o consumidor que interpreta o discurso produzido pela instância midiática (CHARAUDEAU, 2006).

A instância de recepção midiática é constituída, então, pelo destinatário-alvo e pelo público. O público, como já afirmamos, quando fizemos referência à lógica econômica, é uma entidade consumidora que usufrui de produtos midiáticos. O veículo de comunicação age segundo moldes empresariais, o que o leva a necessitar de inúmeros consumidores que, no caso da mídia, são os leitores, telespectadores, ouvintes.

Lembramos que o público não é uma massa uniforme e homogênea, pelo contrário, é “heterogêneo e instável”, como diz o autor. O público é segmentado e inúmeras podem ser as suas divisões, por exemplo: faixa etária, classe social, tendência política, lazeres e profissões. É importante lembrar que o público leitor (da imprensa) é diferente do ouvinte (do rádio), que, por sua vez, é diferente do telespectador (da televisão), que é diferente do primeiro. Nada impede que o leitor seja também um telespectador, no entanto, as reações frente a um dispositivo e frente a outro tendem a ser diferentes.

Outro aspecto importante é que a instância midiática não conhece seus receptores, pode no máximo idealizá-los. Segundo Charaudeau (2006), isso ocorre pelo fato que receptores e produtores de um discurso midiático não estão presentes fisicamente ao mesmo tempo em uma relação de comunicação, como ocorre na conversação face a face, por exemplo.

Ao idealizar um destinatário, a instância de produção midiática sabe que ele possui expectativas, que ele pode ser guiado por variados valores. Cabe a ela tentar satisfazer as expectativas do destinatário. Guiada por condições próprias de interpretação, a instância de recepção pode entender os efeitos visados pela instância de produção de maneira diferente, pois ela tem a capacidade de produzir efeitos de sentido próprios que irão depender de seus

interesses, de sua capacidade de interpretação, de seu conhecimento sobre determinado fato representado.

Charaudeau (2006, p.80-82) aponta que o destinatário pode ser abordado como um “*alvo intelectual*” ou um “*alvo afetivo*”, os quais “se misturam e interagem”. O primeiro está relacionado à importância que determinado produto midiático pode ter na organização cotidiana de um sujeito, pois este alvo é capaz de avaliar uma notícia, por exemplo, dar credibilidade ou não a ela e estabelecer um posicionamento sobre o que lhe é dito. Para este alvo, a informação pode ser a razão de “estabelecer relações com o outro” tanto de convívio quanto de poder<sup>16</sup>. Como é um alvo que, supostamente, tem a capacidade e conhecimento para avaliar um fato noticiado no âmbito da veracidade, da autenticidade, da confiabilidade, cabe à instância midiática da produção atender os referidos requisitos. Diz o autor que “Um alvo intelectual é um alvo ao qual se atribui a capacidade de pensar”, dessa forma, uma informação apresentada por um veículo e tomada como falsa pelo sujeito que a interpreta pode gerar uma cadeia de desconfiança sobre as demais informações apresentadas por este veículo. Outra questão que diz respeito ao alvo intelectual é a acessibilidade à linguagem utilizada em um discurso. A acessibilidade depende das pretensões da instância de enunciação sobre quem imagina atingir.

Já o segundo, o alvo afetivo, realiza a interpretação guiado pelas emoções. Devido a isso, Charaudeau (2006, p.82) diz que a instância de produção midiática explora a questão do inesperado, “que rompe com as rotinas”; do repetitivo, “que parece proveniente de um espírito maligno”; do insólito, “que transgride as normas sociais de comportamento dos seres vivendo numa coletividade que pretende ser racionalmente organizada”; do inaudito, “que alcançaria o além, que nos faria entrar em comunhão com a dimensão do sagrado”; do enorme, “que nos transforma em demiurgos”; do trágico, “que aborda o destino impossível do homem”, e apontam para o uso de estratégias discursivas de dramatização.

Após os ditos de Charaudeau (2006), podemos afirmar que a instância de produção organiza os discursos de acordo com as noções que ela possui sobre os possíveis leitores. A interpretação do leitor dependerá da capacidade de compreender o que foi posto em discurso, bem como da intenção e do conhecimento perante o dito. Como assinala Peruzzolo (2004, p.177), o leitor deve desvendar as estratégias e os caminhos elaborados pelo enunciador, condição fundamental para que “os sujeitos comunicantes negociem sentidos”.

---

<sup>16</sup> De convívio, pois se torna motivo de comentários, debates entre os parceiros de uma relação de comunicação. Quanto às relações de poder, neste caso, elas ocorrem quando um dos parceiros apresenta aquilo que foi noticiado ao outro, sendo que este ignora ou ainda não obteve conhecimento sobre aquilo que foi noticiado.

Concordamos com Vizeu (2003, p.115), quando diz que a elaboração da recepção não pode depender apenas de estudos mercadológicos, pois sua construção dá-se “mediante um conjunto de regras e de instruções construídas pelo campo da produção para serem seguidas pelo campo da recepção”. A audiência é definida pela organização discursiva realizada pela instância da produção. É isso que diz Vizeu (2003, p.108) quando afirma que “é no interior do processo discursivo, por meio de múltiplas operações articuladas pelos processos da própria linguagem, que a audiência é construída antecipadamente”. Dessa forma, a instância de recepção midiática depende do modo como é elaborada pela instância da produção e da capacidade de relacionar-se com os discursos. Salientamos, ainda, que a instância de recepção não é composta por seres passivos. E isso torna-se evidente, pois, no momento em que um discurso é produzido e a instância de produção idealiza um destinatário, este último passa a ser um parceiro da relação de comunicação, agindo e influenciando a produção do discurso.

### **1.2.3 Lugar da construção do produto**

O terceiro lugar de construção de sentido na mídia é o lugar da construção do produto. Através de um produto acabado é que podemos dar atenção à ideia central de nosso estudo, as estratégias discursivas, pois é somente através de uma materialidade, ou de um discurso exteriorizado, que elas podem ser identificadas.

A relação entre produção e recepção está baseada no ato de comunicação, o qual depende da “relação de intencionalidade” instaurada entre elas e de cada sujeito que participa do agenciamento discursivo. As instâncias de produção e de recepção “são instâncias humanas, portadoras de intencionalidade e construtoras de sentido” (CHARAUDEAU, 2006, p.242). Entre as duas referidas instâncias, tem-se a instância do produto composta, por exemplo, por textos jornalísticos impressos (reportagens, notícias, artigos de opinião). O entendimento do discurso midiático depende do modo como os textos estão organizados e dos sentidos resultantes desta organização, bem como dos “discursos de representação” instaurados em quem produz e em quem recebe os textos. É o que o autor chama de “problemática semiodiscursiva”.

Charaudeau (2012, p.44-52) realiza o trabalho de esmiuçar a relação comunicativa existente entre um EU e um TU. Primeiramente, não se utiliza a ideia de que um ato comunicativo ocorra simplesmente entre um emissor que envia uma mensagem a um receptor. Assim, de forma resumida, o Tu “é um sujeito que constrói uma interpretação em função do

ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso”, instaurando um processo de apuração das intenções do Eu. Existe um Tu-interpretante (sujeito interpretante) e um Tu-destinatário (sujeito destinatário). O primeiro é responsável por realizar o processo de interpretação daquilo que é produzido pelo Eu. Já o segundo é visto como o destinatário ideal, imaginado e instituído pelo Eu, ou também o “resultado do ato de interpretação” do sujeito interpretante, é um “sujeito de fala”. O lugar do Eu, segundo o autor, também sofre um desdobramento. Existe um Eu (sujeito enunciador) que “é um sujeito de fala (...) realizado e instituído na fala” e um Eu (sujeito comunicante) que é “um sujeito agente (...), localizado na esfera externa do ato de linguagem, mas, responsável por sua organização”. Assim, eu-enunciador e tu-destinatário são sujeitos de fala enquanto eu-comunicante e tu-interpretante são sujeitos agentes.

O lugar de construção do produto<sup>17</sup> é aquele em que o discurso assume uma materialidade através da “organização semiodiscursiva feita de combinação de formas, umas pertencentes ao sistema verbal, outras a diferentes sistemas semiológicos: icônico, gráfico, gestual” (CHARAUDEAU, 2006, p.27). A materialidade é dotada de “efeitos de sentido possíveis”, os quais são resultado do ato da instância de enunciação de idealizar um destinatário e organizar um discurso orientado por efeitos de sentido visados, os quais podem ou não ser identificados pela instância de recepção, a qual pode ainda produzir outros efeitos. Ressalta o autor que os efeitos de sentido possíveis correspondem em parte às intenções da instância de enunciação e em parte ao sentido elaborado por um receptor. Assim, um texto jornalístico, por exemplo, está repleto de efeitos possíveis.

Neste momento, entendemos que as considerações realizadas anteriormente, sobre a instância de produção e a instância de recepção midiática, são relevantes para o entendimento do discurso midiático, pois este é exposto através de materialidades que surgem de uma cointencionalidade de quem as produz e a quem são endereçadas. Enfatizamos que, na comunicação jornalística, temos um sujeito que, através de um produto jornalístico, busca o outro, no caso o leitor. Como diz Roland Barthes, um texto deve desejar o leitor. Já o leitor também busca e quer ser buscado e acolhido, e deve, segundo o pensamento barthesiano, fazer o texto fruir.

Passamos, agora, a apresentar alguns aspectos relacionados ao discurso, os quais necessitam breve explanação pelo fato de sugerir orientações para o processo analítico proposto

---

<sup>17</sup> O produto acabado jamais é resultado de um ato isolado e particular. Como diz Charaudeau (2006, p.241), a máquina midiática é um “conjunto de engrenagens e de atores” que a fazem funcionar e todo produto acabado resulta das condições enfrentadas pelo conjunto.

para a presente investigação, além do mais, são condições que devem ser respeitadas ao longo das análises. De acordo com Maingueneau (2008, p.52-55) e com Charaudeau e Maingueneau (2012, p.170-173), o discurso:

- “é uma organização situada além da frase”, ou “organização transfrástica”, isto é, depende de regras de organização ou regramentos utilizados pelos grupos sociais que o produzem. Um provérbio, mesmo geralmente constituído por uma única frase, é uma unidade completa e apresenta um discurso. No entanto, o provérbio não está estruturado da mesma forma que um artigo de jornal, por exemplo. É a isso que se referem os autores quando falam em organização transfrástica;

- “é orientado”, pois é construído com uma finalidade, mesmo podendo sofrer desvios. Os autores apontam que, pelo fato do discurso desenvolver-se no tempo, ele apresenta uma linearidade, o que possibilita ao locutor monitorar sua fala através de um “jogo de antecipações” (“Agora, a notícia apurada pela coluna”...) <sup>18</sup> ou “de retomadas” (“diferentemente do que se divulgava”..., “Cenas recentes trouxeram à tona”...);

- “é uma forma de ação”, além de representar o mundo, o sujeito que produz um discurso está procurando agir sobre o outro parceiro da relação;

- “é interativo”, isto é, “mobiliza dois parceiros” do discurso. Como dizem os autores, “toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é de fato assumida por uma *interatividade* constitutiva”, ou seja, mesmo que implicitamente, “supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual o locutor se dirige e em relação à qual ele constrói seu próprio discurso”. Com efeito, reafirma-se a concepção já apresentada anteriormente, a necessária busca de um sujeito pelo outro;

- “é contextualizado”, depende do contexto em que é produzido. É isso que afirma Maingueneau (2008, p.54) quando diz que “o ‘mesmo’ enunciado em dois lugares distintos corresponde a dois discursos distintos”, principalmente por envolver sujeitos diferentes. O destaque dado pelo autor para a palavra “mesmo” é relevante, pois, como afirmam também Benveniste (2005; 2006) e Bakhtin (1986), todo ato de enunciação é único. A partir do momento em que um enunciado é proferido em um lugar e depois em outro, ele transforma-se em um novo enunciado, impossibilitando-o de ser igual ao primeiro. Ao dizer que o discurso é contextualizado, afirma-se também que ele é uma prática social, a qual redundando na questão da busca pelo outro entre os sujeitos.

---

<sup>18</sup> Os exemplos, tanto do jogo de antecipações como do jogo de retomadas, foram retirados do *corpus* de análise do estudo.

- “é assumido por um sujeito”, ou seja, um enunciador assume, mesmo que indiretamente, a responsabilidade do discurso<sup>19</sup>. Este enunciador pode ainda “comentar sua própria fala”, atribuir a responsabilidade do discurso a outro sujeito, fingir que a assume (ironia), tematizar um discurso;

- “é regido por normas”: Como dizem Charaudeau e Maingueneau (2012, p.172), “nenhum ato de enunciação pode ocorrer sem justificar, de uma maneira ou de outra, seu direito de apresentar-se tal como se apresenta”. Ele passa por um processo de legitimação que, para os autores, é “indissociável do exercício da fala”;

- “é considerado no bojo de um interdiscurso”, isto é, o sentido despertado por um discurso depende de sua relação com outros discursos. Os discursos constituem-se através de outros discursos, como sublinha Bakhtin (1986).

A noção de discurso, no nosso entendimento, é diferente daquela de texto<sup>20</sup>. No entanto, não podemos diminuir a importância deste último, pois é ele que possibilita nossa entrada para o entendimento de um discurso. Michel Foucault, conforme Benetti (2008, p.15), define o discurso como uma prática. Desse modo, no entendimento da autora, o discurso “diz respeito a um conjunto de situações internas e externas ao ato discursivo, sempre relacionadas às posições de sujeito — os lugares que o sujeito vem ocupar no discurso”. A respeito dos sujeitos, é no espaço existente e construído entre eles, segundo a autora, baseada em Bakhtin, que o discurso acontece.

Na visão de Bakhtin (1986), um discurso volta-se sempre para um objeto (tema) que apresenta conceitos, ideias de outros discursos e sujeitos falantes. “O discurso é sempre levado dialogicamente ao discurso do outro, repleto de entonações, conotações e juízos valorativos”, no entendimento de Jiménez (2005, p.118). A questão do dialogismo é fundamental para o entendimento da noção de discurso desenvolvida pelo pensamento bakhtiniano, pois quer afirmar a necessária relação de interação entre os sujeitos.

De acordo com Brait (2005, p.94-95), o dialogismo apresenta-se com dois vieses complementares. De um lado, “como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem”, o que nos permite a remissão ao que foi dito anteriormente sobre a consideração de um discurso no “bojo de um interdiscurso”. Dessa forma, existe um diálogo

<sup>19</sup> Este aspecto poderá ser observado ao longo da teorização e das análises a respeito dos efeitos de sentido de Enunciação.

<sup>20</sup> O “texto” possui várias definições. Apresentamos aqui duas delas, que pensamos ser complementares. Para Mouillaud (1997, p.34) o texto é “qualquer forma (de linguagem, icônica, sonora, gestual etc. ...) de inscrição”. Já para Orlandi (2005, p.72), o texto é, principalmente, um “espaço significante: lugar de jogos dos sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico, ele é objeto de interpretação”. Esta é a perspectiva que adotamos para nosso estudo.

constante (não necessariamente “simétrico e harmonioso”, como fala a autora) entre os discursos que compõem a vivência humana. Como afirma Fiorin (2012, p.64), o discurso é heterogêneo, “um discurso mostra a si mesmo e seu contrário”. Já do outro lado, diz Brait (2005, p.95) que “o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos”. Este lado do dialogismo revela-nos o caráter intersubjetivo do discurso. O caráter intersubjetivo do discurso é caracterizado pela constituição do *eu* através da relação com o outro, desse modo, a alteridade é parte constituinte de cada ato enunciativo do sujeito. Sem alteridade, afirma Benetti (2009, p.7), “não há discurso”, pois ela está “pressuposta na instância da enunciação: quem fala o faz para alguém”. Diz Bakhtin (1997, p.37) que “Depois de vermos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos”. Com efeito, não é apenas a constituição do eu como sujeito que ocorre na relação com o outro. O autor pensa que o entendimento e a compreensão de uma cultura passam pelo mesmo processo

A cultura alheia só se revela em sua completude e em sua profundidade aos olhos de *outra* cultura (e não se entrega em toda a sua plenitude, pois virão outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio: estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente (...). O encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente (BAKHTIN, 1997, 368).

Charaudeau e Maingueneau (2012, p.195) apontam que entre o discurso e a enunciação existe uma ligação essencial. Isso foi possível observar nos vários aspectos que foram abordados anteriormente relacionados ao discurso. Como consequência, dizem os autores que, na análise do discurso, “a consideração da enunciação, é evidentemente, central”, todavia, deve ser pensada além da “colocação em funcionamento individual da fala”<sup>21</sup>. A enunciação para Maingueneau (1997, p.50) é apresentada como “um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem”.

Mikhail Bakhtin dá-nos a sustentação principal para falarmos sobre a enunciação. A teoria da enunciação da qual trata o autor é sustentada pela concepção dialógica da linguagem. Flores e Teixeira (2009, p.147) falam do dialogismo como um “axioma da teoria bakhtiniana,

---

<sup>21</sup> Tal definição é bastante desenvolvida por Benveniste (2005; 2006). No entanto, é nítido que o autor vai além da definição básica da enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de fala”. Para Benveniste, a enunciação postula a necessária presença do outro, o qual se faz presente no e pelo discurso. Preocupa-se ainda com a questão da construção de cada sujeito na enunciação e considera as situações nas quais a enunciação é realizada e os instrumentos que possibilitam sua realização.

que atravessa diferentes noções aí desenvolvidas: linguagem, palavra, signo ideológico, sujeito, estilo, compreensão”, sendo ele o princípio constitutivo da linguagem e do sentido dos enunciados. Segundo os autores, o axioma é posto em funcionamento pela enunciação, a qual é elevada ao “centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos” e considerada “o evento que institui o sujeito na interação viva com as vozes sociais”.

A enunciação é, para Bakhtin (1986, p.112), “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Em virtude disso, ela não pode ser considerada estritamente individual<sup>22</sup> e sua estrutura é de natureza social, por necessitar de um contexto social.

Todo dito compreende, coexiste, coabita e responde ao que já fora dito: “Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal” (BAKHTIN, 1986, p.98). Os ditos formam o que o autor chama de “cadeia dos atos de fala”, são os usos da linguagem, e toda enunciação corresponde a um elo, são as unidades reais desta cadeia.

Toda palavra é orientada em função de um interlocutor, seja este real ou um representante ligado ao grupo social do locutor. Por consequência, cada palavra tem uma origem e um destino, o qual é determinado pelo contexto social<sup>23</sup> mais próximo, ela parte de alguém e dirige-se a outro alguém. São as palavras colocadas em discurso que possibilitam e condicionam a interação entre locutor e ouvinte, elas fazem parte de todas as relações entre os seres humanos. A palavra “é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1986, p.113). Ela exige a existência de um falante e de um ouvinte, de um escritor e de um leitor. No nosso entender, isso deve-se por ela necessitar de uma característica essencial para que haja a relação de comunicação, a reciprocidade.

Tzevetan Todorov<sup>24</sup> acrescenta ainda que as pessoas que estão “ligadas” pelas palavras, pelo discurso são socialmente determinadas, pois, como trata Bakhtin, as condições de realização da enunciação, bem como sua estrutura (conteúdo temático, forma, estilo) são

---

<sup>22</sup> No sentido de que poderia ser explicado pelas “condições psicofisiológicas do sujeito falante” (BAKHTIN, 1986, p.109).

<sup>23</sup> De acordo com Bakhtin (1986, p.114), “sem uma orientação social de caráter apreciativo não há atividade mental”. Com a ressalva de que existem diferentes graus e níveis na consciência, a orientação social está integrada ao indivíduo. O autor cita alguns exemplos: o grito do recém-nascido é orientado para a mãe; no que se refere a fome, se relacionada ao apelo de revolta, pode resultar em um movimento de protesto por parte do indivíduo. A situação social orienta o indivíduo no modo de enunciar um desejo, uma necessidade.

<sup>24</sup> No prefácio da obra de Mikhail Bakhtin: “Estética da Criação Verbal”.

determinadas pela *situação social mais imediata*, pelas relações sociais que cercam a realização do ato de fala.

Portanto, a enunciação está organizada em função do meio social que envolve os seres humanos individual e coletivamente. Para Bakhtin (1986, p.121-125), “ela é puro produto da interação social”, determinada ou pela situação social mais imediata ou pelo contexto social geral, composto de regramentos, de direitos e deveres que condicionam a vivência dos indivíduos: “A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior<sup>25</sup>. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação de enunciação e por *seu auditório*”. Já os limites de cada enunciação, segundo o autor, são estabelecidos pela relação com as outras enunciações. Com esse pensamento, Bakhtin introduz os conceitos de contexto e sujeito que, segundo Cunha (2005), são fundamentais para a Teoria da Enunciação e para a Análise de Discurso.

Como diz Vizeu (2003, p.108), “é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem discursos”. Logo, o discurso jornalístico é um dos lugares<sup>26</sup> no qual a relação entre os sujeitos da enunciação<sup>27</sup> é organizada, bem como é o lugar onde os sujeitos constroem-se e são construídos. Devido a isso, compactuamos com Verón (2004, p 236), quando diz que “Um discurso é um espaço habitado, cheio de atores, de cenários e de objetos, e ler é ‘movimentar’ esse universo, aceitando ou rejeitando, indo de preferência para a direita ou para a esquerda, investindo maior ou menor esforço”. Nesta relação, temos um sujeito, o enunciador, que tem a função de formular um dizer e colocá-lo em uma materialidade com intuito de produzir determinados efeitos de sentido. Já o enunciatário realiza um processo de interpretação, ou seja, reconstrói aquilo que foi produzido pelo enunciador e movimenta sentidos. Assim sendo, como salienta Fiorin (2008), o enunciador precisa identificar-se com um discurso. A produção de sentido e a construção de lugares certamente são influenciadas por aquilo que tratamos anteriormente, a característica dialógica do discurso, a qual implica a interdiscursividade e a intersubjetividade.

---

<sup>25</sup> Segundo Bakhtin (1986, p.52) “... a palavra (*o discurso interior*) se revela como o material semiótico privilegiado do psiquismo (...) se entrecruza com uma massa de outras reações gestuais com valor semiótico (...) se apresenta como o fundamento, a base da vida interior”.

<sup>26</sup> A Análise do discurso, de acordo com Maingueneau (1997, p.32), “prefere formular as instâncias de enunciação em termos de ‘lugares’, visando a enfatizar a preeminência e a preexistência da topografia social sobre os falantes que aí vêm se inscrever”. Lugares que formam um sistema nos quais os sujeitos constituem-se.

<sup>27</sup> A categoria “sujeito da enunciação” faz referência tanto ao enunciador quanto ao enunciatário e remete às funções que são exercidas por esses dois sujeitos, considerados responsáveis pela construção do enunciado.

### 1.2.3.1 O dispositivo jornalismo impresso

Dispositivo é uma categoria conceptual complexa, de complicada apreensão e com diversas variações teóricas. Interessam-nos, no momento, algumas considerações sobre o jornalismo, especialmente o impresso, como um dispositivo. Tal necessidade leva-nos a autores como Mouillaud (1997) e Charaudeau (2006). Entendemos que os autores desenvolvem uma noção de dispositivo ampla e genérica. Com efeito, dispositivo torna-se um lugar que precisa ser respeitado, é poroso e derrama-se por entre dispositivos maiores, os quais lhe impõem funcionamentos estruturais. A referida noção a respeito da categoria dispositivo serve para a presente investigação para lembrar as necessárias amarras dos jornais com os demais campos da cultura. As reportagens dos jornais a respeito da violência no futebol, por exemplo, estão embutidas no dispositivo jornalístico esportivo e no dispositivo jornalístico impresso, que, por sua vez, estão embutidos, no dispositivo midiático, o qual, se relaciona, influencia e é influenciado por diversos campos culturais. As amarras entre os dispositivos levam Mouillaud (1997) a afirmar que todo dispositivo nunca está solto, pelo contrário, está sempre preso e permeado por outros. Se tomarmos a violência no futebol como um dispositivo, veremos que ela é composta por dispositivos internos (violência entre torcedores, violência entre atletas, violência contra os atletas, por exemplo) e está permeada por um dispositivo maior, a violência presente na sociedade.

Já autores como Verón (2004) e Peruzzolo (2004; 2009; no prelo) utilizam a categoria dispositivo atrelada à enunciação. Desse modo, temos, conforme Peruzzolo (2009), “um conceito de caráter técnico – o dispositivo”, o qual, no entendimento de Dalmonte (2008, p.1) “refere-se a mecanismos dispostos e ordenados para a obtenção de um determinado fim”, acoplado ao de enunciar, resultando no dispositivo de enunciação. Afirmamos que a noção de dispositivo de enunciação desenvolvida pelos autores é mais restrita que a anterior e faz referência à montagem de um processo que se dá na enunciação discursiva, ou seja, é uma engrenagem que faz funcionar uma realidade discursiva. Com efeito, é possível dizer que é o dispositivo que revela a montagem do discurso. Considerações a respeito do dispositivo de enunciação serão realizadas ao longo da seção “Procedimentos metodológicos” e serão de suma importância para as análises tendo em vista que o conceito diz respeito às relações entre enunciador e enunciatário, enunciador e enunciado e enunciatário e enunciado.

Retomando a noção levantada no primeiro parágrafo, afirmamos o necessário encaixe entre os dispositivos. A crônica, a reportagem, o telejornal, o programa de rádio, cada um possui

o seu dispositivo, como diz Charaudeau (2006, p.106) “encaixado no seu precedente”. O autor, em “Discurso Político” (2006b), explica que a imprensa escrita é um microdispositivo, pertencente ao macrodispositivo referente à informação. Dentro do microdispositivo da imprensa, temos outros microdispositivos como a notícia. Assim, os dispositivos construídos são diversos.

De acordo com Charaudeau (2006, p. 104),

O dispositivo constitui o ambiente, o quadro, o suporte físico da mensagem, mas não se trata de um simples vetor indiferente ao que veicula, ou de um meio de transportar qualquer mensagem sem que esta se ressinta das características do suporte. Todo dispositivo formata a mensagem e, com isso, contribui para lhe conferir um sentido.

Algo semelhante é pensado por Mouillaud (1997, p.29-30) quando diz que “o discurso do jornal não está solto no espaço; está envolvido no que chamaria de ‘dispositivo’ que, por sua vez, não é uma simples entidade técnica, estranha ao sentido”. O discurso estaria, então, “embalado”, segundo palavras do autor, “em um dispositivo”, o qual “prepara para o sentido”. É por isso que o autor diz ainda que o dispositivo não é um simples suporte, é, primordialmente, uma matriz dos sentidos, articulada, de acordo com Peruzzolo (2009, p.4), por “sujeitos humanos em busca de suas próprias vivências”. Segundo Mouillaud (1997, p.35), essa matriz “impõe suas formas aos textos”, ou seja, o dispositivo é anterior ao texto. Em outra passagem (1997, p.85), diz o autor: “Os dispositivos não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material. O dispositivo não é o suporte inerte do enunciado, mas um local onde o enunciado toma forma”. A relação entre dispositivo e sentido, se assim podemos dizer, implica naturalmente reciprocidade, um influencia o outro.

Todo discurso relaciona-se com outros discursos dentro de um universo discursivo. Quando o jornalismo impresso trata da violência no futebol, por exemplo, e utiliza discursos elaborados por especialistas no assunto ou por alguém que presenciou determinado acontecimento, tais sujeitos já fizeram parte e foram influenciados por dispositivos particulares do campo dos esportes.

Cada ato comunicativo depende das situações nas quais se realiza. Uma conversa face a face, por exemplo, é diferente daquela realizada via telefone ou realizada com a presença de um mediador. Uma notícia lida em um jornal impresso enfrenta uma situação de comunicação diferente daquele acompanhada em um telejornal. Cada situação de comunicação, dentro de um contrato de comunicação, está atrelada a um dispositivo, o qual possibilita a produção e a interpretação de uma determinada mensagem.

Falando sobre a imprensa escrita, Charaudeau (2006) aponta algumas questões relevantes no momento que pensamos os dispositivos que a circunscrevem. Existe um distanciamento entre os sujeitos na relação de comunicação, assim, há uma distância entre quem escreve e quem lê e não existe a presença física, na imprensa escrita, de uma instância perante a outra. Dessa forma, a leitura pode ser refeita, pode surgir uma nova compreensão e quem produziu o discurso pode refazê-lo, corrigi-lo. Caso o jornalista ou o veículo de comunicação, como um todo, constatem que erraram, existe um procedimento comum a ser realizado, este é uma errata na edição do dia seguinte. Entretanto, não há garantias de que o leitor terá contato com esta errata, pois, devido a diversas situações de seu cotidiano, pode não ler. Com efeito, o que ficará em sua mente é o que estava escrito quando ele leu o jornal.

Tem-se, então a natural não coincidência entre tempo da escritura, da produção e da leitura com o acontecimento, o que, obrigatoriamente, origina certo intervalo de tempo entre o momento do acontecimento e o momento da leitura por parte do leitor. Segundo Charaudeau (2006, p.113), essa defasagem em relação aos outros meios de comunicação é compensada com a criação de um “espaço estratégico de informação” diferenciado, que prima pelo detalhamento e por uma apuração mais completa dos fatos.

Cabe-nos lembrar, ainda, que o leitor abre espaço, ao pegar seu jornal, para a intromissão de um determinado enunciador. Para Maingueneau (2008, p.38), “o simples fato de dirigir a palavra a alguém, de monopolizar sua atenção já é uma intrusão no seu espaço, um ato potencialmente agressivo”. Devido a isso, o cuidado que a imprensa escrita deve ter é muito grande, pois não há possibilidade de um ressarcimento, de um pedido de desculpas imediato caso o leitor sinta-se lesado.

### 1.3 COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIA

Como já mencionamos, o ser humano precisa buscar o outro para a realização de si, portanto, o sentido de uma relação está no encontro com a alteridade. Essa busca é dotada de uma essência estratégica, intrínseca também da comunicação. Segundo Peruzzolo (2006, p.86),

A necessária busca do outro para ser si-mesmo define a comunicação como razão de ser. É assim que ela é essencialmente encontro. Entretanto, para que esse movimento em direção à alteridade possa ser visível, audível, enfim, perceptível pelo outro (...), a mensagem é (tem de ser) resposta à necessidade desse outro, razão por que ele acolhe o convite/estímulo percebido e realiza a esperada relação.

A mensagem, como afirmado pelo autor, deve servir para a realização do outro, pois enquanto eu busco a relação com outro para minha realização, pela busca de meu devir, o outro atua na mesma direção, buscando seu próprio devir. Este outro é tomado como “relação essencial à construção da subjetividade, como agenciamento do devir-homem, devir-sujeito, pois não se trata de tolerância, mas de reconhecimento”. O outro não participa da relação de comunicação através do acaso ou coagido, mas sim porque também possui um intuito de realização e a mensagem organizada por um comunicante primeiro é, inicialmente, “resposta ao desejo e à necessidade do outro, o que estimula o outro a sua captura (...) propiciando o jogo social, a composição de um corpo, a conjugação de forças, a instituição de uma sociedade” (PERUZZOLO, 2006, p.105). Este é o caráter recíproco da comunicação.

A comunicação é, aqui, entendida pela sua qualidade. A qualidade da comunicação é definida pela capacidade de representação dos sujeitos e pela escala de valores dessa representação. Conforme Peruzzolo (2006, p.63)

A comunicação (...) implica não só um grau de sentido mas, sobretudo, um grau de qualidade da relação do vivido, de experimentação. Essa qualidade é veiculada pela representação que, no homem, aflui pela sua faculdade específica, que é a simbolização, permitindo exprimir nela sua realização.

Os organismos desenvolvem variadas sensibilidades, uma delas é a percepção. Ela possibilita-lhes ajudar na compreensão periférica do mundo, permitindo escolhas do que é melhor ou pior para seu desenvolvimento. É através da percepção que se institui a representação, a qual é individual. Para Peruzzolo (2006, p.34), “a representação<sup>28</sup> é o investimento qualitativo no dado percebido. Com efeito, consiste em um processo avaliativo pelo qual os estímulos percebidos recebem valorações, porque passam a significar algo para o organismo”. Conseqüentemente, é o modo de representar que possibilita e especifica a relação de comunicação.

A relação de comunicação está na exterioridade e ocorre através de uma materialidade (palavras, fotografia, filme...) “que se constitui em mensagem para os comunicantes” (PERUZZOLO, 2006, p.40). É através dela que “o comunicante se inscreve no espaço e no tempo do outro”, pois ela constitui-se em “um pacote de representações, que serve de ponto de passagem para as significações sociais”, dessa forma, a mensagem é o meio de comunicar.

Só há comunicação quando há representação de um elemento que une um sujeito a outro e esse elemento é uma materialidade. Sem a exteriorização não existe comunicação.

---

<sup>28</sup> Charaudeau (2006, p.47) afirma que as representações constroem “uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade”. Assim, para o autor, “as representações apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistemas de valores”.

Entendemos que não há capacidade nenhuma de comunicação sem a percepção<sup>29</sup> e, posteriormente, a representação.

Numa relação de comunicação, como afirma o autor, tanto o outro quanto o termo responsável pela relação são representados. A representação é articulada pela linguagem e é através desta que o termo da relação vem carregado de afeto, de emoções, de valores. Como afirma Charaudeau (2006, p.33), “a linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias particulares”. Os atos de linguagem, dotados de sentido e de valores, necessitam, para sua produção, do funcionamento do que Charaudeau (2012, p.7-8) chama de competência discursiva. A competência discursiva é um conjunto formado pela competência situacional: o ato depende da situação de comunicação; pela competência semiolinguística: que está relacionada ao modo de organizar o ato de linguagem; competência semântica: “que consiste em saber construir sentido com a ajuda de formas verbais (...), levando em conta os dados da situação de comunicação e os mecanismos de encenação do discurso”. A representação é o modo de colocar determinado valor em comunicação. Já a linguagem, segundo o autor, é a “que marca a especificidade” da relação de comunicar.

A representação materializada responsável por instituir a relação de comunicação entre um sujeito comunicante e o outro assume um caráter singular e diferenciado para cada integrante da relação. Toda representação materializada referencia um sentido na pessoa, um sentido de vida e uma significação para ela. Dessa forma, Peruzzolo (2012, p.6) afirma que os sentidos<sup>30</sup> “não estão nas mensagens, nos textos, mas se constituem nas relações entre os sujeitos e nas condições de seu fazer em razão do seu vir a ser”.

Em se tratando de linguagem, Benveniste (2005, p.285) diz que ela não é fabricada pelo homem, não é um instrumento, ela simplesmente “está na natureza do homem”. O homem não pode ser pensado sem a linguagem: “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem”. O autor pensa que esse caráter instrumental pode ser atribuído à palavra, a qual é delegada a função de “assegurar” a comunicação. Para exercer esta função, a palavra deve estar “habilitada pela linguagem, da qual é apenas a atualização”. Além das palavras, as imagens, o gestual, também podem ser responsáveis por assegurar a comunicação, as quais também são atualizações da linguagem.

---

<sup>29</sup> Os limites da percepção são dados pelo código genético de cada espécie.

<sup>30</sup> Segundo Peruzzolo (2006, p. 87) o sentido “é agenciado no encontro dos sujeitos, dentro daquilo que significa a relação intersubjetiva produzida: poder, acolhimento, consumo, amor, etc.”.

Desde os primórdios, a linguagem é responsável por especificar a relação de comunicação e possibilita que a pensamos (a comunicação) como sendo recíproca. O que nos leva a pensar dessa maneira são os seguintes dizeres de Benveniste (2005, p.286) “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*. (...) A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no discurso”. Este *eu* implica a presença de um *tu*, o qual ao “responder” a um determinado *eu* assume também a função de locutor. Em todo ato comunicativo, esta condição dialógica que, segundo o autor, “implica em reciprocidade”, é a base da relação.

Na comunicação, temos que um comunicante primeiro, o destinador, pode, em sua representação de determinada situação, antecipar “o modo de ser do outro” e experimentar “o lugar do outro a partir do seu próprio lugar” (PERUZZOLO, 2006, p.46). No entanto, ele jamais poderá estar no lugar do outro, apenas construí-lo mentalmente. Segundo o autor, mediada “e adaptada pela interposição de meios”, a relação implica um “distanciamento do encontro com outro”, o que determina duas questões; primeiro: o distanciamento é natural e influencia na constituição do eu-comunicante como ser, pois passa a ser uma das condições do encontro entre os indivíduos; segundo: a relação entre homem e realidade ocorre via mediação, ou seja, todo investimento de sedução, de persuasão é destinado através de um meio por um comunicante inicial que deseja a relação com um comunicante segundo. Esse meio é responsável pela mediação da relação de comunicação. É a mediação que conecta os integrantes do processo e sem ela, podemos dizer que não ocorre a comunicação.

O lugar do outro em qualquer discurso é de fundamental importância. O que demonstra isso é que qualquer palavra pode assumir, ou a ela ser atribuído, um sentido diferente dependendo da representação discursiva na qual ela está alocada. Para exemplificarmos, a palavra “violência” para os fãs de futebol, que apreciam o esporte apenas como um lazer e repudiam-na, desperta um sentido e remete a determinados valores, como maldade e maucaratismo. Já, para torcedores que enxergam nela uma maneira para reclamar do time, para mostrar indignação, para apresentar-se superior à torcida adversária, ela, a violência, possivelmente desperta outros sentidos e está orientada por outros valores, como o fanatismo, a imposição do medo e a superioridade.

Para que atinja uma resposta visada como adequada, a comunicação precisa ser pensada estrategicamente. Sendo a comunicação a busca do outro para a partilha de algo, necessita-se de estratégias para chegar até este outro. No entanto, mesmo pensada estrategicamente, não podemos afirmar que a relação de comunicação terá o resultado esperado. Segundo Peruzzolo

(2006, p.90), pode ocorrer a ruptura da relação, o que origina frustração e reprime a satisfação dos desejos. Toda relação é construída através de um investimento na representação de algo. Quando ocorre a ruptura, a frustração é proporcional ao investimento realizado, pois se pensava que a relação “permitiria a construção de encontro para a realização de devires”. Apenas para frisar, é preciso lembrar que a comunicação é essencialmente estratégica. Ao comunicar-se, o ser já está agindo estrategicamente. O ser apenas sobrevive agindo estrategicamente. Mesmo ocorrendo a ruptura, a relação de comunicação possivelmente esteve dotada de estratégias, as quais não foram bem aceitas ou entendidas pelo outro integrante da relação ou mal organizadas. No caso de não utilização de estratégias adequadas, temos, geralmente, a produção de efeitos enganosos.

Apontamos, aqui, dois tipos de estratégias que aparecerão diluídas ao longo do texto. As estratégias comunicacionais e as estratégias discursivas, sendo a análise destas últimas a principal razão da presente dissertação e, em virtude disso, serão abordadas mais profundamente<sup>31</sup>.

Descrevendo, brevemente, a estratégia é o modo cuidadoso, planejado de fazer uma ação que visa a atingir determinado objetivo, basicamente é uma ação planejada. Diz Pérez (2012, p.130-131) que:

*La Estrategia antes que una teoría o una disciplina es una capacidad de todos los seres vivos. Las teorías llegarían después. Una capacidad orientada a la supervivencia de un ser que no estaba solo y tenía que convivir con una naturaleza a menudo hostil y con otros seres, fuerzas y sistemas que podían ayudarle o perjudicarle para el logro de sus metas.*

Na área militar, ela é vista como a arte de conduzir um exército, conduzir um conflito, um campo de ação. Na Teoria dos Jogos, dizem Von Neumann e Morgenstern, que estratégia é “*El conjunto de las decisiones preparadas de antemano para el logro de un objetivo asignado, teniendo en cuenta todas las posibles reacciones del adversario y/o la naturaleza*” (Apud PÉREZ, 2012, p.133). Já na área econômica, está relacionada a atingir objetivos organizacionais, adaptar-se ao mercado e agir sobre os competidores.

Os seres humanos são seres relacionais. Com efeito, o encontro com o outro é necessário, a cooperação com o outro e a colaboração do outro são essenciais para a sobrevivência e para o desenvolvimento dos indivíduos e de suas organizações. Encontro esse,

---

<sup>31</sup> Quanto às estratégias comunicacionais realizamos breves menções, fato que não diminui sua necessária existência.

como já fora mencionado, possibilitado pela relação de comunicação. A comunicação é, portanto, vital para os indivíduos e para os grupos sociais.

Trazendo o conceito de estratégia para o pensamento sobre a comunicação, podemos dizer que ela é a arte de construir e conduzir os meios que se referem a um campo de ação. De modo mais específico, em nosso estudo, estratégia refere-se à arte de conduzir a enunciação.

Como já foi dito, na relação de comunicação existe um EU (sujeito comunicante e sujeito enunciador) e um Tu (sujeito comunicante-interpretante e sujeito destinatário). Dessa forma, a noção de estratégia, de acordo com Charaudeau (2012, p.56), parte da ideia de que um sujeito comunicante-enunciador “concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados *efeitos* de persuasão ou de sedução” sobre o sujeito comunicante-interpretante “para levá-lo a se identificar – de modo consciente ou não – com o sujeito destinatário ideal”. É bom lembrar que nem sempre as estratégias funcionam e, por vezes, podem produzir efeitos inesperados. Elas fazem parte de uma expectativa que o sujeito enunciador possui sobre as interpretações e ações do sujeito comunicante-interpretante.

Para realizar o encontro com o outro é preciso fazer uso de estratégias. A persuasão, o convencimento, a sedução de alguém faz-se pelo uso de estratégias adequadas. O conceito de estratégia não permite que uma relação ocorra ao acaso, assim sendo, a comunicação deve ser pensada; todo dizer, todo ato de fala deve ser pensado estrategicamente. E este pensar estrategicamente é baseado naquilo que já se sabe do outro ou de suas posições. Portanto, estratégia e acaso são logicamente opostos.

Em relação às estratégias comunicacionais, podemos dizer, resumidamente, que elas trabalham a maneira de instituir algo que venha possibilitar a relação entre dois ou mais sujeitos. Diz Massoni (2012, p.15), que “*La estrategia comunicacional no es una fórmula. No es un plan elaborado para ser aplicado, sino un dispositivo flexible y especialmente atento a lo situacional en tanto espacio fluido, en tanto lugar habitado en el que coexisten las alteridades socioculturales*”. Entendemos, então, que as estratégias comunicacionais são adaptáveis de acordo com a situação de comunicação e com os sujeitos que participam dela.

A relação de comunicação entre os sujeitos é conduzida através de valores dados por estratégias discursivas. Assim, toda estratégia discursiva necessita de uma estratégia comunicacional e esta deve garantir a existência daquela. Sem uma estratégia comunicacional não há a possibilidade dos valores circularem.

Dessa maneira, as estratégias discursivas são responsáveis pelo manuseio e afirmação de valores que movimentam sentidos<sup>32</sup> e que possibilitam a ligação entre um sujeito que fala e um sujeito que ouve. A relação de comunicação estabelecida, entre uma instituição midiática e seu público, realiza-se através de uma representação materializada: a mensagem. Os valores afirmados e manuseados pelo discurso jornalístico chegam até os leitores através da mensagem, a qual está carregada de estratégias discursivas que produzem diversificados efeitos de sentido, com intuito de persuadir o público sobre o que diz um texto. Ressaltamos, como Emediato (2007, p.292), que as estratégias discursivas formam um conjunto de procedimentos e cabe a cada sujeito comunicante o labor para colocá-las em prática.

Charaudeau e Maingueneau (2009, p.219) propõem que as estratégias discursivas desenvolvam-se em três espaços: captação, legitimação, credibilidade. Como será possível compreender ao longo da análise, as estratégias construídas em torno dos três espaços aparecem diluídas ao longo da constituição dos efeitos de sentido.

A captação tem o intuito da sedução ou da persuasão e faz com que o parceiro da relação de comunicação “termine por entrar no universo do pensamento que é o ato de comunicação e assim partilhe a intencionalidade, os valores e as emoções dos quais esse ato é portador” (CHARAUDEAU, *Apud* CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2012, p.93). Entendemos que a captação está relacionada à tentativa de afetar as emoções, as sensações, os interesses do destinatário, ou seja, é regida por uma influência pretendida por um sujeito enunciador. Com efeito, no discurso jornalístico, valores são postos em discussão e fatos são apresentados em tom dramático. Salientamos que há assuntos que naturalmente agem sobre o lado emocional das pessoas como o medo, a violência, tragédias naturais, mortes. Fernandes (2012) aponta que os efeitos emocionais de captação devem estar em concordância com os discursos, apelos e crenças que circulam em dada sociedade.

A legitimação, de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2012, p.295), visa a “determinar a posição de autoridade que permite ao sujeito tomar a palavra”. O veículo de comunicação ou o jornalista encontram-se legitimados quando se apresentam como entidades habilitadas para conduzir o discurso que estão conduzindo. O jornalista, pela função que ocupa, encontra-se apto, legitimado para comunicar-se com o leitor, basta, então, apresentar essa legitimidade. Como afirma Fernandes (2011, p.93), “a legitimidade, no jornalismo, geralmente é explicitada com a publicação do nome da empresa de comunicação, dos diretores do jornal, dos editores, do repórter, tanto na primeira página dos jornais como no corpo de algumas

---

<sup>32</sup> Sentidos e valores são movimentados pelo leitor em seu ato de leitura.

matérias”. Ao dizer, por exemplo, “Agora, a notícia investigada pela coluna”<sup>33</sup>, “Imagens exclusivas obtidas por ZH...”<sup>34</sup>, “Estudamos o caso...”, nota-se que o veículo apresenta-se capacitado para dizer o que está dizendo<sup>35</sup>.

A credibilidade, de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2012, p.143), “é uma noção que define o caráter de veracidade dos propósitos de uma pessoa (...) ou de uma situação”. Nesse processo, temos o julgamento de um destinatário sobre quem fala e sobre o que ele está lendo, vendo ou ouvindo. Segundo os autores, esse julgamento sobre a responsabilidade de dizer a verdade “faz com que todo sujeito falante que visa a ser confiável procure colocar em cena seu discurso de tal maneira que ele possa receber esse elo de credibilidade”. Conforme Paiva e Sodré (2005, p.98): “A credibilidade decorre de um pacto implícito entre o jornalista e o leitor”. A credibilidade está relacionada   apresenta o de um acontecimento com autenticidade, além de construir um enunciado com indica es de que aquilo que está contado realmente aconteceu e apresentar uma interpreta o com provas de que   verdadeira<sup>36</sup>, juntamente de explica es, causas e consequências que sustentam a ideia de verdade.

De acordo com Barros (2010, p.55), “todo discurso procura persuadir seu destinatário de que   *verdadeiro*<sup>37</sup> (ou falso), os mecanismos discursivos têm, em última análise, por finalidade criar a ilusão de verdade”. O enunciador investe diversas estratégias em um discurso para possibilitar que o destinatário crie sua própria “cópia” do real e construa, em sua mente, uma imagem do fato ocorrido. Segundo a autora, têm-se dois efeitos principais produzidos pelos discursos para criar a ilusão de verdade: o efeito de enuncia o (proximidade e afastamento) e o efeito de realidade ou referente. Já os efeitos de tematiza o possuem a fun o básica de disseminar temas e subtemas no discurso, contribuir para a constru o de outros efeitos, manusear e afirmar valores.

O enunciador pensa estrategicamente o enunciado, ele organiza-o para que possibilite o encontro com o outro, o destinatário. Conforme Peruzzolo (2004, p.166): “A estratégia discursiva da constru o da referencialidade (...) procura apoiar a narrativa sobre sentidos já construídos na experiência do destinatário”, desse modo, tem-se aqui uma indica o de que o enunciador constrói um objeto discursivo tendo em sua mente a imagem daquele que, possivelmente, entrará em contato com o discurso que está sendo elaborado. Lembramos que

<sup>33</sup> Jornal Zero Hora, quinta-feira, 28 de fevereiro de 2013, p.48.

<sup>34</sup> Jornal Zero Hora, 27 de dezembro de 2012, p.1.

<sup>35</sup> São exemplos também de efeitos de sentido de enuncia o, como poderá ser visto ao longo nas análises realizadas no capítulo dois dessa investiga o.

<sup>36</sup> Já o falso, de acordo com Fernandes (2012, p.95), “seria dizer o que não aconteceu, inventar o que não aconteceu, mascarar a inten o, fornecer explica es sem provas, tornando impossível a verifica o”

<sup>37</sup> Grifo do autor

as estratégias discursivas são aquelas que possibilitam a ligação de um sujeito que fala/escreve e um sujeito que ouve/lê, elas são constituídas por um conjunto de elementos que são utilizados para afirmar valores. Para Barros (2010, p.62), examinar os efeitos de sentido, as estratégias discursivas utilizadas para construí-los e suas relações “é uma das etapas da construção dos sentidos do texto (...). Dá-se já um grande passo em direção ao contexto sócio-histórico e à formação ideológica em que o texto se insere”. Para a autora, na semiótica, não basta dizer que um discurso é composto por determinados efeitos de sentido, é preciso mostrar como são construídos e demonstrar a razão pela qual são elaborados.

#### 1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Introduzimos, agora, a questão dos modos de Análise do Discurso e da Semiologia dos Discursos, com destaque para esta última. Pensamos que esta opção metodológica é adequada para o estudo, uma vez que dá suporte principal para a realização de nossa análise, a saber, análise das estratégias discursivas que constroem os efeitos de sentido em um discurso. Em resumo, permite olhar um texto e compreender sua estrutura repleta de estratégias, tal como é o objetivo proposto.

O objetivo da Análise do Discurso, em si, consiste em reconhecer os sentidos provocados por determinados enunciados, identificar valores e estabelecer sua dependência a um determinado contexto, o que significa ir muito além da simples compreensão da mensagem. Orlandi (2005, p.15) explica que:

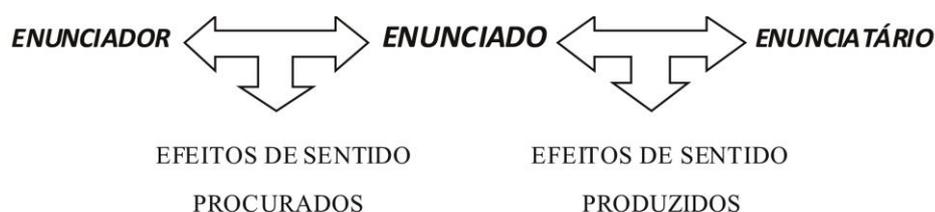
A Análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. (...) O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (...) A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Com a análise do discurso, segundo a autora, atravessamos o texto para compreendermos a constituição de sentidos e de sujeitos. Analisar o discurso significa, portanto, analisar aquilo que possibilita e condiciona a interação entre os sujeitos humanos, pois o discurso, além de ser uma organização dotada de efeitos de sentido, é o meio que possibilita a relação de

comunicação. À análise do discurso cabe ainda, conforme Maingueneau (1997, p.50), não apenas apresentar explicações que orientam o enunciador a produzir certos enunciados, mas também “explicar como eles puderam mobilizar forças e investir em organizações sociais”.

O estudo baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos de análise que consideram a incidência do extra verbal em qualquer enunciado, sendo este constituinte de toda estrutura semântica (AMORIM, 2004). Segundo Bakhtin (1986, p.31), “Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”. Todo enunciado é constituído por meio de outro enunciado. Conforme Orlandi (2005, p.43), “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com os outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”.

Quanto a Semiologia dos Discursos, afirmamos, de acordo com Peruzzolo (2004, p.140-150), que ela tem como fundamento a Teoria da Enunciação. Dessa forma, ela está baseada no seguinte dispositivo de enunciação:



**Figura 01 – Dispositivo de enunciação**

Fonte: Peruzzolo (2004)

Neste dispositivo, sobre o qual realizamos algumas considerações no segundo parágrafo do item 1.2.3.1, o enunciador busca o enunciatário mediante uma fala investida de estratégias com o intuito de persuadi-lo da verdade do que diz. “Como objeto de comunicação, o discurso é o *lugar* onde se organiza a relação de comunicação dos sujeitos interlocutores”. Dessa maneira, “O discurso é organizado para expressar modos de relação com os outros sujeitos e com o mundo”.

Podemos dizer que, em Verón (2004), o dispositivo de enunciação refere-se à produção e circulação do discurso. O discurso jornalístico é um espaço onde todo ato produzido por um sujeito tem a intenção de buscar o outro, o sujeito que busca orienta-se por uma linha editorial e vislumbra um público-alvo. O sujeito que era buscado está presente no processo desde o início e consolida sua presença no momento da leitura, da interpretação. Devido a isso, acompanhamos Peruzzolo (2009, p.2) quando diz que “Os dispositivos (...) precisam fornecer

um lugar de encontro para os indivíduos” e quando diz, em outro lugar<sup>38</sup>, que “os homens constroem dispositivos comunicacionais para suas relações interpessoais, através dos quais estruturam e organizam seus ambientes sociais”. Os vínculos estabelecidos entre o discurso jornalístico e seus distintos receptores, segundo Verón (2004), são possíveis devido aos dispositivos de enunciação. Pensando o dispositivo da enunciação no jornalismo impresso, entendemos que este é uma instância responsável pela constituição de discursos e que contribui na persuasão do outro, no qual sujeitos com intenções e orientados por valores específicos assumem posições e constroem seus lugares, construindo, conseqüentemente, o lugar do outro no discurso.

O enunciador, de acordo com Verón (2004, p.217-218), é a “imagem de quem fala (...). Trata-se do lugar (ou dos lugares) que aquele que fala atribui a si mesmo”. No discurso jornalístico impresso, são os lugares assumidos e construídos em um discurso pelo veículo de comunicação e pelos jornalistas. O enunciador é tido como o responsável pela construção das modalidades de dizer de um discurso, pelos valores postos em circulação, por realizar um investimento persuasivo sobre o dito. A presente concepção de dispositivo atesta que o lugar do enunciador é complexo, ou seja, não é apenas um sujeito, mas um lugar plural em que vários sujeitos dialogam. Elaborando seu lugar no discurso, o sujeito que fala instantaneamente instala o outro na relação. Este outro sujeito, o destinatário/enunciatário é outra imagem, no entanto, é uma imagem “daquele a quem o discurso é endereçado”, ou seja, imagem dos possíveis leitores. O enunciatário tem uma função interpretativa, reconhece o que está presente no enunciado, realiza um processo de leitura e institui o discurso.

De acordo com Peruzzolo (2004, p.154), “Os fazeres persuasivo e interpretativo se encontram e se realizam no e pelo discurso”. Ou seja, é o que diz Verón (2004, p.218) sobre a relação entre enunciador e destinatário, a qual “é *proposta* no e pelo discurso”. Por conseguinte, as imagens (enunciador e enunciatário), bem como a relação entre elas, compõem o que este último autor chama de dispositivo de enunciação, denominado ao referir-se à imprensa escrita, de “contrato de leitura”. A noção de contrato de leitura implica o conceito de discurso desenvolvido pelo autor e apresentado anteriormente e está relacionada aos lugares assumidos por um enunciador e aos lugares propostos ao destinatário.

A Semiologia dos Discursos, conforme Barros (2010) e Peruzzolo (2004), estuda o que um texto diz e como faz para dizer o que diz, além de proporcionar a análise de estratégias discursivas para que seja possível identificar os recursos utilizados para o manuseio e afirmação

---

<sup>38</sup> Peruzzolo (no prelo).

de valores. Um texto é organizado tendo em vista o destinatário<sup>39</sup>. Ao mesmo tempo, este texto constrói o lugar de ambos (enunciador e enunciatário) através de seus elementos e estratégias discursivas.

Nossa análise parte de materialidades verbais, as quais discursivizam sentidos acerca da violência no futebol. Assim, o presente estudo tem como objeto empírico reportagens, colunas, artigos de opinião e notícias de jornais impressos que retratam e comentam a violência no futebol. Já o objeto Teórico-Metodológico é a construção do discurso com suas estratégias discursivas elaboradas para a produção de efeitos de sentido.

Pretendemos, em nossa análise, realizar uma leitura das estratégias discursivas que produzem determinados efeitos de sentido, os quais, por sua vez, contribuem para a afirmação e manuseio de valores humanos e sociais em um discurso. A análise dar-se-á seguindo um pequeno roteiro, encontrado em Peruzzolo (2004), que é composto pelas relações do sujeito com a fala produzida, nas quais nos interessam a construção dos efeitos de sentido de enunciação que podem ser de afastamento/objetividade ou proximidade/subjetividade e, a construção de efeitos de sentido de realidade. A outra parte do roteiro diz respeito aos investimentos temáticos e figurativos, através dos quais se buscam efeitos de tematização e figurativização.

Com efeito, buscaremos desvendar a produção dos efeitos de sentido de enunciação, os quais resultam do modo como o sujeito da enunciação relaciona-se com o discurso-enunciado. A produção dos efeitos de sentido de enunciação é instituída através de elementos discursivos como o emprego de verbos e pronomes de 1ª e 2ª pessoa, pronomes possessivos, advérbios de modo e ajuizamentos que resultam na aproximação do sujeito enunciador do discurso produzido, assim como, pela utilização de verbos impessoais e de 3ª pessoa e uso de discurso direto ou indireto, elementos que criam a mera ilusão de afastamento do enunciador do seu discurso.

Buscaremos analisar a produção dos efeitos de sentido de realidade, que correspondem à tentativa do enunciador de dar concretude aos sentidos, amarrando-os a recursos discursivos passíveis de serem reconhecidos como reais e existentes no mundo pelo destinatário. A construção de tais efeitos está atrelada ao uso de marcas discursivas que objetivam mencionar ou referenciar pessoas e respectivos cargos ou funções, espaços geográficos e espaços concretos, qualificações profissionais, características individuais, traços de sentimento e afeto,

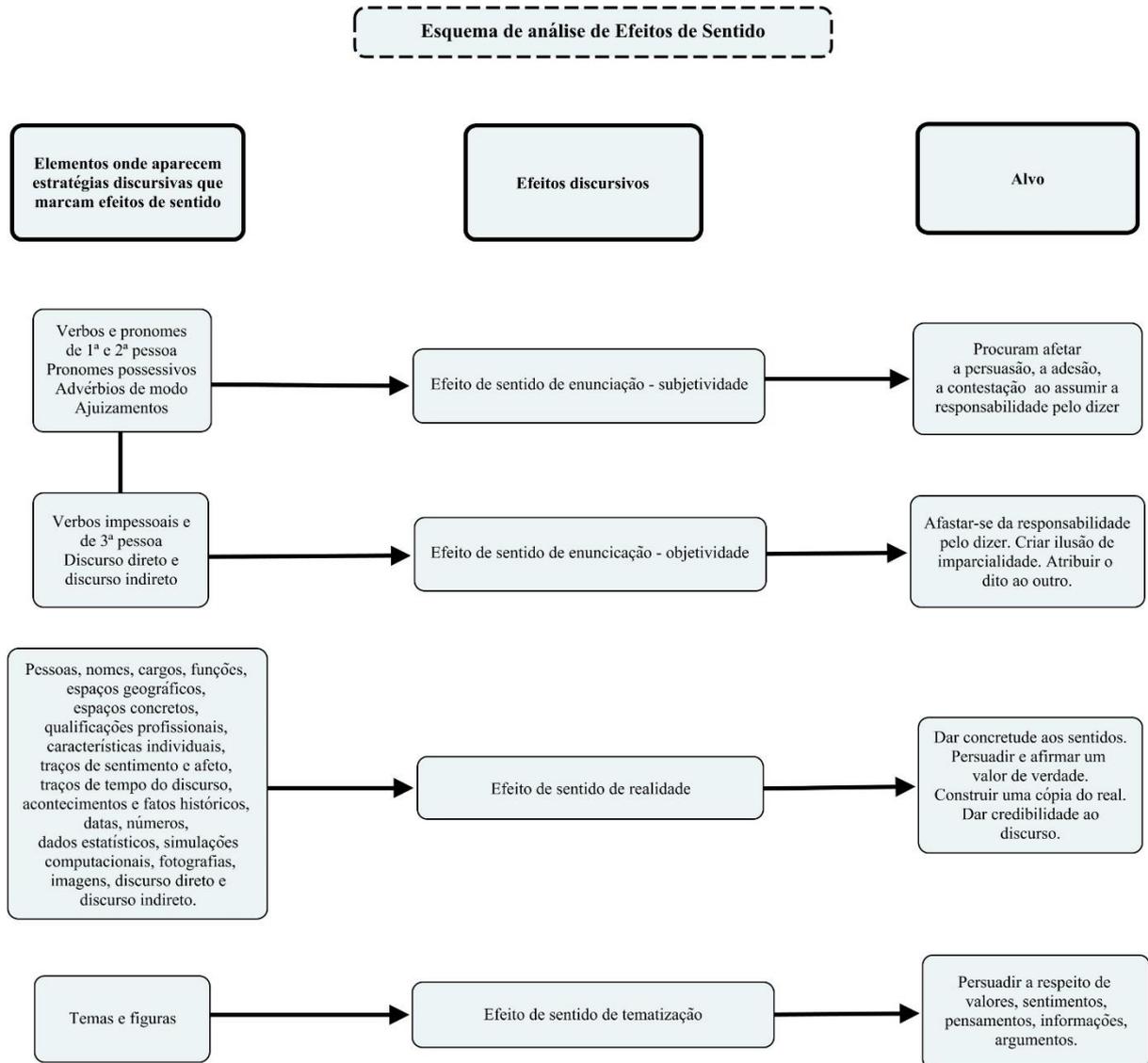
---

<sup>39</sup> Destinatário e enunciatário são considerados termos equivalentes no nosso estudo, bem como destinador e enunciador.

traços de tempo do discurso, acontecimentos e fatos históricos, datas, números, dados estatísticos e simulações computacionais. A utilização de fotografias, de imagens e o uso de discurso direto ou indireto também contribuem para a produção de um efeito de sentido de realidade.

Já a busca pelos efeitos de sentido de tematização e figurativização consiste em desvendar os fluxos temáticos (as ideias) e os fluxos figurativos acionados pelos enunciadores com intuito de elaborar um discurso sustentado por argumentos, informações, pensamentos, sentimentos e valores. Com efeito, pretendemos verificar o modo como os valores são reiterados em temas principais e secundários, em um nível abstrato, e como são recobertos, em um nível mais concreto, por figuras.

Apresentamos abaixo um esquema contendo os principais elementos que funcionam como estratégias discursivas que afetam a produção de efeitos de sentido de enunciação, de realidade e de tematização e quais os principais intuítos dos enunciadores com esses efeitos.



**Figura 02 - Esquema de análise de Efeitos de Sentido**

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Peruzzolo (2004; no prelo) e Verissimo (2013).

Portanto, a análise será feita iniciando pelas estratégias discursivas que vão afetar efeitos discursivos, que, por sua vez, afetam a persuasão. Os tópicos a seguir, compostos por uma breve explanação sobre efeitos de sentido e pela teorização dos efeitos de sentido de enunciação, de realidade e de tematização, especificam o modo como metodologicamente far-se-á a análise proposta para a investigação, tal como mostrou-se no esquema acima.

### 1.4.1 Efeitos de sentido

No nosso entendimento, um discurso é discurso porque vem constituído por efeitos de sentido. Entretanto, o sentido em si não está no discurso, mas sim no humano, ele precisa ser buscado, e deriva da relação entre os sujeitos. Assim sendo, um discurso provoca efeitos de sentido, ou seja, tem a função de despertar um sentido, o qual é da esfera do sujeito humano. Efeitos de sentido que, segundo Peruzzolo (No prelo), “são fenômenos sociais que não são explicáveis sem levar em consideração as condições socioculturais em que são produzidos”.

Conforme Charaudeau (2006, p.27-28), “o sentido é o resultado de uma *co-intencionalidade*”, a qual compreende, “os efeitos visados, os efeitos possíveis, e os efeitos produzidos”. Os efeitos de sentido produzidos em um discurso orientam-se pelo valor existencial que representam para os sujeitos envolvidos no processo comunicacional. Além disso, é possível dizer que os efeitos de sentido são reveladores das intencionalidades dos sujeitos humanos. Isto também é dito por Authier-Revuz (1998, 55), quando afirma que “Em uma série de glosas é o caráter *intencional* do dizer que é representado”. Como diz Peruzzolo (No prelo), cada ser, ao entrar no agenciamento discursivo, injeta neste seus próprios interesses e desejos, escolhe valores e apresenta o que, para ele, é verdadeiro<sup>40</sup>, ou falso, mas assumido, pois o que ele está buscando é sua própria constituição como ser. Devido a isso, um discurso é produzido estrategicamente, recebe um investimento persuasivo e tenta guiar o outro em seu processo de leitura. Portanto, a análise dos efeitos de sentido, além de identificar os valores humanos trabalhados em um discurso, é capaz de revelar as intencionalidades de quem os manuseia. O analista, bem como o leitor, ao buscar os efeitos de sentido, precisa ter noção de que essas características são naturais a qualquer discurso.

Os sujeitos humanos buscam o relacionamento com seus semelhantes e essa busca é orientada pela linguagem, a qual, de acordo com Peruzzolo (2010, p.21), “é uma ação carregada de intencionalidades, veiculadora de ideologias e de valores, articulados por modos de argumentação, isto é, de artifícios de enunciação”. Dessa forma, podemos dizer que o discurso é composto por esta cointencionalidade, bem como pela intencionalidade de quem o organiza

---

<sup>40</sup> Quanto à verdade de um determinado discurso, uma questão precisa ser esclarecida. Como diz Peruzzolo (2004, p.176) “... nenhum enunciador produz discursos verdadeiros ou falsos. O que ele faz é construir discursos que criam efeitos de verdade ou de falsidade e que, portanto, *parecem* verdadeiros ou falsos e como tais são interpretados dentro de dispositivos de enunciação ou dentro de formações discursiva”. São elaboradas estratégias que colocam o discurso numa condição de verdade. Assim, fala-se daquilo que é verdadeiro ou falso segundo as intenções dos sujeitos da enunciação. Determinado dito se torna verdadeiro ou falso na medida em que faz sentido ou não para os indivíduos. Portanto, verdade do texto é diferente da verdade “do que são existencialmente as coisas”.

e de quem é responsável por sua interpretação, ambos necessários (sujeito comunicante e sujeito interpretante), pois sem eles, ou com a presença de apenas um deles, não há relação de comunicação.

Benetti (2008, p.17) apresenta a noção de ilusão discursiva, desenvolvida por Michel Pêcheux, a qual é constituída por dois tipos de esquecimento e, ao nosso entender, está constantemente presente no momento da abordagem e da análise da constituição de efeitos de sentido. O primeiro esquecimento desenvolve uma “ilusão de autenticidade” em que o sujeito desenvolve a imagem de ser “o senhor absoluto do discurso que produz e detentor original das ideias que veicula (...). É apenas pelo princípio de uma alteridade forjada e inconsciente que o sujeito, afinal descentrado, consegue se dizer *eu* e localizar o *outro* (grifos do autor)”. Através do segundo tipo de esquecimento, “o sujeito apaga a noção de que seu discurso nada mais é do que a escolha de determinadas estratégias de construção de sentidos”, ou seja, busca esconder que o discurso resulta de intenções, de escolhas e negações necessárias. Os enunciados são construídos estrategicamente e as estratégias resultam de escolhas. Os dois tipos de esquecimento contribuem ainda para a criação da ilusão de que o sujeito é autônomo em relação ao discurso e de que não há outro modo de constituição do discurso senão aquele escolhido pelo sujeito.

Quando nos referimos à busca por efeitos de sentido, estamos falando, como trata Peruzzolo (No prelo), dos “intuitos dos sujeitos da enunciação”. O autor fala em sujeitos, no plural, pois tanto o enunciador quanto o enunciatário estão sempre presentes em um discurso. Em um ato de enunciação, ambos os sujeitos entram na relação com alguma intencionalidade. Dessa forma, há, na produção de efeitos de sentido, a relação entre cada sujeito e um dado objeto, a qual é possibilitada por um discurso. Gostaríamos de lembrar, de forma bem resumida, que o sentido é da esfera do humano, é no homem que o sentido está constituído, portanto, o sentido não está no discurso. No discurso, o que nós temos, como diz Verón (2005), é um campo de efeitos, ou seja, não temos apenas um efeito de sentido. É através do discurso que os sentidos são explicitados, movimentados, “agenciados entre os sujeitos”, como constata Peruzzolo (No prelo).

A Semiologia dos Discursos, com apoio da Análise do Discurso, possibilita a compreensão dos efeitos de sentido produzidos por estratégias discursivas elaboradas pelos segmentos midiáticos<sup>41</sup>. Através da análise de estratégias discursivas, que produzem efeitos de sentido, é que podemos identificar os valores presentes em um determinado discurso. Peruzzolo

---

<sup>41</sup> O segmento midiático analisado em nosso estudo é o jornalismo esportivo impresso.

(No prelo) considera a existência de quatro grandes efeitos de sentido: enunciação, realidade, interlocução e tematização. Em nosso exercício de análise, trabalhamos com três deles: enunciação, realidade e tematização.

Optamos por apresentar os efeitos de sentido dentro do item referente aos procedimentos metodológicos, pois mesmo sendo dotados de fundamentos teóricos, são eles que traçam nosso caminho de análise. As estratégias discursivas são passíveis de análise através da identificação e também análise dos efeitos de sentido de um discurso. Conseqüentemente, os efeitos de sentido funcionam, em nosso estudo, como os passos para chegarmos às estratégias discursivas. Portanto, olhamos o discurso sobre a violência no futebol pelos modos de construção do Jornal Folha de São Paulo e do Jornal Zero Hora através da análise de estratégias discursivas, efeitos de sentido e valores.

#### 1.4.1.1 Efeito de sentido de realidade

Afirma Peruzzolo (No prelo) que “o efeito de realidade é uma conexão semiótica que ocorre entre o real vivido e o real narrativizado”. Assim, a produção desse efeito visa a dar concretude aos sentidos, através de recursos discursivos exteriorizados por meio de uma materialidade, que pode ser, por exemplo, o texto de uma reportagem jornalística. O efeito de sentido de realidade é entendido por Barros (2010, p.59) como as “as ilusões discursivas de que os fatos contados são ‘coisas ocorridas’, de que seus seres são de ‘carne e osso’, de que o discurso, enfim, copia o real”. Tal efeito pode ser obtido através de estratégias discursivas como, fazer referência a pessoas, a objetos, a lugares, a características individuais e a qualificações profissionais, utilização de discurso direto e de discurso indireto.

Barros (2010, p.59) afirma que os efeitos de realidade podem ser construídos ainda através do procedimento da sintaxe discursiva denominado *desembreagem*<sup>42</sup> interna: “Quando, no interior do texto, cede-se a palavra aos interlocutores, em discurso direto, constrói-se uma cena que serve de referente ao texto, cria-se a ilusão de situação ‘real’ de diálogo”. Nas palavras de Maingueneau (2008, p.141): “trata-se apenas de uma *encenação* visando criar um efeito de autenticidade”. O efeito de realidade é também construído pela utilização do discurso indireto, no qual, para o autor francês, ocorre o relato do “*conteúdo do pensamento*” de uma fala.

---

<sup>42</sup> Segundo Barros (2010, p.54) “A enunciação projetada, para fora de si, os actantes e as coordenadas espaço-temporais do discurso, que não se confundem com o sujeito, o espaço e o tempo da enunciação. Essa operação denomina-se *desembreagem* e nela são utilizadas as categorias da pessoa, do espaço e do tempo. (...) o sujeito da enunciação faz uma série de opções para projetar o discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir”.

Segundo Bakhtin (1986), ao utilizar o discurso indireto, o enunciador realiza um processo de interpretação e de análise para tentar reconstruir um ato de enunciação. Isso também é dito por Authier-Revuz (1998, p.146) quando afirma que as formas de discurso relatado, tanto o discurso direto quanto o indireto, não relatam frases ou enunciados, mas atos de enunciação. O discurso relatado, para a autora, é um acontecimento particular, ou seja, um ato de enunciação, definido por sujeitos, que envolve determinada situação, “com seu Tempo, seu Lugar”, sobre um outro ato de enunciação que, por sua vez, também é definido por sujeitos e envolve uma situação caracterizada por determinado tempo e lugar.

Em ambos os casos, busca-se criar uma ilusão de que o enunciador não é o responsável por aquilo que está sendo dito. No discurso indireto, o trabalho do enunciador é complexo, pois ele precisa fazer “a sua própria arrumação do sentido como ilusão do distanciamento e da responsabilidade” (PERUZZOLO, 2004, p.168). Complexidade que também se aplica ao discurso direto, pois o enunciador necessita realizar recortes de um ato de enunciação e esses recortes podem orientar interpretações variadas.

Uma estratégia comumente acionada para marcar o discurso direto é uso das “aspas”, por exemplo. O uso de “aspas” aponta um responsável pelo dito e encobre a responsabilidade do sujeito de enunciação. Ressalta Maingueneau (1997, p.85) que o discurso direto “não é nem mais nem menos fiel que o discurso indireto, são duas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação”.

O uso do discurso direto e do discurso indireto permite que o leitor tenha acesso ao conteúdo do pensamento, ao menos em parte, dos principais atores envolvidos em um dado acontecimento. Como será possível ver no próximo item, o qual trata dos efeitos de sentido de enunciação, discurso direto e discurso indireto servem também para criar uma ilusão de afastamento do que está sendo dito.

De acordo com Barros (2010), os efeitos de sentido de realidade decorrem também de um recurso proveniente da semântica discursiva denominado “Ancoragem”, o qual é construído pela utilização de fatos históricos, fotos, imagens, números, dados estatísticos. Enfim, visam a criar uma ilusão do real, de que aquilo que está sendo mostrado realmente aconteceu. O procedimento da ancoragem concretiza “cada vez mais os atores, os espaços e o tempo do discurso”. Conforme Peruzzolo (2004, p.169), todos esses elementos têm a função de servirem como referentes, pois à medida que lemos uma matéria em um jornal, “produzimos um fato acontecido como uma cópia do real, porque as ancoragens nos permitem iconizar e fazer cópias mentais (ilusão) de algo que aconteceu de verdade”. Segundo Barros (2004, p.14), a construção

de efeitos de realidade está muito ligada à “figurativização<sup>43</sup> em grau extremo, ou iconização, pois leva ao reconhecimento de figuras do mundo”, o que possibilita que o destinatário interprete determinado discurso como sendo “real”.

As estratégias discursivas para a produção de efeitos de realidade contribuem substancialmente para a produção de efeitos de sentido de objetividade, assunto abordado no próximo item. O “funcionamento discursivo da prática jornalística” que, de acordo com Navarro (2010, p.89-91), consiste na aproximação e combinação entre os dois efeitos, “permite ao jornal criar a imagem de um grande veículo de informação (...), combinado ao processo verbal, o efeito de real é deslocado para as palavras, que são assumidas pelos jornalistas, num processo de identificação deles com o acontecimento”. Com efeito, concordamos com Peruzzolo (no prelo) quando escreve que “os efeitos de realidade acrescem força às estratégias de objetividade”.

A construção de um discurso apoiado em dados, pessoas, acontecimentos, lugares reais, passa a impressão de que determinado dito é representação legítima do real. No entendimento de Navarro (2012, p.82), “Os discursos, invariavelmente, empregam procedimentos cuja finalidade é a de garantir e a de solidificar sua legitimidade perante a comunidade que os recebe”. As estratégias mencionadas anteriormente, segundo o autor, são indicações “que remetem o leitor ao real”<sup>44</sup>.

O uso da fotografia, quando ocorre, também exerce essa função, pois ela é um mecanismo discursivo que exerce a função de “cópia do real” e também serve para ancorar o que é dito pelo enunciador. Entretanto, cabe a ressalva feita por Navarro (2010, p.86) de que a fotografia, bem como as entrevistas e as citações são apenas “recortes do real que atestam a característica lacunar dos discursos” e revelam a existência de uma ação praticada por sujeitos. Ainda sobre a fotografia, vejamos que a visão de Navarro está calcada no paradoxo fotográfico de Barthes (2009). De acordo com Barthes (2009, p.14), a fotografia jornalística funciona como um análogo do real, no entanto, ela não é apenas isso, pois é também “um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas”, ao mesmo tempo em que é “*lida* (grifo do autor), vinculada, mais ou menos conscientemente, pelo público que a consome, a uma reserva tradicional de signos”.

Apresentamos, agora, de forma resumida, algumas funções que exercem os elementos discursivos que compõem os recursos de ancoragem e de referencialidade, apresentadas,

---

<sup>43</sup> Será possível verificar isso quando for trabalhado o efeito de sentido de tematização.

<sup>44</sup> NAVARRO (2010, p.86).

principalmente por Peruzzolo (2004; 2013), Fiorin (2009) e Barros (2012): *Pessoas e respectivos cargos ou funções* - mostrar que as pessoas realmente participam de uma situação e podem apresentar pontos de vista fundamentais para o esclarecimento dos fatos; *Espaços geográficos e objetos concretos* – a referência a eles é utilizada para situar o leitor de que os fatos realmente ocorreram e desenrolaram-se em determinada cidade, região, país; *Qualificações profissionais* – apresentar, além da função que determinada pessoa exerce, algumas qualidades que a capacitam para isso ou influenciam suas ações; *Características individuais* – apresentar traços que marcam cada indivíduo; *Traços de sentimento e afeto* – apresentar sentimentos e reações dos indivíduos ao passarem por determinada situação, ou que são naturais a eles; *Marcas de tempo* - mostrar quando um fato ocorreu e que ele realmente ocorreu; *Traços de tempo do discurso* – conduzir o discurso tendo por base o andamento dos fatos; *Acontecimentos e fatos históricos* – trazer para a constituição do discurso outros acontecimentos e fatos semelhantes aquele do qual se fala ou que possuem alguma relação e influenciam o atual; *Datas* – situar o acontecimento precisamente no tempo; *Números* – quantificar elementos, indivíduos envolvidos em um acontecimento; *Dados* – geralmente estatísticos, servir de referência, ajudar a entender em determinados momentos a ocorrência de fatos atuais, encaixar o fato atual num grupo de outros fatos.

#### 1.4.1.2 Efeito de sentido de enunciação

Os efeitos de enunciação resultam do modo como o sujeito relaciona-se com o seu dizer, ou seja, das relações estabelecidas entre sujeito da enunciação e discurso-enunciado. Ao analisar os efeitos de enunciação, verificamos se o sujeito produz um efeito de sentido de aproximação (subjatividade) ou efeito de sentido de afastamento (objetividade) e através de quais estratégias eles são elaborados.

Quanto ao efeito de objetividade, Barros (2010, p.55) afirma que o que existe é uma ilusão de afastamento, pois a enunciação, de qualquer maneira, está “*filtrando* por seus valores e fins tudo o que é dito no discurso”. Como assinala Peruzzolo (2004, p.140): “todo enunciado pressupõe um sujeito que o enuncia”. Esse efeito é construído, geralmente, pela produção do discurso com verbos impessoais (diz-se, fala-se, entende-se, etc.) e em terceira pessoa. Afastando-se da enunciação, o falante cria um efeito de imparcialidade, não se compromete e responsabiliza outro sujeito pelo dito, ou seja, a fonte de informação.

No entanto, o enunciador não consegue jamais se ausentar do texto, apenas esconder-se nele. O que é possível criar são apenas efeitos de sentido de objetividade e não um sentido de objetividade, como bem observa Fiorin (2012, p.5): “Depois de Benveniste, sabemos que o discurso é sempre o ponto de vista de um sujeito, seja ele individual ou social. Por conseguinte, não há objetividade na linguagem”. Pensamento análogo é o de Brait (2004, p.47) quando afirma que “cria-se o efeito de objetividade, de transparência como se não houvesse um enunciador. Entretanto, a construção da cena enunciativa revela a existência de um sujeito da enunciação”. Segundo a autora, isso revela as escolhas que foram feitas por um sujeito. Escolhas que estão relacionadas às pretensões do sujeito sobre o discurso e os efeitos de sentido que se pretende produzir no destinatário.

De uma ou de outra forma, o ponto de vista do sujeito estará presente no discurso, seja nas qualificações que ele dá ao outro sujeito, seja na interpretação da fala do outro, do recorte que é feito da fala do outro, nos adjetivos e substantivos utilizados para referenciar-se a algo. É isso que nos diz Fiorin (2012, p.58) quando afirma que “os jornalistas apregoam que seu discurso é objetivo e neutro. Não há objetividade e neutralidade no discurso”.

Como mencionamos no item anterior, o discurso indireto e o discurso direto também são estratégias utilizadas pelos enunciadores para trazer um valor de objetividade ao discurso. No entanto, como vimos acima, a objetividade não passa de um efeito, de uma ilusão. Diz Authier-Revuz (1998, p.148-149), que nenhum discurso relatado, “por mais longa e minuciosa que seja a descrição de enunciação dada” por um locutor, “pode ser considerado como restituição ‘completa’, fiel, de outro ato de enunciação que ele tenha como objeto”. Conforme a autora, com o discurso direto, existe uma “ficção de apagamento, uma ostentação de objetividade”, pois este é constituído por um sujeito que se apresenta como alguém que não interfere no que está sendo “reproduzido”. Isso possibilita ao sujeito apenas esconder-se atrás do que cita, o que torna esta nova enunciação, conclui a autora, “inevitavelmente, parcial e subjetiva”.

Os apelos à autoridade e personalidade, segundo Peruzzolo (2004, p.164), também “constituem valores de objetividade”, ou seja, também podem contribuir para a construção do efeito de sentido de objetividade, pois, ao serem trazidos para dentro de um discurso, acredita-se que eles estejam falando a verdade, que seu dizer tenha importância, que não são capazes de mentir ou enganar o leitor.

Já o efeito de sentido de subjetividade é constituído através de pronomes de 1ª e 2ª pessoa (singular e plural), pronomes possessivos, advérbios de modo e ajuizamentos (Peruzzolo,

2004). Fiorin (2012, p.68) acrescenta outra estratégia para a produção do efeito de subjetividade: “utilizar a primeira pessoa do singular no lugar de terceira” e dá o seguinte exemplo: “Aqui, neste país, se eu precisar do SUS, estou perdido”. O “eu”, utilizado pelo autor no exemplo, serve para dizer que além dele todo sujeito que precisar do SUS terá dificuldades.

Apresentam-se, agora, quatro figuras discursivas<sup>45</sup>: – o narrador, o locutor e o observador e o aviador – que são “mecanismos constituídos entre os lugares dos sujeitos do discurso – enunciador e enunciatário. É o leitor (ouvinte e/ou espectador) que os põe em movimento. O destinador os constitui e o destinatário lhe dá vida” (PERUZZOLO, 2004, p.162). A utilização dessas figuras é uma estratégia discursiva, que, segundo o autor, dispersa o sujeito no discurso e afasta-o da responsabilidade pelo dizer.

A figura do narrador pode aparecer no discurso em primeira e em terceira pessoa. Ao narrador é atribuído “o dever e o poder de narrar o discurso” no lugar do sujeito da enunciação – o enunciador (Barros, 2010, p.57). Ao narrar o discurso em primeira pessoa, produz-se o efeito de proximidade (subjetividade). O enunciado torna-se parcial, no entanto, o narrador fabrica a ilusão de credibilidade, pois, “simula a narração do fato acontecido e da experiência por quem os viveu ou presenciou ou os experimentou” (PERUZZOLO, 2004, p.162).

Já o locutor recebe o papel de porta-voz do discurso, é uma posição assumida pelo jornal, para eximir-se da responsabilidade pelo dito, para produzir o efeito de afastamento/objetividade. Normalmente, está atrelado à utilização de verbos em terceira pessoa. Como esclarece Peruzzolo (2004, p.163), não é o indivíduo que fala em um discurso, mas o enunciador e até o dispositivo de enunciação “enrolado no papel discursivo desempenhado pelo locutor”.

Quanto à figura do observador, Barros (2010, p.58) afirma que ele também é delegado da enunciação e cabe-lhe “determinar um ou mais pontos de vista sobre o discurso e dirigir seu desenrolar”. Pode-se dizer que ele interpreta uma situação e apresenta sua visão através do enunciado.

Já o aviador é, como diz Charaudeau (2012, p.55), “uma espécie de testemunha direta e viva de uma realidade social”. Sua credibilidade, segundo o autor, depende da importância que lhe é dada pelo destinatário.

Charaudeau (2012, p.58) afirma que o sujeito comunicante fabrica “para si mesmo diversas imagens de enunciador”. Entendemos, então, que a mutação observada do enunciador em outros personagens é um jogo estratégico da fala.

---

<sup>45</sup> Há outras mais: o reconhecedor, o instrutor, por exemplo.

Através da análise dos efeitos de enunciação e das estratégias que os constituem podemos ver o modo como o enunciador relaciona-se com sua fala e o modo como posiciona-se no discurso. Salientamos que o lugar da enunciação é ocupado por uma série de sujeitos transmutados em figuras, as quais desenvolvem saberes, ideias, hipóteses, conclusões que constituem um texto sobre aquilo de que se fala, no caso, a violência no futebol. Com a análise dos efeitos de enunciação, podemos reconhecer essas figuras nas quais um sujeito enunciador transforma-se. São essas figuras que fazem os valores circulararem.

Assim sendo, quando falamos de efeitos de sentido de enunciação, propomo-nos a identificar e analisar como, em termos de arrumação do discurso, o enunciador desenvolve o assunto da violência no futebol. Através deles, encontramos as formas utilizadas por um sujeito para esconder-se (objetivação do dizer) ou mostrar-se (subjetivação do dizer) dentro de enunciados referentes à violência no futebol.

#### 1.4.1.3 Efeito de sentido de tematização e a figurativização

Os efeitos de sentido de tematização são os mais complexos entre aqueles aqui apresentados, pois é através deles que os sentidos são investidos e reiterados em temas e subtemas num enunciado. Tais efeitos são produzidos por meio de um fluxo temático (traços, cadeia de ideias - plano abstrato) e fluxos figurativos (formas peculiares de tematização – plano concreto). Ambos os fluxos visam à elaboração de argumentos, informações, pensamentos, sentimentos e valores. Os efeitos de tematização constroem outros efeitos, como o de ficção, por exemplo, e aparecem seguidamente conectados com os efeitos de realidade e de enunciação, pois deles são constituintes e podem ser constituídos por eles.

Parte-se do princípio de que, na relação de comunicação, o enunciador realiza um investimento persuasivo em determinado enunciado, já o destinatário possui um papel interpretativo, realiza um processo de leitura com intuito de elaborar sentidos para sua própria vivência e usufruir daqueles valores, ideias, pensamentos que foram disponibilizados através de estratégias discursivas pelo enunciador. Conforme Bakhtin (1986, p.142), “Se o discurso ignorasse totalmente o destinatário (um tipo impossível de discurso, é claro), a possibilidade de decompô-lo em constituintes seria próxima de zero”. O enunciador pensa o enunciado de maneira estratégica, constitui-o com intuito de guiar o destinatário no processo de interpretação.

De acordo com Barros (2010, p.68), os valores, no nível discursivo, são “disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos. A disseminação dos

temas e a figurativização deles são tarefas do sujeito da enunciação”, no caso, do enunciador. Os valores são manuseados dessa maneira para que possam, segundo os dizeres de Peruzzolo (2004, p.185), constituir e “assegurar efeitos de sentido”.

Para a tentativa de explicação sobre a constituição do efeito de sentido de tematização, inicia-se pela definição de tema. De acordo com Fiorin (2009, p.91), temas são palavras e expressões que não remetem ao mundo natural, os temas “são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural”. Peruzzolo (2004) acrescenta que os temas fazem referência a valores, os quais podem ser manuseados, afirmados e determinados pelos sujeitos humanos e estruturados em um texto. O tema é tido como um assunto, o qual “é uma ideia ou núcleo delas que sustenta um pensamento sobre o modo de ser, fazer, crer, sentir e/ou pensar de um sujeito ou objeto ou função” (PERUZZOLO, 2004, p.191). Os valores são organizados em percursos temáticos e sua formulação ocorre de modo abstrato através da disseminação de temas, ou seja, da tematização (BARROS, 2010). De forma resumida, Peruzzolo (No prelo) afirma que os efeitos de sentido de tematização são produzidos por determinado conjunto de ideias, são dados pelos modos de dizer, de compor, organizar uma informação e podem recorrer a investimentos figurativos:

Ao desenvolver um tema (...) o enunciador tece o discurso com uma trama de argumentos, que são diferentes temas que se imbricam para estruturar os valores de condutas, sentimentos e pensamentos (...) com o intuito de produzir efeitos de sentido, que permitam auferir um princípio moral, pois, fundamentalmente o que um enunciador pretende é fazer o destinatário acreditar nos valores que sustentam o discurso, que propõe.

A função de remeter a algo existente no mundo natural cabe às figuras, tidas como “todo conteúdo de qualquer língua ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural” (FIORIN, 2009, p.91). Exercem essa função, por exemplo, os substantivos concretos, verbos que, geralmente, indicam ação e adjetivos relacionados a qualidades físicas. Dessa forma, estão também muito ligados à construção dos efeitos de sentido de realidade:

O discurso figurativizado resulta da construção do sentido efetuada pelo sujeito da enunciação, trabalho esse representado sob a forma de percurso gerativo. O discurso não é a reprodução do real, mas a criação de efeitos de realidade, pois se instala, entre o mundo e o discurso, a mediação da enunciação. (BARROS, 1988, p.117).

Para a autora, é um processo de fazer-criar idealizado por um enunciador, no qual o enunciatário realiza seu próprio juízo sobre as figuras do discurso utilizadas e a que elas remetem.

Barros (2010, p.72) afirma que, por meio do procedimento de figurativização, as “figuras do conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial”<sup>46</sup>. Tem-se, então, que tema é abstrato e figura é concreta. O investimento figurativo é responsável pela concretização gradual de determinado tema. O processo de figurativização de um discurso serve ainda para dar um acréscimo de qualidade e investir determinado tema.

Segundo Fiorin (2009), pensando os procedimentos de tematização e figurativização, nota-se que existem discursos temáticos e figurativos<sup>47</sup>, os quais geralmente aparecem imbricados, pois não há a existência de discursos exclusivamente temáticos ou figurativos, o que ocorre é a predominância de um sobre o outro. Mesmo quando se toma um texto recoberto por figuras, é preciso desvendar o tema que provocou a sua utilização, pois as figuras, para adquirirem sentido, “precisam ser a concretização de um tema” (FIORIN, 2009, p.92). Assim sendo, para o autor, “não há texto figurativo que não tenha um nível temático subjacente, pois este é um patamar de concretização do sentido anterior à figurativização” (2009, p.94).

No procedimento de análise dos efeitos de tematização e da figurativização, é preciso ter em mente que, antes de tudo, o texto é um tecido, uma composição, dotado de intuítos e estratégias. O tema de um discurso é constituído por subtemas, também chamados temas menores. Na análise, deve-se compreender a relação que existe entre o tema central e subtemas, pois estes são constituintes daquele. A mesma atenção deve ser dada à análise das figuras, as quais constituem uma trama que só é compreendida se analisado o conjunto das figuras e suas relações. As figuras, como já foi dito, possuem importância fundamental para a constituição de um tema. Devido a isso, é fundamental que se identifique a qual tema elas estão atreladas, lembrando sempre que um tema pode ser construído por figuras variadas, enquanto as mesmas figuras podem construir temas diferentes.

Para Peruzzolo (No prelo), o discurso é uma teia de fios temáticos. Por conseguinte, o discurso é uma composição. Os termos vão se repetindo e remetendo a outros ao longo da

---

<sup>46</sup> De acordo com a autora “Os temas espalham-se pelo texto e são recobertos pelas figuras. A reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso denominam-se isotopia. A isotopia assegura, graças à ideia de recorrência, a linha sintagmática do discurso e sua coerência semântica (...). A isotopia temática decorre da repetição de unidades semânticas abstratas, em um mesmo percurso temático (...) A isotopia figurativa caracteriza-se pela redundância, pela associação de figuras aparentadas. A recorrência de figuras atribui ao discurso uma imagem organizada e completa da realidade” (2010, p.74).

<sup>47</sup> Os discursos temáticos e os discursos figurativos possuem funções diferentes. Os figurativos “têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa. Aqueles são feitos para simular o mundo; estes, para explicá-lo” (FIORIN, 2009, p.91).

construção de uma reportagem, de um artigo de opinião, de um editorial com intuito de dar integridade, unidade ao texto.

Dessa forma, tentar desvendar os sentidos e os valores dados à violência no futebol, pelo jornalismo esportivo impresso, passa pela análise e identificação de estratégias discursivas, as quais produzem e organizam efeitos de sentido, pelos lugares que são atribuídos aos sujeitos no discurso, pelas vozes presentes nos textos e pela relação com outros discursos.

Encerramos esta parte dos efeitos de sentido com duas concepções muito importantes. A primeira delas refere-se a nós, como analistas, que, de uma maneira ou de outra, fazemos parte do conjunto de destinatários imaginados por quem produz um discurso. Dessa maneira, podemos interpretar de modo diferente o que é dito, de modo diferente de outros destinatários, de outros pesquisadores, bem como de modo diferente daquele imaginado pela instância produtora do discurso. A segunda é que nossa análise resulta em um novo texto. No entanto, como afirma Charaudeau (2012, p.15), “não é mais do que um novo texto a respeito de um outro texto, que depende, por sua vez, de um outro texto, que depende, por sua vez, de outro texto, etc.”, o autor diz ainda que “todo sujeito que estuda a linguagem é incapaz de ‘se curto-circuitar’ enquanto *sujeito analisante*”.

O nosso texto, portanto, está sempre circunscrito por outros textos, depende de outros textos e é constitutivo de outros textos, compondo um fluxo contínuo e infinito. Baseada no dialogismo bakhtiniano, Authier-Revuz (1990, p.27) assinala que toda palavra está “carregada”, “ocupada”, “habitada” e “atravessada” por outros discursos e pelo discurso do outro (pela voz dos outros), assim, todo discurso possui um caráter heterogêneo. Authier-Revuz (1998, p.122) afirma também que o receptor não é um alvo exterior, “mas sim um co-enunciador incorporado à produção do enunciado”. Não há a possibilidade de ser a fonte-primeira de um discurso, pois o outro é uma condição constitutiva do discurso de um dado sujeito.

#### **1.4.2 Sistematização do *corpus***

Salientamos que, no que se refere à violência no futebol, a análise recai sobre uma pequena parte de tudo que é elaborado e construído pela mídia esportiva impressa. Admitimos, assim, a inquestionável impossibilidade de analisar tudo que é noticiado sobre o assunto. A análise e os respectivos resultados e reflexões recaem, portanto, sobre um *corpus*, elaborado através dos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora. O *corpus* é constituído por textos jornalísticos que abordam a questão da violência no futebol. Destaca-se, como vimos

anteriormente, através de Mouillaud (1997) e Charaudeau (2006), que os textos jornalísticos impressos estão imbricados em uma série de dispositivos mais amplos. Desse modo, são passíveis de influenciar e serem influenciados, por exemplo, pelo dispositivo jornalismo impresso, pelo dispositivo midiático e pelo dispositivo cultural de um determinado povo.

De modo inicial, os textos (reportagens, notícias, artigos de opinião, colunas) foram divididos de acordo com as principais manifestações de violência existentes no futebol, sendo elas: entre torcedores de clubes adversários; entre torcedores do mesmo clube de futebol; entre torcedores e jogadores; vandalismo contra o patrimônio dos clubes (quebras de cadeiras no estádio, depredação de lojas, por exemplo) e entre torcedores e policiais. Dentro dessas abordagens principais, foi possível encontrar outras relacionadas a elas como: evitar ou solucionar problemas; possibilidade e medo da violência; problemas sociais que atingem o futebol; consequência de atos violentos; segurança nos estádios e arredores.

As referidas abordagens foram identificadas ao longo de 125 textos recolhidos dos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora, entre os meses de agosto de 2012 e maio de 2013. O referido período coincide com a segunda metade do Campeonato Brasileiro de Futebol e com as primeiras fases da Copa Libertadores da América. Através dos textos, tentamos identificar como as estratégias discursivas constituem efeitos de sentido, afirmam e manuseiam valores sobre determinado assunto e levam as pessoas a consumirem um produto jornalístico.

A escolha por trabalhar com jornais justifica-se através dos seguintes dizeres de Landowski (1992, p.117-118): “o jornal se caracteriza como um instrumento excepcionalmente poderoso de *integração* dos múltiplos universos de referência que ele toma como objeto”. O jornal tem a capacidade de informar sobre tudo, mesmo que, por vezes, de forma reduzida e, possibilita vários vieses de leitura e análise, como diz o autor: “Discurso plural, o jornal, talvez, mais que qualquer outro discurso social, se presta a uma enorme diversidade de abordagens, que podem dizer respeito tanto aos conteúdos ideológicos como às estruturas narrativas ou as estratégias de discurso que aí se manifestam”.

Como afirma Charaudeau (2006, p.59), “Se as manchetes dos jornais são diferentes, é porque, para se diferenciar do concorrente, cada jornal deve produzir efeitos diferentes”. Isso ajuda-nos a explicar o motivo de selecionarmos textos sobre o mesmo assunto produzidos por mais de um veículo de comunicação, no caso, Jornal Folha de São Paulo e Jornal Zero Hora.

O Jornal Folha de São Paulo foi fundado no ano de 1921, pertence ao Grupo Folha e, segundo dados do mês de fevereiro de 2013, divulgados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), é o maior jornal de circulação do Brasil com uma média diária de 298.112 exemplares.

O pico de circulação é atingido aos domingos com 322.395 exemplares. O jornal possui cerca de dois milhões de leitores, dos quais 54% são do sexo masculino e 55 % pertencem a classe B. Os assuntos relacionados ao esporte são divulgados de segunda a domingo no formato tabloide.

O Jornal Zero Hora foi criado na cidade de Porto Alegre, no ano de 1964, e passou a pertencer ao grupo RBS em 1970. Zero Hora é o maior jornal do Rio Grande do Sul e da região Sul do Brasil e o sexto do país em circulação média diária com 184.674 exemplares<sup>48</sup>. Atinge o pico de circulação aos domingos com cerca de 248 mil exemplares. O jornal possui cerca de um milhão e quatrocentos mil leitores, dos quais 52% são do sexo feminino e 58% pertencem a classe B. Os assuntos sobre esporte são divulgados na segunda, no formato caderno, e de terça a domingo no formato seção.

Recebem destaque em nosso estudo, a análise de estratégias discursivas e efeitos de sentido presentes na cobertura referente a morte do garoto boliviano, torcedor do São José de Oruro, Kevin Espada, o qual foi atingido por um sinalizador marítimo arremessado por um torcedor do Sport Club Corinthians Paulista, em um jogo realizado entre os dois times pela Copa Libertadores da América de 2013, na cidade de Oruro, na Bolívia. Contabilizamos 34 textos jornalísticos que trataram do acontecimento em nosso *corpus*. A análise dos textos sobre o referido acontecimento acontecerá no item “De São Paulo a Oruro”.

Outro destaque refere-se às torcidas organizadas. Dedicamos um item, denominado “Torcidas e torcedores violentos, em Xeque”, para textos que mencionam ações violentas de torcedores e de torcidas organizadas, bem como para textos que tratam do medo causado por eles, das consequências dos atos, dos benefícios que recebem dos clubes, da importância que têm para os clubes, do segmento “infiltrados” que atua nas torcidas organizadas e das tentativas de solução para o problema. Nesse item, incluímos, por exemplo, a violência entre membros de torcidas organizadas do Grêmio Football Porto-Alegrense e os constantes conflitos causados por alguns torcedores do Palmeiras.

Ressaltamos que pretendemos abordar as divisões elaboradas no segundo parágrafo desse item sobre as manifestações de violência no futebol no interior dos três destaques apontados anteriormente.

---

<sup>48</sup> Dados do IVC ao término do ano de 2012.

## **2 OS JOGOS DO FUTEBOL E A VIOLÊNCIA**

O presente capítulo visa, através de investimento teórico, a apresentar vínculos estabelecidos entre futebol, cultura, sociedade e o jornalismo esportivo, bem como, os vínculos desse imbricamento com a violência que circunscreve o referido esporte, mais especificamente, a violência envolvendo os espectadores e as torcidas organizadas. O investimento teórico proposto é fundamental para que consigamos atingir o último objetivo específico estabelecido para esta investigação: refletir sobre as relações existentes entre a violência no futebol, mídia e sociedade.

### **2.1 APROXIMAÇÃO ENTRE FUTEBOL, CULTURA E SOCIEDADE**

Pensando o fenômeno da comunicação como uma relação, um encontro com o outro, como já explicitamos no capítulo inicial dessa investigação, Peruzzolo (2006, p.139) afirma que:

... quando o homem escolhe uma relação e ela lhe é agradável, prazerosa, e mesmo útil, ele passa a privilegiar essa relação. Quando privilegia uma dada relação, ele deseja e trabalha para que ela dure, permaneça, e, permanecendo, ela se torna um uso, um costume, um hábito. Então, vai haver fixação, estabelecimento desse modo de ser para maior continuidade dele.

Ao nosso entender, em alguns aspectos, este pensamento é muito explicativo se o aplicarmos também ao futebol. Pelo fato de ser um lazer prazeroso e agradável foi transformado em uma atividade cotidiana. Mesmo enfrentando algumas resistências, como é natural a todo e qualquer fenômeno em desenvolvimento, a rápida aceitação por parte de espectadores e praticantes, bem como o interesse dos governos e da imprensa culminaram na consolidação e na institucionalização de um fenômeno cultural extremamente popular. Sendo um fenômeno integrante de um processo social complexo, enfrenta a influência de modelos culturais já consolidados e daqueles que buscam consolidação; ao mesmo tempo, promove o intercâmbio

de variadas culturas e, por possuir características que lhe são específicas, desenvolve modos de atuação sobre o todo.

Normatizado e esportivizado na Inglaterra por volta da metade do século XIX, o futebol, novo lazer para a sociedade da época, não demorou a atingir a maioria dos países europeus, os quais, seguindo os moldes da *Football Association*, desenvolvida pelos ingleses, estruturaram suas próprias federações.

Ao Brasil, chegou na última década do século XIX, tendo como principal polo de desenvolvimento as elites do Rio de Janeiro e São Paulo. Transformou-se em uma “moda elegante”, segundo Wisnik (2008, p.200-201), logo na primeira década do século XX. Hoje multicultural e diversificado, era, nos primeiros tempos, dominado pela elite aristocrática, que transportando esse “timbre” ao jogo, como diz o autor, pensava estar nos conformes culturais dos ingleses. Todavia, enquanto o futebol brasileiro ainda engatinhava e impedia que cerca de metade da população praticasse-o (negros e mulatos), o esporte na Inglaterra contava com ampla participação de pessoas de classes menos abastadas.

Investigações como as de Kischinhevsky (2004) e Toro (2004) mostram que desde os primeiros jogos, o futebol já chamava a atenção da imprensa. Com efeito, era visto como uma atividade dotada de grande poder de sociabilização que logo se tornou um objeto de consumo, embora, na época, apenas das elites. O panorama aristocrático do futebol brasileiro começou a mudar em meados dos anos 1920 e início dos anos 1930. A “abertura das portas” dos clubes para negros, mulatos e operários<sup>49</sup> e o início de um processo de profissionalização dos clubes, já existente na Inglaterra desde o final do século XIX, culminaram na popularização do esporte no país, mesmo com uma forte resistência por parte das elites.

Ainda em meados dos anos 1930, segundo os autores, iniciou um processo de modernização do Brasil, sendo o esporte, especialmente o futebol, uma das principais justificativas para tal. Além do mais, houve um desenvolvimento acelerado da classe operária, a qual precisava ter condições para frequentar os estádios. O incentivo ao futebol, logo elevou-o à condição de paixão nacional. Consequentemente, tornou-se um exemplo de unidade nacional, constituindo um *ethos* nacional. Cabe ressaltar que o governo da época passou a fazer exigências para que as torcidas tivessem um comportamento apaixonado por um clube e, principalmente, pela seleção brasileira.

Simple de ser jogado, fácil de ser compreendido, com poucas e práticas regras. No entanto, a mesma facilidade e simplicidade complexifica-se quando começamos a pensar, como

---

<sup>49</sup> Merece destaque o Clube de Regatas Vasco da Gama do Rio de Janeiro, que foi o primeiro a fazê-lo.

diz o título deste capítulo, nos jogos do futebol. Jogos, segundo Murad (2007, p.16), “históricos, sociais, culturais e simbólicos” que fazem do futebol um abrigo para “redes de sentidos articulados, territórios metalinguísticos”.

Abordagem semelhante é apresentada por Wisnik (2008, p.14), quando diz que o futebol “comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo”. Caracterizado pela simplicidade, praticidade, acessibilidade e diversidade, o futebol desenvolveu-se como um espaço multicultural, multifacetado, além de atrair imensa popularidade. Com efeito, o esporte supracitado é pensado pelo autor como “o nó cego em que a cultura e a sociedade se expõem no seu ponto ao mesmo tempo mais visível e invisível” (idem).

Conforme Wisnik (2008, p.398-399), o futebol destaca-se entre os esportes coletivos, pois “teve a originalidade de instaurar uma narrativa fluida, menos quantificável, mais interpretável, mais receptiva à expressão das diferenças culturais, e, nesse sentido, mais ‘multicultural’ que a dos outros esportes modernos”. Sua prática simples e acessível fez com que atravessasse e interligasse culturas e grupos sociais variados. Com efeito, tem a capacidade de fazer interagir “múltiplas lógicas de maneira polêmica, polissêmica e internamente articuladas”.

Assim sendo, o futebol pode funcionar como um estrato representativo capaz de ajudar na explicação e na compreensão de uma sociedade. No entanto, a concepção de “metáfora da sociedade”, adotada por Murad (2012; 2007), não é compartilhada por Wisnik (2008, p.66). Este último, ao interpretar o pensamento de Vicente Verdú<sup>50</sup>, afirma que o escritor espanhol pensa o futebol “como *mimese*<sup>51</sup>, isto é, como representação do jogo social, (...) um teatro tragicômico que engendra suas formas *em contraponto*<sup>52</sup> com a história social”, desse modo, não comete o “equivoco de pensar o futebol diretamente como ‘metáfora’ – ou espelho – da sociedade”. O futebol tem, em sua visão, um “caráter metonímico, de índice interno do processo social”, que lhe possibilita influir e ser influenciado pelo todo. Desse modo, aparece composto por condições de influência internas<sup>53</sup> e externas, em que suas qualidades e seus problemas advêm da intersecção tanto de características já existentes e que, ao longo do tempo, transformam-se na sociedade, quanto de características que são intrínsecas do próprio futebol.

---

<sup>50</sup> Escrito espanhol, autor de “*El fútbol: mitos, ritos y símbolos*”.

<sup>51</sup> Grifo do autor.

<sup>52</sup> Grifo do autor.

<sup>53</sup> As condições de influência internas abrigariam, como diz Wisnik (2008), certa mitologia, no modo como propõe Roland Barthes.

Pelo fato de constituir uma das esferas da sociedade, podemos dizer que o futebol é fortemente influenciado por forças sociais, como a hipercomercialização de que trata Dunning (2008) ou ideologias políticas e publicitárias. Forças que, aliadas a valores como da paixão, da emoção, da competição, do lazer e do prazer, fazem do futebol um esporte que envolve bilhões de pessoas e variados recursos humanos e financeiros voltados, especialmente, para a prestação de serviços. No entanto, no entendimento de Wisnik (2008), elas não fazem tal esporte perder certa autonomia, a qual está ligada a um panorama ritualístico, mitológico, mesmo que os limites entre ambos (forças sociais e panorama ritualístico) sejam muito tênues.

Com efeito, o futebol moderno é um extenso imbricamento constituído, segundo Wisnik (2008, p.161), por “uma operação da ciência e da tecnologia, da mitologia inconsciente e da mitologia ostensiva: a publicidade”. Ou seja, os princípios valorativos sobre os quais o futebol constitui-se, como apresentamos anteriormente, aliados a uma lógica publicitária e capitalista fazem do futebol um integrante, segundo o autor, “de uma grandiosa obra de ‘reengenharia’ do inconsciente humano”. Nesta o referido esporte mantém uma circulação constante entre atletas, equipamentos e serviços, por exemplo, com as mais variadas marcas em virtude de ter uma capacidade persuasiva que possibilita aos sujeitos reconhecerem determinados valores ali propostos. Tornou-se constante pensar e afirmar a confusão entre imagem pessoal e a imagem dos ídolos e das marcas, que levam, por consequência, a uma ilusão de apagamento de uma identificação natural com o futebol. Entretanto, de acordo com o autor, tais forças, apesar de influenciarem, não são capazes de sobrepor-se àquela autonomia sobre a qual falamos anteriormente, ou seja, não se sobrepõem às condições internas do futebol, baseadas na imprevisibilidade, no imponderável, na capacidade de promover e desenvolver a individualidade e a coletividade.

## 2.2 O FENÔMENO SOCIOCULTURAL DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

No entendimento de Murad (2012, p.99-101), o futebol é comumente tratado como um ritual de “violência simbólica”, uma violência indireta, sendo integrante de um processo civilizacional que “evita e esvazia a violência direta”. Por apresentar, como essência, a coletividade e ser muito popular, frequentemente, funciona como um fenômeno voltado à não violência, dimensão esta que, como diz o autor, é muito maior que a dimensão oposta, a da violência. No entanto, real e simbólico são faces de uma mesma moeda, e estão separados, ao menos no fenômeno da violência no futebol, por um “frágil limite” que, segundo o autor, ajuda

a explicá-lo: “Potencialmente, a violência estaria sempre pronta a emergir e a ultrapassar as fronteiras da ordem, da lei, das regras, do controle social (...) é sempre uma possibilidade humana, além de uma possibilidade social”. Pensando o futebol, Wisnik (2008) diz que ele possui certa autonomia, ligada às suas condições internas de existência que, como já demonstramos, colabora na tentativa de compreensão do fenômeno da violência que atinge o esporte. Todavia, baseados em Murad (2012), dizemos que a violência, especialmente aquela praticada pelos espectadores, encontra explicações mais sólidas através da influência exercida pela sociedade. São as circunstâncias sociais que a tornam uma manifestação real. Sendo um índice interno do processo social, como trata o próprio Wisnik (2008), o qual enfrenta variadas situações de violência, como nos apresentam, por exemplo, Maffesoli (1987) e Sodré (2002), o futebol<sup>54</sup> é atingido pela violência existente na sociedade como um todo, conforme nos diz Elias (1992).

A sociedade, sabendo da onipresença da violência e seguindo um processo de civilização, conforme Elias (1992), sempre tentou controlar os excessos ou aquilo que a condicionava. Destacamos que o Estado, conforme o autor, teria contribuição essencial ao potencializar formas de controle dos impulsos – formas resultantes de uma “disposição biológica” de controle desses impulsos e das experiências (disposição social, processos de aprendizagem) dos indivíduos ao longo de suas vidas e que possibilitam sua sobrevivência. A segunda parte de nossa frase anterior remete ao comportamento humano. Sobre este, gostaríamos de apresentar, rapidamente, a concepção básica do pensamento de Ashley Montagu ao escrever sobre a natureza da agressividade humana, tema que dá título a uma de suas obras. A tese defendida pelo autor norte-americano baseia-se no fato de que toda forma de comportamento está calcada na interação entre experiência e constituição genética, recebendo primazia em importância, ao que parece, a primeira: “o tipo de comportamento de um ser humano em qualquer circunstância não é determinado por seus genes, se bem que obviamente exista uma contribuição genética, mas sim pelas experiências que acumula ao longo de sua vida em interação com esses genes” (1978, p.11-12)<sup>55</sup>. Em nosso entendimento, Elias (1992, p.95-

---

<sup>54</sup> Sempre lembrando que ele possui uma espécie de violência interna oriundo do seu caráter competitivo.

<sup>55</sup> Ao longo de sua obra, o autor enfatiza a necessidade de pensar essa interação. Separamos dois trechos complementares que demonstram isso: “Não negamos nem por um momento que exista uma contribuição genética para quase toda forma de comportamento. Mas negamos que o comportamento específico dos seres humanos seja determinado geneticamente. As potencialidades são genéticas em sua origem. O talento para a música, por exemplo, parece ser herdado. Já a capacidade de tocar piano, uma forma específica de comportamento humano, não: ela é adquirida” (1978, p.16); “Isso não se aplica apenas ao nosso músico, que combina seu talento herdado, os traços de sua personalidade e a influência de seus pais, professores, amigos, críticos e ouvintes para transformar-se em artista; o mesmo se aplica a todos nós, que combinamos todos esses fatores, e talvez outros, em nosso comportamento” (1978, p.21).

98) também reconhece a necessidade de pensar essas duas variáveis. Notamos, entretanto, especialmente no que se refere ao controle dos impulsos e das tensões, que tal controle só se estabelece através de processos de aprendizagem, através de experiências e tem a possibilidade de ser integrado na “estrutura humana”, na opinião do autor, em virtude da “constituição natural dos seres humanos” possuir, “como parte integral, uma disposição biológica de controle dos impulsos”, os quais também possuem “um potencial para serem contidos, desviados e transformados de variadas maneiras”. Além do mais, coloca em xeque a vida em sociedade (em moldes semelhantes aos atuais) caso não existissem essas formas naturais de controle. Como dissemos, a variável da experiência, de meios de aprendizagem também é posta como fundamental por Norbert Elias, porém, não parece ganhar a importância que ganha em Ashley Montagu<sup>56</sup>.

A inibição por parte de uma civilização desses impulsos, especialmente os agressivos, como trata Rosa (2005, p.99), pode ter seu valor de não violência subvertido quando o objetivo de instituições e Estado é a imposição da ordem, A “violência mais perigosa”, diz a autora, baseada em Michel Maffesoli, “é a das instituições e do Estado que lhes dá sustentação”.

Por conseguinte, a relação entre Estado, violência e controle é complexa e merece atenção. Apresentamos aqui alguns pontos. Maffesoli (1987, p.17) destaca, por exemplo, que essa espécie de “violência monopolizada, que pretende ser a negação da violência julgada demasiadamente natural” pode inspirar “uma organização social (...) asséptica e banal em todas situações”. Autores como Sodré (2002) e o próprio Maffesoli (1987), colocam o Estado como uma das modulações da violência<sup>57</sup>. Através dele, ao invés de uma potencialização do autocontrole dos indivíduos e dos grupos sociais, o que possibilitaria comunidades com maior capacidade de autogerenciamento, tem-se a ligação direta entre controle e repressão, na qual a violência seria um dos modos de chegar ao poder ou mantê-lo, assim como impor a ordem. Cabe o destaque também a Peruzzolo (1990, p.82) que diz o seguinte: “Não há razão para lavar do estado suas marcas de violência, somente pelo fato de unir pessoas nele. Com frequência, a violência é contra aqueles a quem ele se dispôs a defender. O estado, que gera o cidadão, é o mesmo que, hoje, com frequência, o inviabiliza”. Posicionamento semelhante é o apresentado por Sodré (2002, p.8), para o qual o fenômeno da violência gerou um campo intelectual que não deve ficar aos cuidados exclusivos “do grande detentor do monopólio legal da violência (o

---

<sup>56</sup> Salientamos que necessitaríamos de um conhecimento maior sobre o fenômeno para irmos além da apresentação do pensamento dos autores. Trazemos tais contribuições pois pensamos que elas ajudarão a refinar as análises em relação aos valores que são postos em circulação pelo jornalismo esportivo ao tratar a violência no futebol.

<sup>57</sup> Esta modulação é composta pela violência dos poderes instituídos: órgãos burocráticos, Estados e Serviço Público (MAFFESOLI, 1987, p.17).

Estado), pois este – com suas estruturas de omissão, impunidade, corrupção e violações das regras comezinhas de cidadania – é o maior responsável pela disseminação da insegurança e do medo”. Para Maffesoli (1987), a monopolização da violência pelo Estado é uma ameaça e a violência racionalizada transforma-se em agressividade incompreensível. A força solidária e comunitária, segundo os autores, deveria ser o regente deste campo intelectual.

Um aspecto interessante em relação ao Estado também é apresentado por Wisnik (2008, p.55), baseado em Eric Hobsbawn<sup>58</sup>. O enfraquecimento “do valor simbólico do Estado e do reconhecimento da representatividade da lei” contribui para o aumento da violência, inclusive no futebol, muito em razão da impunidade e da injustiça, por exemplo. Ou seja, ele perde a capacidade e deixa de ser visto como uma instituição capaz de garantir a segurança, o lazer e a diversão que são direitos fundamentais do ser humano.

A hostilidade é uma realidade inerente aos seres humanos<sup>59</sup>. Desse modo, o fenômeno da violência é constante na vivência humana, além de ser complexo. Por consequência, há necessidade de entendê-lo e, sobretudo, aprender a conviver com ele,

*Volens nolens*<sup>60</sup> a violência sempre está presente; antes de condená-la de uma maneira rápida demais, ou ainda, negar sua existência, é melhor ver de que maneira pode-se negociar com ela. Que forma de artifício pode-se empregar com relação a ela. É a partir de um princípio de realidade desse que é possível apreciar a qualidade de equilíbrio maior ou menor que caracteriza cada sociedade... Consciente da onipresença da violência, da sua conformidade com o fato social, é preciso negociar, ser astuto, ‘amansá-la’, socializá-la. (MAFFESOLI, 1987, p.14-18).

A complexidade e dificuldade em analisar o fenômeno resultam do fato dele ser plural, ou seja, estar aberto à circulação de diversos valores, inclusive antagônicos e, despertar variados significados, conforme constata o autor francês. Desse modo, suas formas (modulações) são conhecidas como apresentam Maffesoli (1987) e Sodré (2002), já suas causas e soluções são de difícil apreensão. Não obstante, além de possuir um caráter destrutivo, apresenta também um caráter construtivo, que se origina, muitas vezes, do primeiro, conforme abordagem de Michel Maffesoli<sup>61</sup>.

A respeito das modulações, o autor apresenta três: a primeira, sobre a qual já falamos, é a dos poderes instituídos; a segunda é a violência anômica, a qual, pensa o autor<sup>62</sup>, é “reveladora de uma desestruturação social”, que, por conseguinte, “invoca uma nova construção”, podendo,

<sup>58</sup> Eric Hobsbawn, “A ordem pública em uma era de violência”.

<sup>59</sup> Maffesoli (2007) apoiado em SCHMITT, C. *La notion du politique*, Calmann-Lévy, p.51.

<sup>60</sup> Expressão latina que significa “querendo ou não querendo”.

<sup>61</sup> Ver Capítulo I – Dinâmica da violência – do livro homônimo, publicado pela Editora Vértice em 1987.

<sup>62</sup> Maffesoli (1987, p.21).

dessa forma, assumir um caráter construtivo; já a terceira é a violência banal, através da qual o autor aborda a resistência da massa, que pode ser eficaz, em virtude de ser fundada em conjunção com uma “solidariedade orgânica” no enfrentamento às “imposições sociais e naturais”<sup>63</sup>.

Já Sodré (2002) aborda a violência em termos de quatro modalidades: a primeira é a violência anômica, que engloba e origina a fúria, os crimes, os assaltos, os massacres, os homicídios e é “entendida como a ruptura, pela força desordenada e explosiva da ordem jurídico-social, e que pode eventualmente dar lugar à delinquência, à marginalidade ou aos muitos ilegalismos coibíveis pelo poder do Estado”<sup>64</sup>. Destacamos que esta modalidade corresponde à segunda modulação apresentada anteriormente, não apenas em seu modo de manifestação, mas também quanto ao seu caráter construtivo, conforme diz Sodré (2002, p.16): “... o ato comporta resposta, entrando, portanto, na dimensão da luta, que integra a dinâmica de toda estruturação social”. Essa modalidade de violência, além de causar impacto na estrutura social existente, carrega consigo, como diz Maffesoli (1987, p.40), “a esperança de uma estruturação social alternativa”.

A segunda modalidade é chamada pelo autor de violência representada, sustentada principalmente pelo jornalismo e pela indústria de entretenimento, que utiliza a violência como um grande captador de audiência. Por analisarmos produtos midiáticos, esta modalidade ganha atenção especial em nossa investigação e será abordada de forma mais ampla em seção posterior, intitulada “As torcidas, a violência e o jornalismo esportivo”.

A terceira modalidade é a violência sociocultural, aquela que envolve a violência racial e a violência em virtude da opção sexual, por exemplo. Ao passo que a quarta modalidade é a violência sociopolítica, que envolve, principalmente, a repressão praticada pelo Estado, que, por vezes, utiliza a violência anômica, como na prática do genocídio. Esta modalidade aborda situações semelhantes à primeira modulação apresentada por Maffesoli (1987), a dos poderes instituídos.

O futebol está baseado no enfrentamento, na competição, no “um *versus* o outro”. Sendo um enfrentamento, abre espaço para o conflito, que, por sua vez, gera a violência. Devido a isso, reiteramos a necessidade do futebol também saber conviver com ela. O futebol, ao longo dos anos, desenvolveu regras para, além de tornar o jogo mais dinâmico, diminuir os atos de violência, punir os responsáveis, ou seja, desenvolveu modos de convivência com o fenômeno.

---

<sup>63</sup> Maffesoli (1987, p.10).

<sup>64</sup> Idem p.16.

O mesmo ocorre e precisa ser feito em relação à violência praticada por espectadores. Como diz Maffesoli (1987, p.97), a violência “deve ser o objeto de uma negociação perpétua”. Sem a presença massiva das torcidas, dificilmente tal esporte teria se tornado o mais popular do mundo. Arriscamos a dizer que, sem elas, o futebol, ao menos o profissional, não teria sentido, pelo simples fato dele necessitar do público, dos consumidores.

### **2.2.1 O futebol como integrante do processo civilizatório**

Os esportes modernos, de acordo com Dunning (2008, p.224-227)<sup>65</sup>, emergem como integrante de um “processo civilizatório”, compreendido por Norbert Elias como “formações complexas, que são como ondas, com múltiplos níveis e que ocorrem no nível do indivíduo tanto quanto no das sociedades”. Nesse processo, a principal função atribuída aos esportes é “a produção de excitação prazerosa e socialmente construtiva”. Seu princípio construtivo está baseado, para os autores, na produção de tensões e na conseqüente liberação ou libertação das mesmas, ou daquelas que surgem no dia-a-dia de cada indivíduo e são levadas aos eventos esportivos, de modo controlado. A produção da excitação prazerosa, o desenvolvimento da paixão e o controle desses impulsos levam ambos a pensar o esporte como civilizador ou, ao menos, dotado de um efeito civilizador. Assim constituído, é capaz de controlar e superar a violência, de conviver com as diferenças, além de agir, de acordo com Wisnik (2008, p.353), “contra as formas de manipulação que o utilizam e o reduzem, contra as formas de embrutecimento que o minam por dentro, assim como contra as formas de simplificação que o explicam apenas pelos fatores externos”.

É importante, no entanto, ressaltar que, por vezes, as frustrações dos indivíduos podem não ser sanadas apenas com a excitação causada pelo jogo de futebol, muito pelo fato delas não estarem relacionadas ao jogo em si, mas com causas pertencentes ao cotidiano de cada indivíduo. Desse modo, a violência surge como uma oportunidade para desafogá-las. Quebra de cadeiras no estádio do próprio time, por exemplo, mesmo quando ele alcança um resultado positivo<sup>66</sup>, pode ser causada, além das condições enfrentadas pelo torcedor para acompanhar o jogo, por motivações externas ao futebol, pertencentes ao cotidiano de cada indivíduo, o qual, por algum motivo encontrou no estádio, ou seus arredores, o local para libertar suas frustrações.

---

<sup>65</sup> Eric Dunning em entrevista a Édison Gastaldo fazendo uma avaliação da obra “A busca da excitação” em que ele e Norbert Elias compilam investigações que procuram sistematizar uma sociologia dos esportes.

<sup>66</sup> Como foi o caso em uma partida entre Grêmio e Caracas pela Taça Libertadores da América em 2013.

Na esteira de processos civilizatórios, Elias (1992) também destaca a existência de processos descivilizatórios, como aquele que possibilitou a chegada dos nazistas ao poder na Alemanha. Dunning (2008, p.227) é enfático ao dizer que as sociedades do Ocidente, a partir da metade do século XIX, “têm enfrentado processos de-civilizatórios substanciais ao longo dos quais a violência aumentou”. Um exemplo disso, segundo o autor, é o hooliganismo nas praças esportivas manifesto nas últimas décadas do século passado e início do atual.

Pensando o fenômeno da violência, o processo civilizador/civilizatório desenvolve-se ao estabelecer ou diminuir os níveis aceitáveis, bem como, ao aprimorar as possibilidades de autocontrole de ações individuais e coletivas, com intuito de torná-lo um hábito. O jogo e a competição são manifestações de uma sociedade, com efeito, as situações que neles desenvolvem-se, de algum modo, estão em consonância com aspectos dessa sociedade<sup>67</sup>; aparecem, segundo Dunning (1992, p.302), “entrelaçados (...) com a estrutura da sociedade em geral e com a maneira como esse tecido é entrelaçado no âmbito da estrutura das interdependências sociais”. Desse modo, no entendimento de Elias (1992, p.216), um provável nível de civilização relacionado às atividades esportivas, sobretudo as competitivas como o futebol, “mantém-se incompreensível se não for relacionado, pelo menos, com o nível geral de violência socialmente permitida, com o nível de organização do controle da violência e com a correspondente formação da consciência em causa”. Devemos considerar que a frequente violência envolvendo torcedores pode demonstrar, segundo o autor, “um sintoma de algum defeito na sociedade em geral”<sup>68</sup>.

Ainda sobre o processo civilizador trabalhado por Norbert Elias, Lovisolo (2010) destaca que tal processo sustenta-se na transversalidade de valores que circulam e vigoram em diferentes esferas da sociedade. Dotar os esportes, especialmente o futebol, de um papel civilizador, que conseqüentemente contribui para a diminuição da violência nos mesmos, necessita, no entendimento de Dunning (2008), que a sociedade atual inculque, nas futuras gerações praticantes e espectadoras, valores voltados para o *fair-play* como a competição sadia, a amizade, a sociabilidade, ao contrário de ações e comportamentos que sobrepõem o econômico ao sociocultural, que exigem a vitória a qualquer custo, que transformam rivalidade em inimizade, que naturalizam, no esporte, valores negativos constantes na sociedade, como a impunidade.

---

<sup>67</sup> Mesmo que possuam especificidades internas, naturais a qualquer fenômeno, que também os regem.

<sup>68</sup> ELIAS (1992, p.88).

No Brasil, como fizemos referência nas primeiras páginas desta investigação, o futebol é o esporte mais praticado e acompanhado pela população e aquele que recebe maior cobertura dos veículos de comunicação, como referimos na introdução. Com efeito, entendemos que ele apresenta um grande potencial civilizador. No entanto, ao adentrarmos no fenômeno da violência, concordamos com Murad (2012; 2007), também baseado no pensamento de Norbert Elias, quando diz que o esporte é “prejudicado” em virtude de forças que atuam em prol de um processo descivilizador, a começar pela ineficiência do Estado em relação ao controle das atitudes dissidentes, pela impunidade, pela corrupção, bem como através de rivalidades marcadas pela inimizade, relação de torcedores com setores do crime organizado, do tráfico de drogas, por exemplo. De maneira geral, tais forças desenvolvem-se de maneira mais aguda na sociedade como um todo e o futebol é influenciado, como já dissemos, por este contexto.

No entanto, Elias (1992) afirma que um fenômeno como o futebol pode situar-se numa zona limiar entre os dois processos. Um exemplo histórico do Brasil<sup>69</sup> data dos primeiros vinte ou trinta anos da prática do esporte no país. Marcado pela coletividade, sociabilidade, confraternização, valores que possibilitam apontá-lo como um processo civilizador, era, ao mesmo tempo, essencialmente segregador. A elite aristocrática tentava ao máximo que negros e operários não fizessem parte dos clubes, especialmente os grandes. Desse modo, podemos dizer que também possuía características descivilizadoras. Entretanto, quanto a este aspecto, com o passar dos anos, prevaleceu a face civilizadora, que possibilitou ao futebol tornar-se um fenômeno multicultural. Norbert Elias não descarta também a passagem de um processo a outro, algo visto por ele como natural.

Outro aspecto importante e recorrente nas obras de Elias e Dunning (1992), Wisnik (2008) e Murad (2012; 2007), embora com sentidos e servindo a fins diferentes, é a concepção do esporte, no caso, o futebol, como um laboratório.

Os primeiros destacam a possibilidade da utilização do esporte como “espécie de ‘laboratório natural’ para a exploração de propriedades das relações sociais” (1992, p.18). Um laboratório no sentido de que valores e características supostamente opostos e excludentes como confronto e cooperação, confronto e competição, harmonia e conflito são regrados e convivem

---

<sup>69</sup> Bem como da maioria dos países europeus. Outro exemplo é a relação entre mulheres e o esporte. Sobre este último, uma interessante análise pode ser encontrada em LOVISOLO, Hugo. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des) civilizador. **Logos 33**: Comunicação e esporte. v.17, n.2, p.29-38, 2010. A ampla resistência masculina em relação à participação feminina em esportes como futebol e rugby por vários anos, constituindo um processo descivilizador. A mudança neste panorama representando o oposto. O autor discute ainda questões de paternalismo, a existência de poucos esportes que possibilitam a formação de equipes mistas ou a competição entre homens e mulheres - que quando ocorre possui uma importância diminuída - sustentada sob a tese de uma diferença biológica em relação à força física existente entre os dois sexos.

dentro do esporte, de maneira interdependente, no intuito de estabelecer certo equilíbrio, especialmente das tensões.

A simplicidade, a praticidade, a excitação fizeram com que o futebol avançasse em direção a diversas culturas, promovendo a ligação entre elas e ultrapassando a concepção básica de lazer. De acordo com Wisnik (2008, p.94-95), “O futebol pôs em jogo, claro que sem premeditar o efeito, uma zona limiar de tempos culturais que acabou fazendo dele um laboratório demonstrativo das culturas”. Com efeito, segue dizendo o autor, que o esporte citado transformou-se num “palco entremeado das disposições, dos imaginários corpóreos e das gestualidades inerentes aos grupos sociais”. Ou seja, como também diz Murad (2012; 2007), interpretações acerca de uma sociedade podem ser extraídas via futebol, pois permite que os mais variados grupos que a compõem apareçam e demonstrem seus aspectos mais simples e mais complexos.

Já a concepção de laboratório desenvolvida por Murad (2012; 2007) está mais relacionada ao significado literal do termo<sup>70</sup> e voltada ao estudo da violência no futebol. Para o autor, o futebol poderia funcionar como “um centro de estudos e reflexões sobre os fenômenos socioculturais que compõem o seu universo, contribuindo também para o entendimento de outros grandes eventos coletivos, que formam nossas identidades”<sup>71</sup>. Com efeito, a referida concepção, composta ainda pela aplicação e avaliação de ações práticas, ajudaria elevar a qualidade da segurança pública. A participação ativa e conjunta de todos os atores envolvidos no processo (clubes, torcedores, imprensa, organismos da justiça, da cultura, da educação), possibilitaria, no entendimento do autor, o funcionamento do tripé essencial para tratar a violência esportiva, em especial, a do futebol: “Reeducação, prevenção e punição”<sup>72</sup>. Desse modo, na esteira do pensamento de Norbert Elias, Maurício Murad considera os esportes modernos, dentre eles, o futebol, além de consequência, também integrantes e influenciadores do “processo de civilização”. Assim exposto, pensamos que o funcionamento do futebol como um laboratório, proposto pelo autor, está muito ligado ao fato de ele considerar o esporte como “um dos caminhos para entender nossa sociedade”<sup>73</sup>, tanto em aspectos positivos quanto negativos.

---

<sup>70</sup> Segundo Aurélio (1996): “lugar destinado ao estudo experimental de qualquer ramo da ciência ou aplicação dos conhecimentos científicos com objeto prático”.

<sup>71</sup> (2012, p.191).

<sup>72</sup> (2007, p.164-165).

<sup>73</sup> (2012, p.80).

### 2.3 AS TORCIDAS, A VIOLÊNCIA E O JORNALISMO ESPORTIVO

O jogo, baseado na competição, tornar-se-ia enfadonho, em nosso entendimento, se todos fossem apenas admirar, ao contrário de torcer e identificar-se com um clube ou algum selecionado. Já dissemos em páginas anteriores que as torcidas são responsáveis pela carnavalização do futebol, são elas que embelezam o espetáculo. Este fato contribui para sustentar que a violência vinda delas precisa ser negociada. Wisnik (2008, p.398) diz que

Violência e beleza fazem parte do jogo, e estão nele em estado de permanente latência, podendo saltar a ponto de dominá-lo. Se o extremo da violência o desmantela e o inviabiliza, e o da beleza o lança ao plano do memorável e do inesquecível, o futebol, em geral, vive num equilíbrio oscilante entre rasgos de violência e promessas de beleza.

Mesmo falando sobre o jogo, a partida em si, entendemos que tal abordagem também é verdadeira se a endereçarmos às torcidas que se desenvolvem em torno do futebol, com a observação de que não há o equilíbrio oscilante entre violência e beleza. Em nosso entendimento, a beleza ainda é preponderante.

A identificação apresenta riscos quando o outro passa a ser visto como inimigo, quando o futebol vira local não apenas para uma excitação prazerosa, para uma liberação equilibrada de tensões, como trata Elias (1992), mas local para manifestação de grupos extremistas e violentos como ocorre com os *ultras* na Itália, com os *hooligans* ingleses, com os *barrabravas* na Argentina, com a rivalidade entre sérvios e croatas ou com setores de torcidas organizadas brasileiras, por exemplo.

O futebol funciona também, para Wisnik (2008, p.53), como “catalisador da violência prévia, fundamental e massiva ao *outro*<sup>74</sup>”. Aqui, incluem-se os atos violentos entre torcidas organizadas e os atos destas frente ao patrimônio e a jogadores do próprio clube<sup>75</sup>. Na violência entre torcidas organizadas, entre torcedores do mesmo clube e inclusive entre integrantes de uma mesma torcida, diz o autor que “Desaparecem as mediações simbólicas em que se entretecem os opostos, prevalece a descarga imaginária e real na base do tudo ou nada”. O jogo perde seu caráter “lúdico-simbólico” e a figura do rival é transformada na figura de inimigo, na figura de um sujeito inferior que deve ser mantido como tal. Quem vê o outro (o rival) como inimigo parece ter medo que seu espaço seja invadido, que sua imagem, que já é frágil, seja

---

<sup>74</sup> Grifo do autor.

<sup>75</sup> Este segundo aspecto, em virtude da revolta de torcedores palmeirenses com os maus resultados do time no Campeonato Brasileiro de 2012 e no início de 2013, gerou diversos textos jornalísticos. Colocamos oito deles em análise no próximo capítulo.

deturpada, ou seja, busca, segundo Sodré (2002, p.98) a “conservação imaginária de si mesmo”. O ataque ao outro, retomando Wisnik, “é um atentado à própria precariedade da auto-imagem”. Um ataque à frágil capacidade de estabelecer uma convivência pacífica com o adversário.

Como diz Maffesoli (1987, p.15), “A heterogeneidade gera a violência, mas ao mesmo tempo é fonte de vida; ao contrário do idêntico (ou homogêneo) que, quanto mais pacífico, mais potencialmente mortífero”. Com efeito, é a presença da diferença, entre clubes, entre torcidas organizadas ou entre interesses que gera a violência, especialmente a dos espectadores. No entanto, o futebol só existe em virtude dessa diferença, como falamos anteriormente. Devido a isso, é em razão desse caráter constitutivo e de sua onipresença que o autor sustenta a necessidade de encontrarmos modos de negociar com a violência.

Reportamo-nos, agora, de forma breve, a duas tragédias envolvendo espectadores que foram fundamentais para mudanças no futebol europeu, especialmente na Inglaterra, e que foram expandidas para demais países do mundo: a tragédia de Heysel, em 1985, e a tragédia de Hillsborough, em 1989. A primeira escancarou a violência dos *hooligans*. Em jogo válido pela final da Liga dos Campeões da Europa da temporada 1984/1985, torcedores do Liverpool, da Inglaterra, causaram a morte de 39 torcedores da Juventus, da Itália. A responsabilidade foi atribuída ao *hooliganismo*. Todos os clubes ingleses foram punidos e penas severas começaram a ser aplicadas aos torcedores envolvidos em atos de violência. Como diz Murad (2012, p.175), “Após esse episódio, a violência no futebol passou a ser vista como um problema social, e os governos assumiram como política pública a tarefa de entender, controlar e prevenir esse fenômeno”. Outra tragédia, no entanto, demonstrou falhas nas estruturas e na organização de estádios e eventos futebolísticos na Inglaterra. Em 1989, 96 torcedores do Liverpool morreram, a maioria por esmagamento, em jogo válido pela final da Copa da Inglaterra daquele ano, na cidade de Sheffield. Na oportunidade, torcedores do Liverpool, com ingressos, foram impedidos de entrar no estádio e acabaram entrando, quando os portões foram abertos, em uma ala que já estava superlotada causando o esmagamento. No momento do tumulto, o alambrado e também os policiais impediram que os torcedores ocupassem o campo, com intuito de liberar espaços na arquibancada. Inicialmente, em virtude dos acontecimentos de 1985, as autoridades inglesas apontaram os torcedores do Liverpool como os maiores culpados. No entanto, cerca de vinte anos mais tarde, a culpa passou para autoridades locais e também para o despreparo dos policiais<sup>76</sup>.

---

<sup>76</sup> RELATÓRIO coloca culpa de desastre de Hillsborough em autoridades locais. **Site Globoesporte.com**. 12 set. 2012. Disponível em: <globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-

O Relatório Taylor elaborado após os incidentes apontou, como diz Murad (2012, p.177), a necessidade de

planejar, organizar e preservar os estádios, pensando-os como espaços públicos, e o espetáculo esportivo, como direito do cidadão (...). As palavras que mais apareceram no relatório foram *segurança, transporte e conforto*<sup>77</sup>. Foram apontadas como condições favoráveis, essenciais mesmo, à paz entre os torcedores.

O autor pontua ainda algumas ações que foram tomadas: campeonatos bem organizados; ingressos com “lugares marcados”; “limpeza”; “policiamento ostensivo”; legislação rigorosa; “retirada de cercas e divisórias nos estádios”<sup>78</sup>. O governo de Margaret Thatcher, com foco também no desenvolvimento econômico do país, abriu linhas de crédito, possibilitando aos clubes ingleses investirem e remodelarem suas estruturas.

Pensando pelo viés de Maffesoli (1987), as tragédias relatadas foram essenciais para o surgimento de uma nova estrutura no futebol inglês e europeu, voltada, agora, para a modernização das praças esportivas, investimentos em transportes, em segurança, elaboração de leis e punições exemplares, que primam, especialmente, pelo conforto do torcedor<sup>79</sup>.

Uma das principais causas da violência no futebol apontada por Murad (2012) e frequentemente abordada por textos jornalísticos, como “Bom exemplo” e “Dia da chibata”, publicados pelo Jornal Zero Hora, analisados mais profundamente no próximo capítulo, é a impunidade. A título de resumo, no primeiro, o enunciador aborda um problema crônico, a quase certeza da não punição, além da demora, no Brasil, do desfecho dos casos de violência; já o segundo, embora controverso, em seu caráter ideológico, do ponto de vista dos valores que o enunciador manuseia e ao contexto sócio-histórico que retoma, nota que os atos de violência ocorrem e pouco ou nada faz-se para combatê-los. Segundo Murad (2012), a impunidade, bem como a sensação dela, que ronda a sociedade brasileira, além de influenciar, contribui no entendimento do fenômeno da violência, tanto no futebol quanto na sociedade como um todo. Para ele, a impunidade funciona como um incentivo para novos atos, além de sugerir incompetência e má-vontade das autoridades responsáveis. Com efeito, a certeza de que os casos serão punidos, seja com prisões, com proibição da entrada nos estádios, com a necessidade de apresentar-se à delegacia no momento do jogo, mesmo que com penas curtas,

---

inglês/notícia/2012/09/relatório-coloca-culpa-de-desastre-em-autoridades-locais.html>. Acesso em: 25 ago. 2013.

<sup>77</sup> Grifos do autor.

<sup>78</sup> As cercas significavam que os torcedores eram vistos como animais, que precisavam ficar enjaulados para acompanhar um jogo de futebol.

<sup>79</sup> Este, porém, teve que arcar com o aumento no preço dos ingressos, que culminou em certa elitização do esporte.

mas com a certeza de que estas serão cumpridas, pode ajudar a diminuir consideravelmente o número de atos violentos no futebol brasileiro.

Outro aspecto que precisa ser levado em consideração no momento em que falamos sobre a violência no futebol, é a existência, não apenas de uma lógica irracional, mas também de uma lógica racional que condiciona o fenômeno. A primeira, segundo Murad (2012), está relacionada aos atos de vandalismo sem motivos, impensados, passionais, ou seja, da violência que ocorre pela falta de controle de impulsos emocionais. De acordo com Lopes (2012), a lógica irracional é utilizada pelos veículos de comunicação, pelo clubes e pelas autoridades de segurança como um motivo para que as vozes dos torcedores violentos sejam caladas, tendo por base o argumento de que sendo irracionais nada de útil terão a dizer. Segundo ele, dirigentes e autoridades, por vezes, proferem discursos infundados que alimentam a violência. Com efeito, os jornalistas tornam-se cúmplices da violência no momento em que reproduzem esses discursos.

Já a lógica racional, por vezes relegada a segundo plano, é tão ou mais forte que a primeira, conforme aponta Murad (2012). Desse modo, os conflitos são previstos, provocados e planejados, especialmente com o apoio da internet. Esses conflitos são orquestrados, segundo o autor, por grupos violentos<sup>80</sup>, clandestinos, existentes nas torcidas organizadas, os quais são disciplinados, protegem-se mutuamente, têm no torcedor adversário seu maior inimigo e, por vezes, aparecem ligados ao tráfico e ao crime organizado. Para o autor, este último aspecto pode ajudar a entender atos de violência que ocorrem entre torcedores do mesmo clube e até entre torcedores de uma mesma torcida organizada. De acordo com o autor, para estes torcedores o futebol, o jogo em si, é relegado a segundo plano.

Destacamos que, no Brasil, é comum a formação de mais de uma torcida organizada por clube, como é o caso da Torcida Geral e da Torcida Jovem, do Grêmio; da Camisa 12, Guarda Popular, Super Fico, do Internacional; da Independente, Dragões da Real, do São Paulo; da Mancha Alviverde, da TUP, do Palmeiras; da Gaviões da Fiel, Pavilhão 9, do Corinthians.

Grande parte das torcidas organizadas, segundo ele, possui relação direta com as direções dos clubes no futebol brasileiro. Desse modo, em busca de apoio contínuo ao time e apoio político, os clubes fornecem vários benefícios a esses torcedores, entre eles: ingressos mais baratos; ingressos para revenderem, os quais, de acordo com Murad (2012), muitas vezes são repassados a cambistas; concessão de ônibus para acompanhar o time em jogos fora de casa;

---

<sup>80</sup> Grupos perigosos e violentos, mas que, segundo Murad (2012), constituem uma pequena parte das torcidas organizadas, pois a maioria é pacífica. Parte que é menor ainda se considerarmos o universo de todos os torcedores.

verbas para compra de materiais. O grande problema dessa “permissividade”, apontada pelo autor, é a formação de grupos rivais entre as torcidas organizadas e entre membros de uma mesma torcida. Os grupos passam a disputar verbas e poder e formam “verdadeiras quadrilhas de ilegalidade junto a funcionários de clubes, federações e policiais” (2012, p.185). Essas disputas, quando um grupo é mais beneficiado que o outro, geralmente, resultam em conflitos. Um exemplo de permissividade dos clubes em relação as torcidas organizadas poderá ser visto na reportagem “Torcidas em xeque”, publicada pelo Jornal Zero Hora. Após torcedores palmeirenses agredirem jogadores em uma derrota do time, o presidente do clube decidiu cortar os benefícios (ônibus e ingressos) concedidos às torcidas organizadas até que os responsáveis fossem identificados. Desse modo, o corte de benefícios funcionaria como um castigo aos torcedores. Já a disputa por poder e verbas, segundo a reportagem “O comandante da baderna na Arena” também de Zero Hora, é apontada como a principal responsável pelos conflitos entre torcedores da torcida Geral do Grêmio na inauguração do novo estádio do clube em 08 de dezembro de 2012.

As condições em que os jogos são realizados também constitui uma variável a ser considerada no fenômeno da violência no futebol. Dessa maneira, no entendimento de Murad (2012), a desorganização dos estádios e dos clubes, a insegurança, o despreparo policial, o contingente insuficiente de policiais, o relaxamento da segurança após o término das partidas, a qualidade do transporte coletivo, o desconforto, o valor dos ingressos (bem como a atuação dos cambistas), os jogos em horários tardios que, geralmente, são impostos pela emissora de televisão que detêm os direitos de transmissão, a aglomeração de um contingente grande de torcedores na saída dos estádios, agravada pela falta de transporte nesses horários (aproximadamente meia-noite) e o tratamento recebido pelos torcedores são fatores capazes de potencializar atos de violência. Diz o autor que há uma tendência de haver respeito mútuo quando o torcedor é tratado de maneira digna, como consumidor de um espetáculo e não como arruaceiro.

A multidão que frequenta um estádio de futebol é capaz de despertar um sentimento de anonimato aos indivíduos. Faz com que o indivíduo, especialmente aquele praticante de atos de violência, atos agressivos e contra a lei sintam-se acobertado pelo demais, ainda mais, segundo Elias (1992), se esse indivíduo encontra no futebol a única forma de excitação em sua vida, uma vida sem perspectivas e sem objetivos. Segundo o autor, “Qualquer um pode atrever-se a fazer coisas que nem sequer se atreveria a fazer se estivesse só. E, deste modo, sem saber exatamente o que está a fazer, mas gozando com a excitação desencadeada, volta as costas ao

sistema” (1992, p.92). O agrupamento e a multidão funcionam como inibidores do medo e são capazes de transformar o comportamento dos indivíduos: “Fazer parte da multidão transmite coragem. Faz com que aqueles que não têm poder pareçam poderosos”. Ou seja, o anonimato causado pela multidão torna-se um potencializador de atos dissidentes. Além do mais, exhibir-se como violento ou mostrar que é um sujeito que impõe medo é, também, símbolo de *status* e serve para atrair respeito dos demais integrantes de um grupo.

O estudo das multidões, de acordo com Hollanda (2008, p.376-378), que tem sua linhagem clássica iniciada com Gabriel Tarde e Gustave Le Bon no século XIX e continuada, no século XX por Sigmund Freud, José Ortega y Gasset, Wilhelm Reich, Elias Canetti e Serge Moscovici<sup>81</sup>, possui duas “linhas-mestres” e que podem ser usadas para pensar as multidões frequentadoras dos estádios de futebol. A primeira, segundo o autor, é a imitação. Através dela, “o indivíduo imerso na massa age por contágio e propagação”. No nosso entendimento, as coreografias e os cânticos realizados por milhares de torcedores, movidos pela paixão, incluem-se nessa linha. Já a segunda, conforme o autor, é a suposta regressão trabalhada por Gustave Le Bon, para o qual, “o indivíduo regride à medida que se vê envolto entre seus pares. Em grupo ou no anonimato ele comporta-se de uma maneira; a sós, de outra”. Como comentamos anteriormente, ele esconde-se na sombra do coletivo para criar coragem, para sentir-se poderoso e apto a agir de modo violento, agredir o outro, depredar o patrimônio público ou do clube.

No nosso ponto de vista, os atos de violência, mesmo que isolados, continuam recorrentes no futebol brasileiro. Após encerrarmos a coleta de textos jornalísticos para a composição do *corpus* de análise da presente investigação, tivemos a ocorrência de fatos que demonstram esse panorama e que permitem dizer que a violência no futebol constitui-se em um problema crônico e preocupante, embora, como destacam os autores que utilizamos até aqui, a grande parte dos torcedores seja pacífica e capaz de conviver sem problemas ao lado de torcedores adversários. A título de exemplificação temos: briga entre torcedores corintianos fora do estádio (dentro dele a torcida fez uma bela festa) após o jogo frente o Boca Juniors da Argentina em que o clube foi eliminado da Taça Libertadores da América; confusão entre policiais e torcedores do Santos na final do Campeonato Paulista; confusão entre policiais e torcedores da torcida Geral do Grêmio, na qual um torcedor chegou a ser arrastado pelos policiais; briga entre pequeno grupo de torcedores organizados de Flamengo e São Paulo, antes

---

<sup>81</sup> Obras dos autores utilizados por Hollanda (2008) para falar sobre o assunto. TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**; LE BON, Gustave. **A psicologia das multidões**; CANETTI, Elias. **Massa e poder**; FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** e **Psicología de las masas**; ORTEGA y GASSET, José. **A rebelião das massas**; A referência a Wilhelm Reich e a Serge Moscovici é feita pelo autor, para mostrar outros pensadores que se debruçaram sobre o estudo das massas e das multidões.

do jogo entre as equipes pelo Campeonato Brasileiro, num dos portões de entrada do Estádio Mané Garrincha em Brasília (um torcedor teve de passar por uma cirurgia na mandíbula após o confronto); briga generalizada entre integrantes de torcidas organizadas de Grêmio e Internacional em uma estação de metrô na cidade de Sapucaia, região metropolitana de Porto Alegre, horas antes do clássico Gre-Nal na Arena do Grêmio; briga dentro do Estádio Mané Garrincha<sup>82</sup> entre torcedores organizados de Corinthians e Vasco da Gama, em jogo entre os times pelo Campeonato Brasileiro e, conseqüente confusão com policiais; briga entre integrantes de torcidas organizadas de Vasco e Atlético Paranaense na última rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2013. No que se refere ao controle ou amenização da violência no futebol, Murad (2012, 97) destaca a necessidade de ações conjuntas entre “autoridades de segurança pública, confederações, federações, clubes, mídia e mesmo os setores pacíficos das torcidas organizadas” com intuito de potencializar formas desse controle.

Destacamos que a violência continua sendo, para 68% dos torcedores, o motivo principal para não frequentarem os estádios de futebol, de acordo com estudo apresentado por Murad (2012, p.24), realizado em 2009 pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Conforme estudo apresentado na introdução dessa investigação, quase 85% das pessoas atribuem às torcidas organizadas os atos violentos que ocorrem no futebol brasileiro. Já mencionamos que o futebol é um fenômeno cultural de grande influência na vida dos brasileiros. Desse modo, segundo o autor, é uma contradição “a violência afastar esses mesmos brasileiros dos estádios”. Diz ele ainda, que “isso fere importantes direitos constitucionais de cidadania, como o direito de ir e vir, o direito à segurança, ao lazer, ao esporte – direitos fundamentais”.

No Brasil, no início da década de 1920, começaram a formarem-se as torcidas populares e a imprensa, como afirma Toro (2004), passou a dar mais atenção a elas do que aos trajes, a moda da elite que era levada aos estádios. Surgiram as arquibancadas para quem não era da elite, nas quais a paixão pelo clube começou a ser demonstrada com mais intensidade. Aparecem também os primeiros relatos de agressões, as primeiras invasões a campo e a necessidade de policiamento.

No entanto, não era algo que preocupasse. No início dos anos de 1940, os torcedores que se agrupavam e formavam uma massa homogênea com intuito de apoiar incondicionalmente os clubes, competiam através de cânticos com as torcidas de outros clubes embalados pelas charangas, e eram responsáveis por embelezar esteticamente os estádios,

---

<sup>82</sup> No Estádio Mané Garrincha não há divisão entre torcidas.

passaram a ser alcunhados como torcidas uniformizadas ou organizadas. Como afirma Murad (2012, p.88), as situações de violência eram raras e isoladas, o clima era de “sociabilidade quase familiar”.

Murad (2012; 2007), baseado em dados da FIFA, do Comitê Olímpico Internacional e de pesquisas realizadas através da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, aponta que entre 5% e 7% dos integrantes de torcidas organizadas são violentos. Segundo o autor, a violência desses grupos de torcedores começa a ser manifestar de maneira mais assídua, no Brasil, em meio ao auge da ditadura militar, no período inicial da década de 1970. Esses torcedores passaram ainda a assumir o padrão e o perfil militar da época. O período é marcado por uma passagem de gerações e o público jovem (formador majoritário das torcidas) já é diferente daquele que compunha as primeiras associações. Segundo Hollanda (2008, p.49), é um período marcado pelo crescimento das torcidas e pela “disputa pelo poder de influência nos clubes”, características que culminam em “fissuras na forma de torcer, com a abolição do apoio incondicional como único desígnio associativo”. Contestar, protestar e pressionar, de acordo com o autor, são ações que são adicionadas ao cotidiano das torcidas organizadas.

Estudando as notícias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo entre 1970 e 2004, Toro (2004) aponta que, nas primeiras décadas de existência das torcidas organizadas (1940 a meados de 1960), o predomínio do noticiário sobre elas era essencialmente voltado para as festas, para as coreografias realizadas pelos torcedores. No entanto, com o aumento da violência dos torcedores e a grande queda na média de público dos campeonatos entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, o noticiário muda seu foco, saem as coreografias, o embelezamento do espetáculo e entram os conflitos, as brigas e as mortes. Além disso, a culpa pelo vazio dos estádios passa a ser atribuída à violência praticada pelas torcidas organizadas, as quais começaram a ser vistas como vilãs no futebol. Conforme estudo de Hollanda (2008, p.54), com enfoque no *Jornal dos Sports*, “a recorrência quase exclusiva de notícias cuja dramaticidade remetia aos atos de vandalismo e à pecha de entidades essencialmente antiesportivas” demonstra como as torcidas organizadas passaram a ser representadas pelos veículos de comunicação. Naturalizou-se os torcedores organizados como violentos, como o inimigo da paz nos estádios. O fato é que, como aponta Toro (2004, p.24), através das torcidas organizadas, o espectador se tornou um coautor do espetáculo futebolístico, sendo responsável por qualificá-lo esteticamente; além do mais, “a performance festiva e vistosa e o exercício da violência experimentam com as torcidas organizadas, um intenso processo de especialização e organização”.

Como já dissemos, há uma manipulação de sentidos por vezes exagerada na cobertura midiática acerca do fenômeno da violência no futebol. Ocorre um impasse entre os sentidos do acontecimento em si e daquele representado, pois, para aproximar um do outro são produzidos efeitos, são utilizadas estratégias que se guiam pela intencionalidade de cada enunciador. Destacamos, baseados em Mikhail Bakhtin, que o sentido não é estritamente fixo, ele é negociado, construído através da intersubjetividade, do diálogo entre os sujeitos. Entendemos que a mídia faz o que diz Maingueneau (1997, p.120): “um trabalho sobre outros discursos”, ou seja, um discurso sobre outros discursos, intercambiando e confrontando diferentes campos. Como aponta Toro (2004), a violência no futebol não é uma invenção midiática. No entanto, atualmente, é através da violência, principalmente, que os torcedores organizados transformam-se em notícia. O autor apresenta um contraponto valorativo em duas décadas subsequentes em relação às torcidas organizadas: nas décadas de 1960, 1970 e 1980 sinônimo de festa, alegria, espetáculo, fidelidade, amor e paixão; já a partir da década de 1990, violência, agressividade e influência direta nos clubes. Estas passaram a ser as principais representações, especialmente midiáticas. Esse enfoque acabou por deixar de lado, nas coberturas midiáticas, aspectos que influenciam consideravelmente a violência no futebol, os quais já apresentamos anteriormente.

Retomamos, aqui, com intuito de realizar uma explanação mais ampla, a segunda modalidade de violência trabalhada por Sodré (2002b), a violência representada. Afirmamos no Capítulo 1 que os veículos midiáticos, entre eles os jornais impressos, funcionam como empresas e estão regidos, dessa forma, além de uma lógica simbólica e uma lógica tecnológica, por uma lógica econômica. Com efeito, sua existência depende do lucro, da audiência, do número de jornais vendidos.

Baseados em Charaudeau (2006) dissemos, no mesmo capítulo, que o manuseio do tema da violência é, de forma recorrente, utilizado como uma estratégia de captação da audiência, pois faz parte, como assinala o autor, de um conjunto de temas – medo, catástrofes naturais, mortes, acidentes – que afetam facilmente o lado emocional dos seres humanos. Pelo que, Sodré (2002) aponta que a violência é, com frequência, representada com sensacionalismo e com dramaticidade demasiada.

Trazendo tal modalidade para a representação da violência no futebol, reside neste aspecto uma das maiores críticas que recaem sobre a mídia na cobertura do fenômeno. Murad (2012, p.202) diz que a exibição exagerada de situações violentas contribui para reforçar uma imagem negativa das praças esportivas ou até criar uma imagem inexistente, como dos estádios serem lugares de violência. Desse modo, tal tratamento não ajuda na solução do problema e

funciona como um convite para que os torcedores violentos frequentem os estádios: “A equação é simples: se o que fica na ‘cabeça das pessoas’ é que o futebol (ou qualquer outro evento) é lugar de agressões, os agressivos vão querer ir para lá”<sup>83</sup>; se a torcidas organizadas são apresentadas como criminosas, receptivas à bandidagem, os bandidos vão querer fazer parte dela. Buscam nos estádios, geralmente, o que buscam em outros lugares, como boates e eventos musicais: “confrontos, brigas, violência”. O autor diz ainda que a representação midiática dramatizada gera uma sensação de medo e insegurança que contribui para a diminuição de público nos estádios. Com efeito, diminui também o efetivo policial e de segurança, situação que facilita as ações dos torcedores violentos.

Outro aspecto a ser ressaltado é o desenvolvimento de uma cena potencialmente violenta através de um vocabulário bélico que, além de ser utilizado na cobertura de situações violentas, também o é em reportagens, crônicas e artigos de opinião que antecedem os jogos. A título de destaque temos a recorrente utilização de termos e expressões como: “o jogo será uma guerra”, “o jogo é de vida ou morte”, “times duelam”. As escolhas léxicas feitas pelos enunciadores, nesses casos, apontam para a metáfora da guerra. Desse modo, ajudam a colocar o adversário – tanto o jogador quanto o torcedor – como inimigo, além disso, passam a impressão de que qualquer atitude é aceitável em busca do resultado positivo ou da superioridade. Em nosso entendimento, a utilização desses termos advém também do fato do jornalismo esportivo possuir, de acordo com Kischinhevsky (2004, p.38), “uma linguagem própria, híbrida, mais floreada, mais analítica, mais ligada ao lúdico do que ao racional”. A lembrança de acontecimentos violentos e trágicos em textos jornalísticos que antecedem jogos importantes, clássicos especialmente, também pode contribuir para desenvolver uma sensação de insegurança ou acirrar rivalidade, por exemplo<sup>84</sup>. Desse modo, complementa o autor, tanto o futebol quanto a mídia são capazes de “forjar consensos no âmbito do imaginário coletivo e também profundos dissensos acirrando rivalidades (...), que muitas vezes não podem ser solucionadas no campo simbólico e acabando desencadeando conflitos reais” (2004, p.55).

---

<sup>83</sup> Elias (1992, p.385) destaca o sensacionalismo da imprensa inglesa, referente à violência no futebol, em busca de audiência em meados da década de 1960. Em virtude da realização da Copa do Mundo de 1966 no país e do fenômeno *Hooligan*, a imprensa inglesa, ávida por vender jornais, passou a enviar repórteres para os jogos, para além do jogo, noticiarem o comportamento do público. Em virtudes dos incidentes que ocorriam, “os campos de futebol começaram a ser cada vez mais ‘anunciados’ como lugares onde ocorriam lutas (...). não só futebol”.

<sup>84</sup> A título de destaque temos a reportagem “Gre-Nais com sobrenome” publicada pelo Jornal Zero Hora em 2 de dezembro de 2012 - no dia do último Gre-Nal do Estádio Olímpico - que, além dos marcantes momentos vitoriosos de ambos os times relata as principais confusões que ocorreram nos clássicos: “Gre-Nal dos cem feridos”; “Primeiro Gre-Nal do Beira-Rio”; “Gre-Nal dos banheiros químicos”.

Como aponta Lopes (2012, p.182), alguns textos podem causar um efeito de “amnésia social, que idealiza o passado, conferindo a ele um estado de paz que (...) nunca existiu propriamente”. Salientamos, com efeito, que a violência possui certa constância e no futebol também sempre esteve presente. Ou seja, não é um fenômeno atual, apenas dos últimos anos que, segundo o autor, é reforçado por textos midiáticos.

A violência no futebol, como destacam Murad (2012; 2007), Wisnik (2008) e Elias (1992), precisa, para sua compreensão, ser pensada em um contexto social e histórico no qual ela desenvolve-se, ou seja, é plausível atentar para os valores que originam e conduzem as reações agressivas e violentas em âmbito geral. Desse modo, o fenômeno aparece aberto a várias interpretações.

Com efeito, focamo-nos em uma das nuances que o fenômeno demanda: verificar como os acontecimentos violentos são vistos pelo segmento midiático que mais lhes dá visibilidade, o jornalismo esportivo. Assim sendo, como dissemos na introdução da presente investigação, nosso intuito é trabalhar com os valores que são afirmados e manuseados via efeitos de sentido produzidos por determinadas estratégias discursivas acionadas por enunciadores de textos postos em circulação por Folha de São Paulo e Zero Hora.

Esclarecemos que não é nosso objetivo, aqui, buscar a compreensão da violência no futebol, embora pensamos ser de extrema relevância a realização de um investimento teórico sobre o fenômeno, além de reflexões, como fizemos até aqui, pois tal investimento, bem como aquele realizado no capítulo um, serve de sustentação para as análises subsequentes. Além do mais, tal compreensão não seria possível com um *corpus* de análise composto apenas por textos resultantes de veículos de comunicação. Como nos alerta Murad (2007, p.11), o noticiário pode servir nas pesquisas a respeito da violência no futebol “como um de seus pontos de partida, mas não como um ponto de chegada”. Ao basear-se apenas no noticiário, as pesquisas tornam-se “discutíveis teórica e metodologicamente”. Por consequência, partimos de um *corpus* de análise formado por textos publicados por Folha de São Paulo e Zero Hora não para produzirmos uma compreensão geral sobre fenômeno, mas para atingir o objetivo descrito no parágrafo anterior. Mesmo realizando reflexões e debatendo o fenômeno, precisamos dar conta daquilo que estamos mais aptos e capacitados a fazer, um estudo referente à comunicação midiática.

Como dissemos anteriormente, o presente estudo permite abordar e interpretar uma das nuances do fenômeno violência no futebol. Desse modo, ao nosso entendimento, as análises subsequentes nos permitirão elaborar um panorama valorativo e realizar deduções acerca do modo como o fenômeno é compreendido e exposto pelo jornalismo esportivo impresso.

Destacamos, desde já, que as construções dos dispositivos jornalísticos analisados são extensões de um discurso mais generalizado na nossa cultura, realizadas por diferentes sujeitos com diferentes intencionalidades.

Salientamos que o segmento midiático em questão desenvolve um espaço, ou espaços, de interação entre os sujeitos envolvidos com o fenômeno, bem como aqueles que o constituem e são interpelados a constituí-lo. Com efeito, o jornalismo esportivo dá visibilidade à violência no futebol, permite que vozes manifestem-se ao mesmo tempo em que silencia outras, além de ser o principal agente na formação da opinião pública a respeito do fenômeno. Fenômeno que serve de temática para desenvolver assuntos nos jornais, na televisão e na internet e causa um efeito de agenda, quando é utilizado para a promoção de programas esportivos, de documentários e de reportagens. Por vezes, há deslize e transformação da violência em espetáculo midiático.

### **3 VALORES, EFEITOS DE SENTIDO E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO DISCURSO DA MÍDIA ESPORTIVA IMPRESSA SOBRE A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL**

Este capítulo é o espaço dedicado para a realização de um constante ir e vir entre teoria e *corpus*, procurando destacar e/ou mostrar as interações, que o discurso realiza entre os elementos que o compõem e os efeitos estratégicos de sua escolha. Nele, desenvolvemos, portanto, a identificação e análise de valores e o exame de estratégias discursivas e dos efeitos de sentido de realidade, de enunciação e de tematização que os constroem, tendo, como fundamento e objeto empírico, textos jornalísticos impressos, que abordam a questão da violência no futebol. Analisamos também, por decorrência, as vozes que são explicitadas ou, estrategicamente, silenciadas, bem como a realização do entrecruzamento da violência no futebol com outros temas sociais. Trata-se, pois, de interpretar não um tema ou um conjunto de artigos jornalísticos, mas um modo de discurso.

#### **3.1 TORCIDAS E TORCEDORES VIOLENTOS, ‘EM XEQUE’**

Destacamos que o processo analítico estará norteado pela identificação e análise de valores que são manuseados, afirmados e propostos pelos seguintes dispositivos jornalísticos impressos: Jornal Folha de São Paulo e Jornal Zero Hora. Um sujeito enunciador é considerado um proponente de valores, com efeito, analisamos que valores ele tem a intenção de levar ao enunciatário, ou seja, sobre o que o enunciador quer persuadir o enunciatário.

O enunciador precisa colocar os valores em circulação num discurso através de modos de organização, de percursos temáticos e tentar aproximá-los do real. Com efeito, ressalta-se a complexidade carregada pelo propósito social do jornalismo, em virtude de enfrentar e ser influenciado por questões socioeconômicas e por questões semiológicas, como foi mencionado ao longo do Capítulo 1, no item 1.2.1 “Lugar das Condições de Produção”. O intuito do

enunciador é fazer com que o enunciatário compartilhe, usufrua e aceite os valores propostos e transforme-os em valores úteis para sua vivência. Por tabela, o consumo, a leitura e a compreensão valorizam o texto. Pode ainda, alertar para valores que não contribuam ou que ele julga não serem úteis para a vida dos indivíduos. Já o enunciatário é o sujeito que interpreta e cabe-lhe seguir ou não o caminho estabelecido pelo enunciador; o enunciatário, ressaltando Peruzzolo (no prelo), realiza ele próprio “sua ação de construção e consumo de sentidos”, ou seja, ele tem o poder de aceitar ou não os valores propostos pelo enunciador. É função do enunciatário julgar o que é dito pelo enunciador. O enunciador, ao propor um valor, não o coloca simplesmente em um discurso, ele embrulha-o, empacota-o em uma série de relações para fazer com que a relação de comunicação estabelecida entre ele e o enunciatário tenha o resultado desejado.

O discurso sobre a violência no futebol é sustentado por valorizações. Cabe ao enunciador fazer o enunciatário aceitar que os valores propostos são valores de realização de vida. Conforme diz Peruzzolo (no prelo), “Os valores são (funcionam como) mecanismos de interpretação do mundo, criados por grupos humanos em meio a sua luta pela sobrevivência e pela majoração desta”. Afirmo ainda o autor que o valor “é a importância que um objeto, ideia, ou situação assumem na relação com o sujeito”. Passamos, dessa forma, a tentar identificar quais são esses valores, esses mecanismos que são utilizados para propor explicações, opiniões, causas, consequências de atos violentos que ocorrem tendo como pano de fundo o futebol, ou seja, analisar como os dispositivos jornalísticos interpretam o fenômeno da violência no futebol e como apresentam essa interpretação para os enunciatários. No presente trabalho de análise, propomo-nos a identificar e comentar as intenções que estão por detrás dos enunciados elaborados pelo sujeito enunciador, verificar os efeitos que produzem e as estratégias que dão sustentação a essas intenções.

A partir da análise dos valores, notamos que o discurso é composto por efeitos de sentido, os quais são constituídos por estratégias discursivas diversas. Por consequência, considera-se a função que as estratégias discursivas possuem na produção de efeitos de sentido. Dessa forma, a análise consistirá em determinar os valores de violência no futebol, apontando como são sustentados por efeitos de sentido produzidos por estratégias discursivas.

Com intuito de penetrar na análise, recapitulamos, brevemente, as principais formas de manifestação da violência no futebol, apontadas no item 1.4.2 deste estudo, denominado “Sistematização do *corpus*”. Autores, como Murad (2007; 2012) separam as formas de violência em violência no futebol e violência do futebol. Salientamos que, em nossa

investigação, optamos por utilizar o primeiro termo fazendo referência também ao segundo. Temos, então, a violência entre torcedores adversários e entre torcedores do mesmo clube de futebol, vandalismo contra o patrimônio dos clubes (contra os jogadores, depredações, por exemplo), conflitos que envolvem policiais; e temos aquela violência que ocorre no campo de jogo, como jogadas violentas. Neste primeiro item, como o próprio título sugere, serão analisados atos de violência, cujos responsáveis foram os torcedores, bem como causas, consequências e soluções para esses atos, através de valores postos em circulação pelos dispositivos jornalísticos citados anteriormente.

Iniciamos pela análise do texto jornalístico que inspira o título do presente item, “Torcidas em xeque”, o qual foi veiculado por Zero Hora, em 08 de março de 2012.

Os enunciadores do texto abordam a agressão sofrida por alguns jogadores do Palmeiras, cometida por um pequeno grupo de torcedores do próprio clube, no ‘*Aeroparque Jorge Newbery, em Buenos Aires*’. Os atos ocorreram um dia após a derrota do clube paulista para o Tigre da Argentina, em jogo válido pela primeira fase da Taça Libertadores da América.

Destacamos, inicialmente, o termo ‘*em xeque*’, presente no título. É um termo trazido, pelo enunciador, da linguagem do ‘jogo de xadrez’, constituindo, dessa forma, uma polifonia. Nota-se que ‘*em xeque*’ é um recurso polifônico transportado de um jogo para outro – do xadrez para o futebol – para falar sobre a violência das torcidas organizadas, procurando caracterizar fortemente seus atos de agressão, a ponto de colocá-las em meio uma jogada decisiva: ou mudam seu comportamento e atitude ou terão benefícios cancelados. Com efeito, começa a desenvolver para seu discurso um tom de ameaça.

# Torcidas em xeque

Após agressão em Buenos Aires, presidente do Palmeiras diz que cortará regalias



O presidente recém eleito do Palmeiras, Paulo Nobre, disse que todas as regalias do clube às torcidas organizadas serão cortadas por causa da agressão ao goleiro Fernando Prass.

O incidente ocorreu no Aeroporto Jorge Newbery, em Buenos Aires, ontem pela manhã, quando a delegação voltava da derrota para o Tigre (1 a 0) pela Libertadores.

– Acredito em bom relacionamento com as torcidas organizadas. Se eventualmente elas identificarem esses bandidos, expulsarem eles e os entregarem para a polícia, o relacionamento voltará a ser bom – disse Nobre.

O Palmeiras privilegiava a venda de ingressos para as organizadas em jogos no Brasil e fornecia gratuitamente uma quota de entradas para o Exterior, mas não financiava a viagem. Nobre disse que não teme retaliação, mas reforçou a segurança dos atletas. Declarou que pedirá apoio aos órgãos públicos para acabar com a violência:

– Se possível, falo até com a Dilma.

O episódio no aeroporto foi ação de integrantes da Mancha Alverde, revoltados com Valdivia – no estádio do Tigre, o chileno, xingado ainda no aquecimento, teria retrucado com gestos obscenos. No aeroporto, torcedores (seis, segundo os jogadores), cobraram primeiro o atacante Kleber, que perdeu um gol feito antes do gol argentino. Quando avistaram Valdivia, atiraram copos e xícaras. Um estilhaço atingiu a cabeça de Fernando Prass. O meia se escondeu no banheiro, sob proteção de segurança do clube. Em São Paulo, os atletas desembarcaram por uma “porta dos fundos” em Guarulhos.

Paulo Nobre defendeu Valdivia:

– Ele não tem sangue de barata. Não é certo reagir. Mas (se houve reação) não justifica (a agressão). Valdivia está tendo atitude exemplar. Vai ao jogo mesmo quando não relacionado.

## Histórico de violência



Na Argentina, torcida xingou Valdivia, que teria retrucado

- **Novembro 2008:** no aeroporto de Congonhas, um torcedor atacou o técnico Vanderlei Luxemburgo, que quebrou o braço direito.
- **Dezembro 2009:** três torcedores agrediram Vagner Love em um banco.
- **Mai 2011:** após goleada de 6 a 0 do Coritiba, um grupo jogou três coquetéis molotov no CT do clube.
- **Outubro 2011:** o volante João Vitor foi agredido por 15 torcedores na loja oficial do clube.
- **Novembro 2012:** após a derrota para o Fluminense, que deixou o time perto do rebaixamento no Brasileiro, torcedores atearam fogo à loja do clube.
- **Janeiro 2013:** torcedor agrediu o lateral Fabinho Capixaba após o treino.



Darío Benedetto (C) deixou tudo igual ao converter pênalti aos três

**São Paulo empata em casa com**

Figura 03 – Texto: “Torcidas em xeque”

Fonte: Zero Hora, 08 mar. 2012, p.57.

Como dissemos, o termo ‘*em xeque*’ é empregado de modo semelhante a uma situação que ocorre no jogo de xadrez, no momento em que a peça chamada “Rei” aparece na iminência de uma eliminação do jogo, o que causa, conseqüentemente, a derrota do jogador. O título, na forma polifônica, ‘*Torcidas em xeque*’, diz, em subtítulo, que ‘*Após a agressão em Buenos Aires*’, *presidente do Palmeiras diz que cortará regalias*. A enunciação do artigo jornalístico liga o “cortar regalias” ao enunciado do título “em xeque”. Quer dizer, ameaças pairam sobre as torcidas organizadas, especialmente a Mancha Alviverde<sup>85</sup>, que, assim, se veem na iminência de perder os benefícios concedidos pelo clube, os quais são a base de sustentação financeira das mesmas e são tratados pelo enunciador como ‘*regalias*’. O ‘em xeque’ pode levar a uma situação de ‘xeque-mate’, situação na qual o jogador, no xadrez, não tem mais saída, não tem como salvar o ‘Rei’ e inevitavelmente perderá o jogo. No caso da violência de integrantes da torcida do Palmeiras, através de uma situação de tentativa de banimento, de pedir apoio ao governo federal ‘*para acabar com a violência*’, ‘- *Se possível, falo até com a Dilma*’, constata-se que o enunciador e o presidente do Palmeiras (através do enunciador) colocam as organizadas em uma situação complicada, com poucas saídas. Mas também, elaboram um enunciado retórico, ou seja, tentam através de suas palavras, de seu discurso, além de ameaçar os torcedores, persuadi-los a não mais cometer atos de violência, utilizando como instrumento de negociação a concessão de regalias.

O enunciador enumera os principais privilégios: ‘*O Palmeiras privilegiava a venda de ingressos para as organizadas em jogos no Brasil e fornecia gratuitamente uma quota de entradas para o Exterior, mas não financiava a viagem*’. Assim, deduz-se que algumas regalias já haviam sido cortadas ou sequer existiram. A utilização de verbos no tempo pretérito imperfeito causa ambigüidade, pois deixa transparecer que alguns benefícios foram cortados (os dois primeiros) e outros concedidos (o último). Nota-se, dessa maneira, que o enunciador instala um efeito de dúvida sobre a momentânea concessão de benefícios. Pensa-se que o enunciador demonstra “agir” antes que o presidente, ou dá como certo o ‘corte de regalias’. Enquanto o presidente aponta para a suspensão dos benefícios, o enunciador dá a entender que já fora realizado.

Esse efeito de dúvida perpassa mais aspectos do texto. Ao utilizar, no subtítulo, um verbo indicando uma ação futura - ‘*cortará regalias*’ - o enunciador projeta uma decisão que ainda será tomada, que, no entanto, poderá não ser tomada, pois, como diz o próprio presidente do clube, Paulo Nobre: ‘- *Acredito em bom relacionamento com as torcidas organizadas. Se*

---

<sup>85</sup> Assim é dito pelo enunciador: ‘*O episódio no aeroporto foi ação de integrantes da Mancha Alviverde*’.

*eventualmente elas identificarem esses bandidos, expulsarem eles e os entregarem para a polícia, o relacionamento voltará a ser bom*'. Nota-se que o advérbio de modo '*eventualmente*', utilizado pelo presidente, afeta o juízo manifestado diminuindo sua força valorativa. Ou seja, ao mesmo tempo em que causa um efeito de dúvida a respeito do corte de regalias, joga a responsabilidade pela eventual volta do bom relacionamento às torcidas. O advérbio causa ainda um efeito de poucas possibilidades da volta do bom relacionamento.

Ao acionar a estratégia discursiva da acusação direta, o enunciador, além de criar um efeito de realidade e criar um efeito de autenticidade, como diz Maingueneau (2008), pela colocação das palavras na boca de outro, cria a ilusão<sup>86</sup> de seu afastamento desse discurso, atribuindo a responsabilidade pelo dito a outra pessoa, criando um efeito, e não mais do que um mero efeito, de objetividade. No caso, é possível afirmar, como diz Peruzzolo (2013, no prelo), que o enunciador arranja um "estratagema", como o uso da linguagem em terceira pessoa e a recorrência ao discurso direto para esconder-se no texto, ou seja, "para que a 'verdade' do valor moral do dizer apareça de modo válido e desinteressado", como se não fosse ele o responsável por manusear/afirmar determinado valor.

Nota-se, por meio dos ditos do presidente, que é dada à torcida a oportunidade para exercer um autocontrole. O bom relacionamento, ao qual o presidente faz referência, implica cooperação mútua<sup>87</sup>, ou seja, torcidas organizadas incentivando o time, sem violência e os clubes sustentando sua existência. Eis o valor social afirmado para a boa organização das relações entre torcidas e administração do clube. Como é possível notar, esse valor encontra-se permeado por um efeito de instabilidade.

Através da leitura realizada, auferimos que a intenção do enunciador é apresentar os benefícios como aquilo que fortalece a relação, que permite uma "relação saudável" e que mantêm a cooperação entre eles. Dessa forma, é possível dizer que esse relacionamento existente torna difícil ao clube ou ao presidente tomar atitudes que superam o nível da ameaça, que, ao que se nota, é o modo de agir do presidente do Palmeiras, porque o incentivo ao time, como foi visto, representa boa parte dos benefícios que podem ser oferecidos pelas torcidas organizadas. Como diz Murad (2012, p.30), "Os torcedores são o décimo segundo jogador, parte integrante do mundo e da cultura do futebol. São responsáveis pela *carnavalização*<sup>88</sup> do

---

<sup>86</sup> Falamos em ilusão, em efeito, pois, como já fizemos referência no capítulo anterior, através dos pensamentos de Fiorin (2012) e Brait (2004), não existe objetividade na linguagem e por consequência no jornalismo. Todo dito aponta para a presença de um sujeito de enunciação que faz recortes, interpreta, conclui.

<sup>87</sup> Como será possível observar na análise do texto "O que explica a violência" do jornal Zero Hora do dia 30 de dezembro de 2012.

<sup>88</sup> Grifo do autor.

espetáculo, com suas coreografias, cânticos e cores”. Essa carnavalização, citada pelo autor, é trazida ao estádio, principalmente pelas torcidas organizadas.

Entretanto, a afirmativa do presidente abre um precedente. A referida opinião do presidente pende para a ameaça de impunidade ou até para uma virada na situação do jogo. Assim a situação ‘em xeque’, não progride para um ‘xeque-mate’ na violência de integrantes de torcidas organizadas e passa a ser facilmente contornada. Como o ‘em xeque’ possui saída, como o próprio presidente aponta, suas ameaças às condutas das torcidas organizadas podem enfraquecer e não passar do nível de uma ameaça. Na contramão, o oponente – torcida organizada – parece fortalecer-se em suas atitudes violentas frente ao patrimônio do clube (os jogadores de futebol compõem o patrimônio do clube). Esse raciocínio é reforçado pelo enunciador através de dizeres marcados por efeitos de realidade, constituídos pela estratégia discursiva de referenciar dados históricos e números. Além disso, mostra-se uma imagem e apresenta-se a seguinte legenda: ‘*Na Argentina, torcedor xingou Valdívia que teria retrucado*’. A referida legenda visa a identificar o momento da ação e reforçar a construção do efeito de realidade. Os dados e números são utilizados para elaborar um recente ‘*Histórico de violência*’ de torcedores palmeirenses. Salienta-se que a construção do histórico é uma estratégia discursiva da instância enunciativa que serve de síntese, a qual visa a pedagogizar o tema abordado.



**Figura 04 – Histórico de violência de torcedores do Palmeiras**

Fonte: Zero Hora, 08 mar. 2013, p.57.

Como sugere a síntese pedagógica elaborada pelo enunciador para guiar a interpretação do enunciatário, os atos, embora isolados e realizados por um número muito pequeno de torcedores, segundo diz, são recorrentes, isto é, monta o tema sobre uma linha demonstrativa de fatos que se repetiram, como argumentos para o raciocínio proposto. Notamos que, de acordo com o enunciador do texto, o jogo continua sendo jogado, sem grandes vantagens ou avanços para o lado do clube, que, corriqueiramente, precisa tomar algumas precauções, mas que não

prejudicam certa estabilidade existente: *‘Nobre disse que não teme retaliação, mas reforçou a segurança dos atletas’*. Pelo lado das torcidas organizadas (mais especificamente, dos grupos violentos que se instalam dentro delas), embora o enunciador não faça referência, deduzimos que sugere que o avanço possa estar na impunidade dos atos, especialmente pelo histórico apresentado.

Em Folha de São Paulo do dia 13 de março de 2013, o enunciador da reportagem “Palmeiras tenta barrar agressores até em jogo fora do país” faz o manuseio de ações tomadas e pretendidas pelo clube paulista para não deixar impunes os torcedores que agrediram jogadores do clube após a derrota para o Tigre da Argentina – incidente relatado pela reportagem de Zero Hora, apresentada anteriormente e que, segundo os enunciadores dos dois textos, teve como causa um gesto obsceno feito pelo jogador Valdívia, após ter sido xingado por alguns torcedores da torcida organizada Mancha Alviverde. A justiça é o principal valor manuseado pelo enunciador e ganharia concretude através da punição aos torcedores violentos.

A justiça da qual fala o enunciador encontra-se sustentada e reiterada por meio de *‘tenta barrar agressores’*, *‘enviar nomes de torcedores para a polícia’*, *‘impedir a entrada de integrantes da Mancha Alviverde’*, *‘identificando os envolvidos’*, *‘prestar queixa por lesão corporal’* e *‘punição aos agressores’*, falas que reforçam um efeito de real. Destaca-se que são expressões que contribuem para a afirmação de um valor de forma isotópica, ou seja, são elementos acionados em um discurso para reforçar e substanciar uma ideia, um pensamento ou um tema.

Notamos que a temática desenvolvida pelo enunciador ao longo de seu texto está sustentada pela construção de argumentos, cujo principal deles encontra-se no título. Temos que o enunciado, segundo Peruzzolo (no prelo), “é o resultado de um conjunto de procedimentos argumentativos que visam induzir o enunciatário a aceitar a validade daquilo que o enunciador propõe”. Já Koch (2010, p.29) destaca que, através do uso da linguagem buscamos atingir objetivos, com efeito, seu uso “é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa”.

# Palmeiras tenta barrar agressores até em jogo fora do país

**VIOLÊNCIA** Diretoria promete entregar dossiê à FPF, e entidade deve enviar nomes de torcedores para a polícia

FABIO LEITE  
DE SÃO PAULO

O Palmeiras montou uma operação para tentar impedir a entrada dos integrantes da Mancha Alviverde que agrediram jogadores no aeroporto em Buenos Aires, na semana passada, em todos os jogos do time, até fora do país.

O clube está identificando os envolvidos no episódio para prestar queixa por lesão corporal à polícia de São Paulo e entregar um dossiê à FPF (Federação Paulista de Futebol) com os nomes e as imagens do incidente.

O objetivo é que a entidade proíba a entrada dos torcedores nos estádios paulistas. “Assim que chegar o material providenciamos a resolução para o impedimento da entrada desses torcedores”, disse o coronel Marcos Marinho, chefe do departamento

de segurança da FPF.

Anteontem, o presidente palmeirense, Paulo Nobre, e o mandatário da federação, Marco Polo Del Nero, combinaram que a entidade vai enviar os nomes dos agressores à Polícia Federal como um alerta de que eles podem cometer crime fora do país.

“Estamos dando sequência àquilo que foi falado [punição aos agressores], até que esses irresponsáveis sejam realmente enquadrados”, disse o diretor-executivo do clube, José Carlos Brunoro.

A ideia é que o dossiê seja concluído esta semana e seja enviado também ao ministro do Esporte, Aldo Rebelo.

A agressão ocorreu na última quinta-feira, no embarque da delegação alviverde no Aeroparque, em Buenos Aires, após a derrota para o Tigre pela Libertadores.

Um grupo da Mancha tentou agredir Valdivia atirando xícaras na sala de embarque

sob alegação de que o meia havia feito um gesto obsceno a um torcedor da facção que o xingara antes da partida.

Estilhaços atingiram o goleiro Fernando Prass, que sofreu um corte na orelha e levou três pontos na cabeça.

Após o caso, Paulo Nobre disse que não daria mais ingressos às torcidas organizadas até que os culpados sejam apresentados. A Mancha ainda avalia o que irá fazer.

Outras três facções palmeirenses pediram ao clube que a punição ficasse restrita à Mancha, mas o Palmeiras optou por manter a medida.

**Figura 05 – Texto: “Palmeiras tenta barrar agressores até em jogo fora do país”**

Fonte: Folha de São Paulo, 13 mar. 2013, p.D3.

No título, “Palmeiras tenta barrar agressores até em jogo fora do país”, e no primeiro parágrafo do texto, o operador argumentativo ‘até’ é utilizado pelo enunciador para dotar o enunciado de uma força argumentativa. Assim, temos um primeiro argumento: ‘O Palmeiras montou uma operação para tentar impedir a entrada dos integrantes da Mancha Alviverde que agrediram jogadores no aeroporto de Buenos Aires, na semana passada, em todos os jogos do time’. Logo após, o enunciador apresenta um argumento mais forte, ‘até fora do país’, que

permite concluir que a intenção da diretoria é impedir a presença desses torcedores em qualquer jogo do Palmeiras. Destacamos que, em ambos os trechos, o enunciador deixa um conteúdo pressuposto: o referido movimento realizado pelo clube possivelmente não encontra um antecedente semelhante, ainda mais no que se refere à tentativa de impedir que os torcedores olhem, do estádio, jogos do clube, quando este jogar fora do Brasil.

Outro operador argumentativo que merece destaque é o ‘*também*’, utilizado em ‘*A ideia é que o dossiê seja concluído esta semana e seja enviado **também** ao ministro Aldo Rebelo*’. Ou seja, o enunciado produz um efeito de controle total sobre os torcedores violentos, pois o clube investiga para saber quem são eles. Feito isso, a Federação Paulista de Futebol os impedirá de frequentar os estádios e a Polícia Federal, de acompanhar o time em jogos fora do país. Além disso, os nomes serão apresentados ao governo federal, por intermédio do Ministro do Esporte. O operador argumentativo em pauta funciona, então, como diz Koch (2010, p. 33), ‘*a favor de uma mesma conclusão* (grifo da autora)’. Aqui se pretende dar concretude à ideia do presidente do Palmeiras trazida pelo enunciador de “Torcidas em xeque”, ‘*- Se possível, falo até com a Dilma*’, em que ‘*Dilma*’ representa o governo federal, e o dossiê a ele chegará através do Ministro do Esporte.

Dito isso, fica subentendido que ações anteriores foram ineficientes e que não houve a punição de torcedores agressores. Subentendido que, para sua interpretação, segundo Orlandi (2005, p.82) “depende do contexto”. Por conseguinte, é possível deduzir que outros atos ficaram impunes. O referido subentendido pode ser reforçado pelo texto de Zero Hora, “Torcidas em xeque”, no momento em que o enunciador apresenta o histórico de violência dos torcedores e, pelo texto de Folha de São Paulo, quando o enunciador traz, através da estratégia da citação direta, a voz do diretor executivo do clube, José Carlos Brunoro: ‘*Estamos dando sequência àquilo que foi falado [punição aos agressores], até que esses irresponsáveis sejam realmente enquadrados*’. Vejamos que a expressão ‘*realmente enquadrados*’, mostra que até esse momento os torcedores violentos não eram responsabilizados da maneira correta, ou seja, não eram punidos como o dirigente pensa que deveriam. Com a voz do dirigente, deduzimos que o enunciador investe no discurso o possível fim da impunidade relativa aos atos violentos dos torcedores palmeirenses.

A ‘*operação*’ montada pelo Palmeiras, é apresentada em duas partes pelo enunciador: a primeira, que está relacionada ao argumento de tentar impedir a entrada dos agressores em estádios brasileiros, especialmente os paulistas, é constituída pela identificação desses torcedores, ‘*prestar queixa por lesão corporal à polícia de São Paulo*’ e ainda entregar um

dossiê à Federação Paulista de Futebol (FPF) ‘*com os nomes e as imagens do incidente*’; já a segunda, referente aos jogos fora do país, além das ações já referidas, necessita da Polícia Federal, para a qual serão enviados ‘*os nomes dos agressores (...) como um alerta de que eles podem cometer crime fora do país*’. A operação conta ainda com a entrega do dossiê para o Ministro do Esporte, Aldo Rebelo.

O enunciador mostra-se, ao longo do texto, como um sujeito que possui grande conhecimento sobre os aspectos da operação montada pelo Palmeiras para punir os torcedores agressores. Primeiramente, ele age sobre o texto denominando as ações tomadas pela diretoria do clube e pela Federação Paulista de Futebol de ‘operação’, ou seja, não são ações isoladas e esparsas, mas ações planejadas e em prol de um único objetivo. Feito isso, faz uso de afirmativas: ‘*O clube está identificando os envolvidos...*’; ‘*O objetivo é que a entidade proíba...*’; ‘*o presidente palmeirense, Paulo Nobre, e o mandatário da federação, Marco Polo Del Nero, combinaram que...*’ para comprovar seu saber sobre a situação.

Da mesma forma que em “Torcidas em xeque”, o enunciador do texto do dispositivo Folha de São Paulo apresenta o corte de ingressos como a primeira medida tomada pelo presidente do Palmeiras. Corte de ingressos que também é utilizado para ameaçá-las. O enunciador do primeiro texto destaca o retorno do bom relacionamento caso os torcedores identifiquem e entreguem os ‘*bandidos*’ para a polícia. Já no segundo, o enunciador, através do uso de um termo condicional, ‘*não daria*’, diz que os ingressos podem voltar a ser concedidos caso os ‘*culpados sejam apresentados*’. Deduz-se que ambos enunciadores buscam apresentar uma relação que, segundo eles e segundo o presidente, é a mais justa: com violência, não há benefícios; sem violência, há benefícios.

As afirmativas feitas pelo enunciador remetem-nos ao valor de justiça, o qual aparece em consonância com a negação da impunidade. Identificar aqueles torcedores que foram adjetivados como agressores, tentar impedir que não entrem nos estádios, entregar seus nomes para a polícia, elaborar um dossiê sobre os torcedores e entregá-lo inclusive para o Ministro do Esporte, realizar o corte de benefícios, ouvir autoridades, todos argumentos trazidos pelo enunciador que sustentam a tentativa de não deixar os atos violentos impunes. Outro argumento funciona ainda como ameaça: ‘*alerta de que eles podem cometer crime fora do país*’. Assim, apontam esses torcedores como indivíduos perigosos e criminosos potenciais.

Já dissemos que a temática do texto é desenvolvida pelo enunciador de forma essencialmente argumentativa. Desse modo, com intuito de mostrar a verdade de suas proposições e ao mesmo tempo criar um efeito de imparcialidade, o enunciador faz circular

estrategicamente diversas vozes, além daquelas que escapam ao seu domínio e também constroem os sentidos de um texto. Vozes que são utilizadas com intuito de fazer o texto significar de modo mais pleno. As vozes podem ser divididas em diferentes grupos. O primeiro, que busca punir os torcedores que agrediram jogadores, é composto por dirigentes do Palmeiras, por integrantes da Federação Paulista de Futebol, pela Polícia Federal e pelo Ministro do Esporte. Vejamos que esse grupo é constituído por autoridades, as quais têm seus nomes e funções apresentados: ‘*o presidente palmeirense, Paulo Nobre*’, ‘*o diretor-executivo do clube, José Carlos Brunoro*’, ‘*o coronel Marcos Marinho, chefe do departamento de segurança da FPF*’, ‘*o mandatário da federação, Marco Polo Del Nero*’, ‘*Ministro do Esporte, Aldo Rebelo*’, que, servem também para a produção de efeitos de sentido de realidade. Quando, no título e no primeiro parágrafo do texto, o enunciador utiliza o nome da instituição ‘*O Palmeiras tenta...*’ e ‘*O Palmeiras montou...*’, nela já estão implícitas as vozes do presidente e dos dirigentes, por exemplo. Através da estratégia discursiva de trazer vozes de autoridades para o discurso, o enunciador cria para este um efeito de verdade, além de promover um efeito de afastamento, atribuindo palavras a outros sujeitos. Ou seja, intenta deixar o referente falar automaticamente e por conta própria.

O segundo grupo de vozes é composto pela torcida organizada do Palmeiras, Mancha Alviverde, a qual, segundo o enunciador, ‘*ainda avalia o que irá fazer*’, tendo em vista que o clube cancelou o fornecimento de ingressos para todas as torcidas organizadas. Ou seja, é uma voz que não possui posicionamento definido. No entanto, através do operador ‘*ainda*’, o enunciador dá a entender que a torcida definirá um posicionamento.

Um terceiro grupo de vozes é constituído por ‘*Outras três facções do Palmeiras*’, as quais ‘*pediram ao clube que a punição ficasse restrita à Mancha, mas o Palmeiras optou por manter a medida*’. É uma voz que busca isentar-se das punições relativas à agressão aos jogadores. Notamos que há um silenciamento do nome dessas outras três facções. Assim, o enunciador coloca a opinião dessas torcidas em nível inferior de importância em relação a opinião da Mancha Alviverde. No enunciado, fica subentendido um repúdio das três torcidas em relação à Mancha Alviverde.

Destacamos ainda o emprego da conjunção ‘*mas*’, um operador argumentativo que, no enunciado, exerce uma função de privilegiar um valor. Como diz Maingueneau (1997, p.166), “liga dois atos distintos” e faz duas ou mais vozes entrarem em um embate. Assim, antes do emprego da conjunção, temos a presença da voz das três facções que não querem ser responsabilizadas por um ato que não cometeram. Após a conjunção, o enunciador traz

novamente a voz da instituição Palmeiras. São vozes com duas perspectivas diferentes que são colocadas em lados opostos pelo enunciador. Podemos interpretar ainda o uso da conjunção ‘*mas*’ como uma estratégia para criar um efeito de suspense, como trata Koch (2010), pois, antes do segundo argumento ser apresentado, outros poderiam surgir em virtude do primeiro.

Por último, apresentamos a voz, sempre presente, do enunciador do texto em análise. Mesmo criando um efeito de afastamento do discurso, através do uso de verbos em terceira pessoa, da recorrência a autoridades, da construção de argumentos com vozes distintas, é ele que qualifica como ‘operação’ as ações para punir os torcedores, é ele que faz a escolha dos argumentos, das vozes que são explícitas e silenciadas. Isso mostra-nos que não há a possibilidade de criar um discurso totalmente imparcial. Salientamos que a voz do enunciador está de acordo com a voz vinda do primeiro grupo de vozes mencionado acima. Começamos a deduzir isso já a partir do título da reportagem, no qual ocorre um direcionamento, que ganha força ao longo do texto, para as ações que as autoridades estão tomando para punir os agressores.

Observa-se que o diálogo e o embate entre as vozes é instaurado por um ato de enunciação realizado por um conjunto de sujeitos. Um ato de enunciação, segundo o pensamento bakhtiniano, resulta da relação entre indivíduos situados e organizados socialmente, a qual possibilita que os sujeitos interajam com diferentes vozes sociais. Com efeito, a enunciação revela a busca de um sujeito pelo outro que ocorre através do e pelo discurso.

Os atos violentos praticados por torcedores do Palmeiras, especialmente nos meses de setembro e novembro de 2012, também motivaram a produção de textos jornalísticos. Entre Folha de São Paulo e Zero Hora encontramos, relativos ao referido período, seis textos<sup>89</sup> que apresentaram as ações de alguns torcedores frente ao iminente<sup>90</sup> rebaixamento da equipe para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. Resumidamente, podemos dizer que alguns enunciadores abordaram os valores da revolta, da intimidação e do medo enquanto outros preocuparam-se em questionar as punições que deveriam ser aplicadas e em realizar julgamentos sobre os torcedores.

---

<sup>89</sup> Salientamos que, durante a análise desses textos, intercalamos outros que manuseiam valores semelhantes.

<sup>90</sup> Situação que acabou concretizando-se ao final da competição, a qual terminou na primeira semana do mês de dezembro. O mês de novembro pode ser considerado o período mais crítico, pois o Palmeiras teve seu rebaixamento consolidado antes do término do campeonato.

Em Folha de São Paulo do dia 13 de novembro de 2012, temos um texto intitulado “Incêndio atinge loja; organizada nega ter culpa”, no qual o enunciador trata da revolta de alguns torcedores palmeirenses, com o ‘*possível rebaixamento*’ da equipe.



**Figura 06 – Texto: “Incêndio atinge loja; organizada nega ter culpa”**

Fonte: Folha de São Paulo, 13 nov. 2012 p. D1.

A revolta motivou incêndio, depredação e pichação numa loja oficial do clube. Vejamos que o enunciador, no título, através do uso de ponto de vírgula, faz a separação entre duas ideias, embora pertençam à mesma sequência. Quando diz ‘*Incêndio atinge loja*’, criando um efeito de afastamento do discurso, ele busca eximir-se das responsabilidades ocultas na afirmação. No entanto, ao longo do texto atribui a torcedores palmeirenses, embora não os identifique, essa responsabilidade: ‘*A revolta com o possível rebaixamento levou à destruição de parte da loja oficial do Palmeiras em Perdizes*’. Após o uso de ponto de vírgula, no título, o enunciador diz ‘*organizada nega ter culpa*’, fazendo referência à nota oficial emitida pela Mancha Alviverde, que disse, segundo o texto, que ‘*não aceitará ser considerada culpada pelo incidente sem que haja provas*’. A interpretação realizada pelo enunciador da nota oficial, bem como a menção a esta nota, sugere que ele toma torcedores integrantes da Mancha Alviverde como os principais suspeitos pelo incêndio.

Ao longo do texto o enunciador dá destaque, ao colocar entre aspas, ao dizer de uma pichação dos torcedores palmeirenses na entrada da loja: “*Acabou a paz*”. Com efeito, pretende destacar uma intimidação feita pelos torcedores e afirma, que a polícia de Volta Redonda (local em que aconteceu o jogo entre Flamengo e Palmeiras), ‘*Temendo a torcida...*

*pretende reforçar o efetivo policial*'. Por conseguinte, temos a criação de um efeito de insegurança que é alimentado tanto pelas ações da torcida quanto pelos dizeres do enunciador.

O incêndio na loja do clube paulista rendeu também o texto “Incendiários”, publicado por Zero Hora no dia 13 de novembro de 2012 e pertencente à coluna de Wianey Carlet.

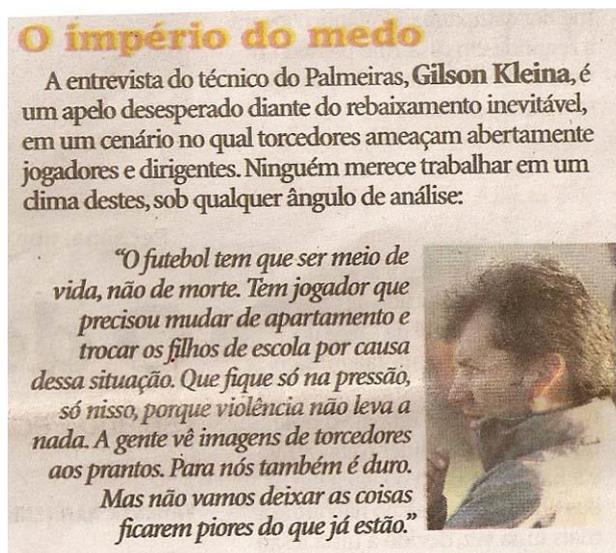


**Figura 07 – Texto: “Incendiários”**

Fonte: Zero Hora, 13 nov. 2012, p.53.

O viés temático, no entanto, é diferente. Neste, o enunciador pergunta-se sobre que castigo deveriam receber os torcedores que provocaram o incêndio e destruíram a loja oficial. Posteriormente, afirma que o iminente rebaixamento da equipe não justifica aquilo que ele adjetiva como ‘tresloucado gesto’. Desse modo, tem a intenção de levar o leitor a concluir que o incêndio foi um gesto louco e desvairado praticado por indivíduos com as mesmas características, que merecem ser castigados. Por último, afirma que existe lei que trata do acontecido, no entanto, elabora uma suspeita de que os atos ficarão impunes. Diz ele: ‘*Na verdade, trata-se de um crime previsto no Código Penal e como tal deveria ser tratado*’. Ao fazer uso da condicional ‘*deveria*’, entende que o tresloucado gesto, provavelmente, não será enquadrado devidamente, o que sugere incompetência daqueles que aplicam a lei.

Insegurança e medo, valores tratados em “Incêndio atinge loja; organizada nega ter culpa” também são abordados pelo enunciador de “O império do medo”, texto pertencente à coluna de Diogo Oliver, publicada em Zero Hora do dia 07 de novembro de 2012.



**Figura 08 – Texto: “O império do medo”**

Fonte: Zero Hora, 07 nov. 2012, p.39.

O título demonstra que o medo predomina no ambiente palmeirense e configura ‘*um cenário no qual torcedores ameaçam abertamente jogadores e dirigentes*’. As ameaças possibilitam ao enunciador julgar que ‘*Ninguém merece trabalhar em um clima destes*’. Quando diz ‘*sob qualquer ângulo de análise*’, no complemento da frase, pretende não dar margens para que seja estabelecido um pensamento diferente. Seu objetivo é fazer com que o enunciatário pense da mesma maneira. Para apresentar mais detalhadamente a configuração do ‘*cenário*’, o enunciador apresenta trechos de uma entrevista do técnico no Palmeiras, Gilson Kleina, adjetivada como ‘*um apelo desesperado diante do rebaixamento inevitável*’. O enunciador transporta a voz do técnico, alguém que convive diariamente com a situação, para seu discurso, com intuito de apresentar dizeres que sustentam sua ideia de ‘*O império do medo*’. Dessa forma, abre espaço para um novo enunciador que diz que: ‘*O futebol tem que ser meio de vida e não de morte*’, e, que apresenta características do cenário formado: ‘*Tem jogador que precisou mudar de apartamento e trocar os filhos de escola por causa dessa situação. Que fique só na pressão, só nisso, porque violência não leva a nada*’.

Os valores de segurança e medo/insegurança também são postos em circulação através de dois textos do jornal Folha de São Paulo: “Medo”, do dia 17 de setembro de 2012 e “Por segurança, time vai para refúgio em Itu”, do dia 19 de setembro de 2012. Ambos tratam das reações de jogadores e, especialmente, da diretoria, frente às atitudes de alguns torcedores organizados após a derrota do clube para o Corinthians pela 25ª rodada do Campeonato

Brasileiro, os quais invadiram a área coberta do estádio Pacaembu, xingaram dirigentes, que tiveram que ser escoltados dos seus camarotes<sup>91</sup>.

**MEDO**

Os jogadores e os diretores deixaram o estádio do Pacaembu ontem com medo dos torcedores. Alguns, como Maikon Leite, perguntavam aos seguranças se era seguro ir em carro particular. A resposta era: “Cuidado”.

A segurança será reforçada no CT, e os jogadores serão aconselhados a evitar ir ao banco no qual o clube mantém as contas dos funcionários ou ir sempre com seguranças. Foi lá que ex-jogadores, como Lenny e Vágner Love, foram agredidos em 2009. (MARCEL RIZZO)

**Figura 09 – Texto: “Medo”**

Fonte: Folha de São Paulo, 17 set. 2012, p.D3.

**Por segurança, time vai para refúgio em Itu**

DE SÃO PAULO

Assustada com a reação da torcida na derrota por 2 a 0 para o Corinthians, a diretoria do Palmeiras resolveu afastar os jogadores do clima pesado antes do jogo de sábado, contra o Figueirense.

De hoje a sexta-feira, o time treinará em um resort em Itu (a 101 km de São Paulo).

A reclusão, normalmente adotada para aumentar a concentração visando uma partida decisiva, desta vez tem como objetivo principal a segurança dos jogadores.

A diretoria já havia alertado os atletas a não frequentarem a agência bancária usada pelo clube para pagamentos. O local, conhecido por torcedores, foi palco de agressões a Vágner Love em 2009.

No domingo, após a derrota no clássico, torcedores tentaram invadir um camarote da diretoria palmeirense no Pacaembu e danificaram o restaurante Frevo, na rua Oscar Freire, que pertence ao vice-presidente Roberto Frizzo.

A partida contra o Figueirense, em Santa Catarina, é um confronto direto contra a zona de rebaixamento.

O Palmeiras, penúltimo colocado, acumula 20 pontos, dois a menos que o Figueirense, o primeiro acima dele na classificação do Brasileiro.

**Figura 10 – Texto: “Por segurança, time vai para refúgio em Itu”**

Fonte: Folha de São Paulo, 19 set. 2012, p.D1.

<sup>91</sup> Esta descrição é feita na reportagem “Perdido” do Jornal Folha de São Paulo do dia 17 de setembro de 2012, voltada para a descrição do jogo entre Palmeiras e Corinthians.

O valor do medo começa a ser afirmado já no título do texto do dia 17 e é reforçado pela primeira frase: *‘Os jogadores e os diretores deixaram o estádio com medo dos torcedores’*. Um efeito de precaução, que explicita a insegurança, é criado pelo enunciador quando diz que jogadores *‘perguntavam aos seguranças se era seguro ir em carro particular’* e obtinham a seguinte resposta: *“‘Cuidado’”*, o que, de certa forma, reafirma o perigo. Outro efeito presente no discurso é o da necessidade de proteção aos jogadores, concretizado no momento em que o enunciador diz que *‘A segurança será reforçada no CT’* e que os dirigentes aconselham os jogadores *‘a evitar ir ao banco no qual o clube mantém as contas dos funcionários ou ir sempre com seguranças’*. O conselho e a necessária proteção ganham força quando o enunciador faz ressoar no texto um fato de agressão a jogadores por parte de torcedores ocorrido no local, em 2009. Com efeito, além das reações atuais dos torcedores, o referido fato é utilizado como condicionante das medidas tomadas pelos diretores do clube.

Já o segundo texto está mais voltado ao valor da segurança, mesmo que adjetivações feitas pelo enunciador como diretoria *‘Assustada’*, o uso da figura *‘clima pesado’* que, aqui, representa tensão e reafirma a sensação de insegurança, a qual prejudica a concentração dos jogadores e a lembrança, novamente, do caso de agressão de 2009, continuem a fazer o valor do medo circular. Pensamos, no entanto, ser difícil tratar os dois valores em separado, pois se o enunciador sustenta a ideia da necessidade de reforço na segurança, é provável que tal necessidade derive de ações que geraram medo ou insegurança.

Vejamos que o enunciador, como falamos no primeiro capítulo, pensa o discurso de modo estratégico, ou seja, dota-o de elementos capazes de manusear e afirmar os valores que deseja compartilhar com o enunciatário. A utilização dos substantivos *‘refúgio’* e *‘reclusão’* estão ligadas a ideia de afastamento do *‘clima pesado’* e sustenta o valor de segurança. O termo *‘refúgio’* possibilita ainda o transporte da situação para um clima de guerra em que o clube e os jogadores precisam de proteção.

A ideia de afastamento, bem como de tranquilidade, também aparece quando o enunciador diz que *‘o time treinará em um resort em Itu (a 101 Km de São Paulo)’*. A expressão entre parênteses – que demarca um espaço geográfico – é um elemento discursivo que age na produção de um efeito de sentido de realidade e sugere que a distância, o afastamento de São Paulo (local da sede do Palmeiras) sejam sinônimos de segurança. Em virtude disso, fica subentendido que o *‘clima pesado’*, a falta de segurança e a possibilidade de ocorrerem atos violentos por parte dos torcedores restringem-se à capital paulista. O enunciador destaca ainda que a reclusão com objetivo de garantir a segurança dos jogadores é incomum, criando, assim,

um efeito de que foi adotada com o referido fim, porque era realmente necessária. Em resumo, o refúgio, a reclusão, o afastamento, o isolamento são trabalhados pelo enunciador em função de afirmar o valor de segurança.

Ao final do texto, o enunciador apresenta em discurso direto, a opinião do zagueiro do Palmeiras, Maurício Ramos, com intuito de mostrar que o jogador dá respaldo às medidas de segurança tomadas pela direção do clube: “*É um momento em que precisamos ter cautela, Pode ser bom ficarmos alguns dias mais concentrados, pensando no Figueirense*”. Veja-se que a citação aparece destacada em negrito e em fonte maior do que o restante do texto.

Deduzimos que o enunciador atribui grande importância para o dito do jogador e apossa-se dele como mais uma estratégia para sustentar as ideias que se propôs a trabalhar ao longo do texto. Destaca-se a expressão ‘*precisamos ter cautela*’, presente na citação, a qual reforça os intuitos da diretoria do clube: tomar medidas de precaução e de segurança. Assim sendo, não é apenas uma opinião de um empregado do clube que é apresentada, mas uma opinião que entra em consonância com o que vinha sendo afirmado anteriormente no texto.

Por conseguinte, interessou-nos notar o uso que o enunciador faz do discurso de outrem, ou seja, com que objetivo ele utiliza os dizeres de outra enunciação. Dizemos isso, pois sempre há uma intencionalidade que comanda e que orienta cada ato de enunciação. Como afirma Bakhtin (1986, p.147),

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o ‘fundo perceptivo’, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação.

Com efeito, o discurso de outrem, passa por um processo de interpretação que depende das palavras, das intenções daquele que o faz. O autor destaca ainda a necessidade de pensar o discurso de outrem aliado ao discurso no qual aparece inserido, ou seja, o mais importante é a “inter-relação dinâmica” que se estabelece entre eles.

O panorama valorativo até aqui apresentado, relativo aos atos de violência praticados por torcedores palmeirenses contra o próprio clube na reta final do campeonato brasileiro de 2012, pode ser expandido pelo texto “Perdedores”, de Zero Hora do dia 08 de novembro de 2012, integrante da coluna de Wianey Carlet.



**Figura 11 – Texto: “Perdedores”**

Fonte: Zero Hora, 08 nov. 2012, p.49.

O valor de derrota é o principal valor que o enunciador busca afirmar com seu texto, não a derrota do time que estava na iminência de ser rebaixado para a segunda divisão, mas a derrota dos torcedores como seres humanos, como seres sociais e que necessitam do outro para sua sobrevivência, ao praticarem atos violentos. É por isso que o enunciador considera-os ‘perdedores’, pois sendo violentos, *‘Perdem para vida, para a sociedade, para o convívio familiar e, perdem, finalmente, para os mais elementares princípios da vida em grupo’*. O enunciador, através desses argumentos, constrói a temática da derrota, mostra que o jogo jogado pelos torcedores violentos tem um único fim, o fracasso. E os repetidos atos de violência apenas reiteram a ideia do enunciador de que esses torcedores não sabem lidar com o fracasso (tanto do time quanto das consequências dos atos violentos).

Do ponto de vista do enunciador, há a hipótese de que esses torcedores não sabem explicar porque são violentos e que não possuem razão para agir de tal maneira. Quando o enunciador sentencia: *‘Se perguntarem a estes malfeitores sobre a causa de tanta violência, pouco ou nada terão a dizer. No máximo, que estão como raiva dos perdedores’*, ele apresenta-se como um julgador da situação. O resultado do seu julgamento é: não há necessidade alguma

de ameaçar jogadores e dirigentes, detonar bombas e pichar muros da sede do clube, mesmo que o time perca os jogos no campeonato, ou seja, os atos são injustificáveis. Essas ações transformam os torcedores nos ‘*maiores perdedores*’ e não os jogadores. Ações que se repetem, em sua opinião, sustentadas pelo valor da impunidade, que aparece figurativizado como um ‘*imenso guarda-chuva*’ que protege os torcedores violentos.

Além de ‘*malfeitores*’, o enunciador adjetiva os torcedores de ‘*facínoras*’, especialmente aqueles pertencentes à torcida organizada Mancha Verde, qualificada por ele como ‘*detestável*’, criando para ela uma aura de altamente perigosa e de que é composta apenas por bandidos. Não há a preocupação em identificar quais são os verdadeiros torcedores violentos e o enunciador acaba deslizando para uma generalização. Destaca-se que as adjetivações e os julgamentos realizados pelo enunciador são elementos discursivos que criam um efeito de aproximação do discurso e, conseqüentemente, um efeito de subjetividade, ao mesmo tempo em que contribuem para mostrar que ele (o sujeito enunciador) possui autonomia para colocar em circulação seu pensamento.

Nota-se que o ponto de interrogação colocado entre parênteses, logo após a palavra ‘*torcedores*’, na última linha do texto, é uma estratégia da enunciação jornalística para mostrar que sua intenção é promover uma dúvida, se esses indivíduos podem realmente ser chamados de torcedores ou deveriam ser chamados de bandidos, de malfeitores, de facínoras, por exemplo, e incita o enunciatário a compartilhar do mesmo questionamento.

O mesmo questionamento é lançado no texto “Vandalismo – Recado”, pertencente à coluna de Wianey Carlet, publicada por Zero hora do dia 07 de março de 2013. No entanto, tem-se aqui um posicionamento assumido pela enunciação jornalística. Nesse texto, o enunciador refere-se a torcedores gremistas que durante o jogo entre Grêmio e Caracas destruíram várias cadeiras do estádio do próprio clube. Segundo ele, era um exemplo do que alguns torcedores iriam fazer caso fossem instaladas cadeiras nos espaço dedicado à torcida organizada Geral do Grêmio<sup>92</sup>.

---

<sup>92</sup> A instalação de cadeiras foi uma determinação dos Bombeiros.

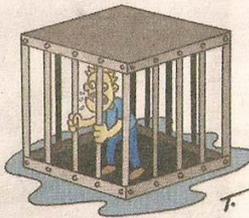


**WIANEY  
CARLET**  
wianey.carlet@zerohora.com.br

## Vandalismo

**P**reparava-me para comentar a brilhante vitória do Grêmio sobre o Caracas quando um colega apontou-me o espaço onde tinha se posicionado a torcida Geral do Grêmio. De início, não entendi o que eram aquelas manchas entre as cadeiras azuis. Disseram-me que a torcida havia arrancado e quebrado dezenas de cadeiras e que no jogo anterior tinham destruído cerca de 150 cadeiras novas. As “manchas” eram a falta das cadeiras. Não eram torcedores visitantes ou de outros clubes. Eram gremistas, mesmo, destruindo o patrimônio do clube.

**Recado** Na jornada esportiva da Rádio Gaúcha, verbalizei a minha interpretação para a depredação das cadeiras da Arena. Repito agora a leitura que fiz: “integrantes da Geral, inconformados com a determinação dos Bombeiros para que sejam instaladas cadeiras no espaço reservado a esta torcida, está informando que destruirão as cadeiras que forem instaladas, como já estão fazendo. Ora, se não respeitam o patrimônio do clube e nem acatam determinação das autoridades de segurança, o que são estas pessoas? Torcedores? Claro que não. Torcedor, verdadeiro, merece respeito e não pode ser confundido com estes vândalos. A OAS construiu a Arena, mas esqueceu de construir uma grande jaula.”



**Figura 12 – Texto: “Vandalismo – Recado”**

Fonte: Zero Hora, 07 mar. 2013, p.53.

O posicionamento é assumido quando o enunciador tenta recuperar o momento da enunciação, na qual havia realizado uma interpretação sobre o ato de depredação das cadeiras. Para causar um efeito de que a interpretação posta em circulação através do jornal impresso é a mesma realizada no momento em que o fato ocorreu, coloca entre aspas as palavras que teria dito, após fazer uma breve introdução: *‘Na jornada esportiva da Rádio Gaúcha, verbalizei a minha interpretação para a depredação das cadeiras. Repito agora a leitura que fiz: “... Ora, se não respeitam o patrimônio do clube e nem acatam determinação das autoridades de segurança, o que são estas pessoas? Torcedores? Claro que não...”’*. Vejamos que o termo *‘Ora’* é utilizado para introduzir os dois argumentos que darão sustentação ao seu posicionamento e serve para apontar a uma única conclusão. Quando diz *‘Claro que não’*, busca

compartilhar com o enunciatório a opinião de que não há outra conclusão possível. Com efeito, coloca em xeque a atribuição do título de torcedores para essas pessoas e, logo em seguida, afirma ser óbvio e evidente que indivíduos que destroem o patrimônio do clube não podem ser considerados torcedores. Encontramos nesse texto o que Lopes (2012) encontrara em sua investigação: alguns enunciadore negam a condição de torcedor dos indivíduos que praticam atos de violência, já outros, como poderá ser visto através do texto “O que explica a violência”, afirmam que esses torcedores relegam o futebol a segundo plano, priorizando os conflitos.

O enunciadore, ao prosseguir seu texto dizendo que ‘... *Torcedor, verdadeiro, merece respeito e não pode ser confundido com estes vândalos.*’, estabelece uma separação entre dois tipos de torcedore: o verdadeiro, o qual merece ser respeitado, preza pelo patrimônio do clube e não pode ser confundido com o outro tipo, o vândalo, que destrói o patrimônio do clube, não obedece as autoridades e, segundo deixa subentendido o enunciadore, possui um comportamento irracional, animalesco. O subentendido, no nosso entendimento, pode ser extraído através da última frase do texto: ‘*A OAS construiu a Arena, mas esqueceu de construir uma grande jaula*’. Jaula é costumeiramente lugar de animais ferozes e perigosos. Desse modo, torcedores com tal comportamento animalesco, segundo o enunciadore, lá deveriam estar. A expressão ‘*grande jaula*’, além de dar a impressão de que são muitos os vândalos, funciona como uma figura que indica que o lugar de tais indivíduos é na prisão e não em estádios. Cabe salientar que, como diz Lopes (2012), tratar o torcedore como animal incita-o a agir dessa maneira.

O efeito de estar surpreso, de não estar acreditando no que aconteceu, provocado pelo enunciadore quando diz ‘*De início, não entendi o que eram aquelas manchas entre as cadeiras azuis*’, contribui para sustentar a conclusão descrita acima. O trato da situação como incabível ou inacreditável aparece quando o enunciadore afirma: ‘*Não eram torcedores visitantes ou de outros clubes. Eram gremistas, mesmo, destruindo o patrimônio do clube*’. A utilização de ‘*mesmo*’ dá o tom de confirmação de que a destruição do patrimônio estava sendo feita por torcedores do próprio clube.

Através do segundo trecho destacado no parágrafo anterior, o enunciadore deixa falar outra voz, a qual demonstra a presença de um tom mais natural, ou com menos espanto, caso a destruição fosse causada por torcedores visitantes ou de outros clubes. Outra voz que surge é a dos colegas de profissão – ‘*um colega apontou-me*’; ‘*Disseram-me*’ – que possibilitaram ao enunciadore identificar o que eram as manchas entre as cadeiras azuis e realizar seu julgamento. Julgamento que é assumido pela instância de enunciação, através de recursos que o aproximam do discurso, como a presença de verbos conjugados em primeira pessoa – ‘*Preparava-me*’; ‘*não*

*entendi*’; *verbalizei*’; *Repito agora a leitura que fiz*’ – e que trazem um valor de subjetividade para o mesmo.

Falávamos anteriormente sobre o valor da impunidade. Notamos que ele é tratado com mais ênfase no texto “Dia da chibata”, localizado logo abaixo de “Perdedores”, que aborda a questão de todos os torcedores violentos, não apenas os palmeirenses.



**Figura 13 – Texto: “Dia da chibata”**

Fonte: Zero Hora, 08 nov. 2012, p.49.

Inicialmente o enunciador faz uma constatação: *‘Prender esses agentes da violência que agem no futebol é completamente inútil’*. Ou seja, a cadeia não é o melhor lugar para os torcedores violentos; eles devem ser punidos, ou castigados, como prefere o enunciador, através de outros métodos<sup>93</sup>. O fato é que, para o enunciador, eles devem ser castigados pelos atos que cometem, pois, em sua visão, a impunidade, além de *‘Permitir que continuem ameaçando, amedrontando e ferindo’* funciona como um estímulo para que *‘persistam e aumentem a dose de violência’*. Deduz-se que o enunciador pensa a impunidade como uma das principais causas da violência no futebol. Não conseguindo encontrar soluções para os *‘agentes da violência’* ele pensa que *‘métodos medievais de castigo’* deveriam ser resgatados. As chibatadas e o açoitamento caracterizariam esses métodos. Notamos que são palavras intimamente ligadas a

<sup>93</sup> Geralmente, as ações dos torcedores violentos, como brigas e depredações são considerados crimes leves, o que resulta em poucos ou nenhum dia de prisão.

métodos violentos e nada educativos de punição e repreensão. Com eles, buscar-se-ia conter a violência com mais violência. Ao fazer uso do termo ‘*chibata*’, o enunciador traz para seu discurso, um termo historicamente marcado pelo castigo violento<sup>94</sup>, pela tortura, fazendo ressoar sentidos constituídos em outros períodos, como o medieval e o da escravidão, por exemplo. Notamos que as características do método permaneceriam as mesmas: ‘*estes bandidos deveriam ser levados para uma praça, no centro da cidade e açoitados por um número pré-estabelecido de chibatadas*’.

Conforme Bakhtin (1986, p.95), “*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial*”, conseqüentemente, o mesmo ocorre com a palavra jornalística. Todas as palavras que pronunciamos ou ouvimos na realidade estão abrigadas em um contexto enunciativo preciso, o que implica um “contexto ideológico preciso” e leva-nos a compreendê-las como “verdades ou mentiras, coisas boas ou más”. A compreensão das palavras<sup>95</sup> relaciona-se, então, ao que elas despertam nos seres humanos em termos de importância, relevância e utilidade para a vivência, ou seja, o que ela desperta em termos de valores. As palavras podem assumir variadas funções ideológicas, caracterizando-se, também, como signos dotados de neutralidade. Isso leva-nos a dizer que a compreensão por parte do enunciatário de um determinado discurso, além de ser um processo complexo e individual, além de depender do processo de orientação de leitura realizado pelo enunciador, depende da situação de comunicação, na qual ambos (enunciador e enunciatário) estão inseridos.

A ilustração utilizada junto ao texto verbal mostra, em partes, como funcionaria o método sugerido pelo enunciador: o torcedor, praticamente imobilizado, sendo colocado a receber seu castigo, no caso, alguns alimentos jogados em sua direção, além de ser humilhado. Nota-se que a ilustração apresenta o estereótipo, ao menos no aspecto estético, de um torcedor muito conhecido nas décadas de 1980 e 1990, o *Hooligan*: que recebe atributos como brutamonte, indivíduo forte, mal-humorado, taxado como irracional, com a presença de cicatrizes. Ressalta-se que a ilustração é uma tentativa de causar aquilo que Eliseo Verón chama de efeito de reconhecimento, pois busca fazer com que o enunciatário atrele a imagem do torcedor representado na ilustração aquele que o enunciador intenta representar via texto verbal. Ou seja, incita o enunciatário a pensar num torcedor violento contemporâneo semelhante aquele do período por nós referido. A ilustração, dessa forma, funciona, além de apresentar um

---

<sup>94</sup> Esse método, inclusive, despertou a conhecida Revolta da Chibata, em 1910, no Rio de Janeiro. Na ocasião marinheiros eram condenados a receber determinado número de chibatadas caso não atendessem às solicitações de superiores.

<sup>95</sup> Em nota de rodapé, Bakhtin (1986) explica que a palavra não estando aliada a um contexto torna-se um sinal, algo único. Para tornar-se um signo, a palavra necessita de um contexto enunciativo.

torcedor estereotipado, como um elemento polifônico que traz para o discurso vozes constituídas em outras épocas e que sustentam a proposição do enunciador.

Quando o enunciador diz ‘*Uma vez por semana...*’, cria um efeito de que toda semana haveria algum torcedor que deveria ser açoitado, ou seja, destaca a recorrência de atos violentos praticados por torcedores. O enunciador institui para si um lugar de justiceiro. Já que não vê soluções plausíveis, desenvolve sua própria solução: fazer justiça com as próprias mãos, isto é, punir os atos de violência com mais violência. Dessa forma, o ‘*dia da chibata*’ seria para ele o modo, embora ‘*feio, grotesco, cruel*’, encontrado para solucionar a impunidade relacionada à violência no futebol já que as penas são ‘*inaplicáveis ou, simplesmente, inúteis*’. Veja-se que o enunciador sugere formas retóricas de punição, as quais serviriam para convencer e induzir o torcedor a não mais cometer atos de violência e serviriam de exemplo para os demais torcedores.

Nesses dizeres reside outro posicionamento do enunciador, o qual também sustenta a temática da impunidade: os responsáveis por combater a violência no futebol não o fazem. Assim, ele questiona-se e interpela o leitor ao mesmo tempo, propondo que este também passe a pensar sobre o tema: ‘*Mas como conter estes celerados se as penas disponíveis são inaplicáveis ou, simplesmente, inúteis?*’ Se as penas são inaplicáveis é porque são mal elaboradas, ou porque quem deveria dar garantias, no caso o Estado, para que elas fossem aplicadas adequadamente, não o faz; se elas são inúteis, também sugere um problema de elaboração e forma de aplicação.

O efeito de sentido de alerta sobre as consequências da impunidade, produzido pelo enunciador quando diz que ‘*Permitir que continuem ameaçando... é estimular que persistam e aumentem a dose de violência...*’, está endereçado para autoridades ligadas aos esporte, para o Estado, para dirigentes de clubes de futebol, para os torcedores pacíficos. Assim, a utilização dos verbos no infinitivo (permitir e estimular) ajuda o enunciador a direcionar seu posicionamento para todos aqueles que podem contribuir para a solução do problema.

Maingueneau (2008, p.99) destaca que “O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados”. O autor fala isso quando apresenta a questão do *ethos*. Não é nosso intuito, aqui, realizarmos um estudo dessa categoria, mas quando o enunciador utiliza, por exemplo, um ponto de interrogação entre parênteses logo após a palavra ‘*torcedores*’, como no texto “Perdedores”, intenta despertar no enunciatário a mesma dúvida que ele possui; quando faz adjetivações pejorativas, como ‘*malfeitores*’, ‘*fracassados*’, ‘*facínoras*’, ‘*bandidos*’,

‘*celerados*’, mostra, claramente, que deseja compartilhar esses aspectos valorativos com o enunciatário, aspectos, os quais são postos no discurso pelo fato de estarem investidos também no enunciador. Com efeito, o sujeito enunciador espera que os efeitos de sentido por ele visados sejam os mesmos, ou ao menos semelhantes àqueles que serão produzidos no momento da leitura de um texto. São proposições do próprio sujeito enunciador que são postas no discurso. Lembramos que o sujeito enunciador é composto pela totalidade de textos por ele produzidos, os quais formam uma espécie de simulacro em conjunto como os aspectos ideológicos e linha editorial do dispositivo jornalístico e dos companheiros de trabalho.

Constatamos que a impunidade funciona como um valor fundante do discurso que circula em grande parte dos textos jornalísticos até aqui analisados. Impunidade que, resumidamente, significa a falta de punição, de castigo, frente a uma conduta considerada por lei desapropriada. Consequentemente, geraria mais violência. Interessa-nos, no momento, verificar como os enunciadores manusearam e afirmaram esse valor, se realizaram considerações apenas superficiais ou aprofundadas.

Lopes (2012, p.196) diz que, “Em geral, os materiais discursivos<sup>96</sup> apresentam como óbvio o argumento de que a impunidade gera violência, ou seja, o impõem dogmaticamente, sem justificá-lo. A violência seria uma decorrência quase que natural da impunidade”. Analisando, além de artigos de opinião de jornais como Folha de São Paulo e Lance!, entrevistas com pesquisadores do assunto e torcedores, o autor afirma que em grande parte dos textos não há “maiores problematizações acerca da relação entre esses fenômenos”. Ou seja, a impunidade é tratada de maneira muito vaga. Carvalho Filho (2004, p.181) apresenta a impunidade pensada através de dois pontos de vista: um jurídico e outro político. O primeiro trata da “não aplicação de determinada pena criminal a um caso concreto”, o que sugere “incapacidade ou falta de disposição de o Estado fazer prevalecer a punição estabelecida”. Já o segundo, mais amplo, aborda as situações que “a própria lei e/ou magistrado que a aplica são considerados benevolentes para com determinado ato criminal”.

Para o enunciador do texto “Perdedores”, a impunidade funciona como um ‘*imenso guarda-chuva*’ que abriga e protege os torcedores violentos. Já em “Dia da chibata”, nota-se, por parte do enunciador, um clamor desesperado, pedindo soluções imediatas para o fenômeno, ao mesmo tempo em que tece críticas sobre as penas e as leis e afirma que a impunidade

---

<sup>96</sup> Ao dizer materiais discursivos, o autor refere-se ao conteúdo dos artigos de opinião analisados e das entrevistas realizadas durante o desenvolvimento de sua tese de doutorado intitulada: “Discurso sobre a violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social”.

estimula a persistência dos atos e aumenta a dose de violência. Não visualizando soluções para o fenômeno, o enunciador propõe o apelo a um método medieval de castigo, o uso da chibata.

Em “Torcidas em xeque” e em “Palmeiras tenta barrar agressores até em jogo fora do país” os enunciadores apresentam, como vimos, algumas soluções para penalizar os torcedores que agrediram jogadores do clube. Assim, o primeiro texto reforça a ideia do ‘*corte de regalias*’, ou seja, a suspensão dos benefícios concedidos às torcidas organizadas até que os envolvidos sejam devidamente identificados e punidos. Já o segundo trata da identificação desses torcedores, o que resultaria na elaboração de um dossiê a ser entregue para a Federação Paulista de Futebol, para a Polícia Federal e para o Ministro do Esporte que se responsabilizariam em não deixar esses torcedores entrarem nos estádios. Desse modo, corte de benefícios, identificação e proibição de entrar nos estádios são as soluções apresentadas para não deixar os atos impunes. Não é possível julgar se são as mais corretas ou não. No entanto, constata-se a apresentação de um discurso que não é vazio no que tange à elaboração de soluções.

Um novo texto que, em nosso entendimento, trabalha o valor da impunidade é “Bom exemplo”, pertencente à coluna “Bola Dividida” de Luiz Zini Pires, publicado em Zero Hora do dia 23 de outubro de 2012.



**Figura 14 – Texto: “Bom exemplo”**

Fonte: Zero Hora, 23 out. 2012, p.53.

Nele, o enunciador, mesmo que brevemente, apresenta o caso de um torcedor inglês que, após agredir o goleiro do time adversário, teve sua punição definida em apenas quatro dias. Embora sucinto, o texto gera bastante interesse, especialmente através dos últimos dizeres, quando ele transporta a questão para o Brasil: ‘*A punição foi rápida e exemplar. No Brasil, demoraria anos*’. O enunciador, produzindo um efeito de sentido de proximidade, evidencia que é esse o tipo de atitude que ele gostaria que fosse tomada no Brasil em relação aos torcedores violentos.

Quando ele enuncia as duas referidas frases, traz para seu discurso alguns subentendidos, como: a justiça<sup>97</sup> brasileira é lenta; a justiça brasileira não sabe exatamente o que fazer quando ocorrem atos de violência evidenciando a superioridade inglesa no trato da situação; a justiça, as autoridades e os dirigentes não estão preocupados em resolver o problema. A superioridade pode ser notada na comparação díspar de tempo que ele usa: o fato, na Inglaterra, ocorreu na sexta, o agressor foi preso no domingo, julgado na segunda e já condenado; já no Brasil, isso ‘*demoraria anos*’. Com esta expressão, o enunciador permite ainda pensar que os fatos podem cair no esquecimento e ficar impunes. A longa demora apontada pelo enunciador de “Bom exemplo” sugere o retorno ao texto “Dia da chibata”, no qual o enunciador diz que ‘*as penas disponíveis são inaplicáveis ou, simplesmente, inúteis*’. Isso possibilita que se diga que duas hipóteses principais são levantadas pelos enunciadores: a demora estaria relacionada a não existência de uma legislação competente, a qual não daria subsídio para as autoridades encontrarem uma solução rápida e encaixarem os casos em suas devidas punições; no entanto, como o enunciador de “Dia da Chibata” diz também que existem penas, isso sugere incompetência e descaso de quem deveria aplicá-las. Por último, destaca-se um subentendido através do título “Bom exemplo”: o enunciador utiliza como exemplo a condução de um fato ocorrido em outro país, ou seja, a condução (avaliação, punição) dos vários episódios<sup>98</sup> violentos no futebol brasileiro não consegue ser exemplar.

A longa demora, as leis inúteis, as autoridades incompetentes, a falta da proposição de soluções trazidas pelos enunciadores de “Perdedores”, “Dia da Chibata” e “Bom exemplo” e a suspeita de que nada será feito, levantada pelo enunciador de “Incendiários”, levam-nos a dizer que estes textos pertencem a um discurso que produz um efeito de sentido do que Lopes (2012, p.197) denomina de “imutabilidade da situação”, especialmente em relação à impunidade, ou seja, sugere certo “fatalismo”, sugere que ela é um “fenômeno permanente e recorrente”. Como diz o autor, apela-se para a estratégia de afirmar a eternalização para tratar a impunidade relativa à violência no futebol.

Em outro momento, como faz o enunciador no texto “Avalanche”, pertencente à coluna de Wianey Carlet e publicado por Zero Hora em 1º de março de 2013, há a sugestão para que a impunidade e a Justiça falha sejam utilizadas em prol de algum benefício. É o que ele propõe

---

<sup>97</sup> O termo “justiça”, no caso, refere-se às autoridades responsáveis por desenvolver leis, estabelecer penas, julgar os casos; aos dirigentes, pelo fato dos torcedores serem considerados integrantes do clube. Enfim, todos aqueles que possuem potencial para encontrar soluções plausíveis para os episódios de violência.

<sup>98</sup> Como destacamos na Introdução, em oito meses de coleta de material para o *corpus* da presente pesquisa, encontramos, no Jornal Folha de São Paulo e no Jornal Zero Hora, cerca de 125 textos falando sobre diferentes episódios de violência no futebol.

aos torcedores gremistas adeptos da ‘*avalanche*’<sup>99</sup>, após alguns torcedores corintianos conseguirem liberação para entrar no estádio Pacaembu, sendo que o jogo entre Corinthians e Milionários pela Copa Libertadores da América deveria ser disputado sem a presença da torcedores<sup>100</sup>. A liberação conseguida por alguns torcedores é adjetivada pelo enunciador como ‘*deboche contra a Conmebol*’<sup>101</sup>, no texto “Liminares”, publicado no mesmo dia. Destacamos que, em “Avalanche”, o enunciador posiciona-se contrário ao fato da justiça brasileira ter concedido o benefício aos torcedores paulistas.

**Avalanche** Se torcedores paulistas foram beneficiados pela Justiça, mesmo se tratando de um caso de revoltante assassinato de um garoto num estádio de futebol talvez seja o caso de os gremistas que são adeptos da avalanche, buscar liberação para a sua brincadeira na Justiça. Pode não ser a mesma coisa, mas bem conversadinho pode parecer que é.

**Figura 15 – Texto: “Avalanche”**

Fonte: Zero Hora, 01 mar. 2013, p.45.

Ao utilizar o operador ‘*mesmo*’ em ‘*Se torcedores paulistas foram beneficiados pela Justiça, mesmo se tratando de um caso de revoltante assassinato de um garoto num estádio de futebol...*’, causa um efeito de a decisão ser inadmissível, inacreditável. No entanto, já que o benefício foi concedido para os corintianos, sugere que os torcedores gremistas busquem o mesmo: ‘*talvez seja o caso de os gremistas que são adeptos da avalanche, buscar liberação para a sua brincadeira na Justiça. Pode não ser a mesma coisa, mas bem conversadinho pode parecer que é*’. Desse modo, cria para seu enunciado uma ironia, que serve para criticar a Justiça que beneficiou os torcedores corintianos.

Veja-se que são punições diferentes, aplicadas a situações diferentes e por diferentes órgãos (lá, pela Conmebol, aqui, pelo Ministério Público). O termo ‘*bem conversadinho*’ utilizado pelo enunciador evidencia o popular “jeitinho brasileiro”, de cunho bem negativo, caracterizado por ações que primam pela ilegalidade, pela desonestidade, pela esperteza

<sup>99</sup> Conhecida comemoração, na qual os torcedores, no momento do gol, descem as arquibancadas correndo. O espaço para essa comemoração, na Arena do Grêmio, fora interditado após alguns torcedores caírem e se machucarem durante o jogo entre Grêmio *versus* LDU pela Pré-Libertadores, em janeiro de 2013.

<sup>100</sup> O jogo era para ser disputado sem torcida, pois o Corinthians havia sido punido pela morte do garoto boliviano Kevin Espada, após ser atingido por um sinalizador marítimo arremessado por um torcedor corintiano. A cobertura desse caso, realizada por Folha de São Paulo e Zero Hora, será assunto da próxima seção de nosso estudo.

<sup>101</sup> A Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) é a entidade que comanda o futebol da América do Sul e organiza competições como a Copa Libertadores da América e a Copa Sul-Americana.

maléfica. Ao utilizá-lo, traz os referidos valores para o discurso, além de sinalizar a possibilidade de tal manobra (dos gremistas) ter sucesso e naturalizar o “jeitinho brasileiro”. O enunciador, dessa forma, aparece constituído por duas vozes diferentes: uma que está revoltada com a morte do garoto boliviano e com a decisão da justiça; a outra, que incita os torcedores a burlarem punições estabelecidas.

Os próximos textos analisados pertencem ao dispositivo jornalístico Zero Hora, sendo que os dois principais possuem como títulos “O comandante da baderna na Arena” e “O que explica a violência”<sup>102</sup>. Foram publicados, respectivamente, em 27 de dezembro de 2012 (p. 4-5) e 30 de dezembro de 2012 (p.32-33). O primeiro trata de encontrar responsáveis e causas para as brigas entre torcedores do Grêmio na inauguração da Arena do Grêmio, o novo estádio do clube, ou seja, o enunciador monta o discurso, falando sobre uma ocorrência violenta, de modo semelhante ao que foi feito em “Torcidas em xeque”. Já o segundo tenta explicar o que motiva a violência, especialmente entre torcedores do mesmo time e torcedores de uma mesma torcida, através da apresentação de causas para o fenômeno<sup>103</sup>.



<sup>102</sup> Salientamos que a análise abarca outros textos que acompanham aqueles mencionados.

<sup>103</sup> Salientamos que dividimos a exposição dos textos com intuito de facilitar a visualização.

# O comandante da baderna na Arena

ZH teve acesso a vídeos exclusivos da briga ocorrida na inauguração do estádio e mostra que o articulador da selvageria é o número 2 na hierarquia da Geral do Grêmio. Não se trata de um episódio isolado: promover batalhas é um objetivo entre alguns integrantes da cúpula da maior torcida organizada gremista.

PAULO GERMANO

**A** violência tem cadeira cativa na Geral do Grêmio.

Não foi por acaso a pancadaria que maculou a inauguração da Arena, no último dia 8, quando integrantes da maior torcida organizada do clube distribuíram socos e pauladas na arquibancada. Líderes da Geral estimulam, patrocinam e comandam esses tumultos – bem mais frequentes do que se imagina.

Zero Hora obteve vídeos exclusivos da briga no novo estádio. E o principal agitador do quebra-quebra foi Cristiano Roballo Brum, 32 anos, mais conhecido como Zóio. Velho conhecido da polícia, Zóio é o número 2 na hierarquia da Geral. Conserva o respeito dos membros da torcida, dispõe de regalias como passagens aéreas para acompanhar o Grêmio e, com frequência, aparece cercado de aliados que atuam como seus seguranças.

Nas imagens gravadas na arquibancada da Arena, a liderança de Zóio fica evidente. En-

quanto distribui murros e pontapés, seus amigos batem nos desafetos com hastes das bandeiras que deveriam colorir o espetáculo. Zóio não leva um único safanão: primeiro, porque quem acertá-lo sofrerá represálias; segundo, porque pelo menos seis homens se dedicam a protegê-lo em meio ao tumulto.

Em um dos vídeos, ele ergue a perna na altura da própria cabeça e acerta um chute no rosto de um rapaz. Em outra imagem, o número 2 da Geral arremessa contra um adversário um tambor da charanga da torcida.

– Zóio e outros líderes desenvolveram técnicas para escapar da Brigada Militar. Eles dão um único golpe e se afastam. Então, observam se a tropa está se aproximando. Se os PMs ainda estiverem longe, desferem outro golpe e recuam. Eles se acostumaram a pensar na polícia enquanto brigam – diz um policial que investiga a atuação dos gremistas.

Foi exatamente o que ocorreu no confronto da Arena. Quando os militares se aproximam, um vídeo mostra Zóio escapando com facilidade, sempre cercado de aliados.

Nove dias antes da inauguração da Arena, no início da noite de 29 de novembro, Zóio teria coordenado um ataque desse tipo. Cinco colorados, entre eles a presidente da torcida organizada Camisa 12, Juliana Coutinho, deixavam uma reunião promovida pelo Batalhão de Operações Especiais (BOE) para garantir a paz no Gre-Nal de encerramento do Olímpico. Conforme o relato de Juliana na ocorrência número 2673497 da Brigada Militar, dois veículos encurralaram o Voyage dirigido por seu namorado na Rua Salvador França, quase esquina com a Avenida Ipiranga.

Em depoimento à polícia, a torcedora colorada afirmou que Zóio e outros nove integrantes da Geral do Grêmio – dois deles armados – desceram dos carros e, com chutes e coronhadas, quebraram o para-brisa traseiro e amassaram as portas do Voyage. Após agredir os torcedores do Inter, eles teriam levado a bolsa de Juliana com um celular, documentos e uma pequena quantia em dinheiro.

– As testemunhas já foram ouvidas e, nos próximos dias, vou interrogar os suspeitos

– afirma a delegada Anita Klein, da 11ª Delegacia da Polícia Civil.

O que não deixa dúvidas sobre o que de fato aconteceu é a prisão de Zóio por suspeita de tráfico, que ocorreu cinco horas após o assalto à presidente da Camisa 12. Ele e outros cinco homens, conforme a ocorrência número 3615/2012, foram detidos na madrugada em uma blitz na Avenida João Pessoa. Os seis se espremiavam dentro de um Corsa. Quando a polícia apreendeu 50 gramas de maconha e R\$ 7,9 mil em dinheiro, Zóio e um amigo foram presos em flagrante.

– A quantidade de droga apreendida nem era tão grande. Mas o dinheiro, os antecedentes e as circunstâncias do flagrante nos levaram a indicá-los por tráfico – atesta o delegado Thiago Bennemann, do Departamento Estadual de Investigações do Narcotráfico (Denarc).

ZH ligou para o celular de Zóio, enviou recados para colegas de torcida, mas ele não respondeu a pedidos de entrevistas.

paulo.germano@zarahora.com.br

## Líderes têm histórico de confusões

Só há uma pessoa acima de Zóio na hierarquia da Geral: Rodrigo Marques Rysdyk, o Alemão. Responsável por negociar com a diretoria do Grêmio todo o apoio financeiro à torcida – o que inclui dinheiro para viajar com o time, instrumentos para a banda e ingressos para revender –, Alemão, 34 anos, coleciona passagens na polícia. Já foi detido por ameaça (2004), lesões corporais (2005 e 2007), tumulto (2008), arruaça e desacato (2011). Todas as ocorrências envolviam sua atuação como líder da Geral.

Em janeiro de 2007, a Justiça o proibiu de comparecer aos jogos do Grêmio por um ano. A determinação veio após Alemão participar de um tumulto, no aeroporto Salgado Filho, que resultou em agressões ao ex-presidente do Inter Fernando Carvalho, ao então presidente Vitorio Piffero e também a um cinegrafista. O chute – pelas costas – que atingiu o ex-dirigente inspirou trecho de uma música da Geral: “Fernando Carvalho foi pedalado”.

Em uma entrevista à série de TV britânica *Real Football Factories*, que rodou o mundo documentando a rotina de torcedores violentos, Alemão resume sua filosofia, ao enumerar três coisas que julga fundamentais:

– Futebol, briga para defender seu time e álcool. O Grêmio é o mais importante. Mas quebrar uns colorados e uns corintianos também é muito bom.

## Nova direção impõe regras para torcida

A bola ainda rolava no gramado da Arena quando um furioso Eduardo Antonini, presidente da Grêmio Empreendimentos, enviou de seu celular um e-mail para o líder maior da Geral, Rodrigo Rysdyk, o Alemão. A Brigada Militar recém havia contido a pancadaria na torcida.

– Pô, a gente brigou com a Brigada e com os bombeiros, mudamos todo o projeto para permitir a avalanche na Arena, contestamos quem chamou os membros da Geral de marginais. E eles retribuem desse jeito? – questionou Antonini.

A Geral preocupa tanto que um integrante do Conselho de Administração da nova gestão, Nestor Hein, almoçou ontem com Alemão.

– Haverá uma série de compromissos. Na Arena, o torcedor fica muito perto do campo e não podemos correr riscos de interdição. Perderemos muito dinheiro se a Arena for interditada. Teremos regras rígidas – disse Hein.

O dirigente afirma que o clube estuda cadastrar todos os torcedores das organizadas. Hein mostra-se preocupado com as constantes brigas envolvendo a Geral:

– Cobraremos também a autofiscalização das torcidas. Eles não podem colocar as conquistas que tiveram, como um espaço diferenciado na Arena, a perder.

Hein comentou que a nova direção não dará ingressos às organizadas, ao menos nesse começo de temporada.

– Estamos assumindo agora e há muitas questões a serem resolvidas. Neste primeiro mês, não haverá ingressos.

Figura 16 – Texto: “O comandante da baderna na Arena”

Fonte: Zero Hora, 27 dez. 2012, p.4-5.

Ocorre-nos a seguinte observação: o acontecimento abordado pelo enunciador em “O comandante da baderna na Arena” ocorreu em 08 de dezembro de 2012 e teve uma repercussão inicial na edição do dia 10 do jornal, dois dias depois. Os textos, no entanto, são produzidos apenas em função de dizer que ocorreu uma briga na inauguração da Arena do Grêmio e não apresentam, no nosso entendimento, uma riqueza de detalhes quanto o do dia 27, que foi produzido após Zero Hora ter acesso a vídeos que mostram detalhes da confusão, como o enunciador do texto diz: *‘ZH teve acesso a vídeos exclusivos da briga ocorrida na inauguração do estádio’*. Este trecho revela ainda uma estratégia de legitimação, a qual mostra o enunciador capacitado para dizer o que diz.

Identifica-se também que o enunciador utiliza algumas estratégias para captar a atenção do leitor para o assunto abordado. Já na capa, ele diz “O mentor da baderna”, enunciado muito semelhante àquele que dá o título para a reportagem. Nota-se a presença de chamadas secundárias que tratam de assuntos que são abordados ao longo do texto: “Conhecido da polícia e da direção” e “Grêmio tenta impor limites para torcida”. Ao destacar, no canto superior esquerdo da reportagem: *‘Reportagem especial – Guerra na inauguração’*, deduzimos que o enunciador apresenta-a como a mais importante da edição. Outro aspecto a ser destacado é o deslocamento realizado pelo dispositivo jornalístico Zero Hora de um assunto referente ao esporte, de seu caderno normal, situado geralmente nas últimas páginas da publicação, para o início (páginas 4 e 5).

Atenta-se ainda para a utilização da palavra *‘guerra’*, que causa um efeito de suspense para o que será abordado ao longo do texto, pois, ao falar em guerra, há a necessidade de saber quem são os envolvidos, os promulgadores do conflito, quais são as causas, por exemplo. A temática da guerra ganha concretude através de *‘tambor’*, instrumento utilizado pelo líder da torcida *‘como arma’* e *‘acerta um pontapé na cara de um adversário’*. Nota-se assim, que o enunciador estabelece, ancorado em imagens (Figura 16), entre quem se dá o embate: entre torcedores do mesmo clube e inclusive da mesma torcida organizada, que passam a ser tratados como adversários.

Tanto no enunciado da capa, “O mentor da baderna”, quanto no enunciado que se constitui como título da reportagem, “O comandante da baderna na Arena”, observa-se que aí está um julgamento realizado pelo enunciador. Com efeito, é possível dizer que o enunciador assume a responsabilidade pelo que está dizendo, ou seja, ele interpreta os fatos e formula uma conclusão. Nota-se que o sujeito enunciador faz-se presente em seu enunciado, isto é, através da estratégia discursiva da realização de um julgamento, produz um efeito de sentido de

aproximação do discurso. Isso leva-nos a dizer que o enunciador tenta persuadir o enunciatário de que as conclusões a que chegou são as mais plausíveis. O fim buscado pelo enunciador é de que o enunciatário chegue às mesmas conclusões. Esse trabalho é iniciado logo nas imagens (Figura 16) do início da reportagem, nas quais o enunciador, através de setas, identifica quem é o mentor, quem é o comandante, ou seja, tenta apresentar ao leitor o protagonista dos fatos. Além disso, através das setas, há o apontamento para um indivíduo que está praticando atos agressivos e de violência, o que sugere que ele possui na violência um valor positivo.

A estratégia discursiva acionada pelo enunciador de utilizar fotografias para apoiar seu discurso tem, conforme Barros (2010, p.61), “o papel ancorador (...) assegurado pela crença ideológico-cultural no seu caráter analógico de ‘cópia do real’”. O enunciador incorpora diversas fotografias ao texto, as quais, segundo Verón (2004), são marcas não linguísticas que funcionam como operadores de sentido. As fotografias incorporadas, bem como o uso de setas, servem para identificar quem comandou os conflitos. Além do mais, a referida estratégia discursiva cria um efeito de realidade e serve para apresentar os intuítos do sujeito enunciador, ou seja, reforçar o valor negativo<sup>104</sup> da violência e mostrar que os líderes da torcida organizada Geral do Grêmio são potencialmente violentos. Lembramos que as estratégias discursivas, investidas em materialidades pelos enunciadores, apenas confirmam aquilo que apresentamos através dos dizeres de Charaudeau (2006) no item 1.2.3, “Lugar da construção do produto”: instâncias humanas configuram-se em instâncias enunciativas visando a demonstrar intencionalidades e levar o outro a persuasão destas tornando-se, conseqüentemente, construtoras do sentido do discurso midiático.

No que diz respeito ao título do texto do dia 30 de dezembro, “O que explica a violência”, no nosso modo de ver, este pode ser lido sob dois vieses: um interrogativo, como se estivesse perguntando ao leitor quais os motivos que levam à violência no futebol, instigando o leitor a buscar as respostas. Já o segundo viés – pensamos ser este o intuito do enunciador – é característico de um tom elucidativo, ou seja, o enunciador mostra aos leitores do seu texto que irá apresentar os fatores que explicam a violência.

---

<sup>104</sup> Ressaltamos que falar em valor negativo, como comportar-se de modo violento, de modo agressivo, que é o modo de agir de alguns torcedores, não significa dizer que a ação deixa de ter um valor. Como diz Hessen (1974, p.60), um valor negativo ou desvalor “não elimina inteiramente o valor”, ele continua “de certo modo, valor, embora negativo. Aquilo que é eliminado é simplesmente a positividade do valor, não o valor”.

# O que explica a violência

Disputa por verbas e poder transformaram parte das torcidas organizadas em grupos prontos para a guerra. Especialistas temem que o Brasil passe por um processo de radicalismo, vivenciado pela Argentina e pelo Leste Europeu.

**RODRIGO MÜZELL**

**Cenas recentes como as da briga entre integrantes da Geral do Grêmio na inauguração da Arena ou do tumulto entre a Guarda Popular e a Popular, do Inter, há um ano no Beira-Rio, trouxeram à tona o lado violento das torcidas organizadas.**

**F**ormadas pela paixão de torcedores por seus times, grandes torcidas envolvem bem mais do que apenas a festa nas arquibancadas: a disputa por verbas, respeito e proteção em partidas fora de casa são ingredientes explosivos para os conflitos.

Tanto quanto rixas pessoais e rivalidades entre os clubes, o dinheiro movimentado quando

as organizações tomam corpo é também motor para os tumultos. Ansiosos por apoio em jogos fora de casa, os clubes fornecem ingressos e ônibus para torcedores acompanharem os times – benefícios que se tornam uma disputada fonte de renda. Em dezembro de 2011, logo após protagonizar um tumulto no jogo de despedida de Fabiano Souza no Beira-Rio, o então líder da Guarda Popular, Hierro, avaliou em R\$ 25 mil o movimento mensal:

– É até pouco para o nosso tamanho.

Nos estádios, isso se traduz em tensão permanente entre rivais e até facções de uma mesma torcida. É quando, como comprovado nas imagens da briga na Arena, o jogo e o time ficam em segundo plano. Para o tenente-coronel Kleber Rodrigues Goulart, comandante do Batalhão de Operações Especiais (BOE), a

situação entre as torcidas coloradas ficou mais calma após os tumultos do ano passado devido à redução dos benefícios feita pelo Inter – caminho anunciado, agora, pela direção gremista. Para o comandante, se os clubes e torcedores não rejeitarem as práticas violentas das organizadas, o Brasil poderá começar a ver situações como as vividas na Argentina e na Europa:

– Estamos num processo de *hooliganismo*. Continuando assim, chegaremos ao ponto do Leste Europeu, em que as torcidas são tão poderosas que decidem contratações dos clubes.

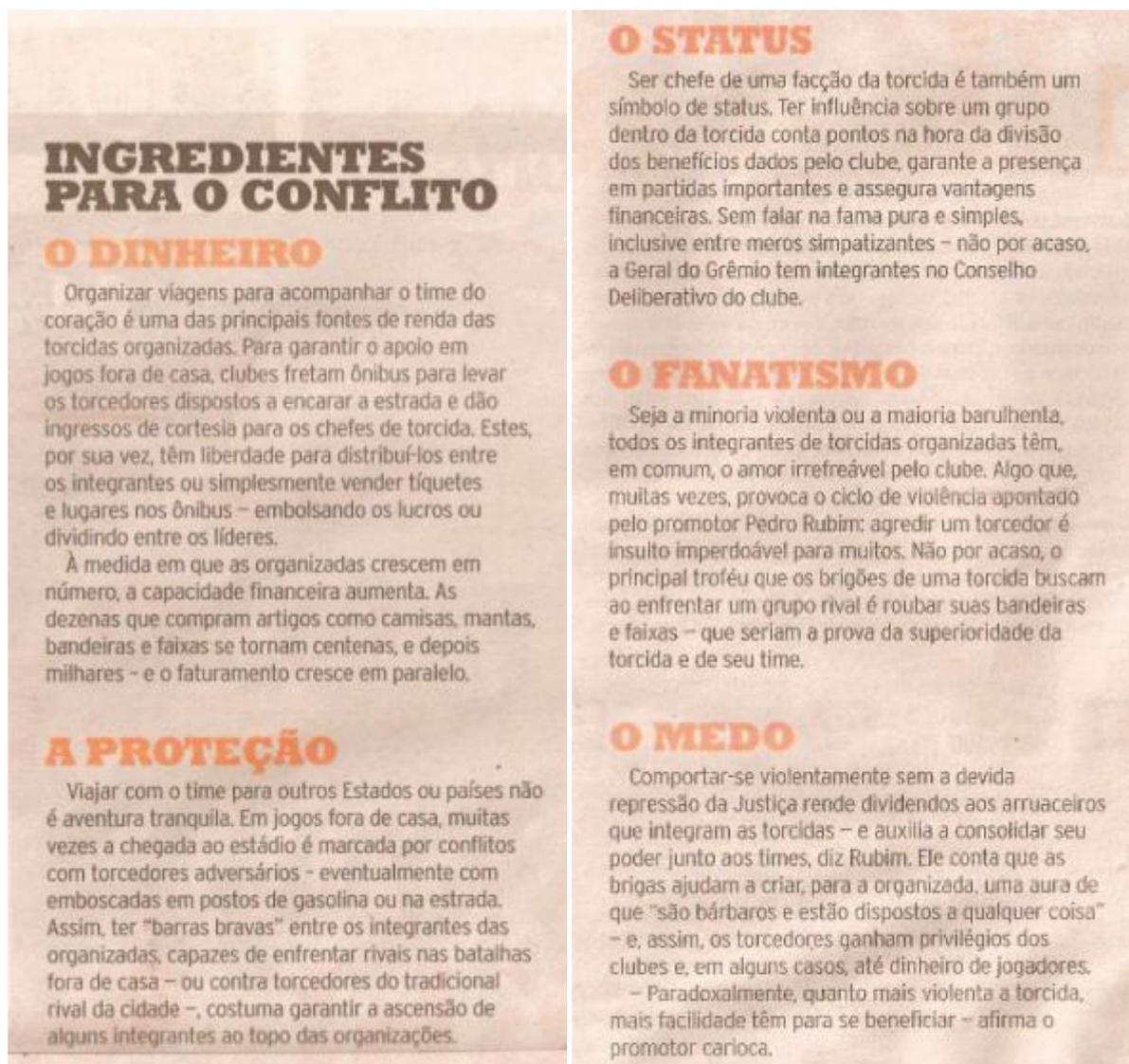
Em todo o país, polícias e Ministério Público têm nas organizadas e suas facções uma fonte permanente de dores de cabeça. Apenas em 2012, o MP pediu a suspensão ou extinção de torcidas de Corinthians, Palmeiras e Guarani (São Paulo), Flamengo e Vasco (Rio). Integrante

da Comissão Nacional de Prevenção e Combate à Violência em Estádios, o promotor do MP do Rio Pedro Rubim diz que o ciclo de violência se reproduz com rixas que não cicatrizam. Neste ano, por exemplo, após a morte de um flamenguista por torcedores do Vasco, integrantes da Torcida Jovem do Flamengo teriam planejado o revide, que resultou na morte de um vascaíno. E a violência acaba aumentando o cacife das torcidas junto aos clubes, diz o promotor.

– A ideia de que são violentos e irracionais faz com que o dirigente dê apoio, ingressos, patrocínio – explica Rubim, que determinou o fim dos benefícios às torcidas suspensas.

Ao lado, os fatores que fazem das brigas de torcidas mais do que simples arruaça juvenil.w

[rodrigo.muzell@zerohora.com.br](mailto:rodrigo.muzell@zerohora.com.br)



**Figura 17 – Texto: “O que explica a violência”<sup>105</sup>**

Fonte: Zero Hora, 30 dez. 2012, p.32-33.

Constata-se que os acontecimentos na inauguração na Arena do Grêmio motivaram a abordagem do fenômeno da violência no futebol por Zero Hora através do texto “O que explica a violência”, com o intuito de não apenas relatar uma situação, mas tentar entender o fenômeno. Diz o enunciador no *lead*: ‘*Cenas recentes como as da briga entre integrantes da Geral do Grêmio na inauguração da Arena ou do tumulto entre a Guarda Popular e a Popular do Inter, há um ano no Beira-Rio, trouxeram à tona o lado violento das torcidas organizadas*’. O enunciador, no início do *lead*, fala em ‘*cenas recentes*’<sup>106</sup>, assim, além de fazer referência a

<sup>105</sup> Faz parte ainda dessa reportagem “O mapa dos relacionamentos entre torcidas”, que será apresentado mais adiante.

<sup>106</sup> Caso lêssemos apenas o início do *lead*, até a palavra ‘*Grêmio*’, poderíamos ficar em dúvida, se seriam as cenas que puderam ser acompanhadas no dia do jogo por quem estava no estádio ou em casa, pela televisão, ou, aquelas

uma marcação de tempo e, conseqüentemente, produzir um efeito de real para os acontecimentos, ele demonstra quais acontecimentos foram tomados por base para instaurar a explicação das causas da violência.

Baseados em Charaudeau (2006), notamos que o título funciona como uma estratégia de captação do leitor. Ao enunciar “O que explica a violência”, cria-se um efeito de sentido de que o enunciador tem um bom domínio sobre o assunto e que, ao longo de seu texto, perpassa os principais fatores causadores do fenômeno. No entanto, vemos que ele aborda apenas alguns e, por vezes, de modo superficial. Com efeito, entendemos que, ao se propor a dizer o que explica a violência, o enunciador não completa seu objetivo. Adiantamos que ele menciona, mas não apresenta como causa, o fato dos dirigentes financiarem os torcedores organizados, não menciona as condições dos estádios, jogos em horários tardios, pouca infraestrutura de transporte nos arredores dos estádios, impunidade e má preparação policial. Através do que apresentamos no Capítulo 2, é possível dizer que os ingredientes que ele apresenta são verídicos, entretanto, não são os únicos. Aqueles que o enunciador não menciona também são fundamentais para que o fenômeno da violência no futebol desenvolva-se.

A apresentação dos ingredientes (dinheiro, proteção, status, fanatismo e medo) permite deduzir que a intenção do enunciador é apresentar os torcedores como os únicos culpados pelos atos de violência. Ao trazer para o discurso a voz de um promotor, para ajudar na explicação das causas, e trazer a voz de um torcedor, apenas para dizer qual o movimento financeiro mensal da torcida organizada, pensamos que nossa dedução é reforçada.

Retomando a questão do alvo intelectualivo trabalhado por Charaudeau (2006), pensamos que o enunciador elabora seu discurso tendo em vista um destinatário que é capaz de refletir sobre os ingredientes que condicionam o fenômeno da violência no futebol e capaz de analisar os argumentos que baseiam a explicação proposta. Ressaltamos, no entanto, que esse destinatário pode ir além do que pensa o enunciador e, tendo conhecimento sobre a violência no futebol, auferir que causas importantes, como mencionamos acima, foram suprimidas em um texto que se propôs a explicar um fenômeno sociocultural. Em termos de credibilidade, diz Charaudeau (2006, p.81), que não é facultado à instância midiática “errar no cálculo sobre a expectativa de informação do sujeito-alvo, pois é nesse aspecto que o sujeito alvo é mais exigente, sobretudo se a informação diz respeito a um domínio de sua competência”. Deduz-se

---

cenar, dispostas em vídeos, que foram obtidas por Zero Hora e que basearam a reportagem “O comandante da baderna na Arena”, publicada três dias antes de “O que explica a violência”. Essa ideia, provavelmente seria acentuada se o leitor já tivesse lido a reportagem do dia 27. No entanto, ao ler o lead até o final, deduzimos que ele praticamente sana a dúvida, ao utilizar ‘há um ano no Beira-Rio’, tendendo, assim, para a primeira ideia.

que o enunciador coloca em jogo sua credibilidade e a credibilidade do veículo, sendo que o destinatário pode questionar os argumentos, inclusive sua veracidade, ou a não menção de causas essenciais responsáveis pela manifestação da violência no futebol.

Em “O explica a violência”, o enunciador busca produzir efeito de que a violência não é preocupação apenas de uma cidade, ou seja, busca um efeito de totalidade. Para isso, faz uso da estratégia de demarcar um espaço que, no caso, designa uma totalidade, que pode ser vista no seguinte trecho: *‘Em todo o país, polícias e Ministério Público têm nas organizadas e suas facções uma fonte permanente de dores de cabeça’*. Nota-se assim, a tentativa do desenvolvimento de um discurso, chamado isotópico, pois além do referido dizer, o enunciador apresenta, como veremos adiante, as alianças nacionais existentes entre as torcidas organizadas, traz a opinião de profissionais que buscam agir em âmbito nacional no combate à violência no futebol, como Pedro Rubim, Integrante da Comissão Nacional de Prevenção e Combate à Violência em Estádios e diz que *‘Especialistas temem que o Brasil passe por um processo de radicalismo’*. Um discurso isotópico, segundo Fiorin (2009, p.112-113), apresenta “a recorrência de um dado traço semântico ao longo de um texto”. Desse modo, temos, aqui, a apresentação de situações que sustentam o efeito de totalidade buscado pelo enunciador, de que a violência no futebol abrange todo território brasileiro. Situações que são potencializadas através de termos como *‘o Brasil’*, *‘Em todo o país’*, *‘Alianças nacionais’*. *‘Comissão Nacional’*.



**Figura 18 – Texto: “Alianças Nacionais”**

Fonte: Zero Hora, 30 dez. 2012, p.32-33.

Com a ideia vulgarizada de que a rivalidade entre Grêmio e Internacional é grande, considerada uma das maiores do país, e o jornal (embora seja a sexta maior circulação do país) é vendido principalmente no Rio Grande do Sul - o enunciador de “O que explica a violência”, estrategicamente, fala de um clube sem deixar de falar do outro<sup>107</sup>. Isso pode ser visto pelos

<sup>107</sup> Ressaltamos que essa é uma leitura possível do texto. O enunciador permite essa possibilidade ao escolher justamente dois casos referentes à Dupla Gre-Nal (Grêmio e Internacional) e separados por um espaço de tempo considerável para fazer a remissão de um a outro. Isso não quer dizer que o texto irá admitir qualquer leitura, pois, como diz Fiorin (2005, p.112), “As diversas leituras que o texto aceita já estão nele inscritas como possibilidades”.

casos mencionados por ele: ‘*briga entre integrantes da Geral do Grêmio*’ e ‘*tumulto entre a Guarda Popular e a Popular do Inter*’.

O valor da rivalidade existente entre as torcidas de Grêmio e Internacional é alimentado pela utilização de uma montagem com duas fotografias, elaborada pelo enunciador de “O que explica a violência”, que aparece na parte superior da página e apresenta, em lados opostos, recortes de tumultos, aparentemente entre torcedores do próprio time. Entendemos que o enunciador funciona como um agente que sustenta e dá voz para a rivalidade existente entre os dois clubes e entre suas torcidas, visto que não é esse o intuito principal do texto.



**Figura 19 – Tumultos envolvendo torcedores da dupla Gre-Nal**

Fonte: Zero Hora, 30 dez. 2012, p.32.

Salientamos que a montagem realizada pelo enunciador possibilita algumas interpretações. Primeiramente, as duas situações transcorreram no mesmo estádio, o Beira-Rio, do Sport Club Internacional. Esse dado, ocorrer no mesmo estádio, por si só poderia fazer com que o leitor interpretasse a imagem como sendo de uma briga entre as torcidas dos dois clubes que estava sendo contida pela tropa de choque (torcida do Grêmio) e pela polícia militar (torcida do Inter). Lembramos que a rivalidade Gre-Nal é algo que está presente no imaginário do leitor, principalmente aquele que gosta e acompanha o futebol gaúcho. No entanto, ao verificarmos as datas em que cada uma das fotografias que fazem parte da montagem foram tiradas, constatamos que esta é utilizada estrategicamente para parecer estar falando das duas instituições ao mesmo tempo, pois temos entre as fotografias um período de tempo de mais de seis anos. A fotografia referente ao tumulto na torcida do Grêmio é de 29 de abril de 2012, já aquela referente ao tumulto na torcida do Internacional é de 09 de abril de 2006.

Em nosso entendimento, se não fosse esse o intuito do enunciador<sup>108</sup>, poder-se-ia ter resgatado outros casos de violência relacionados às torcidas organizadas no futebol, casos mais recentes e de outros estados, principalmente, já que no sexto parágrafo do texto sentencia que a violência no futebol é uma preocupação nacional. Alguns deles, inclusive, com textos presentes em nosso *corpus* de análise<sup>109</sup>. Entretanto, outra leitura possível pode ser feita. Propondo-se mencionar um caso que ocorrera a cerca de um ano, o enunciador mostra ter havido um período de calmaria, durante este ano, ao menos no que se refere às torcidas do Internacional. Os casos apontados e, principalmente, o dizer do enunciador ‘*trouxeram à tona o lado violento das torcidas organizadas*’ mostram que se intercalam períodos de calmaria com períodos de agitação.

O valor da rivalidade entre as torcidas de Grêmio e Internacional também é abordado pelo dispositivo jornalístico Folha de São Paulo através do texto: “No sul, túneis de tapume evitam os confrontos”, publicado na edição do dia 12 de agosto de 2012.



**Figura 20 – Texto: “No sul, túneis de tapume evitam os confrontos”**

Fonte: Folha de São Paulo, 27 ago. 2012, p.D3.

<sup>108</sup> Mencionar ambos os clubes, para não passar a impressão de que as críticas recaem sobre apenas um deles.

<sup>109</sup> Referentes, por exemplo, à violência dos torcedores do Palmeiras frente ao iminente rebaixamento da equipe para a Série B do campeonato Brasileiro: “O império do medo”, Zero Hora, 07 de novembro de 2012, p.39; “Perdedores”, Zero Hora, 08 de novembro de 2012, p.49; “Incendiários”, Zero Hora, 13 de novembro de 2012, p.53.

No texto, de forma sucinta, o enunciador trata da estratégia da brigada militar para evitar tumultos entre gremistas e colorados antes e na chegada ao estádio Beira-Rio, local do jogo. Grades e tapumes foram utilizados para a construção dos túneis, os quais, segundo o enunciador *‘evitaram até que os gremistas olhassem para os colorados no estádio’*. Com a utilização do *‘até’*, o enunciador apresenta um forte argumento para concluir-se que realmente é grande a rivalidade entre as duas torcidas, ou seja, até o contato visual procurou-se evitar. Mais abaixo, o enunciador acentua o valor da rivalidade quando diz que *‘Os visitantes provocaram os rivais, com cantos, ironizado a reforma’*. A rivalidade é sustentada por estes aspectos e está relacionada ao querer apresentar-se como um ser superior. Na época, o novo Estádio do Grêmio estava entrando em processo de finalização; já o estádio do Internacional, estava iniciando um processo de reforma e teve sua capacidade para receber torcedores diminuída. Pelo que está posto pelo enunciador, deduzimos que aqueles torcedores gremistas que entoavam cantos irônicos apresentavam-se como seres superiores aos torcedores colorados pelo fato de seu clube estar construindo um estádio novo e o seu maior rival apenas reformando um estádio antigo. Baseados em Sodré (2002), pensamos que esses torcedores tentam passar e conservar a autoimagem de seres superiores. Imagem que, de acordo com Wisnik (2008), é precária e revela a fragilidade ou inferioridade dos indivíduos como seres sociais.

Os túneis representam a total separação entre os torcedores dos clubes, ou seja, reforçam a grande rivalidade existente. A brigada militar, segundo o enunciador, *‘acompanhou os gremistas por cerca de 4Km<sup>110</sup> para que não houvesse conflito no trajeto’*. Desse modo, o enunciador dá a entender que, caso não existisse o acompanhamento e os túneis de tapume, os confrontos ocorreriam. O enunciador, com esses dizeres, deixa evidente que não há a possibilidade de torcedores dos dois clubes chegarem lado a lado ao estádio.

Os casos trazidos pelo enunciador de “O que explica a violência” não apresentam relação com a rivalidade entre os clubes. Ambos ocorreram entre torcedores do mesmo clube, mas de diferentes torcidas organizadas (torcidas do Internacional) e entre torcedores de uma mesma torcida organizada (torcida Geral, do Grêmio). Esses indivíduos deixam de ser apenas torcedores e, segundo o enunciador de “O comandante da baderna na Arena”, transformam-se em adversários. Entendemos que ocorre a perda da caráter lúdico-simbólico do jogo, como abordamos, através de Wisnik (2008), no Capítulo 2. Essa forma de violência é vista por Murad

---

<sup>110</sup> 4Km é a distância aproximada entre o Estádio Olímpico Monumental e o Estádio Beira-Rio. Em dia de clássico Gre-Nal, os torcedores do time visitante, geralmente, partem todos juntos do estádio de seu time e são acompanhados e protegidos pela polícia até chegar ao local do jogo.

(2012, p.34), como “um contrassenso de difícil compreensão” que, além da disputa por recursos, apresenta o envolvimento dos “setores violentos das torcidas organizadas com facções do tráfico e do crime organizado”. Facções que, como nomeia o autor, constituem o segmento “Infiltrados”.

‘Paixão’, ‘*amor irrefreável*’ por um clube, ‘*festas nas arquibancadas*’, ‘*maioria barulhenta*’, adjetivações utilizadas estrategicamente pelo enunciador para caracterizar as grandes torcidas do futebol, ao mesmo tempo em que ele aproxima-se do discurso. Todavia, ‘*disputas por verbas*’, ‘*benefícios*’, disputas por ‘*poder*’, ‘*respeito e proteção em jogos fora de casa*’, ‘*rixas pessoais*’, ‘*rivalidades entre os clubes*’, fatores que levam o enunciador a afirmar, já no subtítulo de “O que explica a violência”, que parte das torcidas organizadas foi transformada em ‘*grupos prontos para a guerra*’. Temática da guerra, a qual pode encontrar sustentação nas qualificações dadas pelo enunciador de “O comandante da baderna na Arena”, quando caracteriza o acontecimento como: ‘*baderna*’<sup>111</sup>, ‘*briga*’, ‘*selvageria*’, ‘*pancadaria*’ e quando utiliza, ao longo do texto, termos como: ‘*promover batalhas*’ e ‘*aliados*’.

Os fatores citados anteriormente, figurativizados pelo enunciador para reforçar a temática trabalhada em ‘*motor para os tumultos*’, tornam-se a base para a ‘*tensão permanente entre rivais e até facções de uma mesma torcida*’ num estádio de futebol e nas cercanias. Os grupos violentos aproveitam-se da função que exercem, junto com toda a torcida organizada de carnavalizar o futebol, como diz Murad (2012), para, segundo o enunciador, deixar ‘*o jogo e o time (...) em segundo plano*’. Aproveitam-se ainda do anonimato, o qual, como abordamos no capítulo anterior – através do pensamento de Gustave Le Bon –, encoraja os indivíduos a ter um comportamento diferente daquele adotado quando estão sós, e da consequente impunidade para acertarem suas ‘*rixas pessoais*’, para fazerem acertos de contas.

Antes de mencionar os fatores, os quais são tomados por nós como valores que orientam determinadas ações, que causam a violência entre as torcidas, o enunciador faz um julgamento com o intuito de inserir-se no discurso e assumir o ponto de vista apresentado. Os fatores que serão apontados, de acordo com o enunciador, ‘*fazem das brigas de torcidas mais do que simples arruaça juvenil*’. Quando o enunciador fala em ‘*arruaça juvenil*’, entende-se que faz relação com a média de idade da maioria dos envolvidos nos atos violentos, pois como afirma Murad (2012, p.158), “A idade dos torcedores violentos varia entre 15 e 24 anos”.

---

<sup>111</sup> Baderna é um termo que designa desordem, bagunça, falta de regras, confusão. No entanto, sua origem difere do significado atual, pois era utilizado para designar algo belo. Passou a ter um significado pejorativo a partir do momento que a dançarina Marietta Maria Baderna, em meados do século XIX, passou a difundir ritmos afro-brasileiros, algo visto pela elite da época como má influência para a juventude. Os seguidores de Maria Baderna passaram a ser chamados de baderneiros.

Já desenvolvemos nas páginas anteriores o valor da cooperação, que se dá entre clubes e torcidas organizadas, sustentado pelos benefícios que ambos podem conceder um ao outro. Clubes fornecem ingressos, passagens, sustentam viagens dos torcedores para acompanharem o time, os quais retribuem com apoio ao time, especialmente em jogos fora de casa, além de apoio político. Em relação a este valor, entendemos que os enunciadores constroem-no de maneira isotópica, ou seja, baseados em Fiorin (2009), auferimos que a utilização de expressões e termos relacionados à cooperação ao longo dos textos, como *'regalias'*, *'relacionamento'*, *'privilegiava a venda de ingressos'*, *'fornecia gratuitamente uma quota de entradas para o Exterior'*, *'dar ingressos'*, *'autofiscalização'*, *'benefícios'* contribui para reiterar a coerência semântica do valor proposto.

O valor da cooperação aparece muito ligado ao valor do dinheiro, o qual sustenta aquele e muitas vezes financia a violência. Este segundo valor e suas implicações, ao longo de “O que explica a violência”, é reforçado por meio de alguns termos e expressões, como *'Disputa por verbas'*, *'benefícios'*, *'fonte de renda'*, *'fornecem ingresso e ônibus'*, *'patrocínio'*, *'organizar viagens'*, *'ingressos de cortesia'*, *'vender tíquetes e lugares nos ônibus'*, *'embolsando os lucros'* e *'faturamento'*. O dinheiro aparece, geralmente, através dos benefícios citados no parágrafo anterior. No entanto, às vezes, é repassado diretamente aos torcedores, até por jogadores, como diz o líder da Geral do Grêmio, *'- Precisa auxílio sim, mas fazemos rifas ou algum jogador dá uma ajuda'*, instalado no discurso pelo enunciador de “O comandante da baderna na Arena”, através da reprodução de trechos de uma entrevista<sup>112</sup> concedida à Zero Hora. O enunciador, quando diz que *'clubes fretam ônibus para levar os torcedores dispostos a encarar a estrada e dão ingressos de cortesia para os chefes de torcida'*, deixa transparecer que não realiza a identificação dos clubes, ou seja, estabelece um silenciamento dos nomes dos clubes, pois, conforme Charaudeau (2006), as palavras podem ocultar e até dissimular ideias e pensamentos do mesmo modo que podem explicitá-los. Dessa forma, constatamos que o enunciador, ao fazer uma generalização, intenta atribuir também aos clubes a responsabilidade pelas confusões provocadas pelas torcidas, já que são eles que oferecem os benefícios, os quais viram motivos de disputa entre elas. Com essa generalização, o enunciador de “O que explica a violência” aponta que muitos clubes agem dessa maneira, que as ações para solucionar o problema da violência entre as torcidas devem ser impostas aos clubes em geral.

---

<sup>112</sup> A pergunta que obteve a resposta citada foi: *'A Geral consegue se manter sem ajuda da direção ou precisa de auxílio?'*.

Notamos, no que se refere ao valor do dinheiro, que ele está envolvido em um contraponto que é semelhante aquele da dificuldade que os dirigentes possuem para romper com as torcidas organizadas. Como foi dito pelo enunciador em “O que explica a violência”, o dinheiro concedido pelos clubes às torcidas age, em determinadas circunstâncias, em prol do financiamento da violência. A violência entre torcedores, quando ocorre dentro dos estádios, como foi o caso da inauguração da Arena do Grêmio, geralmente é passível de punições que são aplicadas para os clubes. Uma das principais punições aplicadas é a perda do mando de campo, o que resulta em prejuízo financeiro. A referida questão é trabalhada no texto “Grêmio controla a Geral para não perder dinheiro”, do dispositivo jornalístico Zero Hora do dia 29 de dezembro de 2012.

## Grêmio controla a Geral para não perder dinheiro

LUÍS HENRIQUE BENFICA

O temor de prejuízo financeiro leva a direção do Grêmio a aumentar o controle sobre a torcida Geral, cujo número 2, Cristiano Roballo Brum, o Zóio, comandou a briga no dia da inauguração da Arena.

Caso perca o mando de campo em consequência de novos tumultos, o clube deixará de faturar nessas partidas a sua parte na divisão de lucros estabelecida na parceria com a construtora OAS. De cada real arrecadado, 65% ficam com o Grêmio.

Esse foi o recado dado à direção da Geral por Nestor Hein, designado pelo presidente Fábio

Koff como interlocutor da direção junto às torcidas organizadas. O rigor quanto ao comportamento será absoluto, com a exigência de cadastramento que irá implicar em responsabilidade civil de qualquer integrante que cometa atos de vandalismo. O Grêmio não descarta colocar cadeiras no setor em que as organizadas se localizam, o que determinaria a extinção desses movimentos.

A novidade é que, diferentemente do que se divulgava, é mínimo o risco de que o clube precise indenizar a empresa Arena Porto-Alegrense, gestora do estádio, caso alguma partida mude de local. Isso só ocorreria “como consequência de atos praticados diretamente pelo Grêmio ou seus prepostos”, como especifica um dos trechos

do contrato celebrado em dezembro de 2008 para a construção da Arena.

– É mais ou menos assim: um de nossos dirigentes dá uma entrevista explosiva, criticando o Inter, e cria uma situação de guerra entre as duas torcidas. Só neste caso a responsabilidade pela interdição é do clube, que precisaria reembolsar a outra parte – explica o advogado Gustavo Pinheiro, executivo jurídico do Grêmio na recém encerrada gestão Paulo Odono.

Artur Porto Alegre, diretor jurídico da Arena Porto-Alegrense, se abstém de comentar as cláusulas do contrato. Argumenta, contudo, que, em qualquer caso de interdição, o prejuízo é sempre das duas partes.

– A Arena é do Grêmio, somos parceiros – diz o advogado.

Ele define como “pontual” a briga ocorrida na inauguração. E acredita que a grande visibilidade oferecida por todos os setores da Arena irá facilitar a ação dos órgãos de segurança.

Eduardo Pinto, presidente da Arena Porto-Alegrense, destaca a boa relação entre as duas partes e também entende que o prejuízo seria duplo, independentemente do que esteja escrito no contrato.

Enquanto lamenta o ocorrido, ele manifesta sua esperança de que a Arena desestimule atos de violência.

– O esporte é uma coisa prazerosa. A Arena foi feita para que as pessoas se sintam bem. Brigas não cabem em futebol – afirma.

luis.benfica@zerohora.com.br

Figura 21 – Texto: “Grêmio controla a Geral para não perder dinheiro”

Fonte: Zero Hora, 29 dez. 2012, p.34.

As brigas dos torcedores são apresentadas como algo que preocupa a direção do clube e que o levam a tomar decisões. Diz o enunciador: ‘O temor de prejuízo financeiro leva a direção do Grêmio a aumentar o controle sobre a torcida Geral’. Os prejuízos são atribuídos à perda do mando de campo: ‘Caso perca o mando de campo em consequência de novos tumultos, o clube deixará de faturar nessas partidas a sua parte na divisão de lucros estabelecidos na parceria com a construtora OAS. De cada real arrecadado, 65% ficam com o Grêmio’. Veja-se que o dinheiro recebe uma carga valorativa importante como pode ser visto

no trecho destacado em negrito. A estratégia discursiva da apresentação de um dado numérico provoca um efeito de autenticidade para o valor do dinheiro. Como foi mencionado pelos enunciadores de textos anteriores, o clube, ao financiar as torcidas organizadas, objetiva que elas respondam com apoio, que façam festa nos estádios ao invés de serem promulgadoras de disputas. Em caso de punição por atos violentos que derivam de brigas causadas por disputas de verbas, o dinheiro do próprio clube acaba colaborando para que ele tenha prejuízos.

O termo ‘controla’, utilizado pelo enunciador no título da reportagem, permite pensar em um enunciador que afirma a tentativa de um bom relacionamento entre clube e torcida organizada além de sugerir um potencial de dominação do primeiro em relação à segunda. Para que o bom relacionamento e a cooperação continuem a existir há a necessidade de ajustes, como não ocorrer mais brigas no estádio e autofiscalização dos torcedores em relação aos vândalos. Quando o enunciador fala em controle, remete ao que já falamos sobre o título do primeiro item desse segundo capítulo de nossa investigação que coloca torcidas e torcedores violentos ‘em xeque’. O controle das ações das torcidas organizadas é posto em nível de obrigatoriedade para não levar o clube a ter prejuízos financeiros e ter que pedir o banimento das mesmas. Assim sendo, é também uma jogada necessária para o clube e que serve para colocar as ações violentas de alguns torcedores ‘em xeque’. A tematização do controle da violência ganha força através da apresentação de uma conclusão a que chega o enunciador: *‘O rigor quanto ao comportamento será absoluto’*. O fator que ancora a conclusão aparece logo em seguida: *‘exigência de cadastramento que irá implicar em responsabilidade civil de qualquer integrante que cometa atos de vandalismo’*. Já a possibilidade de *‘colocar cadeiras no setor em que as organizadas se localizam’*, é apontada pelo enunciador como a grande ameaça para as torcidas organizadas, pois *‘determinaria a extinção desses movimentos’*.

Quando, no primeiro parágrafo, o enunciador diz *‘Esse foi o recado dado à direção da Geral por Nestor Hein, designado pelo presidente Fábio Koff como interlocutor da direção junto às torcidas organizadas’*, nota-se que ele antecipa a conclusão descrita acima. Vejamos que o enunciador faz uso da estratégia de nomear pessoas e funções para afirmar que alguém em ‘carne e osso’ solicitou e que alguém repassou o recado. Com efeito, o enunciador visa a comprovar a realidade do ‘recado dado’. O termo ‘recado’, no nosso entendimento, também está carregado de um tom de ameaça para os torcedores organizados. Ou seja, o clube será rigoroso caso tenha prejuízos motivados por atos de vandalismo de torcedores.

O enunciador, ainda com o termo ‘controla’, deixa transparecer que não há a necessidade do banimento das torcidas, discurso recorrente de jornais, policiais, promotores

logo após a ocorrência de atos violentos causados por torcedores organizados. O controle adequado e a não violência dos torcedores são os valores sociais fundamentais para a boa relação e para a cooperação mútua e positiva entre eles e os clubes.

Ao dizer que o diretor jurídico, Arthur Porto Alegre, *‘define como “pontual” a briga ocorrida na inauguração’*, nota-se que o enunciador busca criar uma ilusão de isenção do que está sendo dito, isto é, busca afastar-se da responsabilidade do que diz. Para isso, além de atribuir o dito a outra pessoa, deixa o termo *‘pontual’* entre aspas, as quais deixam evidente a presença de outro sujeito no discurso e marcam, conforme Maingueneau (1997, p.89), a integração de uma palavra estranha ou aberta a mais de um sentido “à sequência do enunciador”. O termo *‘pontual’* aparece de forma aspeada, pois é uma opinião do diretor jurídico e o enunciador visa a manter a fidedignidade do que foi dito. Deduz-se que o diretor, através do termo aspeado pelo enunciador, aponta que as brigas na Geral do Grêmio aconteceram em um momento decisivo, no qual o clube passa a utilizar um novo estádio, maior e mais confortável que o anterior e que possibilita uma segurança mais qualificada e rigorosa. Assim, o enunciador deixa implícito que novos atos violentos não serão tolerados, que os vândalos serão facilmente identificados e responsabilizados. Além disso, afirma que a cúpula gremista tem a esperança de que o novo estádio possa diminuir os atos de violência.

Retornando ao valor da cooperação, apontamos que ele pode ser ampliado através do valor da proteção, trabalhado pelo enunciador, especialmente, no item *‘Ingredientes para o conflito’* e *‘Alianças Nacionais’* de “O que explica a violência”. Cabe a observação de que o valor da cooperação é aplicado agora em uma situação diferente daquela que vinha sendo trabalhada. Refere-se basicamente a situações aplicadas às torcidas: a) torcidas organizadas formam alianças com outras torcidas para protegerem-se das adversárias e ao mesmo tempo combatê-las; b) torcedores dão suporte para o(s) líder(es) nas ações do grupo; c) torcedores violentos garantem a proteção aos demais. De antemão, destacamos que alguns termos, expressões e adjetivações como *‘Viajar... não é aventura tranquila’*, *‘a chegada ao estádio é marcada por conflitos’*, *‘emboscadas’*, *‘alianças’*, *‘Ter um torcida coirmã’*, *‘parceiras’*, *‘parcerias’*, *‘colegas’*, *‘escortar e proteger os forasteiros’*, *‘relações’*, *‘congrega torcidas’*, *‘combatem’*, *‘escolhem pontualmente suas amigadas’* e *‘aliados’* são escolhas léxicas feitas pelos enunciadores para construir de maneira isotópica o valor de proteção exposto abaixo.

a) No que diz respeito ao primeiro aspecto, segundo o enunciador, existe uma proteção mútua concretizada por situações como: *‘oferecer todo suporte quando visitada pela parceira’*, *‘Integrantes buscam os colegas no aeroporto ou na rodoviária ou hospedam na própria casa’*,

*‘tentam escoltar e proteger os forasteiros no estádio’*. O enunciador identifica ainda as duas alianças existentes no Brasil: *‘União do Punho Cruzado’* e *‘União do Dedo Pro Alto’*; ressalta que as torcidas de Internacional e Grêmio<sup>113</sup> mantêm-se em lados opostos, ou seja, ressalta a rivalidade entre os clubes gaúchos e afirma que as duas alianças *‘têm como símbolos gestos com os braços que remetem à violência’*, no entanto, não os apresenta. Ao dizer que: *‘Mais ampla, a União do Dedo Pro Alto congrega torcidas em boa parte do Brasil, que combatem as do Punho Cruzado’*, deduz-se que a intenção do enunciador é mostrar que as alianças funcionam como uma forma de atacar as torcidas consideradas rivais, especialmente através da utilização do termo *‘combatem’*. O enunciador sustenta essa proposição ao trazer a voz de Pedro Rubim, promotor do Ministério Público do Rio de Janeiro, em discurso indireto: *‘Pedro Rubim (...) diz que as alianças podem complicar jogos tranquilos entre times de Estados diferentes – basta que rivais locais se juntem aos forasteiros’*. O enunciador aponta que, no Rio Grande do Sul, existe essa preocupação ao dizer que *‘a ordem na Brigada Militar é retirar das torcidas de outros Estados qualquer torcedor identificado com o rival local’*.

Abaixo apresentamos *‘O mapa dos relacionamentos entre as torcidas’* elaborado pelo enunciador de “O que explica a violência”. Constatamos que o enunciador visa a apontar as alianças que as torcidas de Grêmio e Internacional possuem, o que atende, sob nosso modo de ver, o seu intuito, já apontado, de alimentar a existência da rivalidade Gre-Nal, tanto que demonstra que os aliados das torcidas de um são diferentes das torcidas do outro.

---

<sup>113</sup> As torcidas do Internacional pertencem à União do Punho Cruzado, já as do Grêmio à União do Dedo Pro Alto.



*com chutes e pontapés, quebraram o para-brisa traseiro do Voyage*'. O enunciador ancora-se em imagens (Figura 16) que registraram o conflito na Arena para comprovar seu raciocínio e dizer que o líder é protegido: *'Enquanto distribui murros e pontapés, seus amigos batem nos desafetos com hastes das bandeiras que deveriam colorir o espetáculo. Zóio não leva um único safanão (...) pelo menos seis homens se dedicam a protegê-lo em meio ao tumulto*', *'um vídeo mostra Zóio escapando com facilidade, sempre cercado de aliados*'. Para reforçar sua ideia e apresentar para o leitor quem é o comandante da baderna, faz uso de setas indicativas sobre as imagens. Nas três imagens, as setas apontam para Zóio. Na primeira, para mostrar que ele arremessa um tambor em direção a outro torcedor; na segunda, para mostrar ele desferindo um chute na cara de outro torcedor; na terceira, para identificá-lo em meio a outros torcedores.

Notamos ainda que o enunciador demonstra que a proteção recebida por Cristiano Brum deriva da liderança que ele exerce sobre determinado grupo. Podemos pensar na existência de uma relação de subordinação. Os líderes, pela posição que ocupam, formam grupos para protegê-los. O enunciador, com intuito de comprovar a existência de torcedores que protegem e acompanham os líderes de torcida, ancora seu dito em números (nove, pelo menos 6). A referida estratégia tem a função de fazer com que o leitor interprete algo como sendo pertencente ao mundo natural, ou seja, possibilite que o leitor produza uma imagem mental, como diz Peruzzolo (2004, p.199), do que é dito, levando-o "a reconhecer imagens e fatos da realidade". Os enunciadores tentam constituir um valor de verdade para o valor de proteção manuseado.

c) No que tange ao terceiro aspecto, constatamos que ele circula entre os dois anteriores. Isso é notável quando o enunciador de "O que explica a violência" diz que *'muitas vezes a chegada ao estádio é marcada por conflitos com torcedores adversários*'. Devido a isso, aponta ele, que é importante *'ter "barras bravas" entre os integrantes das organizadas*'. Veja-se que, ao usar o termo *'barras bravas*', característico dos torcedores argentinos violentos, o enunciador transporta esse tipo de torcedor para seu discurso sobre as torcidas organizadas brasileiras, ou seja, traz um torcedor que é considerado mais violento que os torcedores violentos existentes no Brasil, o qual é visto como fundamental para a proteção das torcidas organizadas. Deixamos claro que não queremos dizer que os *'barrabravas*' são trazidos da Argentina para o Brasil por torcidas organizadas brasileiras, mas que agir como se fossem dá destaque a alguns torcedores.

Murad (2012, p.12), em seu livro "Para entender a violência no futebol", aponta que, além de uma lógica irracional, existe uma lógica racional que rege os atos violentos dos

torcedores: “As práticas de violência seguem também uma sistemática pensada, calculada, prevista”. A questão da racionalidade dos atos, indicada pelo autor, que, no nosso entender, é apresentada como um valor, aparece também em textos do dispositivo jornalístico Zero Hora, mais especificamente em “O comandante da baderna na Arena” e em “O que explica a violência”.

Em “O comandante da baderna na Arena”, o enunciador propõe que a violência, além de ter ‘cadeira cativa na Geral do Grêmio’, ocorre maneira planejada: ‘*Não foi por acaso a pancadaria que maculou a inauguração da Arena*’, e sustenta sua proposição dizendo, no primeiro parágrafo do texto, ‘*Líderes da Geral estimulam, patrocinam e comandam esses tumultos*’. Logo a seguir, o enunciador ainda faz um julgamento ‘*bem mais frequentes do que se imagina*’, o que funciona como uma estratégia para aproximar-se do discurso, criando um efeito de subjetividade, além de criar um efeito de sentido de naturalidade dos acontecimentos violentos sustentados pelos líderes de torcida. O enunciador apresenta, em discurso direto, o relato de um policial que ‘*investiga a atuação dos gremistas*’ e para o qual até as atitudes tomadas, especialmente pelos líderes, durante as brigas, são pensadas: ‘*- Zóio e outros líderes desenvolveram técnicas para escapar da Brigada Militar. Eles dão um único golpe e se afastam (...). Eles se acostumaram a pensar na polícia enquanto brigam*’. Esses dizeres possibilitam ao enunciador fazer um julgamento e sentenciar: ‘*Foi exatamente o que ocorreu no confronto da Arena. Quando os militares se aproximam, um vídeo mostra Zóio escapando com facilidade, sempre cercado por aliados*’. Auferimos que, para afirmar o valor da racionalidade, o enunciador recorre à voz de outro sujeito, um policial, que é apresentado como alguém capacitado para falar sobre o assunto; provoca uma ilusão de afastamento do discurso - ‘*diz um policial*’ – e, em outro momento, aproxima-se, ‘*Foi exatamente...*’; além de concretizar o valor através de ‘*estimulam*’, ‘*patrocinam*’, ‘*comandam*’, termos que revelam um investimento persuasivo permeado por ações que apontam para a racionalidade.

Quando o enunciador de “O comandante da baderna na Arena” diz, principalmente, que a ocorrência de tumultos ocorre de maneira pensada, que ‘*promover batalhas é um objetivo entre alguns integrantes da cúpula da maior torcida organizada gremista*’, e quando o enunciador de “O que explica a violência” propõe-se a apresentar os ‘*Ingredientes para o conflito*’, destacamos que ambos apresentam-se como sujeitos que mostram serem conhecedores do assunto. No primeiro caso, devido à veemência e certeza com que o enunciador afirma sua proposição, deixa a impressão de que ou estava infiltrado no grupo, ou conseguiu informações junto a fontes ligadas à torcida. Já no segundo, mostra ter estudado o

caso, ao apresentar-se como um sujeito proponente das causas que motivam a violência nas torcidas.

A questão da irracionalidade é trabalhada, de maneira rápida, pelo enunciador de “O que explica a violência”, não tentando explicá-la, mas a abordando como uma estratégia por parte dos torcedores para angariar benefícios dos clubes. Ancorando-se na opinião do promotor do Ministério Público do Rio de Janeiro, Pedro Rubim<sup>115</sup>, afirma o enunciador: *‘a violência acaba aumentando o cacife das torcidas junto aos clubes’*, que acabam cedendo benefícios aos torcedores. Como aumenta o *‘cacife’*? Passando, segundo a opinião de Pedro Rubim, trazida em discurso direto, *‘- A ideia de que são violentos e irracionais’*, de que *‘são bárbaros e estão dispostos a qualquer coisa’*, com o intuito de causar medo.

Comportar-se de maneira violenta ou agressiva, ou ter sujeitos com as referidas características dentro das torcidas organizadas, pode dar garantias, conforme afirma o enunciador, em “O que explica a violência”, de *‘ascensão de alguns integrantes ao topo das organizações’*. Desse modo, observamos que o enunciador demonstra que o comportamento violento é um valor positivo para este tipo de torcedor, sendo visto como um valor negativo por aqueles que observam e são contrários aos atos praticados. Positivo ou negativo, não deixa, no entanto, de ser um valor, como afirma Hessen (1974). O mesmo ponto de vista é apresentado por Peruzzolo (no prelo), pois, mesmo desprovido de sua positividade, continua a fundar o fazer humano. Notamos que ser um torcedor violento é apresentado como algo que pode beneficiar determinados sujeitos e determinados grupos de torcedores, através da proteção que podem realizar e da chegada ao poder de alguns deles. Através do trecho *‘costuma garantir’*, o enunciador permite entender que essa situação é recorrente nas torcidas organizadas brasileiras.

Chegar ao topo das organizações, ou seja, ser proclamado líder de torcida, ou de uma facção dela, é considerado pelo enunciador um *‘símbolo de status’* e que garante *‘pontos na hora da divisão dos benefícios dados pelo clube, garante a presença em partidas importantes e assegura vantagens financeiras’*. Benefícios, como já dissemos, que podem originar disputas internas e, por consequência, atos de violência. O uso de expressões como *‘ser chefe’*, *‘ter influência’* e *‘fama pura e simples’* contribuem, em nosso entendimento, para a construção do valor do *status* de forma isotópica. A importância de ser um sujeito influente é concretizada pelo enunciador através da referência a um fato: *‘não por acaso, a Geral do Grêmio tem integrantes no Conselho Deliberativo do clube’*.

---

<sup>115</sup> O enunciador cria, assim, um efeito de realidade ao nomear uma pessoa, assim como sua profissão e sua função: Pedro Rubim, (pessoa), promotor (profissão) do Ministério Público, Integrante da Comissão Nacional de Prevenção à Violência em Estádios. Além disso, faz referência a instituições com credibilidade social.

O valor de vingança, em um caso apresentado pelo enunciador de “O que explica a violência”, também aparece como motivador de atos violentos e causador, inclusive, de morte. Esse valor é sugerido quando o enunciador promove ao discurso a voz do promotor do Ministério Público do Rio de Janeiro: *‘Pedro Rubim diz que o ciclo de violência se reproduz com rixas que não cicatrizam’*. A título de exemplificação, é dito: *‘Neste ano, ..., após a morte de um flamenguista por torcedores do Vasco, integrantes da Torcida Jovem do Flamengo teriam planejado o revide<sup>116</sup>, que resultou na morte de um vascaíno’*. O *‘revide’* e as *‘rixas que não cicatrizam’* são expressões que funcionam como figuras que sustentam a ideia de vingança. Cabe ao enunciatário, desse modo, elaborar uma avaliação dessas figuras, como diz Barros (2010), e verificar que valores foram inscritos nelas, através de um fazer-criar proposto pelo enunciador.

Um fato que também demonstra a não cicatrização das rixas é apresentado por Folha de São Paulo, do dia 17 de setembro de 2012, através de um breve texto intitulado “Torcida faz alusão a morte de torcedores”, o qual aparece acoplado a uma reportagem sobre um jogo entre Palmeiras e Corinthians pelo Campeonato Brasileiro. Desse modo, o enunciador trata-o como um integrante a mais do contexto da partida.



**Figura 23 – Texto: “Torcida faz alusão a morte de torcedores”**

Fonte: Folha de São Paulo, 17 set. 2012, p.D3.

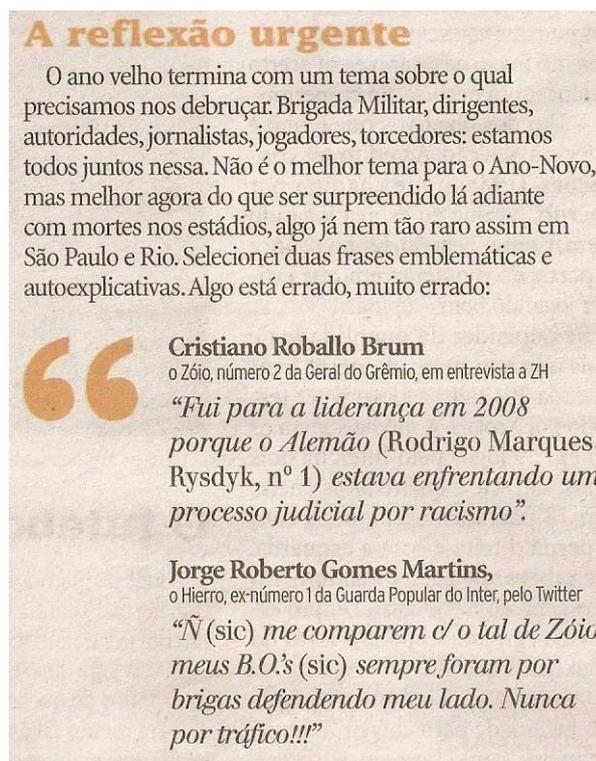
A alusão é feita pela torcida organizada do Palmeiras, Mancha Alviverde, através da exibição de *‘um mosaico com uma arma de fogo cortada em vermelho, um símbolo de proibido’*. O enunciador também recupera um grito entoado pela torcida antes do jogo *‘“Encara a Mancha na mão”’* e diz que *‘É referência à morte de dois palmeirenses em março, por torcedores do Corinthians’*. Destacamos que a ideia da não cicatrização das rixas ganha força

<sup>116</sup> Destacamos que a expressão *‘teriam planejado o revide’* sugere o valor da racionalidade dos atos.

com o revide praticado por torcedores do Corinthians. Um fato é lembrado pelos torcedores cerca de seis meses depois de ter ocorrido, o que mostra que eles não são facilmente esquecidos e podem servir como motivadores de novos atos, como sugere o grito entoado. No momento em que o enunciador diz que o grito e o mosaico referem-se à morte de dois torcedores palmeirenses por torcedores corintianos surge o pressuposto que esta ocorreu em virtude da utilização de arma de fogo. Através do grito dos palmeirenses transcrito pelo enunciador, em nosso entendimento, a utilização de armas de fogo está atrelada ao valor de covardia. O justo, na versão da Mancha Alverde, seria o confronto corporal sugerido por ela. O grito entoado pode funcionar ainda como um convite para este tipo de confronto.

Uma figura que aparece bastante caracterizada no texto “O comandante da baderna na Arena” é a do líder de torcida organizada ou de grupos de torcedores organizados. São líderes que, no conjunto da obra, recebem uma carga valorativa negativa. A construção de Zóio, o número dois na hierarquia da Geral do Grêmio, inicia já no título do primeiro texto quando ele é apresentado como o comandante de um conflito. O enunciador diz ainda que ele já fora preso por ‘*suspeita de tráfico*’. Desse modo, deixa subentendido que o torcedor já esteve envolvido em outras situações ilícitas, inclusive não relacionadas ao futebol, como é o caso do tráfico, mesmo que esta seja considerada apenas uma suspeita. Quando o enunciador de “O comandante da baderna na Arena” busca a opinião do principal líder da Geral do Grêmio, Rodrigo Rysdyk, sobre o que aconteceu na inauguração do estádio, dota seu dizer com elementos de efeitos de realidade, no caso, dados históricos que contribuem para deduzirmos que sua intenção é construir uma imagem negativa do torcedor ou ao menos apresentá-lo como alguém que possui um histórico problemático. Os dados são os seguintes: ‘*Em janeiro de 2007, a Justiça o proibiu de comparecer aos jogos do Grêmio por um ano*’; ‘*colecciona passagens pela polícia*’; ‘*Já foi detido por ameaça (2004), lesões corporais (2005 e 2007), tumulto (2008), arruaça e desacato (2011)*’.

Apesar de apresentarem elementos discursivos, como o histórico negativo, que ajudam a reforçar a temática da incompatibilidade dos líderes exercerem a função que exercem, os enunciadores dos textos citados anteriormente não se questionam sobre a legitimidade dessa liderança, algo que é o intuito de “A reflexão urgente”, texto publicado por Zero Hora do dia 30 de dezembro de 2012 e integrante da coluna de Diogo Oliver.



**Figura 24 – Texto: “A reflexão urgente”**

Fonte: Zero Hora, 30 dez. 2012, p.37.

A reflexão, que propõe o enunciador, deve ser feita sobre algo que ‘*está errado, muito errado*’ e recai, especialmente, sobre as torcidas organizadas, mais especificamente, seus líderes. Quando utiliza as seguintes frases: “*Fui para a liderança em 2008 porque o Alemão (Rodrigo Marques Rysdyk, nº 1) estava enfrentando um processo judicial por racismo*” e “*Ñ (sic) me comparem c/ o tal de Zóio, meus B.O's (sic) sempre foram por brigas defendendo meu lado. Nunca por tráfico*”, vindas de líderes de torcidas organizadas de Grêmio e Internacional, respectivamente, e qualifica-as como ‘*emblemáticas e autoexplicativas*’, deixa evidente que pessoas com essas características não podem liderar centenas ou milhares de torcedores organizados, pois é senso comum que os integrantes dos grupos inspirem-se em seus líderes. Ou seja, o enunciador põe ‘em xeque’ a liderança nas mãos de torcedores com as referidas características e chama, aproximando-se do discurso, através da utilização de verbos em terceira pessoa – ‘*precisamos nos debruçar*’, ‘*estamos todos juntos nessa*’ – grupos distintos de enunciatários e agentes – ‘*Brigada Militar, dirigentes, autoridades, jornalistas, jogadores, torcedores*’ – para compartilhar de seu posicionamento e ajudar a encontrar soluções para a violência no futebol baseadas no valor da união e da cooperação mútua.

A violência, em seu entendimento, é um tema que necessita ser discutido com urgência. O caráter de urgência e a tentativa de criação de um efeito de sentido de gravidade ficam evidentes quando diz: *‘Não é o melhor tema para o Ano-Novo, mas melhor agora do que ser surpreendido lá adiante com mortes nos estádios, algo já nem tão raro assim em São Paulo e Rio’*. A referência a uma marca temporal, a passagem de um ano para o outro, caracterizada por festas e comemorações e atípica para a discussão de problemas sérios, também contribui para reforçar o sentido de urgência que o sujeito enunciador deseja compartilhar com o enunciatário.

O enunciador, ao dizer *‘algo já nem tão raro assim em São Paulo e Rio’*, tenta causar no leitor, especialmente, aquele localizado no Rio Grande do Sul, um efeito de precaução, como se dissesse: *“olhem o que acontece lá, querem que aconteça o mesmo aqui? Se não, é melhor acharmos soluções”*; além disso, através das palavras que antecedem os nomes dos estados<sup>117</sup>, diminui o caráter de raridade das mortes nos estádios situados naqueles locais, criando um efeito de que é conhecedor do assunto.

Realizou-se aqui uma leitura sobre os sentidos que o texto ajuda a despertar. Como diz Peruzzolo (no prelo), “os sentidos não brotam automaticamente do texto. É preciso buscá-los. As pessoas que não perguntam sobre si, sobre os outros, sobre a sua relação com as coisas, não auferem ou auferem poucos sentidos”. Devido a isso, dizemos que os sentidos auferidos resultam de uma leitura orientada segundo “exercícios existenciais, segundo competências experiencializadas”, como afirma o autor, os quais, no entanto, não impedem outros sujeitos de apontarem sentidos diferentes.

Fazendo um gancho com o título do primeiro item do presente capítulo, Torcidas e torcedores violentos, ‘em xeque’, constatamos que os enunciadores de “O que explica a violência” e de “O comandante da baderna na Arena” também demonstram situações em que procuram encurralar as torcidas organizadas com o intuito de tentar mudar o comportamento violento e agressivo de alguns torcedores. De modo inicial, no primeiro texto, o enunciador mostra que autoridades possuem noção dos problemas que esse tipo de torcedor pode causar: *‘uma fonte permanente de dores de cabeça’*. A partir disso, o enunciador dá a entender que algumas torcidas organizadas no Brasil estão ‘em xeque’: *‘Apenas em 2012, o MP pediu a suspensão ou extinção de torcidas de Corinthians, Palmeiras e Guarani (São Paulo), Flamengo e Vasco (Rio)’*. Vemos que a suspensão seria uma jogada para colocar as torcidas ‘em xeque’, já a expulsão seria a jogada final para as torcidas, o ‘xeque-mate’. Já em “O comandante da baderna na Arena”, o enunciador, com o intuito de dar veracidade a seu dito através da

---

<sup>117</sup> Poderiam ser também as cidades. O enunciador não deixa claro.

utilização de discurso indireto, explicita a voz de um dirigente, Nestor Hein, integrante do Conselho de Administração de um clube, o Grêmio, e a tomada de decisão motivada pelos atos violentos dos torcedores: *‘Hein comentou que a nova direção não dará ingresso às organizadas, ao menos nesse começo de temporada’*<sup>118</sup>, pondo ‘em xeque’ um dos pilares de sustentação das torcidas organizadas, a concessão de ingressos.

Notamos ainda, no texto “O que explica a violência”, a realização de uma jogada por parte do clube, que segundo o enunciador, representou um avanço no combate à violência. Atribuindo a responsabilidade do dito a outro sujeito, diz o enunciador: *‘Para o tenente-coronel Kleber Rodrigues Goulart (...), a situação entre as torcidas coloradas ficou mais calma após os tumultos do ano passado devido à redução dos benefícios feita pelo Inter’*. O enunciador constata ainda: *‘caminho anunciado, agora, pela direção gremista’*. Assim, segundo o julgamento do enunciador, aquilo que foi feito pelo Inter pode ser feito pelo Grêmio e pode ser uma jogada que signifique a derrubada de uma peça importante, responsável pela violência entre as torcidas organizadas, a disputa por benefícios vindos dos clubes.

Com a utilização do discurso indireto, o enunciador interpreta o que foi dito, elabora outro dito, novo e diferente e ainda cria uma ilusão de distanciamento. Dessa forma, concordamos com Peruzzolo (no prelo), quando diz que “O enunciador filtra ideias, esconde, afirma, faz jogos de linguagem com o fim de propor valores de fruição e uso aos enunciatários”. O uso estratégico de ancorar seu discurso na opinião de um especialista no assunto – o tenente-coronel, que, aparentemente convive com e enfrenta os atos violentos dos torcedores ou tem conhecimento da situação antes e depois dos tumultos e da redução de benefícios – bem como citar o nome desse profissional, servem para sustentar as proposições apresentadas pelo enunciador, especialmente a de que a diretoria do Grêmio seguirá o mesmo caminho seguido pela do Inter.

Em outros momentos, a colocação ‘em xeque’ das torcidas organizadas é apresentada como necessária pelo enunciador. Trazendo para o discurso a voz de um especialista, o que funciona como uma estratégia para o enunciador afirmar a veracidade de seu raciocínio, ou seja, para mostrar a necessidade do controle das torcidas organizadas e, ao mesmo tempo, desenvolvendo um efeito de afastamento do discurso, ele afirma: *‘Para o comandante’*<sup>119</sup>, *se os*

<sup>118</sup> Destacamos que a *‘direção’*, a qual se refere o enunciador, é a que assumiu o clube no início de 2013. Outro ponto de destaque está relacionado ao apoio político concedido, especialmente pela maior torcida Organizada do Grêmio, a Geral, para um dos candidatos que perdeu a eleição. Devido a isso, como já tratamos, em entrevista publicada junto à reportagem “O comandante da baderna na Arena” o Líder da Geral diz: *‘A eleição já passou (...). Tem algum ranço, fica alguma mágoa’*.

<sup>119</sup> Referindo-se ao tenente-coronel Kléber Rodrigues Goulart, comandante do Batalhão de operações especiais (BOE).

*clubes e os torcedores não rejeitarem as práticas violentas das organizadas, o Brasil poderá começar a ver situações como as vividas na Argentina e Na Europa’.*

Esse direcionamento constituído através do texto é apresentado de início pelo enunciador, no subtítulo ainda: *‘Especialistas temem que o Brasil passe por um processo de radicalismo, vivenciado pela Argentina e pela Europa.* Ou seja, o enunciador de “O que explica a violência”, mostra que, embora preocupante, existem locais com situações piores que as do Brasil<sup>120</sup>. No entanto, isso pode gerar outra interpretação por parte do leitor, como, por exemplo: se a situação do jeito que está é preocupante, existindo a possibilidade de piorar, ela exige mais cuidados ainda e soluções para que não chegue ao ponto dos locais citados.

Para que haja o controle dos atos de violência, há a necessidade de ações justas, que primam, desse modo, pelo valor da justiça. Assim é tratado o assunto na coluna Gol de Letra do escritor Ruy Carlos Ostermann, através do texto “Enfim, uma palavra justa”, publicado pelo dispositivo jornalístico Zero Hora, no dia 30 de dezembro de 2012, mesmo dia da publicação de “O que explica a violência”.

Qual seria essa *‘palavra justa’* de que trata o enunciador? Nota-se que são postos dois vieses que se complementam: um está relacionado ao posicionamento assumido pela direção do Grêmio, que, para chegar a uma solução plausível, deve agir com *‘habilidade e negociação’*; já o segundo, refere-se à autofiscalização, a qual, no final do texto, é apontada pelo enunciador como a palavra (a ação) mais justa que pode ajudar a resolver o *‘impasse da torcida organizada Geral’*.

---

<sup>120</sup> Alguns exemplos em relação à situação na Argentina são descritos pela reportagem “Barra Pesada”, publicada pela Revista Placar em outubro de 2012, edição 1371, a qual aborda, especialmente, as disputas entre a principal torcida organizada do Club Atlético Independiente, a *Diablos Rojos*, e a diretoria do clube. A reportagem é apresentada no Anexo A.



## Enfim, uma palavra justa

A direção do Grêmio aponta para a única posição em que, com habilidade e negociação, poderá surgir alguma forma de solução para o impasse da torcida organizada Geral. A Arena, o estádio de todos os orgulhos, ficou com essa mancha na inauguração.

As manifestações agressivas e estúpidas tumultuaram o setor reservado pela direção do clube para que ninguém fosse prejudicado na tentativa de torcer de pé e correr para cima e especialmente para baixo.

Em não muito mais do que cem torcedores, foi despertado o irrimediável ódio tribal que arremessou uns contra outros por nada, por xingamentos juvenis, olho atravessado ou antiga vingança transferida de um lugar para outro até encontrar a imensa vitrina da Arena do Grêmio. Algum exibicionismo narcisista, uma completa irresponsabilidade social. A direção tricolor resolveu agir antes que recomecem os jogos. Um membro destacado do Conselho de Administração do clube e advogado da Farsul, Nestor Hein, afirmado negociador, vai conduzir as tratativas com a Geral. Já se reuniu com o líder do grupo, Rodrigo Marques Rysdyk, o Alemão, e saíram, se não satisfeitos, ao menos convencidos de que não há outro jeito.

A palavra que circulou – autofiscalização – também me parece a mais adequada. Haverá outra antes da polícia?



Figura 25 – Texto: “Enfim, uma palavra justa”

Fonte: Zero Hora, 30 dez. 2012 p.36.

Atentamos para a importante função que exerce o operador argumentativo ‘*Enfim*’, utilizado pelo enunciador no título do texto. Tem-se aqui que o tema central, que o principal valor manuseado pelo enunciador é a busca por ações que possam trazer justiça na solução dos acontecimentos violentos. Através do ‘*Enfim*’, o enunciador quer dizer que, finalmente, surgiu uma ação, uma palavra justa, capaz de resolver a problemática em questão, a autofiscalização, que consiste no controle dos próprios torcedores e dos líderes de torcida, principalmente, daqueles torcedores que promovem atos de violência. Finalmente, as ações poderão ser tratadas

com justiça. O *‘Enfim’*, utilizado pelo enunciador, traz, implicitamente para o discurso, uma carga de outras ações tomadas anteriormente que não tiveram os resultados esperados, não foram enérgicas o suficiente, ou seja, fracassaram. Desse modo, podemos dizer que aqui o *‘Enfim’* exerce a mesma função que o operador argumentativo *‘finalmente’*, com o valor de conclusão, trabalhado por Maingueneau (1997, p.180). Segundo o autor, “não há nenhuma necessidade que haja efetivamente uma argumentação anterior”, pois a função do finalmente e também do enfim “é precisamente reinterpretar toda a sequência de enunciados anteriores como orientada para uma certa conclusão, como se fosse conduzida por um propósito argumentativo implícito”. Assim sendo, não há a necessidade de apresentar as ações (ou palavras já proferidas) anteriores para constatar que aquela que o enunciador irá trazer ao longo do texto é vista por ele como a mais adequada.

O enunciador diz também que *‘A direção tricolor resolveu agir antes que recomecem os jogos’*, assim, pode aproveitar um período de férias do clube, sem jogos, que foi antecedido pelos acontecimentos violentos para resolver o impasse. O impasse, como afirma o enunciador, deve ser resolvido com *‘habilidade e negociação’*. Para afirmar sua proposição, ele utiliza a estratégia discursiva de nomear uma pessoa, bem como apresentar sua qualificação profissional e sua função, o que contribui para a produção de um efeito de sentido de real: *‘Um membro destacado do Conselho de Administração do clube e advogado da Farsul, Nestor Hein, afirmado negociador, vai conduzir as tratativas com a Geral’*. Como nos diz Barros (1988, p.118), “A questão da relação entre discurso e referente desloca-se para a do contrato entre enunciador e enunciatário, de tal forma que um produza e o outro interprete os efeitos de realidade”. Além de apresentar a qualificação profissional e a função de Nestor Hein, o enunciador atribui um adjetivo a ele: *‘afirmado negociador’*. Cabe ao enunciatário, conforme (Charaudeau 2012), apurar as intenções do sujeito enunciador com essa adjetivação e interpretar as circunstâncias nas quais o discurso é elaborado. Dessa forma, a produção desse efeito possibilita que o enunciatário reconheça na figura de Nestor Hein um profissional capacitado, com atribuições que são necessárias para solucionar o impasse.

Sabemos que o enunciatário é parte integrante e construtora do discurso, como vimos ao longo do Capítulo 1, especialmente da explicação acerca do dispositivo de enunciação e sobre o lugar das condições de recepção. Visando a persuadir o enunciatário, o enunciador instaura-o em seu dizer, conseqüentemente, coloca aquele ou a imagem daquele que interpreta também como construtor do sentido de um produto midiático. Em virtude de ser o alvo da instância midiática, como diz Charaudeau (2006), é sobre o enunciatário, ou destinatário

imaginado como ideal, que são lançados os efeitos visados, os quais se transformam em efeitos produzidos apenas no momento em que entram em relação com o receptor real.

Destacamos que, no momento em que o enunciador realiza a referida qualificação a respeito de Nestor Hein, a qual é uma estratégia discursiva que cria um efeito de subjetividade, ele não tem a preocupação de mostrar-se imparcial, pois assume a responsabilidade pelo que está dizendo, até porque, parece estar praticamente convicto do que diz. Notamos isso, quando ele afirma: *‘A palavra que circulou – autofiscalização – também me parece a mais adequada’*. Ao utilizar o pronome *‘me’*, deixa explícito que é uma opinião própria que é transportada para o texto<sup>121</sup>. O sujeito enunciador constrói para si uma aura de que é conhecedor do assunto e sabe quais as atitudes que devem ser tomadas.

Quando o enunciador diz que a autofiscalização parece ser a palavra mais adequada, exerce um poder de persuasão que busca fazer com que o enunciatário adote esse pensamento, pois dá uma valoração negativa e extrema às ações da polícia, colocando-a como a última e derradeira solução. A autofiscalização é posta como uma ação capaz de obter bons resultados e ser uma solução melhor que a polícia. Com a pergunta, *‘Haverá outra antes da polícia?’*, a autofiscalização é posta pelo enunciador como um dos últimos recursos que podem trazer soluções amigáveis, que não necessitam de ações mais drásticas. Segundo ele, direção e líder da torcida estão *‘convencidos de que não há outro jeito’*. O enunciador, dessa forma, como diz Peruzzolo (no prelo), afirma A - a autofiscalização é a mais adequada – “como razão (...) de concluir” B - se não for ela, possivelmente virá a polícia. Este é um argumento que funciona também para trazer ao discurso um tom de ameaça.

Conforme Peruzzolo (no prelo), “Do ponto de vista da construção dos sentidos, todo texto é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora concordantes ora dissonantes, o que mostra que o texto é uma composição essencialmente dialógica e polifônica”. Os trechos *‘convencidos de que não há outro jeito’* e *‘A palavra que circulou’* são essencialmente polifônicos, pois apresentam outros sujeitos falando. A palavra autofiscalização circulou entre um membro do Conselho de Administração do Grêmio e entre o líder da torcida organizada. São esses mesmos sujeitos que estão convencidos sobre quais caminhos devem ser seguidos. Assim, temos a presença de mais de um enunciador no texto, ou seja, o texto é constituído por pluri-enunciadores. Um deles constitui o diretor do Grêmio, o outro, o líder da torcida e um

---

<sup>121</sup> Salientamos que esta é uma característica do gênero discursivo do qual o texto faz parte, as colunas, que são compostas, como afirma Simão (2007, p.20), por “artigos assinados e atribuídos a pessoas com um peso na sociedade”.

último, aqueles responsáveis pelo texto “Enfim, uma palavra justa”, que se apropriam da opinião dos anteriores para construir sua própria opinião.

O percurso temático do texto está sustentado por argumentos como: ‘*As manifestações agressivas e estúpidas tumultuaram o setor reservado pela direção do clube para que ninguém fosse prejudicado na tentativa de torcer em pé e correr para cima e especialmente para baixo*’; ‘*Em não muito mais do que cem torcedores, foi despertado o irreprimível ódio tribal que arremessou uns contra os outros por nada, por xingamentos juvenis, olho atravessado ou antiga vingança*’; ‘*exibicionismo narcisista, uma completa irresponsabilidade social*’. O enunciador, quando diz ‘*por nada*’, apresenta um caráter injustificável e irracional dos atos. Assim, evidencia que nenhum dos fatores que cita logo após deveriam ser capazes de gerar o acontecimento da torcida organizada Geral do Grêmio, embora tenham sido eles os responsáveis por despertar o ‘*irreprimível ódio tribal*’ do qual fala. Um ‘*ódio*’ que se aproxima do irracional, sustentado possivelmente, como vimos em “O que explica a violência”, por disputas de verba e poder e capaz de impulsionar torcedores de um mesmo clube de futebol, inclusive de uma mesma torcida organizada a brigarem entre si.

Destacamos ainda a utilização de figuras como ‘*olho atravessado*’, que significa olhar de maneira séria ou desconfiada para outra pessoa, além de deixar implícito determinado grau de inimizade entre os torcedores e ‘*exibicionismo narcisista*’, que, no texto, pode ser visto como o gostar de aparecer e de mostrar-se como alguém que vê valor positivo na prática de atos violentos. O enunciador afirma que todos os argumentos, as causas, foram transferidas ‘*de um lugar para o outro, até encontrar a imensa vitrina da Arena do Grêmio*’, ou seja, a Arena ‘*o estádio de todos os orgulhos*’ que ficou com a ‘*mancha*’ da violência na inauguração, transformou-se numa vitrina, isto é, num espaço que dá visibilidade para os atos, um espaço tido pelos torcedores (violentos) como propício para ações violentas. Notamos que a imensa vitrina tratada pelo enunciador está ligada ao exibicionismo narcisista, ao qual ele faz referência. Os dizeres desses trechos sustentam a necessidade de ‘*uma palavra justa*’, de que os atos violentos precisam ser controlados, ou seja, são argumentos elaborados pelo enunciador para interferir no modo como o enunciatário irá interpretar os acontecimentos.

Vejamos que a autofiscalização é apresentada como uma solução plausível, pois o enunciador, quando diz ‘*Em não muito mais do que cem torcedores*’, evidencia, da mesma maneira que Murad (2007; 2012), que é uma ínfima minoria que causa os atos violentos, a qual pode ser controlada, então, pelos outros integrantes da torcida.

O efeito de real que ele produz quando faz uso desse dado numérico, ‘*não muito mais do que cem torcedores*’, serve para mostrar que houve um conflito, que fora violento, pois nesses torcedores fora despertado ‘*o irreprimível ódio tribal*’, como se fossem integrantes de gangues violentas ou seres selvagens que foram para o estádio unicamente para brigar. No entanto, a apresentação desse dado mostra certo cuidado do enunciador em não generalizar e não atribuir os atos violentos a toda torcida organizada Geral. Cuidado semelhante é tomado pelo enunciador de “O que explica a violência”, quando diz que ‘*Disputas por verbas e poder transformaram parte das torcidas organizadas em grupos prontos para a guerra*’. Entretanto, a utilização do termo ‘*parte*’, apesar de não generalizar, não é capaz de passar ao leitor quantos desses torcedores, que percentagem dos torcedores organizados fazem parte desses grupos que estão prontos para a guerra. Podemos destacar, dessa forma, a importância da estratégia discursiva da ancoragem, no caso, a utilização de um número (ainda que aproximado).

Quando os enunciadores, ao enunciar a violência no futebol, trazem para seus discursos vozes de outros sujeitos, notamos uma tendência para vozes de policiais, autoridades, dirigentes de clubes e não de torcedores que realizaram os atos violentos, de suspeitos ou de torcedores que presenciaram o acontecimento. Desse modo, vozes importantes – as dos torcedores, por exemplo – são silenciadas e outras – autoridades – são explícitas. Toro (2004) apresenta a mesma tendência. Para o autor, torcedores dificilmente são utilizados como fontes jornalísticas. Em nosso entendimento, a utilização das diferentes vozes deveria ser, no mínimo, equivalente, principalmente se tomarmos por base que a autofiscalização (dos próprios torcedores) seria uma das soluções mais adequadas, como trata o enunciador de “Enfim, uma palavra justa”.

Assim, o principal dado é a baixa percentagem de torcedores que são ouvidos, tanto os violentos quanto os não violentos. Nos textos pertencentes ao nosso *corpus* de análise, constatamos dados semelhantes aos encontrados por Henn (2004), quando o autor analisou “Criminalidade e notícias nos jornais de Porto Alegre”<sup>122</sup>: apenas cerca de 20 por cento das vozes ouvidas foram de torcedores, com prioridade para aqueles apontados como responsáveis por algum ato violento ou que exercem alguma função importante dentro de uma torcida organizada. No entanto, a maneira como são apresentadas algumas opiniões desses sujeitos é diferenciada, se compararmos aos outros 80 por cento: cerca de metade são apresentadas através da publicação de trechos de entrevista, como ocorreu em “Profissão: Torcedor”, do dispositivo jornalístico Zero Hora do dia 29 de dezembro de 2012, que trouxe a versão de Cristiano Brum, o número 2 na hierarquia da Geral do Grêmio, sobre o acontecimento na inauguração da Arena,

---

<sup>122</sup> Estudo desenvolvido pelo autor e por Carmem Oliveira no início dos anos 2000 na Unisinos.

e que fora apontado dois dias antes como “O comandante da baderna na Arena”. Já as vozes de policiais, dirigentes e outras autoridades aparecem, geralmente, diluídas ao longo dos textos.

Em “O comandante da baderna na Arena”, o enunciador através da frase ‘*ZH ligou para o celular de Zóio, enviou recados para colegas de torcida, mas ele não respondeu a pedidos de entrevista*’, cria um efeito de estar preocupado em apresentar a versão de um dos torcedores envolvidos. O pedido de entrevista, como é possível notar foi aceito apenas após a publicação de “O comandante da baderna na Arena”.

Como foi possível observar ao longo das análises, as vozes de presidentes, de dirigentes e de diretores de clubes é muito utilizada pelos enunciadores para construírem seus enunciados. Destacamos que são vozes que, geralmente, mesmo utilizando, por vezes, um tom de ameaça, buscam uma solução que não prejudique nem clube, nem torcida organizada, nem os demais torcedores. Correspondem a cerca de 30 por cento das vozes trazidas pelos enunciadores.

Um discurso mais “inflamado” vem através das vozes dos 50 por cento restante, composto, principalmente, por policiais e agentes do Ministério Público que solicitam, por exemplo, a redução nos benefícios concedidos pelos clubes para as torcidas organizadas e, por vezes, a suspensão e o banimento de algumas torcidas. São vozes que, geralmente, trazem para o discurso relatos de situações violentas. Contribuem essencialmente para sustentar os ditos dos enunciadores, quando estes têm a intenção de dizer que gostariam que algumas torcidas fossem banidas, que os responsáveis pelos atos fossem julgados severamente e condenados, quando exigem o fim da impunidade, afirmando ser esta uma das principais causas dos atos violentos.

A multiplicidade de vozes e de sujeitos torna o discurso, como diz Peruzzolo (No prelo), “uma obra polifônica”. No entanto, ressalta o autor, que “fazer ressoar a voz de outros sob o que se diz, instaurando diferentes instâncias enunciativas, também cria ambiguidades como relação à identidade do enunciador”. Com efeito, o enunciador pode estar apenas transportando para o discurso uma opinião que entra em consonância ou difere das já apresentadas ou pode fazer falar outro sujeito com intuito e reforçar ou esconder seu próprio posicionamento.

As qualificações recebidas pelos atos e por torcedores violentos em “Enfim, uma palavra justa” e nos demais textos do dispositivo jornalístico Zero Hora e do dispositivo Folha de São Paulo, já apresentados, possibilita-nos montar um panorama valorativo das ações violentas, segundo os vieses dos enunciadores. Os atos violentos são classificados como manifestações agressivas e estúpidas dotadas de ódio tribal, tumultos, atos de vandalismo, pancadaria, selvageria, batalhas, quebra-quebra e guerra. Causados por xingamentos juvenis, olho atravessado, busca de regalias, disputa por verbas e poder, busca de respeito e proteção em

jogos fora de casa, rixas pessoais, antiga vingança (rixas que não cicatrizam), rivalidade entre os clubes, busca de *status* e pela impunidade. Os atos são praticados por brigões, irresponsáveis, marginais, facínoras, bandidos, por líderes que estimulam, patrocinam, comandam, que articulam e agitam os tumultos, por grupos que parecem estar prontos para a guerra, por indivíduos que buscam causar medo, que são transformados em vilões do esporte. Os enunciadores apontam como soluções a autofiscalização, o cadastramento de torcedores, a redução ou corte de benefícios, o cumprimento das leis, leis mais rígidas e punições exemplares.

### 3.2 DE SÃO PAULO A ORURO

O presente item seguirá o percurso teórico-metodológico utilizado no item anterior. No entanto, a análise dos valores, dos efeitos de sentido e das estratégias discursivas será construída através de textos jornalísticos produzidos pelos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora acerca de um acontecimento específico: a morte do torcedor do San José de Oruro da Bolívia, Kevin Beltrán Espada, atingido por um sinalizador marítimo arremessado por um torcedor do Corinthians, em jogo realizado entre as duas equipes pela Taça Libertadores da América de 2013 na cidade de Oruro. Destacamos, de antemão, que a morte do garoto boliviano teve grande repercussão, causando um efeito de agenda especialmente para o caderno de esportes do Jornal Folha de São Paulo, que abordou o caso diariamente por cerca de duas semanas. Além disso, o jornal paulista, em 22 de fevereiro de 2013, aponta que o acontecimento teve repercussão em importantes jornais do mundo. Como pode ser visto no Anexo B, o jornal inglês *The Guardian*, o argentino *Olé* e o espanhol *Marca* noticiaram a morte do torcedor.

Cabe ressaltar que a morte de Kevin Espada não está na normalidade das outras mortes que ocorrem envolvendo torcedores de clubes de futebol. Mortes que, geralmente, resultam de brigas, de emboscadas e de encontros planejados. A morte do garoto foi causada pelo disparo de um sinalizador, artefato de porte proibido em estádios da Bolívia, local da tragédia; proibido em jogos da Taça Libertadores da América e proibido em jogos no Brasil. A morte poderia ser evitada com mais facilidade do que as demais, ou seja, foi mais resultado da negligência, do que do acaso ou de algo planejado. Embora a maior parte das mortes resultem de falhas, individuais ou coletivas, a de Kevin Espada foi acompanhada de uma série de irresponsabilidades: a do torcedor por portar, levar ao estádio e disparar em direção a pessoas um artefato com potencial mortífero; ineficiência da fiscalização, dos responsáveis pela organização do jogo e pela organização do campeonato; possível financiamento de viagens e ingressos de torcedores organizados.

Na esteira do pensamento de Quéré (2005; 2012), é possível dizer que os acontecimentos<sup>123</sup> agem sobre e afetam determinadas coletividades, as quais o suportam. Em relação à morte do garoto, a família, os dois clubes e as duas torcidas foram os maiores afetados.

---

<sup>123</sup> Reiteramos que as considerações aqui realizadas sobre a noção de acontecimento aplicam-se também aos atos violentos cuja cobertura midiática foi analisada na seção anterior. Em virtude de pensar que a morte de Kevin Espada consiste no acontecimento de maior impacto e repercussão entre aqueles que tiveram materialidades midiáticas a seu respeito selecionadas para a análise, optou-se discorrer sobre a noção de acontecimento na presente seção.

Conforme Quéré (2012, p.36), os dispositivos midiáticos podem proporcionar ou incitar experiências emocionais no leitor ou no espectador, as quais derivam do fato dele estar “preocupado com este ou aquele ‘drama’ ou intriga em curso (...) e, ao acompanhar esses ‘dramas’, acaba sentido surpresa, inquietação, pavor indignação, raiva ou compaixão”. Com efeito, a tentativa de explicação e compreensão de um acontecimento desenvolve-se também sob e através do olhar midiático, o qual faz com que a indignação e a comoção pela morte do garoto sejam levadas para os demais torcedores de clubes de futebol.

Quéré (2005, p.60) situa todo acontecimento na “dialéctica da experiência”<sup>124</sup>, que implica, simultaneamente, um processo diferenciado de exploração e uma articulação estreita entre o suportar e o agir”. Desse modo, diz o autor, que “o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece com alguém”. Além da apresentação e explicação das causas, o acontecimento suscita compreensão, a qual, segundo Quéré, encontra-se no próprio acontecimento. Ressaltamos que a explicação das causas e das consequências e a busca pela compreensão do acontecimento compõem a base dos textos jornalísticos que serão aqui analisados.

Afirma-se que o acontecimento mencionado, a morte de Kevin Espada, possui condições que possibilitaram sua existência. Segundo Quéré (2005, p.63), “Há coisas que acontecem, e que julgávamos impossíveis de acontecer, porque excediam o pensável ou o nosso sentido do possível. Ao acontecerem, obrigamo-nos a reconhecer que havia possibilidades, potencialidades ou eventualidades”. Ou seja, não se imaginava o arremesso, em um jogo de futebol, de um sinalizador com potencial mortífero em direção a pessoas, não se pensava que alguém teria coragem de praticar o referido ato e de que uma morte seria o resultado. Surgem ainda como condicionantes da tragédia, a negligência da fiscalização, dos clubes e da organização do torneio<sup>125</sup>, mencionada acima, e que, após o acontecimento, serve para estabelecer ou prever determinado futuro, isto é, instalar punições e multas, verificar culpados, explicar as causas e compreender o acontecimento em si. Quéré (2005, p.67-69) diz que “o acontecimento passará a projectar um novo sentido sobre o mundo. Sentido do qual ele será a origem”. Além disso, afirma que um acontecimento “Revela eventualidades e potencialidades que não estavam prefiguradas no mundo” antes de sua ocorrência e “Reconfigura o mundo, passado, presente e futuro, dos que a ele se expõem e por causa dele sofrem”.

---

<sup>124</sup> A experiência, segundo Quéré (2005, p.70), é “aquilo pelo que um sujeito e um mundo se constituem, confrontando-os com acontecimentos, na articulação mais ou menos equilibrada de um suportar e um agir”.

<sup>125</sup> O passado do acontecimento, conforme Quéré (2005, p.61-62), surge e só pode ser esclarecido após o acontecimento, ou seja, as explicações “emergem graças ao acontecimento”.

Já fizemos menção em páginas anteriores de nossa investigação que um acontecimento violento e que o fenômeno da violência no futebol apresentam várias nuances que merecem estudo. Dissemos também que a nuance que se refere ao tratamento midiático dado aos acontecimentos é aquela que interessa para o estudo e sobre a qual estamos mais aptos e capacitados a pensar, sempre reconhecendo a importância das outras faces do fenômeno, dos outros agentes que dele fazem parte e dos variados atores que contribuem e interferem no tratamento midiático de um acontecimento.

Ao afirmar isso, concordamos com Quéré (2005, p.72-73) quando diz que “O papel dos media é, sem dúvida, decisivo enquanto suportes, por um lado, da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas”, levando-se em consideração, principalmente, a responsabilidade que eles têm de comunicar. Através dos suportes midiáticos é que são ampliadas ou até criadas as possibilidades de compreensão de um acontecimento para quem não o acompanhou presencialmente. O autor ressalta, no entanto, que o papel desempenhado pelos veículos de comunicação recebe a contribuição de todos os tipos de atores sociais, “desde os cidadãos militantes aos peritos e investigadores em ciências sociais, passando por sindicalistas, homens políticos e funcionários, eventualmente polícias e magistrados, e todo o tipo de agências, instituições e organizações”. Com efeito, o tratamento midiático de um acontecimento é resultado da conjugação de atores descrita acima. A interação entre os veículos de comunicação e demais instituições é fundamental para uma abordagem adequada de um acontecimento.

Ao final de seu texto “Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento”, Quéré (2005) apresenta uma concepção que adotamos ao longo da presente investigação: o público dos media não é “uma massa indistinta de espectadores indiferentes, alimentada por uma informação concebida para ser difundida maciçamente”<sup>126</sup>, tal como trata Walter Benjamin. Embora Quéré (2005, p.73) reconheça que, por vezes, o acontecimento jornalístico apresenta características que dão sustentação ao pensamento de Benjamin, como o afastamento do acontecimento da experiência do leitor e a neutralização de seu poder hermenêutico, ele afirma que essas críticas baseiam-se em uma visão equivocada e rechaçada pelos estudos de recepção de que o público é “uma massa amorfa e indistinta”. A recepção, em seu entendimento.

tem sempre um colectivo por horizonte: projecta um contexto social de apropriação e de discussão, e traduz-se pelo sentimento de pertença a um público; é retida num feixe de interações que comandam as modalidades da atenção acordada às publicações e às emissões e passa por ajustamentos recíprocos segundo formas de sociabilidade

---

<sup>126</sup> Quéré (2005, p.73).

directa; tem, como ambiente, uma circulação das interpretações nos quadros de interacção da vida quotidiana, no decurso da qual experiências singulares transformam-se em empenhamentos coletivos. Trata-se, claro, de contextos sociais: suscitam certas formas de empenhamento e recusam outras (QUÉRÉ, 2005, p.73-74).

É possível dizer que cabe aos destinatários, levando-se em consideração as influências que recebem do círculo e contexto sociais em que estão inseridos e as interações que possuem com os demais sujeitos, compartilhar ou não os valores postos em circulação através do discurso construído por determinado dispositivo midiático.

Consideramos o acontecimento mencionado como sendo o de maior relevância e aquele que recebeu maior cobertura midiática entre aqueles abordados pela mídia esportiva e analisados na presente investigação. Ao longo do período destinado à coleta de textos para compor o *corpus* de análise do estudo, encontramos trinta e cinco textos referentes ao acontecimento. Selecionamos oito deles para serem analisados. Com intuito de sistematizar a análise, dividimos os textos em duas linhas de abordagem: inicialmente, as notícias a respeito da morte de Kevin Espada, a apresentação das causas e dos culpados e o debate a respeito de consequências e punições; posteriormente, as opiniões emitidas por cronistas e escritores dos dois dispositivos jornalísticos.

Como já dissemos, as valorizações sustentam e condicionam o discurso acerca de um fenômeno sociocultural, como é o caso da violência no futebol. Valorizações que são construídas pelos enunciadores dos textos com intuito de estabelecer certa relação com os enunciatários e que estão calcadas em intencionalidades. Buscar os valores e os efeitos de sentido consiste, portanto, em buscar as intenções dos sujeitos da enunciação através dos atos de fala. Significa analisar o que é dito e buscar o não dito, pois, como diz Porto (2012, p.190), “Não se pode fazer uma interpretação somente com as coisas escritas, manifestas, visualizadas”.

Além do mais, a leitura e o consumo valorizam os textos, permitem a sobrevivência econômica do jornal, além de mostrar que as estratégias, especialmente de captação, utilizadas pelos enunciadores tiveram resultado positivo. No entanto, isso não significa que os enunciatários irão compartilhar os valores propostos pelo texto, pelo contrário, estes podem ler o texto com intuito de sustentar um posicionamento oposto ao do enunciador.

Iniciamos pelos textos jornalísticos publicados pelo Jornal Folha de São Paulo no dia 22 de fevereiro de 2013 que abordaram, basicamente, o modo como ocorreu a tragédia, alguns depoimentos de dirigentes e jogadores e o indiciamento dos suspeitos. O primeiro deles possui como título: “Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade”.

# Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade

**CORINTHIANS** Como punição, time pode ficar sem mandar jogos em casa

**BERNARDO ITRI**  
DO PAINEL FC  
**FABIO LEITE**  
**MARCEL RIZZO**  
DE SÃO PAULO

O presidente do Corinthians, Mário Gobbi, classificou a morte do jovem torcedor do San José, antontem, como uma “fatalidade” e, por isso, acredita que não caiba uma punição ao atual campeão da Libertadores.

O clube já teme ter prejuízo se tiver de jogar com os portões fechados, uma das penas possíveis para o caso.

O torcedor do San José Kevin Douglas Beltrán Espada, 14, morreu no empate entre os dois times após ser atingido por um sinalizador. Segundo a polícia local, o artefato foi atirado por corinthianos —12 torcedores que estavam no estádio em Oruro, a 230 km de La Paz, na Bolívia, serão indiciados pelo crime.

O Corinthians deve sofrer sanções por causa do comportamento de sua torcida. Entre as punições previstas estão multa de R\$ 200 a R\$ 200 mil, exclusão do torneio, perdas de ponto e de mando de campo e jogos com os portões fechados, entre outras.

Segundo um dirigente da Conmebol (entidade que comanda o futebol sul-americano), que pediu anonimato, a exclusão só se aplica em casos de corrupção ou abandono de campo. Para ele, o mais provável, no caso corinthiano, é a perda de ponto, de mando de campo ou jogos sem a presença dos torcedores.

Todas essas possibilidades são temidas pelo Corinthians, que fez da Libertadores a principal engrenagem para alavancar suas receitas neste ano. Em 2012, o ganho com bilheteria nos sete jogos em

casa foi de R\$ 14 milhões.

O clube já vendeu 82.500 ingressos para os três jogos da fase de grupos que fará em casa em 2013 —o primeiro é na quarta, ante o Millonarios. “O prejuízo vai ser grande, haja visto que nós vendemos praticamente todos os ingressos da Libertadores já”, disse Luiz Alberto Bussab, diretor-jurídico do clube.

## ‘ACIDENTE’

Ontem, Gobbi disse que o clube não teve culpa na morte do adolescente boliviano.

“Presume-se que foi uma fatalidade, exceto prova em contrário, de que alguém identificado usou de um artifício de fogos para, dolosamente, atingir outrem.”

O time usará tarjas pretas nos próximos jogos, em luto.

Gobbi afirmou que não havia clima hostil no estádio.

“Qual foi a conduta que o Corinthians praticou? Punir um clube, seja qual for, por algo pelo qual ele não deu causa, nós cometeríamos outra fatalidade”. A Conmebol prevê que clubes sejam punidos por comportamento inadequado de seus torcedores.

» LEIA MAIS Pág. D3

“ Presume-se que foi uma fatalidade, exceto prova em contrário. Punir um clube, seja qual for, por algo pelo qual ele não deu causa, seria cometer outra fatalidade

**MÁRIO GOBBI**  
presidente do Corinthians



**Figura 26 – Texto: “Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade”**

Fonte: Folha de São Paulo, 22 de fevereiro de 2013, p.D1.

Na primeira reportagem de Folha de São Paulo dedicada ao acontecimento, nota-se a preponderância do valor financeiro através das vozes transportadas para o texto e pelos dizeres do enunciador, em relação a valores humanos, como o da solidariedade para com a família do garoto. A relevância maior ao valor financeiro começa a ser concretizada já no título da reportagem: *‘Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade’* e, no subtítulo: *‘Como punição, time pode ficar sem mandar jogos em casa’*. Não mandar jogos em casa significa perder receita.

Vemos que o enunciador coloca o clube ancorado no argumento da fatalidade, o qual pode funcionar como defesa contra as possíveis punições. Fatalidade, segundo o enunciador, é o termo utilizado pelo presidente do Corinthians, Mário Gobbi, que resume a morte do garoto boliviano e leva-o a acreditar que o clube não deve ser punido e que qualquer punição futura será injusta e incorreta. Em discurso direto, o enunciador apresenta algumas palavras do presidente: *“Presume-se que foi uma fatalidade”*; *“Qual foi a conduta que o Corinthians praticou? Punir um clube, seja qual for, por algo pelo qual ele não deu causa, nós cometeríamos outra fatalidade”*<sup>127</sup>. Desse modo, Mário Gobbi aparece equiparando duas situações com agravantes distintos, a morte do garoto e a punição. Ao acionar a estratégia discursiva da acusação direta, o enunciador, além de criar um efeito de realidade, pela colocação das palavras na boca de outro, ao mesmo tempo, cria ilusão de seu afastamento desse discurso, atribuindo a responsabilidade pelo dito a outra pessoa, criando um efeito, e não mais do que um mero efeito, de objetividade. No caso, é possível afirmar, como diz Peruzzolo (no prelo), que o enunciador arranja um “estratagema”, como o uso da linguagem em terceira pessoa e a recorrência ao discurso direto para esconder-se no texto, ou seja, “para que a ‘verdade’ do valor moral do dizer apareça de modo válido e desinteressado”, como se não fosse ele o responsável e também não tivesse interesse em manusear/afirmar determinado valor.

Salientamos que dizer que a morte foi uma fatalidade silencia uma série de aspectos e fatores que possam ter contribuído para a tragédia, entre eles, falta de fiscalização no estádio, já que a utilização desse tipo de sinalizador, que atingiu o garoto, é proibida em estádios; a responsabilidade do clube paulista que financia, mesmo que indiretamente, viagens e ingressos a torcedores; a tentativa do Corinthians de não sofrer sanções financeiras, pois o clube sabe, como diz o enunciador, que a perda de mando de campo é *‘uma das penas possíveis para o*

---

<sup>127</sup> Atentamos, aqui, para uma contradição entre o discurso atribuído ao presidente e um discurso mais generalizado. Dirigentes de clubes de futebol adotam os torcedores como parte de seu patrimônio, como integrantes da entidade clube de futebol. No entanto, os dizeres do presidente apontam, estrategicamente, com intuito de livrar-se das punições, para o oposto, para a não existência de relação entre clube e torcedores.

caso'. Em nossa avaliação, mesmo que o silenciamento surja da voz do presidente, o enunciador também possui parcela no mesmo, pois é ele que escolhe os ditos alheios que são postos em circulação no discurso. Ao menos na questão referente à responsabilidade do clube, o enunciador contribui para silenciá-la. No entanto, ao colocar aspas no termo fatalidade e, no título, atribuir essa opinião ao clube, o enunciador age estrategicamente no intuito de afastar-se desse juízo.

Uma visão menos preocupada com aspectos financeiros e mais humana e solidária é aquela emitida pelo lateral esquerdo da equipe paulista, Fábio Santos, transportada para um texto que aparece logo abaixo a este que está em análise e que fora transcrito do jornal "Agora".

## Fábio Santos afirma ser a favor de expulsão se violência acabar

DO "AGORA"

O lateral esquerdo do Corinthians Fábio Santos afirmou ser a favor da expulsão do time da Libertadores se isso for necessário para o fim da violência no futebol.

"Se for necessário que o Corinthians seja expulso da Libertadores para que acabem com as mortes, sou totalmente a favor", afirmou o jogador, ontem, no desembarque em São Paulo.

Outros integrantes da delegação corintiana classificaram a morte de Kevin Espada, 14, torcedor do San José (Bolívia) como "fatalidade".

"Não acredito que sejamos punidos porque acreditamos que tenha sido acidente, fatalidade. Tem muita coisa envolvida", afirmou o gerente de futebol Edu Gaspar.

Jogadores disseram que só souberam do ocorrido após o final do jogo, no vestiário.

"Os jogadores que estavam no banco foram alvos de vários objetos atirados pelos torcedores. Mas a gente não estava entendendo o porquê", disse Renato Augusto.

O torcedor Paulo Sérgio Daude, 55, disse que foi bem

tratado, mesmo andando com a camisa do Corinthians.

"O clima só começou a mudar depois que aconteceu o incidente. Aí, começaram a nos chamar de assassino."

### PROCESSO

O julgamento do caso pelo Tribunal de Disciplina da Conmebol deve ser feito logo. O delegado da partida, o boliviano Oscar Orube, tem até hoje para entregar o relatório que servirá de base aos três membros do tribunal aptos a julgar o caso. Assim que forem notificados, os clubes têm 48 horas para responder.

**“ Como já proibiram os bandeirões antes, a coisa certa seria proibir os fogos também, já que foi provado que causam mais mal do que bem**

**FÁBIO SANTOS**  
lateral do Corinthians

**Figura 27 – Texto: “Fábio Santos afirma ser a favor de expulsão se violência acabar”**

Fonte: Folha de São Paulo, 22 de fevereiro de 2013, p.D1.

A opinião do atleta serve de base para o título do texto: *‘Fábio Santos afirma ser a favor da expulsão se a violência acabar’*. Ao longo do texto, a opinião é apresentada em discurso direto: *“Se for necessário que o Corinthians seja expulso da Libertadores para que acabem as mortes, sou totalmente a favor”*. Através da opinião do atleta, o enunciador produz um efeito de sensatez. O discurso do jogador condiciona a expulsão da competição ao fim da violência, a qual serviria como exemplo. Sabemos, no entanto, como apresentamos no Capítulo 2, que a violência está presente em toda sociedade e que devemos encontrar modos de convivência com ela e modos de superação.

Como podemos notar, as opiniões do presidente do clube e do jogador estão fundadas em valores diferentes e são contrárias. Enquanto o primeiro rechaça a culpa do clube, priorizando o aspecto financeiro, abrindo precedente para mais um caso de impunidade, o segundo aparenta estar mais preocupado com o fenômeno em si e em tentativas de amenizar e controlar a violência no futebol. A expulsão, que o enunciador apresenta o jogador como sendo favorável, implicaria grande prejuízo financeiro para o clube.

Ao longo do texto – o primeiro –, o enunciador reitera a temática das punições, relacionando-as, basicamente, ao aspecto financeiro e concretiza-as através de estratégias discursivas, que contribuem para a criação de efeitos de sentido de realidade, como números e dados específicos: *‘Entre as punições previstas estão multa de R\$ 200 a R\$ 200 mil’*; *‘Em 2012, o ganho com bilheteria nos sete jogos em casa foi de R\$ 14 milhões’*; *‘O clube já vendeu 82.500 ingressos para os três jogos da fase de grupos que fará em casa em 2013’*. O possível prejuízo financeiro é enfatizado ainda quando o enunciador aciona a voz, em discurso direto, do diretor jurídico do clube, Luiz Alberto Bussab, que diz: *‘O prejuízo vai ser grande, haja vista que nós vendemos praticamente todos os ingressos da Libertadores já’*. O discurso do diretor jurídico do clube, no entanto, aparenta ser mais conformista com as punições do que aquele que é apresentado pelo presidente Mário Gobbi. A competição seria para o clube, como diz o enunciador do texto, *‘a principal engrenagem para alavancar suas receitas’*. Destacamos que o termo “engrenagem” figurativiza o valor financeiro que a Taça Libertadores representa para o clube.

Reiteradamente, o enunciador utiliza o verbo temer e suas conjugações, o que causa um efeito – aliado às declarações do presidente – de que o medo relativo às punições, em virtude da perda de faturamento, é a única preocupação do clube, especialmente de seus dirigentes. Exemplificando, temos as seguintes expressões: *‘Clube teme perder receita’*; *‘O clube já teme ter prejuízos’*; *‘Todas essas possibilidades são temidas pelo Corinthians’*. O temor parece

intensificar-se, pois a Confederação Sul-americana de Futebol (Conmebol) – historicamente marcada por casos de impunidade, por não realizar punições adequadas, por ser conivente com a violência tanto de jogadores quanto de torcedores –, com intuito de melhorar a imagem da entidade, criou, para a competição de 2013, o Tribunal Disciplinar da Conmebol, dedicado à análise de casos como o da morte do garoto boliviano. A única frase que carrega um valor mais humano, de solidariedade, é aquela que diz que o clube jogará de luto: *‘O time usará tarjas pretas nos próximos jogos, em luto’*.

Em duas passagens do texto, o enunciador coloca as punições ao clube como praticamente inevitáveis: *‘O Corinthians deve sofrer sanções por causa do comportamento de sua torcida’* e *‘A Conmebol prevê que clubes sejam punidos por comportamento inadequado de seus torcedores’*. As duas frases citadas evidenciam dois aspectos: o primeiro, o argumento da fatalidade, utilizado pelo presidente corintiano, é insuficiente para evitar punições; o segundo, caso o regulamento seja cumprido, o clube sofrerá sanções. Com a segunda frase e com a expressão *‘deve sofrer’* presente na primeira, o enunciador acrescenta um tom de obviedade em relação à punição. Recorrendo ao que prevê o regulamento da Conmebol, mesmo não o citando, e um de seus dirigentes (revelando a instituição da qual vem o juízo, mas ocultando a pessoa que o pronuncia, através da expressão *‘Segundo um dirigente da Conmebol’*), o enunciador do texto coloca o presidente Mário Gobbi e a entidade sul-americana em polos opostos.

Outros dois aspectos podem ainda ser extraídos do texto. O primeiro: o enunciador cria a ilusão de afastamento da responsabilidade de apontar os culpados, recorrendo ao que pensa a polícia de Oruro, que o disparo do sinalizador foi realizado por um corintiano, tanto que, *‘12 torcedores (...) serão indiciados pelo crime’*. Destacamos que esta estratégia serve também para mascarar a opinião do próprio enunciador sobre o acontecimento, pois, como diz Peruzzolo (no prelo), “o dito (em outro lugar) é atualizado pela ação do sujeito da enunciação que, então, torna sua a afirmação ao redizê-la”. Um segundo aspecto está relacionado à utilização em letras maiúsculas, em negrito e entre aspas da palavra acidente<sup>128</sup>: **‘ACIDENTE’**, uma conotação autonímica, como trata Authier-Revuz (1998), que marca a atuação de um outro sujeito sobre o texto, evidenciando seu caráter polifônico e heterogêneo. A referida utilização aponta, em nosso entendimento, para um sentido ambíguo. É um termo dito pelo presidente, que não aparece reproduzido no texto, e que serve de sinônimo à fatalidade. Aparenta ser o mais

---

<sup>128</sup> Nota-se que no texto “Fábio Santos afirma ser a favor de expulsão se violência acabar”, a utilização do termo acidente pelo gerente de futebol Edu Gaspar funciona como um recurso de irresponsabilização.

provável, pois, na sequência, o enunciador reproduz, em discurso direto, dizeres do mandatário do clube paulista que corroboram a noção de acidente.

No entanto, pode assumir um sentido irônico, através do qual o enunciador contradiz a opinião do presidente, visto que, como apresenta em parágrafos anteriores do texto, o artefato foi atirado em direção à torcida boliviana, o que não consolidaria, então, a noção de acidente ou fatalidade. O termo em destaque carrega, desse modo, um efeito sarcástico, pois permite a elaboração do seguinte questionamento: como foi um acidente se o artefato foi arremessado em direção à torcida adversária? Salientamos, brevemente, que a ironia, de acordo com Benetti (2007, p.41), “é um tipo muito específico de discurso da ambiguidade” que, para ser entendida, necessita que enunciadores e leitores compartilhem certo campo de semelhança no que tange a suas referências, ou seja, deve-se formar um “campo de cumplicidade entre os sujeitos”. O sentido irônico, o qual se sugere a existência no enunciado, está implícito. Desse modo, pensa-se que o enunciador utiliza as aspas, mesmo que simples, de acordo com uma das funções básicas que Maingueneau (1997, p.91) atribui ao sinal, isto é, “*um sinal construído para ser decifrado por um destinatário* (Grifos do autor)”. Deduz-se que a não colocação das aspas implicaria uma concordância com o discurso do presidente. Pensa-se que o leitor, especialmente aquele indignado com o acontecimento, espera do enunciador um distanciamento da noção de acidente. Com a utilização do sinal, o enunciador discorda do presidente e, como diz Maingueneau (1997, p.91), protege-se “antecipadamente de uma crítica do leitor”.

Antes de finalizar o texto, o enunciador aponta, ao dizer “*LEIA MAIS Pág.D3*”, que mais informações sobre o assunto serão apresentadas ao leitor nas páginas seguintes da publicação. Ou seja, a indicação serve como uma estratégia para manter o leitor atento e despertar a curiosidade sobre os novos textos. Cabe ao leitor, portanto, dar seguimento ou não em sua leitura.

O principal texto da página D3 de Folha de São Paulo de 22 de fevereiro de 2013 tem como título: ‘*Corintianos detidos serão indiciados por homicídio de jovem*’.

# Corintianos detidos serão indiciados por homicídio de jovem

**CORINTHIANS** Responsável pelo caso afirma que conclusão da investigação pode levar até seis meses

RAFAEL REIS  
DE SÃO PAULO

A polícia de Oruro informou ontem que vai pedir o indiciamento dos 12 torcedores do Corinthians presos ontem sob suspeita de envolvimento na morte de Kevin Douglas Beltrán Espada, de 14 anos, no jogo contra o San José, pela Libertadores.

Dois dos corintianos, que foram detidos com sinalizadores similares ao que atingiu o jovem boliviano, serão indiciados por autoria do crime. Os demais, por enquanto, vão responder como cúmplices do homicídio.

Ainda não há previsão dos julgamentos dos pedidos de liberdade provisória. Enquanto isso, o grupo ficará preso na Bolívia.

A confirmação do indiciamento dos brasileiros vai contra a expectativa do Itamaraty. O órgão de diplomacia do governo imaginava que pelo menos seis dos detidos fossem liberados ainda ontem.

Segundo Abigail Saba, responsável pela investigação, a apuração do caso deve demorar até seis meses.

Após os incidentes ocorridos no estádio Jesús Bermúdez, em Oruro, durante o jogo válido pela primeira rodada da Libertadores, 12 corintianos foram presos acusados de terem atingido e matado Espada com um sinalizador.

Os torcedores, apreendidos com mais nove sinalizadores, foram interrogados pela promotoria e submetidos a um teste para detectar a presença de pólvora em suas mãos.

Os exames serão enviados para Sucre. E os resultados finais devem sair em 15 dias.

“Podemos dizer que o sinalizador foi atirado pela torcida do Corinthians, mas não dá para ter certeza plena se realmente foi um do que estão presos [o responsável pela morte]. Só vamos saber quando as investigações acabarem, em seis meses”, falou Saba, por telefone, à **Folha**.

As leis bolivianas proíbem

a entrada de qualquer artefato com pólvora nos estádios do país. Ou seja, houve falha na fiscalização da polícia.

A fiscal afirmou que é cedo para dizer se os corintianos, caso seja comprovada a participação deles na morte, responderão por homicídio doloso (quando há a intenção de matar) ou culposos.

“Ainda estamos vendo isso. Mas houve uma vítima. Temos que valorizar a vida.”

As leis bolivianas preveem de cinco a dez anos de prisão por assassinato.

A pena precisa ser cumprida no próprio país, a menos que aconteça uma intervenção diplomática do governo brasileiro.

O presidente do Corinthians, Mário Gobbi, disse que o clube não financiou nem a viagem nem a entrada dos torcedores na Bolívia. “Nossa relação com a torcida é igual a dos outros clubes.”

Colaboraram FABIO LEITE e MARCEL RIZZO, de São Paulo

**Figura 28 – Texto: “Corintianos detidos serão indiciados por homicídio de jovem”**

Fonte: Folha de São Paulo, 22 de fevereiro de 2013, p.D3.

O percurso temático gira em torno de argumentos sobre o indiciamento dos torcedores corintianos em virtude da morte de Kevin Espada. De acordo com Porto (2012, p.199), “Os jornais e os jornalistas argumentam para obter efeitos desejados em suas matérias, dando sentido à sociedade em que estão inseridos à sua própria maneira”. Baseados nisso, dissemos que a cena enunciativa do texto, proposta pelo enunciador, está endossada por argumentos

referentes à questão do homicídio. Desse modo, tem-se o delineamento de ações e opiniões da polícia da cidade de Oruro; do Itamaraty (órgão de diplomacia do governo brasileiro, como diz o enunciador); de responsáveis pela investigação, como Abigail Saba; do presidente do Corinthians. Além do mais, o texto aborda ainda algumas peculiaridades das leis bolivianas.

Os dizeres do enunciador sobre as ações da polícia boliviana estão baseados, segundo ele, em informações passadas pela própria polícia. Desse modo, o enunciador apropria-se do que dizem as autoridades bolivianas para construir a primeira parte do seu texto, a qual trata do indiciamento dos suspeitos. A respeito de dois corintianos, o enunciador apresenta um indício de prova de participação na morte: *‘foram detidos com sinalizadores similares ao que atingiu o jovem boliviano’*. Já sobre os demais, não há uma prova contundente e o indiciamento dar-se-á por serem *‘cúmplices do homicídio’*.

Em seguida, notamos que o enunciador estabelece certo contraponto entre o posicionamento de autoridades diplomáticas brasileiras e autoridades bolivianas. Primeiramente, ele aproxima-se do discurso, ao contrário do que fizera nos parágrafos anteriores, ao concluir que o indiciamento dos torcedores não era esperado pelo Itamaraty. Feito isso, apresenta qual era a expectativa, que seis dos doze presos fossem liberados um dia após a morte.

Ao calcar seu dito na utilização do nome de uma autoridade, Abigail Saba, *‘responsável pela investigação’*, o enunciador, além de criar um efeito de sentido de realidade que aponta para dizeres verídicos sobre o assunto, apresenta e constrói os argumentos pelos quais os torcedores corintianos continuarão presos e que indicam a participação deles na morte do jovem boliviano. Em verdade, o que aparece é o embate dos discursos.

Assim, *‘apreendidos com mais nove sinalizadores’*, *‘submetidos a um teste para detectar a presença de pólvora em suas mãos’*, *‘Os exames serão enviados para Sucre. E os resultados finais devem sair em 15 dias’*, exercem a função descrita nas linhas anteriores. Salientamos que a expressão *‘pólvora em suas mãos’*, bem como portar sinalizadores, exercem a função de figuras que estão relacionadas à morte do garoto ou a um ato ilegal, já que sinalizadores são proibidos em estádios bolivianos, como aponta mais adiante o enunciador.

No entanto, o argumento mais forte aparece na reprodução, em discurso direto, do que diz Abigail Saba: *‘“Podemos dizer que o sinalizador foi atirado pela torcida do Corinthians, mas não dá para ter certeza plena se realmente foi um dos que estavam presos (...). Só vamos saber quando as investigações acabarem, em seis meses”*. Ou seja, os dizeres da investigadora apontam para uma prisão mínima de seis meses. Feito isso, destacamos, pelo que apresenta o

enunciador, que o contraponto mencionado anteriormente sustenta-se da seguinte maneira: para as autoridades policiais bolivianas, os suspeitos são considerados culpados até que se prove o contrário; já para o órgão diplomático brasileiro, os suspeitos são considerados inocentes até que se prove o contrário. As escolhas dos ditos e das opiniões a serem reproduzidas pelo enunciador não são feitas ao acaso. Ao contrário, são intencionais e aparecem para sustentar determinado aspecto. Após dizer que Abigail Saba pensa que é cedo para dizer se os responsáveis pela morte responderão por homicídio culposo ou doloso, o enunciador reproduz a seguinte fala da investigadora: “*Ainda estamos vendo isso. Mas houve uma vítima. Temos que valorizar a vida*”. Entendemos que o enunciador busca, através do dito de Abigail Saba, não abrir espaço para impunidade. Mesmo não podendo prever exatamente o desfecho do caso, salienta que uma vida foi ceifada e alguém foi responsável por isso.

Vale ressaltar que crimes cometidos em outros países são julgados de acordo com a legislação local e a pena, como diz o enunciador, *‘precisa ser cumprida no próprio país’*. No entanto, ele complementa que uma intervenção diplomática do país de origem do condenado, no caso o Brasil, pode reverter o local.

Dissemos, em páginas anteriores, que atribuir a morte a uma fatalidade, como fizera o presidente do Corinthians em ditos reproduzidos na reportagem da página D1, silencia uma série de aspectos que contribuíram para a morte do garoto. Neste segundo texto, o enunciador diz o seguinte: *‘As leis bolivianas proíbem a entrada de qualquer artefato com pólvora nos estádios do país. Ou seja, houve falha na fiscalização da polícia’*. Um dos aspectos silenciado, que lá apontamos, aqui é mencionado pelo enunciador, a falha na fiscalização. Falha que permitiu aos torcedores entrarem com artefatos proibidos no estádio, burlando o regulamento da competição e as leis locais. A expressão *‘Ou seja’*, é o elemento argumentativo que rege o efeito conclusivo criado pelo enunciador. Como diz Peruzzolo (no prelo), a utilização desse tipo de elemento argumentativo dota o discurso com uma marca de veridicção e orienta o reconhecimento da conclusão por parte do destinatário. Desse modo, concordamos com Maingueneau (1997, p.162), quando diz que “É constitutivo do sentido de um enunciado pretender orientar a sequência do discurso em certa direção”. Entretanto, à leitura do fato proposta pelo enunciador o destinatário pode posicionar-se, assumindo-a, contestando-a ou rejeitando-a. De acordo Peruzzolo (no prelo), a orientação realizada pelo enunciador não obriga o leitor a “admitir tudo como verdadeiro ou que os sentidos já estejam predefinidos”, até porque, em nosso entendimento, a proposição do enunciador, mesmo correta, é incompleta. Dizer apenas que houve falha na fiscalização, silencia, novamente, o fato dos torcedores corintianos

terem infringido as leis bolivianas e outras causas, já apontadas, que possam ter contribuído para a tragédia. Desse modo, o enunciador apresenta uma visão reducionista sobre o fato.

Assim como na reportagem anterior, o presidente do Corinthians também é chamado a participar da cena enunciativa. Aparece, novamente, inocentando o clube e, segundo o enunciador, utiliza o argumento de não ter financiado a viagem e a entrada dos torcedores na Bolívia para fazê-lo. O enunciador na sequência, no entanto, instaura um impasse ao utilizar, em discurso direto, a seguinte frase do dirigente: “*Nossa relação com a torcida é igual a dos outros times*”. Impasse que não é resolvido através do texto e que ocorre entre o pensamento de Mário Gobbi e sua frase, que fora reproduzida pelo enunciador. Os estudos de Murad (2012; 2007), como apresentamos no Capítulo 2 da presente investigação, mostram que os clubes brasileiros, em geral, concedem benefícios para alguns torcedores, especialmente os organizados<sup>129</sup> e fixam relações com as torcidas através do valor da cooperação. Por consequência, os discursos que afirmam o contrário, servem apenas para mascarar essas relações que, geralmente, ocorrem na clandestinidade. Partindo dessa premissa, o enunciador apresenta um presidente que se contradiz, pois, caso a relação com a torcida seja igual a dos outros times, há a confissão, mesmo que indiretamente, do financiamento da viagem e da entrada no estádio dos torcedores.

A ligação dos torcedores presos na Bolívia com torcidas organizadas é apontada em outro texto da página D3, de Folha de São Paulo do dia 22 de fevereiro de 2013 sob o título: “*Torcedores têm ligação com as organizadas*”.

---

<sup>129</sup> Juca Kfourí, sociólogo, jornalista esportivo e torcedor corintiano, compartilha da mesma ideia. Diz ele no texto “*Espírito esportivo*”, de Folha de São Paulo do dia 25 de fevereiro de 2013 e que será analisado mais adiante: ‘*Não há como negar a responsabilidade objetiva do clube em relação aos seus torcedores, principalmente os uniformizados, que gozam de privilégios, por mais que se negue*’.

## Torcedores têm ligação com as organizadas

DE SÃO PAULO

Entre os 12 torcedores do Corinthians presos na Bolívia sob suspeita de envolvimento na morte do torcedor boliviano, há filiados de pelo menos duas torcidas organizadas do clube: a Gaviões da Fiel e a Pavilhão Nove.

Segundo relato de um torcedor que estava no estádio Jesús Bermúdez, em Oruro, anteontem, a polícia boliviana deteve os corintianos que estavam mais próximos do local do arremesso do objeto que atingiu o jovem Kevin Douglas Beltrán Espada.

O mais conhecido entre os presos é Tadeu Macedo de Andrade, 30, um dos princi-

pais líderes da Gaviões e que atua como tesoureiro. Ele foi o conselheiro mais votado na eleição feita pela agremiação no começo de 2012.

Em maio do ano passado, o presidente da organizada, Antonio Alan de Souza, foi preso sob acusação de ter participado do confronto entre torcedores que resultou na morte de dois palmeirenses.

À época, Andrade foi indicado por integrantes da torcida como o homem que comandaria a organização na ausência de Silva e de Wagner Costa, vice-presidente que estava foragido.

Foi Andrade quem pediu a palavra quando a equipe do site “Globoesporte.com” con-

seguiu acesso ao local onde os 12 estão presos.

“Estamos aqui de bodes expiatórios. Não foi nenhum daqui. Todo mundo sabe, a Justiça, a polícia, que não foi a gente [quem atirou o sinalizador]. Não sei afirmar quem foi”, afirmou o tesoureiro da Gaviões.

Também ao site, Jaime Luiz Flores, advogado boliviano que auxilia os brasileiros, afirmou que dois corintianos presos estavam com sinalizadores idênticos aos que acertaram Kevin.

Ainda segundo ele, um dos torcedores, Cleuter Barreto Barros, portava artefatos do mesmo lote do sinalizador que matou o boliviano.

### Figura 29 – Texto: “Torcedores têm ligação com as organizadas”

Fonte: Folha de São Paulo, 22 de fevereiro de 2013, p.D3.

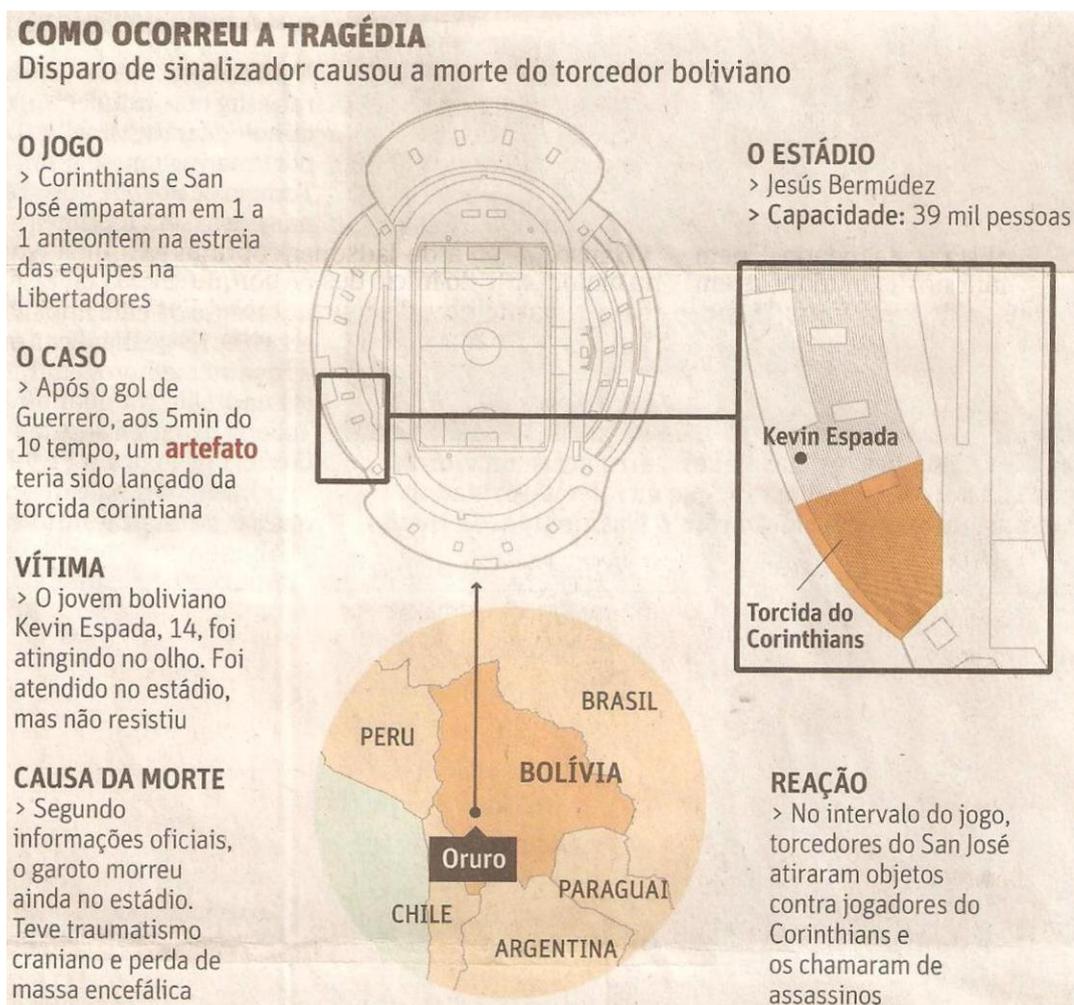
A temática proposta pelo enunciador aparece sustentada pela denominação de duas torcidas do clube, Gaviões da Fiel e Pavilhão Nove, com a breve descrição e opinião sobre o acontecimento do torcedor preso mais conhecido e com o breve relato do advogado boliviano que auxilia os corintianos. Com intuito de “afirmar a existência de alguém em ‘carne e osso’, da qual se fala”, como diz Peruzzolo (no prelo), o enunciador nomeia a pessoa, sua idade e sua função, ao falar de Tadeu Macedo de Andrade, de 30 anos, tesoureiro e um dos principais líderes da Gaviões da Fiel.

Feito isso, entendemos que o enunciador cria duas imagens complementares para o torcedor. A primeira: ele é popular, pois ‘foi o conselheiro mais votado na eleição feita pela agremiação no começo de 2012’; a segunda: ele possui capacidade de liderança, já que ‘foi indicado por integrantes da torcida como o homem que comandaria a organização da ausência de Silva e de Wagner Costa’. No entanto, essa liderança pode estar carregada de certa aura violenta que acompanha os líderes, já que o presidente da torcida, Antonio Alan de Souza, ‘foi preso sob acusação de ter participado do confronto entre torcedores que resultou na morte de dois palmeirenses’ e o vice-presidente, Wagner Costa, ‘estava foragido’. A liderança de Tadeu volta a ser ressaltada quando o enunciador diz que foi ele ‘quem pediu a palavra quando a equipe do site “Globoesporte.com” conseguiu acesso ao local onde estão os 12 presos’. A

reprodução de uma parte da fala ocorre em discurso direto, através do qual o enunciador busca eximir-se da responsabilidade pelo que diz o torcedor, especialmente, pelo fato dele afirmar que todos os presos são inocentes e pelo fato de não saber quem foi o autor do disparo. O discurso do torcedor está baseado no valor da proteção, semelhante aquele que apresentamos no item anterior, bem como no valor na inocência própria e de seus companheiros.

No entanto, logo abaixo à reprodução do dito do torcedor, o enunciador, em discurso indireto, ancorado nos dizeres do advogado boliviano ao *site* Globoesporte.com, Jaime Luiz Flores, que defende os corintianos, indica duas situações que causam um efeito de dúvida sobre a inocência dos torcedores apontada por Tadeu Macedo de Andrade: *‘dois corintianos presos estavam com sinalizadores idênticos aos que mataram Kevin’* e *‘um dos torcedores, Cleuter Barreto Barros, portava artefatos do mesmo lote do sinalizador que matou o boliviano’*.

Logo abaixo ao texto *“Corintianos detidos serão indiciados por homicídio de jovem”*, o enunciador aciona uma série de estratégias discursivas que criam um efeito de sentido de realidade, ou seja, produzem uma ilusão de realidade para aquilo que é enunciado. Com o título, *“Como ocorreu a tragédia”*, propõe ao destinatário a apresentação de detalhes sobre o acontecimento. Já com o subtítulo, *“Disparo de sinalizador causou a morte de torcedor boliviano”*, é enfático na apresentação da causa. O enunciador tenta instaurar um valor de verdade a sua proposição ao dizer entre quem foi o jogo, o que aconteceu, quem foi a vítima, o que causou e o local em que ocorreu a morte, e qual foi a reação das pessoas que presenciaram a tragédia. Desse modo, o enunciador reforça a verdade de seu raciocínio e proposição ao atar seu discurso, como diz Barros (2010), a pessoas – *‘O jovem boliviano Kevin Espada’*; a espaços – o estádio Jesús Bermudes; a marcas temporais – *‘empataram em 1 a 1 anteontem’* e *‘Após o gol de Guerrero, aos 5min do 1º tempo’*; a números – *‘Capacidade: 39 mil pessoas’*; a iconizações culturais – *‘torcedores do São Jose atiraram objetos nos jogadores do Corinthians e os chamaram de assassinos’*; a dados específicos – *‘Sinalizador naval pode atingir 300 metros de altura em 3 segundos’*. Tais elementos discursivos, segundo a autora, têm a função de “concretizar cada vez mais os atores, os espaços e o tempo do discurso”. Com efeito, esses termos são reconhecidos pelo leitor como existentes no mundo e trabalham em prol de construir uma representação verídica de um acontecimento.



**Figura 30 – Ilustração: Como ocorreu a tragédia**

Fonte: Folha de São Paulo, 22 de fevereiro de 2013, p.D3.

Conforme Peruzzolo (no prelo), “Se os personagens, os locais, os momentos, as circunstâncias são reais, ou se parecem tais, então, são fatos, logo, o texto também é verdadeiro, diz o real”. Além disso, o enunciador utiliza mapas e simulações gráficas, que também produzem efeitos de realidade. Em verdade, é um texto constituído de forma pedagógica para guiar a leitura e a compreensão do destinatário. No caso, temos a referência à cidade de Oruro, na Bolívia, a representação do estádio e dos locais em que se situavam a torcida do Corinthians e o torcedor boliviano, bem como a representação interna e do modo de funcionamento do artefato que atingiu a cabeça de Kevin Espada. Através das referidas estratégias, o enunciador visa a tornar seu dito uma cópia do real e apresentar-se como expositor da verdade.

Passamos, agora, a análise do texto “*Corintianos são indiciados*”, do dispositivo jornalístico Zero Hora, do dia 22 de fevereiro de 2013, que segue percurso temático semelhante ao primeiro texto analisado neste item, “De São Paulo a Oruro”, publicado pelo Jornal Folha

de São Paulo. Com efeito, o indiciamento dos torcedores e as possíveis punições ao clube paulista regem a construção dos dizeres do enunciador, além da utilização de diferentes vozes.

# Corinthians são indiciados

Torcedores foram presos na Bolívia e responsabilizados pela morte de um adolescente durante o jogo contra o San José

**Doze torcedores do Corinthians, detidos após o incidente que ocasionou a morte de Kevin Douglas Beltrán Espada, de 14 anos, na partida contra o San José, pela Libertadores, quarta-feira, foram indiciados por homicídio pela polícia da Bolívia ontem à noite.**

O adolescente foi atingido por um sinalizador no Estádio José Bermúdez, na cidade de Oruro. O objeto teria sido arremessado do setor da arquibancada, onde estavam os brasileiros.

A punição ao clube – que corre o risco de ser excluído da competição – segue indefinida. O sinalizador teria sido jogado depois que Paolo Guerrero abriu o placar, aos cinco minutos. O jogo terminou em 1 a 1.

Outras possíveis implicações à equipe paulista, devido ao episódio, são a perda do mando de campo, jogos com portões fechados, multa, anulação da partida, além de uma advertência. Isso depois de o caso ser analisado pelo recém-criado Tribunal Disciplinar da Conmebol.

Conforme o vice-presidente da Associação Brasileira de Pirotecnia, Anderson José, o artefato utilizado, do tipo paraquedas, é muito semelhante ao de luminosidade, que não percorreria os 40 metros de distância que havia entre as torcidas.

– Os sinalizadores são visivelmente iguais. Possivelmente, a pessoa que foi acionar o equipamento pensou que estava utilizando o de luminosidade e, quando foi acionado, ele se projetou – resumiu.

O ministro do Esporte, Aldo Rebelo, publicou nota em repúdio à atitude dos torcedores que vitimaram o garoto. Na tarde de ontem, a televisão boliviana divulgou imagens do que seria o sinalizador jogado pela torcida corintiana. Após o episódio, o técnico Tite e o gerente de futebol Edu, também lamentaram o incidente e choraram. À Rádio Estadão, o diretor jurídico do clube, Luiz Alberto Bussab defendeu o clube:

– O Corinthians, como entidade, não contribuiu em nada para que isso ocorresse – disse o dirigente.

**MÁRIO GOBBI**  
presidente do Corinthians  
*Pelo que tenho visto, por jornais e vídeos, parece ter sido um acidente involuntário, quando o torcedor foi soltar os fogos. Não posso crer que alguém vá a um jogo de futebol para matar outra pessoa.*

**ALDO REBELO**  
ministro do Esporte  
*É inaceitável a ocorrência de atos violentos por parte de torcedores em praças esportivas.*

**FÁBIO SANTOS**  
lateral-esquerdo do Corinthians  
*Se for necessário que o Corinthians seja expulso da Libertadores para que acabem com as mortes, sou totalmente a favor.*

## O que diz o regulamento

**Associações e clubes podem ser punidos por comportamento inadequado da torcida, como nos casos:**

- **Invasão ou tentativa de invasão de campo**
- **Objetos atirados em campo**
- **Usar sinalizador, fogos de artifício ou qualquer outro objeto pirotécnico**
- **Gestos, palavras, objetos ou outro meio**

para transmitir mensagem inapropriada em um evento esportivo, sobretudo se for de natureza política, ofensiva ou provocativa

- **Causar estragos**
- **Qualquer falta de ordem ou disciplina que se possa cometer dentro do estádio ou em suas cercanias**

No artigo 18, há as possíveis sanções:

advertência, repreensão, multa (não menos que R\$ 200 e não mais do que R\$ 200 mil), anulação ou repetição da partida, perda de pontos, determinação do resultado do jogo, atuar com portões fechados, proibição de jogar em um estádio ou no país, exclusão da competição (atual ou de edições futuras), perda de título ou prêmio, rebaixamento, perda de licença.

Figura 31 – Texto: “Corinthians serão indiciados”

Fonte: Zero Hora, 22 de fevereiro de 2013, p.51.

O texto apresenta um caráter informativo e o enunciador adota estratégias para sustentar o valor de verdade do que diz, para criar a ilusão de que os fatos relatados são reais e para influir

nos juízos e na leitura do destinatário, como o destaque para ditos do presidente do clube paulista, do ministro do Esporte e do lateral-esquerdo do clube. Já no *lead* e no primeiro parágrafo do texto, o enunciador utiliza elementos discursivos semelhantes àqueles utilizados pelo enunciador do texto de Folha de São Paulo, que sustentam um efeito de sentido de realidade. Apresenta o número exato de indiciados, ‘*Doze torcedores do Corinthians*’; faz referência à pessoa e idade, ‘*Kevin Douglas Beltrán Espada, 14 anos*’; marcas temporais, ‘*quarta-feira*’, ‘*ontem à noite*’; a espaços concretos e locais, ‘*Estádio José Bermúdez, na cidade de Oruro*’. Além do mais, atrela o dito a pessoas e menciona cargos ou funções ocupadas por elas: ‘*vice-presidente da Associação Brasileira de Pirotecnia, Anderson José*’, ‘*O ministro do Esporte, Aldo Rebelo*’, ‘*o técnico Tite*’, ‘*o gerente de futebol Edu*’, ‘*o diretor jurídico do clube, Luiz Alberto Bussab*’, ‘*Mário Gobbi, presidente do Corinthians*’, ‘*Fábio Santos, lateral-esquerdo do Corinthians*’. Com efeito, ao mostrar que as pessoas a quem ele refere-se são reais, o enunciador legitima-as como outros enunciadores que pertencem ao discurso. Produzindo um efeito de realidade através de elementos discursivos apontados acima, o enunciador<sup>130</sup> realiza um processo de transição entre aquilo que é abstrato, o valor, e aquilo que pertence ao mundo natural – os elementos concretos, os fatos, os acontecimentos.

Em outros momentos, o enunciador não tem a completa certeza do que está dizendo, mas não deixa de dizer. Para fazê-lo, utiliza locuções verbais com verbos na forma condicional, o que cria um efeito de quase certeza através de ‘*O objeto teria sido arremessado*’ e ‘*O sinalizador teria sido jogado*’.

A apresentação das possíveis punições ao clube paulista (exclusão da competição, perda de pontos, multas, perda de mando de campo, jogos com portões fechados, advertências) e a formulação de um item chamado ‘*O que diz o regulamento*’, que funciona como um reforço de argumento dedicado a mostrar quais as atitudes dos torcedores são capazes de gerar punições aos clubes e as sanções previstas pelo artigo 18 do mesmo, aparecem, em nosso entendimento, regidas pelo valor e pelo desejo de justiça. O regulamento é utilizado estrategicamente pelo enunciador para mostrar que o clube é responsável pelas ações de seus torcedores e para fundar uma lógica: se ele prevê punições para atos inadequados dos torcedores, os quais praticaram um destes atos, inclusive com o agravante da morte, alguma punição faz-se necessária. Por consequência, é inválido e insuficiente para livrar-se das punições, o presidente do clube atribuir a morte a uma fatalidade (como reproduz o enunciador do texto de Folha de São Paulo)

---

<sup>130</sup> O mesmo serve para o texto “*Corintianos detidos serão indiciados por homicídio de jovem*”, de Folha de São Paulo.

ou um *'acidente involuntário'* (como reproduz o enunciador do texto de Zero Hora em análise) ou como apresenta o enunciador em acusação direta o que diz o diretor jurídico do clube, *'- O Corinthians, como entidade, não contribuiu em nada para que isso ocorresse -'*. No entanto, o recorrente uso de expressões, como *'Outras possíveis implicações'*, *'Associações e clubes podem ser punidos'*, *'No artigo 18, há possíveis sanções'*, criam um efeito de suspense em relação às punições, pois estas dependem da Confederação Sul-americana de Futebol que, historicamente, como já dissemos, não costuma ser eficaz na aplicação de sanções.

O enunciador faz falar em seu discurso diferentes e, por vezes, conflitantes vozes. A primeira a ser demarcada vem de um especialista em pirotecnia que foi chamado ao discurso por ter conhecimentos sobre o objeto que vitimou o garoto boliviano. Assim diz o enunciador: *'Conforme o vice-presidente da Associação Brasileira de Pirotecnia, Anderson José, o artefato utilizado, do tipo paraquedas, é muito semelhante ao de luminosidade, que não percorreria os 40 metros de distância que havia entre as torcidas'*. Logo abaixo, apresenta em discurso direto a fala do especialista em que baseou seu dito.

Já no parágrafo seguinte, faz uma autoridade falar. Segundo ele, *'O ministro do Esporte, Aldo Rebelo, publicou uma nota em repúdio à atitude dos torcedores que vitimaram o garoto'*. Além disso, o enunciador reproduz em discurso direto uma frase do ministro: *'- É inaceitável a ocorrência de atos violentos por parte de torcedores em praças esportivas'*. Vejamos que o enunciador instaura uma divergência entre as opiniões do ministro e do presidente do clube. A este último, o enunciador atribui o seguinte dito: *'-Pelo o que tenho visto, por jornais e vídeos, parece ter sido um acidente involuntário, quando o torcedor foi soltar os fogos. Não posso crer que alguém vá a um jogo de futebol para matar outra pessoa'*. O que, para o presidente foi um acidente<sup>131</sup> involuntário, na ótica do ministro foi um ato de violência inaceitável. Obviamente, não podemos dizer que o ato foi premeditado, no entanto, o porte de um artefato proibido no estádio indica a possibilidade da ocorrência de alguma ação ilícita ou violenta, como ocorrera. A divergência sustenta-se também por um conflito de valores. O presidente e o diretor jurídico, que teve sua fala demarcada anteriormente, são apresentados como mantenedores da inocência do clube, visando a defender, especialmente, suas finanças. Com efeito, negam veementemente qualquer responsabilidade e atribuem a morte ao acaso. Já o ministro, ao dizer que atos dessa procedência são inaceitáveis, além de reforçar um valor de antiviolença e de indignação, aponta, implicitamente, que os envolvidos devam ser responsabilizados.

---

<sup>131</sup> Destacamos que a noção de acidente aponta para algo inesperado com consequências desastrosas.

Ao discurso do ministro aproximam-se as vozes de Tite, técnico do time, do gerente de futebol Edu Gaspar e do lateral-esquerdo Fábio Santos. Este último tem a mesma fala reproduzida pelo enunciador do texto de Zero Hora e pelo enunciador do texto “*Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade*”, a qual é favorável à expulsão do time da competição, caso isso acabe com as mortes no futebol. Já sobre os dois primeiros o enunciador formula o seguinte dito: ‘*Após o episódio, o técnico Tite e o gerente de futebol Edu, também lamentaram o incidente e choraram*’. Através do operador argumentativo ‘*também*’, o enunciador faz a ponte entre o pensamento dos dois funcionários do Corinthians e do ministro. A prevalência de um valor de solidariedade e de emoção do técnico e dos jogadores também é apresentada na legenda da fotografia que acompanha a reportagem: ‘*No retorno a São Paulo, o técnico Tite e os jogadores exibiram abatimento pelo episódio ocorrido em Oruro*’. A fotografia e a legenda são utilizados estrategicamente como elementos discursivos que criam um efeito de veracidade para aqueles valores que o enunciador propõe, além de incorporar um efeito de dramatização ao texto.



**Figura 32 – Imagem que acompanha o texto “Corintianos serão indiciados”**

Fonte: Zero Hora, 22 de fevereiro de 2013, p.51.

Notamos que o texto constitui-se em um espaço marcado pela pluralidade de vozes. Desse modo, o enunciador possui o intuito de causar um efeito de completude ao que diz, bem como fazer o texto significar mais plenamente, como dissemos nas análises realizadas no item anterior. Entretanto, vozes dos torcedores corintianos, de autoridades bolivianas, da família do garoto não são postas em circulação. Esse fato evidencia a dificuldade que todo enunciador possui para monitorar as vozes que circulam em seu discurso. Além do mais, o discurso é

penetrado por vozes sobre as quais o enunciador não tem controle. Salientamos que essas vozes, bem com os já-ditos de outros discursos, como aborda Authier-Revuz (1998), são constitutivos de cada novo discurso.

Para finalizar a análise desta materialidade jornalística, observamos que, em duas oportunidades, o enunciador utiliza a palavra '*incidente*' para caracterizar o acontecimento. Destacamos que é um termo equivocado para dar suporte à temática da morte do torcedor, já que '*incidente*' refere-se a algum imprevisto que modifica o desenrolar dos acontecimentos, porém sem consequências graves. Pelos relatos do enunciador, à primeira parte até que se aplica, visto que o imprevisto está relacionado ao uso equivocado de um sinalizador ou à confusão entre dois tipos de sinalizador, o marítimo e o de luminosidade, como aponta o especialista em pirotecnia. No entanto, a consequência é muito grave – a morte de uma pessoa. Sabe-se que toda materialidade jornalística está investida por efeitos possíveis e aparece carregada de intencionalidades, como diz Charaudeau (2006). Pensamos, portanto, que há tentativa da criação de um efeito de amenização da gravidade do acontecimento através da uso do termo '*incidente*'. Em nosso ponto de vista, o uso do termo '*acidente*', não nos moldes apresentados pelo presidente corintiano, que alia acidente e acaso, seria mais adequada para sintetizar a temática em questão, pois se refere a consequências desastrosas em virtude de algo inesperado.

Em resumo, através dos textos até aqui analisados, apontamos que os ditos dos enunciadores possibilitam a formulação de dois polos opinativos distintos: aquele formado pelo presidente e pelo diretor jurídico do clube, que atribuem a morte à ordem do acaso, que pensam que o clube não é responsável pelas ações de seus torcedores e que o clube não os financia. Todos esses aspectos são apresentados como argumentos para sustentar a inocência da entidade que, caso não ocorra, poderá acarretar em grandes prejuízos financeiros. Já o outro polo, mesmo segmentado, afasta-se dos aspectos financeiros. Desse modo, temos um discurso formado por efeitos de indignação, lamentação, emoção, sensatez e pelo desejo de justiça.

Iniciamos, agora, a análise de textos opinativos produzidos por colunistas dos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora. Sabendo que os enunciadores arquitetam suas falas sustentadas por valores, nossa atenção recairá, principalmente, sobre os efeitos de sentido de tematização. Além do mais, tentaremos verificar nos textos com que aspectos sociohistóricos os enunciadores dialogam para elaborar um pensamento a respeito das causas, das punições, das consequências em relação à morte do garoto boliviano. Salientamos que os enunciadores assumem determinado ponto de vista, ou seja, não possuem a pretensão de esconder-se ou

afastar-se de seu discurso. Com efeito, é comum encontrar nos textos o uso de adjetivos, julgamentos, metáforas. Os textos em análise são os seguintes: “*A lei seca do Futebol*” e “*Espírito Esportivo*” do jornal Folha de São Paulo e, “*Morte no estádio*” do Jornal Zero Hora.

No primeiro texto, publicado por Folha de São Paulo em 24 de fevereiro de 2013, Paulo Vinícius Coelho, com o título, “*A lei seca do futebol*”, começa a arquitetar suas intenções ao fazer um entrecruzamento entre dois discursos: a legislação referente às punições a atos violentos no futebol e a legislação instituída pelo governo brasileiro, no intuito de diminuir as mortes no trânsito, que proíbe e multa motoristas que dirigem após ingerir bebida alcoólica.

As intenções são materializadas e repassadas ao leitor, o qual irá reconstruir o sentido dos enunciados, segundo Maingueneau (2008, p.20), “a partir de indicações presentes no enunciado produzido”, de valores, conhecimentos e crenças que orientam sua própria existência e do entendimento dos variados discursos que circulam em uma sociedade. Desse modo, concordamos com Charaudeau (2006, p.47) quando diz que “um enunciado (...) depende, para sua interpretação, de numerosos entrecruzamentos entre os discursos de representações que são produzidos numa dada sociedade”. O enunciador do texto ao dizer: ‘*Como o motorista, só a certeza do torcedor de que pode ser punido o fará parar de desrespeitar a lei*’, propõe que a legislação aplicada aos motoristas e o efeito que ela produz sejam levados também ao futebol<sup>132</sup>. Esta frase é posta em negrito, como destaque do texto. Já ao final deste, ela é acompanhada de seu complemento: ‘*Seja para não brigar, para não matar ou simplesmente para não portar um sinalizador*’. Assim, o enunciador deixa subentendido que há um constante desrespeito à legislação que, por vezes, também é ineficiente. Devido a isso, afirma que ‘*só a certeza*’ da possível punição levará o torcedor a respeitá-la. As duas frases em destaque e aquela posta em nota de rodapé são as únicas em que o enunciador faz referência direta à lei aplicada aos motoristas. Com efeito, exige do leitor um conhecimento prévio para a interpretação.

---

<sup>132</sup> Reforça isso quando diz: ‘*Mas o que o futebol precisa é do efeito lei seca*’.



**Figura 33 – Texto: “A lei seca do futebol”**

Fonte: Folha de São Paulo, 14 de fevereiro de 2013, p.D6.

Ao fazer a comparação e a proposição mencionada anteriormente, o enunciador supõe que a lei aplicada aos motoristas funciona, pois estes sabem que, se abordados pela fiscalização e os testes comprovarem índice além do permitido de álcool no sangue, serão multados e podem sofrer sanções prisionais. Ao mesmo tempo, cria um efeito de desconfiança sobre os torcedores, já que a simples existência de leis que condenam o comportamento violento não basta. Desse modo, os responsáveis por sua aplicação precisam dar mostras de que elas existem e funcionam. Historicamente, como já apontamos, Conmebol e cumprimento de regras parecem seguir em direções opostas, o que encoraja os torcedores dispostos a praticarem atos ilícitos. A vulnerabilidade no aspecto disciplinar cria um efeito de incompetência que impulsiona a violência. Com efeito, o enunciador dá a entender que as organizações que comandam o futebol precisam de mecanismos de legitimidade que façam o infrator acreditar que possa ser punido.

O discurso da conscientização de que não se devem praticar atos violentos em praças esportivas, para o enunciador, não está sendo eficiente. Serve apenas se a conscientização for a respeito da certeza da punição. Salientamos que este aspecto remete-nos à investigação de Lopes (2012). O autor utiliza trechos de entrevistas realizadas com líderes de torcidas organizadas. Em um desses trechos, atribuído a um líder da torcida organizada do Corinthians, Gaviões da Fiel, lemos que há uma enorme diferença de comportamento entre torcedores que possuem uma educação adequada, que firmam suas ações em valores sociais e entre torcedores que não a possuem. Para o líder, isto não está relacionado a questões financeiras, mas depende de cada indivíduo, dos vínculos sociais que cada um adota para si e do grupo social em que ele se encontra. Ou seja, a violência no futebol, como também aponta Murad (2012; 2007), está fortemente relacionada a problemas que circunscrevem toda nossa sociedade, como a corrupção, a impunidade, o desrespeito e a injustiça. Com efeito, se esses valores predominam, a conscientização não encontra espaço.

O enunciador arquiteta seu texto através da oposição entre uma análise profunda e uma análise superficial no que tange às causas, aos responsáveis e às consequências da morte do garoto boliviano, bem como às soluções para a violência no futebol quando envolve torcedores. O enunciador começa o texto dizendo: *‘A DOR cega. O clamor pela morte do adolescente Kevin Estrada (sic) também’*. O intuito do enunciador é alertar que a dor, o sofrimento, o clamor e a lamentação possuem força para mascarar as verdadeiras causas da tragédia e condicionam análises equivocadas, ou seja, a expressão *‘A DOR cega’* é utilizada para causar um efeito de que apelar apenas para a emoção impossibilita uma análise aprofundada do caso. Desse modo, o sujeito enunciador posiciona-se como o sujeito capaz de “abrir os olhos” do leitor para as

principais causas da morte e elabora sua narrativa baseado na proposição desse contrato. Com efeito, primeiramente, apresenta-se como alguém responsável por fazê-lo. Em seguida, faz uma apresentação negativa dos responsáveis pela morte. Já salientamos em outros lugares, como no Capítulo 2, que estes acontecimentos afetam fortemente o lado emocional das pessoas e a emoção, portanto, predomina em relação à razão.

Diz ele, na sequência, que a dor *‘Dificulta a visão de o caso ter sido causado mais pela falência do futebol sul-americano do que pela histórica conspiração das brigas de torcida’*. Ou seja, é mais fácil, mais cômodo, apontar logo um culpado, geralmente pertencente ao lado mais fraco, do que ampliar a visão e constatar que a organização do torneio possui grande parcela de culpa no caso. É necessário que se divida corretamente as responsabilidades. Quando ele fala em falência da organização do futebol sul-americano, fala em permissividade em relação a estádios ruins e desconfortáveis, a violência dentro e fora de campo, a objetos frequentemente atirados em direção a torcedores adversários e em direção ao campo de jogo, a má fiscalização e despreparo policial, a má segurança, bem como a não aplicabilidade de leis e regulamentos e a imposição de penas injustas. Através da utilização da expressão *‘histórica conspiração das brigas de torcida’*, enfatiza que qualquer ocorrência violenta, num discurso generalista e cego, aponta as torcidas como as únicas culpadas. No nosso entender, segundo o enunciador, essa histórica conspiração é o retrato de uma análise superficial. Por consequência, ele inverte a ordem de importância dos argumentos e isso pode ser observado na última frase do primeiro parágrafo: *‘Não foi um caso comum de violência entre facções uniformizadas, mas de incompetência dos que promovem jogos na América do Sul’*. Veja-se que a utilização do operador argumentativo *‘mas’* faz com que a referida inversão de importância aconteça. Ou seja, através do operador, o enunciador sobrepõe um argumento mais forte àquele comumente utilizado para explicar casos de violência no futebol. Portanto, seu intuito é fazer com que se amplie o pensamento sobre o fenômeno, algo que análises reducionistas e baseadas apenas na emoção não permitem.

O valor da falência da organização do futebol sul-americano, que não se refere a aspectos financeiros, mas a aspectos morais, éticos, de ordem institucional, começa a ser concretizado no segundo parágrafo do texto quando o enunciador reporta-se a opinião de um repórter do jornal “Lance!” para dizer que o clima no estádio era pacífico, *‘não havia nem divisão entre brasileiros e bolivianos’*. Temos, assim, o pensamento sobre uma cadeia de fatores e consequências a respeito da morte do garoto boliviano, que afirma o valor da falência relativa também aos torcedores e aos clubes que os financiam, iniciada quando o enunciador diz o

seguinte: *‘Havia paz, indício de ter havido imprudência de quem manipulou o sinalizador’*. O indício de imprudência, além de apontar para a ação de má fé do torcedor, que descumpriu a lei e o regulamento, aponta para quem possibilitou que ele fosse imprudente, ou seja, os organizadores do evento, principalmente o São José, clube que sediou o jogo e que, por falhas em seu sistema de fiscalização, permitiu a entrada dos corintianos no estádio com artefatos proibidos e potencialmente mortíferos.

Em virtude disso, entendemos que o enunciador, ao dizer: *‘A desorganização começa a se misturar com a violência ao saber que o sinalizador partiu, sim, de um integrante de torcida uniformizada’*, coloca dois valores (desorganização e violência) lado a lado, os quais reforçam aquele da falência, mencionado anteriormente. Primeiramente, a afirmação enfática que ele faz através do termo *‘sim’* carrega uma resposta implícita para quem pensa que torcedores organizados não tiveram envolvimento com a morte. Além disso, através da afirmação, o enunciador começa a formular outro argumento que será reforçado em frases posteriores: mesmo que de modo implícito, clubes, no caso o Corinthians, financiam as torcidas uniformizadas<sup>133</sup>. Diz o enunciador: *‘Mesmo assim, a mistura prossegue ao lembrar que as torcidas viajam porque têm meios de arrecadar. Se vendem ingressos em suas sedes, têm o dinheiro para comprar artefatos proibidos’*. Ele afirma que o dinheiro arrecadado não serve apenas para manutenção da torcida, serve também para a prática de atos ilícitos. Quando diz que vendem ingressos em suas sedes, subentende-se que os ingressos são repassados de forma clandestina pelos clubes, já que é deles e das federações a responsabilidade pela venda. Além do mais, é um dizer contrário aos dizeres do presidente do Corinthians, que negam qualquer envolvimento entre clube e torcida organizada. Entendemos, portanto, que ocorre o manuseio daquele valor de cooperação, sobre o qual falamos em análises anteriores e que pode resultar em uma combinação perigosa. A cooperação, que é apresentada pelo enunciador com uma aura negativa, é mais um ingrediente da mistura entre desorganização e violência. Nota-se que o valor da cooperação assume uma face que ora se volta a uma proposição positiva ora para uma negativa. Ou seja, pode ser visto como um valor positivo quando os torcedores retribuem os auxílios recebidos com festas, coreografias e alegrias na arquibancada. No entanto, demonstra seu lado negativo quando se torna maléfica e gera disputas violentas.

O enunciador em nenhum momento nega a responsabilidade do torcedor, tanto que o adjetiva como *‘assassino’* e pelo homicídio, *‘seja culposo ou doloso’*, ele *‘deve ser identificado e preso’*. Logo após o referido julgamento, o enunciador afirma que o *‘clube do qual o assassino*

---

<sup>133</sup> Em São Paulo, torcidas organizadas são comumente chamadas de torcidas uniformizadas.

*é torcedor*’ também deve ser punido, evidenciando haver responsabilidade do clube sobre seus torcedores. Além disso, aciona o valor da justiça ao dizer que *‘É justo o Corinthians pagar pelo o que sua torcida fez, perder o direito de jogar com estádio repleto daqui até o final da Libertadores’*. Houve uma morte e essa morte não foi obra do acaso, ações humanas permitiram que ela acontecesse. Na sequência dos referidos julgamentos, apresenta outros dois: *‘Mas não é justo que a punição seja só para o Corinthians’* e *‘Lembre: foi mais desorganização do que briga de torcida’*. Veja-se que o enunciador, estrategicamente, monta sua fala apresentando vários responsáveis e afirma que as punições devem ser aplicadas a todos que, de uma ou outra forma, contribuíram para a tragédia com intuito de apresentar um olhar amplo sobre o caso e sobre o fenômeno da violência no futebol. Ou seja, o caso e o fenômeno envolvem uma cadeia de fatores e de responsáveis. Por isso, em seu entendimento, é superficial culpar apenas as torcidas organizadas e isso fica claro quando diz: *‘E pau nas torcidas uniformizadas, futebol assassino... Menos!’*. Através das reticências, o enunciador dá a entender que existem várias expressões que sustentam o mesmo sentido daquelas destacadas. A expressão *‘Menos!’* é utilizada, em nosso entendimento, para fazer com que o leitor pare, pense e reflita sobre a temática.

No parágrafo seguinte, ele aponta o que vitimou o torcedor boliviano: *‘Torcedores uniformizados juntos aos desorganizadores do espetáculo construíram um coquetel molotov, responsável pela morte de um menino de 14 anos’*. Baseados em Peruzzolo (no prelo), afirmamos que a figura hiperbólica, *‘construíram um coquetel molotov’*, expande e concretiza o sentido de perigo e, no caso, de morte, que se origina da combinação entre torcedores uniformizados e desorganizadores do evento. Mesmo o fato de portar e usar o artefato ser intencional e individual, não exime o organizador da responsabilidade de aplicar uma fiscalização adequada e eficiente. Ou seja, de acordo com o enunciador, o torcedor é culpado por infringir as leis, no caso, bolivianas, e o regulamento da competição e, conseqüentemente, causar a morte de uma pessoa; o clube é culpado, pois o torcedor é parte de sua entidade e muitas vezes comparece aos estádios financiado; o clube que sediou o jogo é culpado por não realizar fiscalização adequada, bem como a organização da competição por, historicamente, ser conivente com diversos atos violentos e que infringem as regras. Assim sendo, esses ingredientes formaram o *‘coquetel molotov’* que causou uma tragédia.

Como já dissemos, a morte é um acontecimento que afeta facilmente a emoção das pessoas. Quando ocorre de maneira trágica, provocada pelo outro, como é o caso de Oruro, logo há o clamor por justiça com intuito de amenizar o sofrimento ou, como diz o enunciador, dar

*‘a sensação de que uma providência foi tomada’*. Baseado nisso, ele afirma que é injusta *‘a punição exclusiva ao Corinthians’*, pois ela mascara os outros responsáveis – *‘A DOR cega’*, que ele tratou na primeira linha do texto – mascara os outros fatores e abre espaço para a impunidade e para a injustiça. Ao dizer *‘A injustiça é tão perigosa quanto a impunidade’*, aproxima dois valores, injustiça e impunidade, através de uma estratégia de comparação ou equivalência. Logo abaixo, ele apresenta situações que causam um efeito de validade para sua comparação, seguidas de negativas enfáticas: *‘Não!’*, *‘Também não!’* e *‘Nada disso deu certo’*. As tentativas de extinguir as torcidas uniformizadas, punir o clube com perda de mando de campo, exigir que jogos sejam jogados sem público, obrigar o clube a jogar a 100 km de distância de sua sede, no entendimento do enunciador, apenas serviram para causar um efeito de justiça. Ou seja, são utilizadas pelo enunciador como argumentos para mostrar que em pouco ou nada contribuíram para resolver o problema. O enunciador argumenta, através de seu discurso, como diz Peruzzolo (no prelo), para influenciar nos “julgamentos, opiniões e preferências de seus interlocutores”. Desse modo, visa a interferir nas interpretações a serem realizadas.

Feito isso, apresenta, baseado em dado histórico, o argumento que pode ser preponderante para a diminuição da violência no futebol: *‘Nos últimos 30 anos, a única receita não utilizada foi a punição individual. Há um preso aqui, outro acolá, e a ideia geral de que nada acontece’*. Apesar de defender a punição individual, não descarta que o clube também seja punido, como diz através das seguintes frases voltadas para o caso de Oruro: *‘Isso não exclui que se puna o clube. Que o Corinthians pague caro! O San José Também!!!’*. Como já dissemos, é característico no texto opinativo a proximidade do enunciador. Neste último destaque, através dos três pontos de exclamação, apresenta-se com um sujeito impaciente e indignado em relação ao caso, além de ser resoluto no que tange às punições.

A punição individual e a certeza de que pode ser punido compõem, dessa forma, o que o enunciador chama de *‘efeito lei seca’* para o futebol. Em seu entendimento, é mais um problema de aplicabilidade e imposição das leis do que propriamente a existência delas. Sabe-se que elas existem, um exemplo disso é o Estatuto do Torcedor no Brasil. Cabe aos responsáveis fazer com que elas funcionem, o que, conseqüentemente, gera respeito e desencoraja os praticantes de atos ilícitos. No viés do enunciador, só a certeza da punição fará o torcedor respeitar a lei.

Dito isso, o enunciador encerra seu texto elaborando uma crítica à Confederação Sul-americana de Futebol: *‘O resto é tudo é pura demagogia da Conmebol’*. Ou seja, não precisa

ser muito imaginativo para analisar o fenômeno da violência no futebol de modo profundo e adequado. Permanecer na superfície não permite olhar o todo. Desse modo, o enunciador expõe que as ações da entidade são realizadas com o simples intuito de manipular ou agradar o clamor popular, através de promessas que dificilmente serão realizadas, punições injustas e inadequadas que em pouco ou nada contribuem para a criação de soluções em relação ao fenômeno.

Em “*Espírito Esportivo*”, publicado por Folha de São Paulo, em 25 de fevereiro de 2013, Juca Kfourri arquiteta seu dizer baseado no valor do espírito esportivo, ou ‘*fair play*’, no que tange às punições que devem ser aplicadas. Diz o enunciador que ‘*O que acontece no campo do esporte não pode ser tratado somente sob a ótica do Direito*’, pois a transposição brusca e inflexível pode ser falha, causar punições injustas e que não são exemplares. Fica subentendido que o valor do exemplo é mais relevante que o valor da justiça no que concerne às punições em relação à violência no futebol. Realizando uma aproximação com o texto anterior, punição exemplar aproxima-se do efeito lei seca proposto por aquele enunciador.

**É JUSTO** condenar uma coletividade pelo erro de um indivíduo?  
*Parece óbvio que não.*  
**É justo** punir um clube visitante pelo que aconteceu na casa do adversário?  
*Também não.*  
 Ainda mais se os cuidados básicos não foram tomados e foi permitida a entrada de artefatos que põem em risco os torcedores.  
*Havia, por sinal, mais sinalizados na torcida do San José do que na do Corinthians.*  
**Faz sentido** um jogo de futebol sem torcida?  
*Não, não faz nenhum sentido. Mas, então, o que fazer?*  
 São tantas nuances, tantas atitudes que, se levadas todas em consideração, num efeito cascata, ninguém acaba punido, porque as responsabilidades vão sendo jogadas de uns para os outros sempre

**com algum fundamento.**  
*Por mais que horrorize os juristas, punições esportivas devem se preocupar mais em ser exemplares do que justas.*  
*Porque a impunidade no futebol brasileiro encontra boa parte de sua explicação na transferência automática dos princípios do Direito para o campo do esporte.*  
*E, ao se esgotarem as instâncias, as punições muitas vezes não fazem mais sentido, caducaram, ou porque a competição terminou ou porque quem deu causa à questão não está mais onde estava e as condenações se transformam no bálamo*

**atingiu um bandeirinha, naquela mesma noite da morte do menino boliviano.**  
*A justiça esportiva deve levar em conta o espírito esportivo, aquilo que se chama em inglês de "fair play". Não há como negar a responsabilidade objetiva do clube em relação aos seus torcedores, principalmente os uniformizados, que gozam de privilégios, por mais que se negue.*  
*Gozam porque os atemorizam as direções, e enquanto houver esta convivência promiscua não restará outra atitude que não a de punir também os clubes.*

**O que acontece no campo do esporte não pode ser tratado somente sob a ótica do Direito**  
*das cestas básicas.*  
*Para ficar no âmbito da anedótica Conmebol com seu presidente vitalício, depois de punir corretamente o Corinthians e o São Paulo, não se fala em punir exemplarmente também o San José pelos objetos atirados nos corinthianos enquanto os jogadores de aqueciam, além dos sinalizadores.*  
*Ou o Milionários pela pilha que*

**É irônico** constatar que depois que aqui se propôs ao Corinthians, moralmente fortalecido pela conquista dos títulos da Libertadores e do Mundial, que exigisse condutas mais civilizadas no torneio continental, sob pena de não disputá-lo, esteja o clube, enfraquecido pela selvagem tragédia, na situação em que está.  
*Os jogadores corinthianos não têm culpa de nada (ao contrário, foram mais uma vez vítimas da desumandade de jogar futebol a 3.700 metros de altitude), a esmagadora maioria de seus torcedores também não têm, mas, e sempre existe um mas, a punição foi exemplar. Ponto.*  
*Quem sabe sirva para que o processo civilizatório deste torneio chutrim comece pelo Brasil.*  
*Sem ironia, o Corinthians será mais uma vez pioneiro.*

**Figura 34 – Texto: “Espírito Esportivo”**

Fonte: Folha de São Paulo, 25 de fevereiro de 2013, p.D6.

Aqui, o enunciador começa seu texto desenvolvendo a temática proposta de modo argumentativo através de alguns questionamentos. Seu fazer persuasivo inicia por meio de um sistema de perguntas e respostas, em que ele mesmo pergunta e ele mesmo responde se algumas punições relativas à tragédia são justas. Mesmo encontrando respostas às questões, entendemos que o enunciador incita o leitor a fazê-las também, pois ele só irá conseguir com que o leitor compartilhe o mesmo pensamento se este chegar às mesmas respostas para as mesmas perguntas.

Lembremos que, de acordo com Charaudeau (2012, p.206), argumentar é “uma atividade discursiva que do ponto de vista do sujeito argumentante, participa de uma dupla busca: - uma *busca de racionalidade* (grifo do autor) que tende a um ideal de verdade quanto à explicação de fenômenos do universo” e uma “*busca de influência* (grifo do autor) que tende a um *ideal de persuasão*”. Desse modo, com a busca da racionalidade, o enunciador tenta mostrar porque tais penas não são justas, se aplicadas apenas ao Corinthians. Já com a busca da influência, através do exercício persuasivo, intenta “compartilhar com o outro” os ideais que propõe via discurso, no caso, como diz o enunciador, ‘*Por mais que horrorize os juristas, punições esportivas devem se preocupar mais em ser exemplares do que justas*’.

O dispositivo argumentativo, segundo Charaudeau (2012, p.221), compõe-se de três quadros: proposta, proposição e persuasão. Ao questionar-se: ‘*É JUSTO condenar uma coletividade pelo erro de um indivíduo?*’, ‘*É justo punir um clube visitante pelo que aconteceu na casa do adversário?*’ e ‘*Faz sentido um jogo de futebol sem torcida?*’ o enunciador encontra apenas respostas negativas, respectivamente: ‘*Parece óbvio que não*’, ‘*Também não*’ e ‘*Não, não faz nenhum sentido*’. Entendemos que a proposta é realizada através dos questionamentos, já a proposição através das respostas. O intuito do enunciador é mostrar que punir apenas o Corinthians foi um equívoco, pois o clube boliviano e a organização do torneio também contribuíram para a tragédia. Com efeito, a condição da persuasão aparece quando diz o seguinte: ‘*Ainda mais se os cuidados não foram tomados e foi permitida a entrada de artefatos que põem em risco os torcedores. Havia, por sinal, mais sinalizadores na torcida do San José do que na do Corinthians*’. As duas expressões que causam um efeito de obviedade, utilizadas estrategicamente, ‘*Ainda mais se*’ e ‘*Havia, por sinal*’ e introduzem os argumentos, reforçam o intuito persuasivo do enunciador. Além do mais, através das referidas colocações, ele sustenta, como falamos anteriormente, que as penas precisam ser mais exemplares do que justas. Ao final do texto, ele volta a reiterar esse aspecto quando diz que os jogadores do Corinthians não têm culpa e a ‘*esmagadora maioria de seus torcedores também não têm, mas, e sempre existe um*

*mas, a punição foi exemplar. Ponto*'. Em seu entendimento, justa ou não, a punição ao Corinthians foi exemplar. Com efeito, em termos de valores que possam embasar ações contrárias à violência no futebol, o valor do exemplo prepondera sobre o valor da justiça.

Vejamos que, neste último destaque, o enunciador utiliza uma figura hiperbólica, '*esmagadora maioria*', para criar um efeito generalizante sobre os torcedores pacíficos. Desse modo, especifica que os violentos representam uma pequena minoria. Mas que, como se trata de sujeitos não nomeados, a responsabilidade esvai-se por entre os dizeres.

O valor da impunidade também é manuseado pelo enunciador. Os questionamentos realizados fazem parte de '*nuances*' e '*atenuantes*' que, em seu entendimento, '*se levadas todas em consideração, num efeito cascata, ninguém acaba punido, porque as responsabilidades vão sendo jogadas de uns para os outros sempre com algum fundamento*'. Através desse julgamento, começa a criar um efeito de desconfiança sobre '*a transferência automática dos princípios do Direito para o campo do esporte*', efeito que ganha força quando sugere que a impunidade presente no futebol brasileiro '*encontra boa parte de sua explicação*' nessa transferência, em virtude de haver inúmeros recursos, possibilitados pelo campo do Direito, que interferem no sentido das penas e é consolidado, quando diz que '*as condenações se transformam no bálsamo das cestas básicas*'. A figura '*bálsamo das cestas básicas*' contribui ainda para fazer aparecer outra intenção do enunciador: mostrar que as punições no futebol, geralmente, são amenizadas em virtude de uma atuação inapropriada, em relação ao esporte, do campo do Direito. Ou seja, adaptações são necessárias. A ação mais flexível, pedida pelo enunciador, aliada ao espírito esportivo assemelha-se, em nosso entendimento, à famosa regra dezoito do futebol. É uma regra fictícia, pois são dezessete as regras que comandam o jogo, que diz respeito ao bom senso, especialmente, que os árbitros e atletas devem de ter em determinadas situações do jogo, como o '*fair-play*', paralisar o jogo no momento em que ocorre um choque violento entre os atletas e propor o diálogo em momentos de tensão. Desse modo, uma punição exemplar é mais sensata e efetiva que uma punição justa. Embora não seja justo punir uma coletividade pelo que um indivíduo fez, punir apenas o clube visitante se um dos principais responsáveis pela tragédia foi o clube mandante, por mais que não faça sentido jogo sem torcida, essas penas são exemplares, no viés do enunciador<sup>134</sup>.

Assim como o enunciador do texto anterior, aqui também é manuseado um valor de crítica em relação à entidade que comanda o futebol sul-americano. O enunciador adjetiva-a de

---

<sup>134</sup> Lembramos que, para o enunciador do texto anterior, essas punições, no Brasil, já foram praticadas e não tiveram resultados satisfatórios.

‘anedótica’, criando um efeito de que existe apenas na fantasia, em virtude de negligenciar a maioria dos casos ilícitos que ocorrem no futebol sul-americano e, em raras oportunidades, aplicar penas exemplares, como às aplicadas a Corinthians e São Paulo<sup>135</sup>, o que coloca a credibilidade da Conmebol em extrema desconfiança. As falhas na fiscalização dos torcedores não foram punidas. Segundo o enunciador, o San José não foi punido em virtude de seus torcedores portarem sinalizadores e atirarem objetos no gramado no mesmo jogo em que Kevin Espada foi morto, nem o Millonarios, da Colômbia, ‘*pela pilha que atingiu um bandeirinha, naquela mesma noite da morte do menino boliviano*’. Do modo como apresenta o enunciador, os casos são julgados de maneira diferente e incoerente. Além do mais, quando diz ‘*com seu presidente vitalício*’ cria um efeito de imutabilidade para a situação. Enquanto o presidente estiver no cargo, tudo continuará do modo como se encontra.

O financiamento dos clubes às torcidas, especialmente organizadas, assim como em textos anteriores, novamente é atacado por um texto jornalístico. A cooperação entre ambos é adjetivada pelo enunciador como ‘*convivência promíscua*’ que faz com que os torcedores, através do medo que causam nas direções, ‘*gozem de privilégios*’, como também já havia afirmado o enunciador do texto “O que explica a violência”. Ao dizer ‘*por mais que se negue*’, compactua de um discurso afirmativo em relação à culpa de presidentes e dirigentes de clubes nessa cooperação negativa para os demais torcedores e para o futebol.

Ao desqualificar a Taça Libertadores da América chamando-a de ‘*torneio chinfrim*’, o enunciador deixa subentendido uma nova crítica à Conmebol. O torneio, segundo ele, precisa de um processo civilizatório<sup>136</sup>, o qual, em virtude do acontecimento e da primazia atual do futebol brasileiro, poderia começar pelo Brasil. O enunciador dá a entender que, em outros textos, havia sugerido que o clube paulista encabeçasse esse processo, visando a acabar com jogos na altitude, com pouca segurança, com as cenas de violência de torcedores, arremesso de objetos em direção à torcida adversária ou ao campo<sup>137</sup>, com a possibilidade de não disputá-lo e, afirma, agora, ser uma ironia o clube estar ‘*enfraquecido*’ pela ‘*selvagem tragédia*’ em que está envolvido. Vejamos que, aqui, e na última frase do texto – ‘*Sem ironia, o Corinthians será mais uma vez pioneiro*’ – o sujeito enunciador revela o sujeito corintiano que faz parte de si.

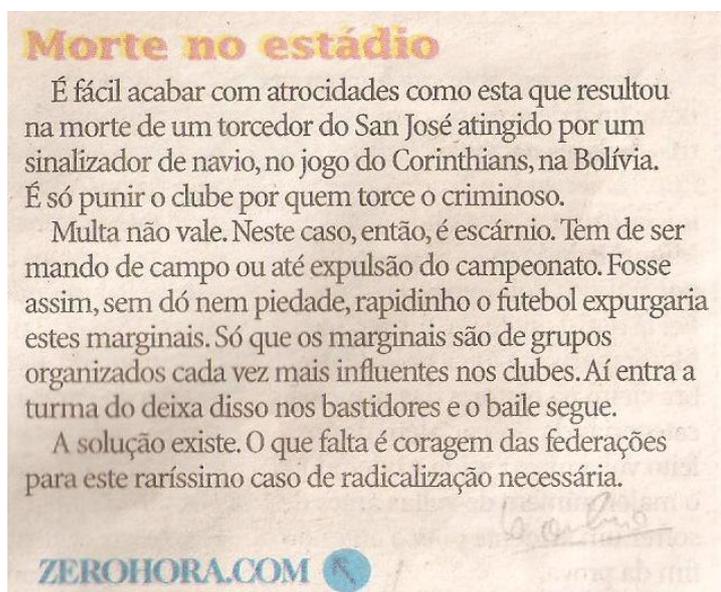
---

<sup>135</sup> O São Paulo foi punido em virtude de seguranças do clube serem acusados de agredir jogadores do Tigre, da Argentina, na final da Copa Sul-americana de 2012.

<sup>136</sup> Em virtude de ser sociólogo, além de jornalista, é provável que conheça as obras de Norbert Elias, que desenvolve a noção de processo civilizatório, a qual apresentamos no capítulo anterior. Desse modo, conhecimento a respeito do sujeito enunciador contribui para o entendimento de alguns valores afirmados.

<sup>137</sup> Este último caso já consagrou uma imagem ao torneio: policiais protegendo, com escudos, jogadores de serem atingidos por objetos, especialmente na cobrança de escanteios.

Com intuito de finalizar a análise do discurso opinativo em relação ao acontecimento, chega-se ao texto publicado pelo jornal Zero Hora, em 22 de fevereiro de 2013: “Morte no estádio”, integrante da coluna de Diogo Oliver.



**Figura 35 – Texto: “Morte no estádio”**

Fonte: Zero Hora, 22 de fevereiro de 2013, p.51.

No referido texto, o enunciador desenvolve um percurso temático voltado para ações que, em seu entendimento, são necessárias para acabar com casos de violência em estádios de futebol. Inicialmente, classifica a morte de Kevin Espada, na Bolívia, bem como outras situações violentas que ocorrem no futebol, como ‘atrocidades’. Desse modo, causa um efeito de que o acontecimento envolveu crueldade, maldade, por exemplo.

Veja-se que, através do presente texto, é possível identificar uma mistura entre os sujeitos-alvo (alvo afetivo e alvo intelectual) estabelecidos pelo enunciador, dos quais fala Charaudeau (2006). Nota-se a tentativa de persuasão de um alvo afetivo - o qual, segundo o autor, realiza suas avaliações através da “ordem emocional” – quando, através do título “Morte no estádio”, apela para o inesperado, tendo em vista que uma morte em um estádio de futebol, apesar dos recorrentes incidentes violentos, não é algo comum. Ao apresentar algumas soluções em conjunto com qualificações como ‘atrocidades’, as quais podem causar os efeitos acima mencionados, o enunciador tenta a adesão das propostas pelo destinatário através da comoção, da indignação ou da revolta com o acontecimento. Nota-se, no entanto, que o enunciado também é direcionado a um alvo intelectual, pois há necessidade de racionalidade na avaliação do caso, tendo em vista a análise que deve ser feita das soluções propostas, as quais o enunciador sugere fácil aplicabilidade e grande eficácia. Soluções que divergem daquelas apresentadas em

textos precedentes. Com efeito, têm-se um imbricamento entre os alvos buscados pelo sujeito enunciador.

Ao classificar a morte como uma atrocidade, apresenta um discurso oposto aquele que fora atribuído, em textos anteriores, ao presidente e a dirigentes do clube paulista, os quais julgaram o caso como um acidente, uma fatalidade. Antes da qualificação ‘atrocidades’, o enunciador afirma que elas podem ser facilmente evitadas, quando diz ‘*É fácil acabar com atrocidades como esta...*’. Após situar o acontecimento e causar um efeito de sentido de realidade ao apresentar referências da morte – quem morreu, como morreu, local da morte – o enunciador causa um efeito de simplicidade ao dizer que para acabar com essas atrocidades ‘*É só punir o clube por quem torce o criminoso*’. Desse modo, essas opiniões levam-nos a dizer que o enunciador sugere que o fenômeno da violência no futebol possui soluções simples e de fácil aplicabilidade.

Logo abaixo, o enunciador faz restrições aos tipos de punições e apresenta quais, em seu entendimento, são as mais adequadas: ‘*Multa<sup>138</sup> não vale. Neste caso, então, é escárnio. Tem de ser mando de campo ou até expulsão do campeonato*’. Ao aproximar multa e escárnio, o enunciador demonstra que vê com desdém, com desprezo, punições semelhantes e que, geralmente, são aplicadas apenas em dinheiro. Além disso, deixa implícito que as multas pagas pelos clubes não são revertidas adequadamente, ou seja, servem apenas como forma de arrecadação das federações que comandam o futebol.

Entendemos que, em virtude disso, o enunciador é enfático ao apresentar as punições adequadas – perda de mando de campo ou expulsão do campeonato – com o apoio de uma expressão imperativa, ‘*Tem de ser*’, a qual sustenta uma estratégia de convencimento ou até imposição de algo. O enunciador coloca essas punições em uma situação hipotética, mas que, pelo fato de serem rigorosas, ajudariam no combate à violência relacionada aos torcedores de futebol: ‘*Fosse assim, sem dó nem piedade, rapidinho o futebol expurgaria estes marginais*’. A figura metafórica, ‘*sem dó nem piedade*’, faz referência ao valor do rigor, da rigidez. A referida figura contribui para fazer, como diz Peruzzolo (no prelo), com que o leitor “represente uma imagem (mental) do que se diz”, ou seja, pense em como deveria e seria a experiência de trabalhar adequadamente, segundo o viés do enunciador, o fenômeno da violência no futebol. No entendimento do enunciador, punições iguais as mencionadas, culminariam no fim das atrocidades como a que matou o garoto boliviano, em virtude de serem rigorosas e rapidamente expurgar aqueles responsáveis pelos atos violentos, classificados como marginais e criminosos.

---

<sup>138</sup> O termo ‘*Multa*’, no texto, faz referência apenas a multas aplicadas em dinheiro.

Com efeito, rigor e agilidade são dois valores colocados pelo enunciador como essenciais no combate a violência no futebol.

Perda de mando de campo e expulsão do campeonato são, para o enunciador, punições que contribuiriam para a solução da violência no futebol. Dessa forma, constatamos que a opinião do enunciador do presente texto, especialmente em relação à primeira sugestão, difere daquela apresentada por Paulo Vinícius Coelho em “A lei seca do futebol”. Como fizemos referência, neste segundo texto, o enunciador afirma que punir os clubes com a perda de mando de campo já foi uma tentativa testada e não teve resultados efetivos, assim como a tentativa de exclusão das torcidas organizadas. Esse tipo de punição é mais exemplar do que justa, como abordou Juca Kfourri, em “Espírito Esportivo”, pois, pensa-se que não é justo punir a maioria dos torcedores, que são pacíficos, em virtude de atos ilícitos praticados por pequenos grupos de torcedores.

No entanto, são ações necessárias para desencorajar a prática de novos atos. É nesse viés que, em nosso entendimento, o enunciador de “Morte no estádio” elabora seu pensamento. A punição ao clube aplica-se, conseqüentemente, ao torcedor, que terá dificuldades ou será impedido de acompanhar, presencialmente, os jogos de seu time. Enquanto Diogo Oliver sustenta que a maneira mais fácil de acabar com os atos violentos é a punição ao clube, Paulo Vinícius Coelho, através do efeito lei seca, sugere que ao torcedor seja passada a certeza de que será punido caso pratique algum ato ilícito.

“Morte no estádio”, assim como os textos “Torcidas em xeque”, “O que explica violência”, “Palmeiras tenta barrar agressores até em jogo fora do país”, “Grêmio controla a Geral para não perder dinheiro”, “A lei seca do futebol”, “Espírito esportivo”, fazem referência à cooperação, relação e influência que existe entre clubes de futebol e torcidas organizadas, as quais, frequentemente, como afirma Murad (2007; 2012), são financiadas pelos primeiros. Desse modo, temos um discurso unânime em relação ao referido aspecto.

Essa relação é apresentada pelo enunciador como algo negativo e que complica a instalação de soluções para o problema da violência no futebol: *‘Só que os marginais são de grupos organizados cada vez mais influentes nos clubes. Aí entra a turma do deixa disso nos bastidores e o baile segue’*. Primeiramente, o enunciador aponta que as torcidas organizadas abarcam torcedores marginais iguais àquele que realizou o disparo do sinalizador, ou seja, faz uma crítica a elas e responsabiliza-as pelos atos de violência no futebol. Na seqüência, através da expressão *‘cada vez mais’*, produz um efeito de algo em progresso, com a tendência de aumentar. Assim, embora pequenos, esses grupos são representativos e influentes.

Vejamos que é um texto com grande caráter figurativo. Ao dizer ‘*Aí entra a turma do deixa disso nos bastidores*’, faz referência aos dirigentes (de clubes e federações) e aos líderes de torcidas organizadas que, devido a interesses, pretendem que não haja multas, que ninguém seja punido, abrindo espaço para a impunidade. A ‘*turma do deixa disso*’, apontada pelo enunciador, contribui para uma cooperação ilícita e maléfica ao futebol e para a maioria dos torcedores. Desse modo, esse argumento serve também para sustentar a ideia de punição aos clubes, pois eles são responsáveis por manterem e serem receptivos à influência dos torcedores, principalmente por utilizar estes como massa de manobra política. Entendemos que o termo ‘*bastidores*’ faz referência a algo ilícito também, que consolida a ideia da tentativa de burlar as leis ou as regras.

Através da expressão figurativa ‘*e o baile segue*’, o enunciador faz referência a algo imutável, algo já perpetuado em virtude de interesses de alguns atores envolvidos no fenômeno, os quais deveriam atuar em prol da diminuição da violência nos estádios, mas, especialmente, em virtude de interesses políticos, continuam coniventes com atitudes violentas. Ao financiar os torcedores, os clubes tornam-se corresponsáveis pela violência e, no momento das punições afirmam não ter envolvimento algum, como fizera o presidente do Corinthians através de dizeres presentes em textos anteriores. Com efeito, notamos que a ‘*turma*’ a qual se refere o enunciador é uma turma que age em favor da impunidade. Ainda através de ‘*e o baile segue*’, podemos dizer que o enunciador deixa pressuposto que casos anteriores não foram punidos, ou seja, que a impunidade continua. Além disso, incorpora ao discurso, uma série de outros acontecimentos que consolidam a ideia de impunidade.

“Morte no estádio” é um exemplo de texto em que o percurso temático é recoberto por figuras, as quais contribuem para despertar sentidos e sustentam os efeitos de sentido visados pelo enunciador. Desse modo, através de figuras como ‘*sem dó nem piedade*’, o enunciador reforça o valor do rigor; com as figuras ‘*entra a turma do deixa disso*’ e ‘*e o baile segue*’ sustenta o valor da impunidade e da imutabilidade em relação aos casos de violência. Notamos que temas e figuras imbricam-se em um arranjo discursivo que possui a intenção de movimentar sentidos a respeito de um acontecimento ou de um fenômeno sociocultural, por exemplo. Assim, podemos dizer, baseados em Peruzzolo (no prelo), que temas e figuras evoluem em um texto de forma complementar. Podemos dizer ainda que o enunciador escolhe os temas, instala valores e potencializa-os através de investimentos figurativos. Esse imbricamento constitui a cena da relação de comunicação entre enunciador e enunciatário.

O enunciador finaliza o texto dizendo que *‘A solução existe. O que falta é coragem das federações para este raríssimo caso de radicalização necessária’*. Vejamos que existe uma diminuição no entusiasmo do enunciador em relação ao início de seu texto. Há a passagem de um efeito de facilidade e simplicidade produzido no início do texto para um efeito de dúvida, em conjunto com a apresentação do fator que leva a essa dúvida, a falta de coragem de quem deveria cumprir as leis e aplicar as punições. Nas frases em destaque, o enunciador apresenta uma oposição valorativa entre omissão e coragem, na qual a falta da segunda resulta na primeira. A omissão, que ele apresenta como um valor negativo, assume conotação positiva para as federações, para os clubes e para os torcedores, pois permite que os clubes e seus filiados continuem a ter relação muito próxima com integrantes de torcidas organizadas. Em troca de apoio político, de apoio ou intimidação a jogadores do time, de intimidação de grupos de torcedores adversários, embora do mesmo clube, esses integrantes recebem, por exemplo, recursos financeiros e ingressos para sustentar sua existência. Com efeito, a falta de coragem das federações pode ter duas causas: a primeira, ser proposital; a segunda, ser influenciada pelo medo da reação de clubes e torcedores organizados. As duas causas contribuem para que as punições e os acontecimentos violentos sejam esquecidos. Por último, o enunciador cria um efeito de necessidade para ações que devem ser radicais, ou seja, ações enérgicas e eficientes.

Passamos ao longo deste tópico, por alguns textos jornalísticos referentes à morte do torcedor boliviano Kevin Espada. Em resumo, é possível dizer que os enunciadores das reportagens preocuparam-se em construir uma imagem de sujeitos dispostos a desenvolver um valor de verdade para seus enunciados, especialmente através de elementos discursivos, como apresentação de especificações a respeito do estádio, da cidade boliviana, do artefato que causou a morte do garoto, bem como a utilização de juízos e julgamentos vindos do clube paulista e de alguns de seus funcionários, de advogados, de policiais e dos organizadores da Taça Libertadores da América, elementos estes que contribuem para produção de um efeito de sentido de realidade. Ao mesmo tempo, através do último elemento citado, buscaram afastar-se da responsabilidade pelos julgamentos postos em circulação, especialmente aquele que atribui a morte do garoto a uma fatalidade. Já os textos opinativos, escolhidos para a análise, em nosso entendimento, buscaram apresentar uma visão ampla e aprofundada a respeito das causas da morte, das consequências e das punições que ela suscita. Com efeito, tornam-se muito úteis e necessários para o debate social acerca do fenômeno da violência no futebol. Essencialmente temáticos, tocaram em valores com os quais já havíamos trabalhado na seção anterior, como a cooperação entre clubes e torcidas organizadas, a justiça e a impunidade. Mais amplos, “A lei

seca do futebol” e “Espírito Esportivo” propuseram que fazer o indivíduo sentir-se intimidado com possíveis punições é essencial para diminuir os atos de violência, enquanto que “Morte no estádio” afirma que o problema encontra-se na falta de coragem daqueles que deveriam responsabilizar e punir os indivíduos violentos, tarefa que, em seu entendimento, não é de difícil realização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esforços empreendidos na presente investigação partiram do intuito de analisar o discurso do jornalismo esportivo impresso a respeito do fenômeno sociocultural da violência no futebol. Propomo-nos encontrar soluções para o questionamento assim enunciado: que estratégias discursivas são elaboradas por enunciadores de Folha de São Paulo e Zero Hora para a produção de efeitos de sentido que afirmam e manuseiam valores humanos e sociais sobre a temática da violência no futebol. Com efeito, buscamos respostas possíveis para o modo como dá-se a oferta discursiva do referido fenômeno para os leitores.

Chegamos à última fase do estudo com intuito de realizar uma síntese dos resultados encontrados para os objetivos elaborados na introdução. Desse modo, buscamos estabelecer uma reflexão com explicações, interpretações e conclusões a respeito dos eventos futebolísticos com violência entre os torcedores, constantes de um certo *corpus* de análise, na qual tentamos ver o lugar da mídia esportiva impressa e das atitudes de determinados grupos sociais.

Como objeto teórico, tomamos o discurso jornalístico, um espaço de interação e encontro entre os sujeitos, no qual circulam intenções, acionam-se estratégias, produzem-se efeitos e constituem-se valores. Nesse espaço, os sujeitos realizam investimentos com intuito de persuadir o outro de suas intenções e dos valores humanos e sociais que eles desejam que sejam compartilhados. A afirmação de valores decorre da produção de efeitos de sentido, fenômenos sociais imbricados em condições socioculturais, que, por sua vez, surgem em um discurso através do acionamento de estratégias discursivas, um conjunto de procedimentos disponíveis aos sujeitos comunicantes para ser acoplado a uma materialidade. Como objeto empírico, tomou-se materialidades jornalísticas produzidas pelos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora. Desse modo, reportagens, notícias e artigos de opinião constituem o *corpus* de análise.

Colocando em cena as proposições teórico-metodológicas da Semiologia dos Discursos, da Análise dos Discursos, abarcadas pela Teoria da Enunciação, é possível dizer que encontram-se satisfeitos, ao longo das análises desenvolvidas e dos resultados obtidos, os propósitos que originaram a presente investigação.

Quanto ao propósito de mapear os efeitos de sentido de enunciação, de realidade e de tematização, buscamos, através da análise de determinados recursos discursivos, os modos de manifestação e organização de cada um deles e a que intenções, valores ou ideias remetem.

Em relação aos efeitos de sentido de realidade, afirmamos que visam a concretizar sentidos, persuadir e instaurar um valor de verdade para o discurso, com intuito de torná-lo credível e autêntico. Com efeito, os enunciadores revelam a intenção de aproximar o dito de uma situação realmente ocorrida, ou seja, visam a representar fidedignamente ou copiar o real.

Auferimos se que dois são os recursos discursivos mais utilizados pelos enunciadores que resultam na produção de efeitos de sentido de realidade: a referência a nomes de pessoas, cargos e funções aliada ao uso do apelo a citações, em discurso direto ou discurso indireto, originárias de palavras proferidas ou entrevistas concedidas por essas mesmas pessoas, geralmente tomadas como autoridades. Ao longo da análise do *corpus* composto por vinte e oito textos jornalísticos – doze artigos de opinião, nove reportagens e sete notícias selecionados a partir de um universo de 125 textos –, constatamos que os referidos recursos aparecem em todas as reportagens e em todas as notícias, a exceção de “*No sul, túneis de tapume evitam os confrontos*”. Afirmamos que o apelo a citações dificilmente é utilizado em artigos de opinião em virtude do enunciador desenvolver sua própria ideia e seu pensamento.

Na discussão e análise feitas de textos a respeito dos frequentes atos de violência de torcedores do Palmeiras, das brigas entre torcedores do Grêmio ocorridas na inauguração do novo estádio do clube, a Arena do Grêmio e, da morte do torcedor boliviano Kevin Espada, verificamos que as autoridades chamadas ao discurso são ligadas, principalmente, ao ramo da administração do futebol, ou seja, presidentes, diretores e gerentes de clubes, os quais, são tidos como influentes e importantes. Como exemplo do uso conjunto dos recursos discursivos acima citados apresenta-se: “*O presidente recém-eleito do Palmeiras, Paulo Nobre, disse que todas as regalias do clube às torcidas serão cortadas...*” em “Torcidas em xeque”; “*‘‘Caso perca o mando de campo em consequência de novos tumultos, o clube deixará de faturar (...) Esse foi o recado dado à direção da Geral por Nestor Hein (...) interlocutor da direção junto às torcidas organizadas’’*”, em “Grêmio controla a Geral para não perder dinheiro; “*O presidente do Corinthians, Mário Gobbi, classificou a morte do jovem torcedor do San José, anteontem, como uma ‘fatalidade’*”, em “Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade”.

Notamos que os nomes, ao menos em sua primeira menção no texto, vêm acompanhados de algum cargo ou função daquele que, supostamente, profere o dito, estratégia que contribui para potencializar, dar crédito, criar um efeito de autenticidade para aquilo que é desenvolvido

pelo enunciador. Quanto às citações, é possível dizer que, ao disponibilizar e utilizar uma parte do conteúdo do pensamento de uma autoridade, ou implicado, os enunciadores desenvolvem a ideia de que o acontecimento relatado é verídico e comprovam a ocorrência de algo. A colocação de palavras “na boca do outro” funciona também como recurso discursivo para criar a ilusão de afastamento do enunciador da responsabilidade pelo que diz, ou seja, cria-se a ilusão de estar sendo objetivo, efeito de sentido de enunciação – objetividade.

Autoridades ligadas a setores jurídicos, embora com menos frequência, também tiveram ditos inseridos no discurso jornalístico. Observamos isso quando, em “O que explica a violência”, o enunciador faz referência a um promotor do Ministério Público: “*Integrante da Comissão Nacional de Prevenção e Combate à Violência em Estádios, o promotor do MP do Rio Pedro Rubim diz que...*” e, quando, em “Corintianos detidos serão indiciados por homicídio de jovem”, o enunciador diz que “*Segundo Abigail Saba, responsável pela investigação, a apuração do caso deve demorar até seis meses*”. Apela-se às referidas autoridades em virtude delas estarem envolvidas e possuírem conhecimento das ações das torcidas organizadas, no primeiro caso, e da morte de Kevin Espada, no segundo.

Autoridades policiais também são mencionadas, especialmente, em “O que explica a violência”. Em discurso direto, o enunciador faz referência a um policial que ‘*investiga a atuação dos gremistas*’, algo que o torna capacitado e autorizado para emitir uma opinião sobre os torcedores: “*- Zóio e outros líderes desenvolveram técnicas para escapar da Brigada Militar ...*”. Mais adiante, o enunciador abre espaço para outra autoridade policial: “*Para o tenente-coronel Kleber Rodrigues Goulart ...*”.

Ao contrário de autoridades que comandam e administram os clubes de futebol, jogadores e técnicos tiveram poucos ditos reproduzidos, mais precisamente, apenas três. Dois deles pertencem a funcionários do Palmeiras: Maurício Ramos, zagueiro do clube, dando respaldo às ações tomadas pela diretoria de resguardar o grupo de jogadores: “*É um momento em que precisamos ter cautela...*” e, Gilson Kleina, técnico da equipe: “*O futebol tem que ser meio de vida e não de morte...*”. O terceiro dito vem do lateral esquerdo do Corinthians, Fábio Santos, em “Fábio Santos afirma ser a favor de expulsão se violência acabar”, após a morte de Kevin Espada: “*Se for necessário que o Corinthians seja expulso da Libertadores para que acabem as mortes, sou totalmente a favor*”. Pensamos que os dizeres de jogadores e técnicos são menos utilizados em virtude de não serem responsáveis diretos pelo desenvolvimento de soluções para os atos de violência, envolvendo os torcedores dos clubes e não serem responsáveis por buscar explicações que motivaram os atos.

Uma última pessoa que pode ser vista como capacitada a falar a respeito dos atos violentos é o torcedor organizado, geralmente, apontado como culpado da violência no futebol, como vimos ao longo do Capítulo 2 e do Capítulo 3. Em “Torcedores têm ligação com as organizadas”, o enunciador reproduz um trecho de uma entrevista de “*Tadeu Macedo de Andrade, 30, um dos principais líderes da Gaviões e que atua como tesoureiro*”: “*Estamos aqui de bodes expiatórios...*”. Como mencionado ao longo da análise do texto, criam-se imagens para o referido torcedor, de que ele é popular e tem liderança, no entanto, ao dizer que ele substitui um líder que está preso e outro que está foragido, cria-se um discurso de senso comum de que suas atuações estão carregadas de uma aura violenta. Líderes de torcidas de Grêmio e Internacional também tiveram ditos reproduzidos. Sobre eles afirma-se uma imagem negativa: “*Alemão resume sua filosofia (...) – Futebol, briga para defender seu time e álcool...*” e “*Ñ (sic) me comparem c/ o tal de Zóio, meus B.O’s (sic) sempre foram por brigas defendendo meu lado. Nunca por tráfico*”, frase atribuída a Jorge Martins, “*ex-número 1 da Guarda Popular do Inter*”.

Observamos que as pessoas são chamadas ao discurso, pois há a premissa de que possuem algo de fundamental importância a dizer; algo que pode guiar a construção da opinião do destinatário, além de atender aos anseios do enunciador. Desse modo, contribuem para a criação de um efeito de realidade e de verdade do que está sendo enunciado.

Os demais recursos discursivos que atuam na produção de efeitos de sentido de realidade, embora menos frequentes, também contribuíram para despertar importantes sentidos ao longo do processo analítico. Mencionar espaços geográficos ou objetos concretos serve para situar o leitor, além de sustentar valores. Vemos, por exemplo, em “Por segurança, time vai para refúgio em Itu”, que ao dizer que “*o time treinará em um resort em Itu (a 101 Km de São Paulo)*” desenvolve-se uma noção de tranquilidade e tem-se o manuseio de um valor de segurança através da distância entre os dois espaços (o seguro – Itu e o violento – São Paulo) e da menção a um resort, local, geralmente, dotado de calma. Em “Enfim, uma palavra justa”, o espaço da “*Arena do Grêmio*” torna-se uma “*imensa vitrina*” que possibilita que os atos de violência sejam visualizados por uma grande quantidade de pessoas. Com efeito, o enunciador do texto ao dizer ‘*o estádio de todos os orgulhos*’ intenta mostrar um espaço que deveria ser tomado pela alegria que, no entanto, mostrou a realidade da violência que ocorreu na inauguração da nova casa do clube, evidenciando as rixas existentes entre os torcedores. Já o enunciador de “Dia da Chibata” ao dizer que os indivíduos deveriam ser açoitados em uma “*praça no centro da cidade*”, desenvolve um efeito de real, no qual a praça assume o sentido de ser um espaço público em que todos poderiam ver os violentos sendo violentados, situação

que serviria de exemplo para os demais torcedores. Além disso, faz uso de outro elemento discursivo, a utilização da marca temporal “*Uma vez por semana*” que esclarece de quanto em quanto tempo os torcedores seria levados à praça. Em relação a este recurso, vale ressaltar outros dois usos ao longo do *corpus*: “*Ano Novo*”, em que o enunciador propõe urgente debate e reflexão a respeito dos atos de violência ocorridos, principalmente entre torcedores do Grêmio e, “*Apenas em 2012*” na frase “*Apenas em 2012, o MP pediu a suspensão ou extinção de torcidas de Corinthians, Palmeiras e Guarani (São Paulo), Flamengo e Vasco (Rio)*”, o qual sugere que muitas torcidas organizadas no curto período de um ano praticaram atos violentos.

Ancorar-se em acontecimentos e fatos históricos possibilita aos enunciadores estabelecer relações entre situações atuais e situações anteriores. Ao elaborar um “*Histórico de violência*” acionando o recurso a datas: “*Novembro 2008*”; “*Dezembro 2009*”, “*Mai 2011*”, “*Outubro 2011*”, “*Novembro 2012*”, “*Janeiro 2013*”, em que cada uma delas apresenta algum ato violento frente a jogadores ou patrimônio do clube, o enunciador de “*Torcidas em xeque*” dá autenticidade às medidas de segurança tomadas pelo Palmeiras, além de mostrar certa frequência e continuidade da violência de um pequeno grupo de torcedores. De modo semelhante, o enunciador de “*O comandante da baderna na Arena*” afirma que líderes da torcida organizada Geral do Grêmio possuem um histórico violento. A respeito do principal líder foi dito, por exemplo: “*Já foi detido por ameaça (2004), lesões corporais (2005 e 2007), tumulto (2008), arruaça e desacato (2011)*”. Os referidos recursos concretizam um sentido de incompatibilidade com a função que é exercida por esses torcedores. Ancorado em um dado histórico, “*Nos últimos 30 anos, a única receita não utilizada foi a punição individual. Há um preso aqui, outro acolá, e a ideia geral de que nada acontece*”, o enunciador de “*A lei seca do futebol*” mostra um possível tipo de punição e que a violência no futebol ainda tem soluções a serem testadas. Já o enunciador de “*O que explica a violência*”, ao dizer que “*Especialistas temem que o Brasil passe por um processo de radicalismo vivenciado pela Argentina e pelo Leste Europeu*”, traz, mesmo sem citar, uma carga de acontecimentos violentos ocorridos nos locais mencionados<sup>139</sup>, criando o efeito de uma hipotética situação violenta.

Outro recurso discursivo constatado foi a ancoragem em números. Em “*Torcidas em xeque*”, por exemplo, ela serve para atender aos anseios do enunciador de mostrar exatidão na quantidade de torcedores que praticaram atos violentos: “*... um torcedor atacou o técnico ...*”; “*O volante João Vitor foi agredido por 15 torcedores*” e “*três torcedores agrediram...*”. Trata-se de uma estratégia para mostrar certa superioridade que, em alguns casos, resulta em covardia

---

<sup>139</sup> Quanto à Argentina alguns delas podem ser vistos ao longo do Anexo A.

de alguns violentos em detrimento de suas vítimas, reiterando que as ações dificilmente são individuais, mas em grupos, como é possível ver nos trechos “*um grupo jogou três coquetéis molotov no CT do clube*” e “*torcedores atearam fogo à loja do clube*”. Notamos que, por vezes, os enunciadores preocupam-se em não generalizar e apontar todos os torcedores organizados ou de um clube como violentos. Atingem esse objetivo apresentando uma quantidade exata ou aproximada de torcedores, como mostrou-se nos três primeiros trechos acima e, em “Enfim, uma palavra justa”, ao dizer “*Em não muito mais do que cem torcedores*”, referenciando o número de pessoas envolvidas nas confusões na Arena do Grêmio.

Em “Como ocorreu a tragédia”, o enunciador faz uso do recurso discursivo da simulação computacional referente a informações sobre a morte de Kevin Espada. Através dela, tenta instaurar um valor de verdade para o acontecimento ao dizer entre quem foi o jogo – San José e Corinthians –, quem foi a vítima – “*O jovem boliviano Kevin Espada*” –, o que causou – “*Sinalizador naval*” – e o local em que ocorreu a morte, o estádio “*Jesús Bermudes*”. Segundo Barros (2010), o intuito do enunciador é concretizar “atores, os espaços e o tempo do discurso”.

Constatamos ainda a utilização da ancoragem em fotografias ou imagens, como aquela que mostra torcedores xingando um jogador do Palmeiras em “Torcidas em xeque”, com intuito de confirmar a verdade do que diz e ressaltar a revolta daqueles com este; aquela do técnico Tite do Corinthians em “Corintianos são indiciados”, que colabora na tematização da comoção após a tragédia; aquelas que mostram um dos líderes da Geral do Grêmio agredindo outros torcedores, em “O comandante da baderna na Arena”, reforçando o motivo do porquê ele é apresentado como o “comandante” e construído discursivamente como um sujeito violento.

Observamos ao longo das análises, especialmente dos artigos de opinião, que há predominância de um discurso de acusação. Assim, raramente, encontramos o recurso a traços de sentimento e afeto, que também produzem efeitos de realidade. Como exceção, apontamos a lamentação de dois funcionários do clube: “*Após o episódio, o técnico Tite e o gerente de futebol Edu, também lamentaram o incidente e choraram*” e a legenda “*No retorno a São Paulo, o técnico Tite e os jogadores exibiram abatimento...*” de uma fotografia do desembarque da delegação corintiana no Brasil, que contribuem para a criação de um efeito de dramatização.

Em relação aos efeitos de sentido de enunciação, afirma-se que eles dizem respeito aos modos como o sujeito enunciador relaciona-se com seu dizer, ou seja, os modos como ele busca afastar-se ou aproximar-se da responsabilidade pelo discurso enunciado. Como verificou-se, o afastamento ou efeito de objetividade é construído através de verbos impessoais ou conjugados na terceira pessoa gramatical, bem como pelo uso de citações. Já a aproximação ou efeito de

subjetividade decorre do uso de verbos e pronomes em primeira pessoa, pronomes possessivos, advérbios de modo, ajuizamentos e julgamentos.

Ao longo da análise do *corpus*, constatamos que a tentativa de criar uma ilusão de objetividade frequentemente aliada à utilização de citações, tanto em discurso direto quanto em indireto, ao uso de verbos conjugados na terceira pessoa gramatical como foi possível ver no momento em que se falou do uso de citações para a produção de efeitos de sentido de realidade. Recupera-se, aqui, alguns exemplos encontrados na análise: “*Após o caso, Paulo Nobre disse que...*”; “*Especialistas temem que o Brasil...*” e “*‘O prejuízo vai ser grande ...’ disse Luiz Alberto Bussab, ...*”. Ao apresentar o conteúdo do pensamento de outro sujeito, fazendo sua voz ressoar no texto, o enunciador transfere-lhe a responsabilidade pelo que é dito, ou seja, tem a intenção de mostrá-lo falando por conta própria. No entanto, ressalta-se que quem escolhe o recorte é o enunciador, ou seja, não é possível afastar-se totalmente da responsabilidade pelo que o outro afirma. A busca pelo apoio da fala do outro é também a busca pela verdade do texto.

Ao dizer, em “Grêmio controla a Geral para não perder dinheiro”, que o diretor jurídico do clube ‘*define como “pontual” a briga ocorrida na inauguração*’, observamos que o enunciador busca criar uma ilusão de isenção do que foi dito através do elemento discursivo das aspas. Com elas, evidencia ainda a presença de outro sujeito no discurso. Ao utilizar aspas nos termos “fatalidade” e “acidente”, o enunciador de “Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade” busca afastar-se do discurso proferido pelo presidente do Corinthians, Mário Gobbi, em virtude de ser um discurso polêmico.

Verificamos, especialmente nas reportagens, que os enunciadores acionam estratégias que desenvolvem uma ilusão de objetividade e, em outros momentos, estratégias que os aproximam do dizer. Como exemplo, na reportagem “O comandante da baderna na Arena”, o enunciador aciona a opinião de um policial, “*Eles se acostumaram a pensar na polícia enquanto brigam – diz um policial...*”. Na sequência, aciona um advérbio de modo, ao realizar um julgamento: “*Foi **exatamente** o que ocorreu no confronto da Arena*”, produzindo um efeito de subjetividade. Esse ‘*exatamente*’ é juízo do enunciador, fazendo sua a afirmação.

Quanto aos efeitos de subjetividade, afirma-se que o recurso a julgamentos e juízos é o elemento discursivo mais utilizado e aparece de forma constante em artigos de opinião, nos quais os enunciadores não manifestam interesse em esconder seus posicionamentos ou a responsabilidade pelo que estão dizendo. Com efeito, surgem enunciados como: “***É fácil** acabar com atrocidades como esta...*”, em “Morte no estádio”; “***Por mais que horrorize** os juristas, punições esportivas **devem se preocupar** mais em ser exemplares do que justas*”, em Espírito

Esportivo e “*Não foi um caso comum de violência entre facções uniformizadas, mas de incompetência dos que promovem jogos na América do Sul*”, em “A lei seca do futebol”. Vemos, portanto, que é característico do artigo de opinião tentar a aproximação com o destinatário. Constatamos que, em reportagens, os julgamentos também são constantes, como viu-se, por exemplo, em “O comandante da baderna na Arena”, o enunciador diz que “*Líderes da Geral estimulam, patrocinam e comandam esses tumultos - bem mais frequentes do que se imagina*”, criando também um efeito de naturalidade para os conflitos planejados. Além disso, o título da reportagem recém mencionada também pode ser considerado um julgamento, tendo em vista que o enunciador avalia os fatos e aponta um responsável. Já em “O que explica a violência”, ao estabelecer os “*Ingredientes para os conflitos*”, evidencia as escolhas do sujeito enunciador.

Finalizando os efeitos de sentido de enunciação, verificamos que, para a produção de um efeito de subjetividade, os enunciadores fizeram pouco uso da primeira pessoa gramatical. A exceção aparece em “Vandalismo – Recado”, no qual a referida conjugação é bastante utilizada: “*Preparava-me*”; “*não entendi*”; “*verbalizei*” e “*Repito agora a leitura que fiz*”.

Efeito mais saliente ao longo das análises, as formas de tematização manifestam valores humanos e sociais que regem a cobertura jornalística a respeito do fenômeno da violência no futebol, ou seja, os efeitos de tematização conectam-se a valores. Portanto, a síntese em relação a tais efeitos é realizada em conjunto com aquela relativa ao propósito de verificar os valores construídos discursivamente pelo jornalismo esportivo sobre a temática mencionada.

Ao longo das análises, constatamos que enunciadores de Folha de São Paulo e Zero Hora elaboram construções discursivas sobre a violência no futebol baseados em valores, sendo os de maior destaque a cooperação, o dinheiro, a proteção, a racionalidade, a impunidade, a justiça, o espírito esportivo, a irracionalidade, o medo, a segurança, o *status*, o fanatismo, a derrota e a vingança. Dentre os citados, prepondera a afirmação do valor da cooperação entre clubes de futebol e torcidas organizadas e o valor da impunidade que cerca os atos violentos.

O valor da cooperação sugere uma relação de influência entre autoridades dos clubes de futebol e líderes de torcidas organizadas. Verificamos que a cooperação é discursivizada, por um lado, com uma face positiva e, de outro, com uma face negativa, sendo que esta é abordada com mais frequência que a primeira. O traçado temático, que vem a seguir, procura sintetizar os valores discursivos dos textos jornalísticos do *corpus* e os imbricamentos argumentativos feitos com o intuito de adesões opinativas dos leitores, isto é, a fim de produzir persuasão em favor da verdade trabalhada pelo enunciador.

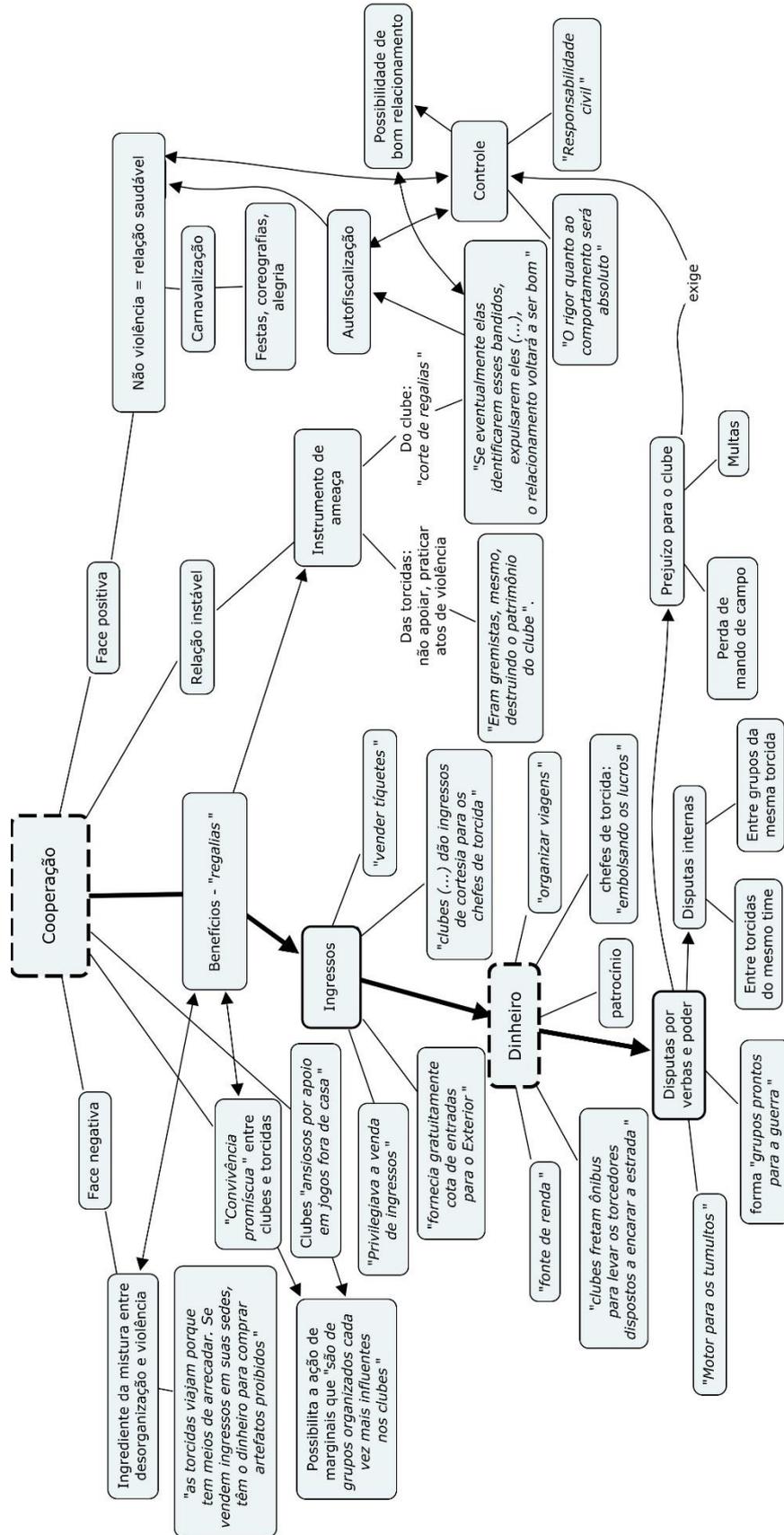


Figura 36 - Mapa valorativo 01: "Cooperação" e "Dinheiro"

A face positiva está ligada à não violência, ou seja, à existência de uma relação saudável, onde o clube e a imensa maioria de torcedores do clube não são prejudicados por atos dissidentes. A cooperação colabora para a carnavalização de uma partida de futebol, ou seja, contribui, por exemplo, para as *“festas na arquibancada”* e para realização de coreografias que permitem demonstrar a *“paixão”* e o *“amor irrefreável”* por um clube.

Já a face negativa coloca a cooperação como um ingrediente da mistura entre desorganização e violência que permite a ocorrência da situação relatada pelo enunciador de *“A lei seca do futebol”: as torcidas viajam porque têm meios de arrecadar. Se vendem ingressos em suas sedes, têm o dinheiro para comprar artefatos proibidos*<sup>7</sup>. Esses meios de arrecadar são benefícios, especialmente financeiros, concedidos pelos clubes a alguns grupos de torcedores organizados e não aos demais torcedores, figurativizados em *“regalias”* pelo enunciador de *“Torcidas em xeque”*. Os benefícios são concedidos em virtude da ansiedade que os clubes têm de receber *“apoio em jogos fora de casa”*. Fato que resulta em uma *“Convivência promíscua”* entre clubes e torcedores, como viu-se em *“Espírito esportivo”*, que possibilita, no entendimento do enunciador de *“Morte no estádio”*, a ação de marginais que *“são de grupos organizados cada vez mais influentes nos clubes”*.

Nas materialidades jornalísticas analisadas, foi possível notar que a concessão de ingressos é a principal regalia: *“Privilegiava a venda de ingressos”*, *“vender tíquetes”*, *“fornecia gratuitamente cotas de entradas para o Exterior”* e *“dão ingressos de cortesia para os chefes de torcida”*. Constatamos que, nessa convivência, o dinheiro assume carga valorativa importante, em que chefes de torcidas, como aponta o enunciador de *“O que explica violência”* agem *“embolsando os lucros”*, figura discursiva que desperta o sentido de má conduta ou irregularidade. Além disso, os ingressos viram *“fonte de renda”* que serve para *“organizar viagens”* e os *“clubes fretam ônibus para levar os torcedores dispostos a encarar a estrada”*.

Essa relação promíscua colabora para alimentar disputas internas por verbas e por poder. Ou seja, torna-se um dos componentes daquilo que em *“O que explica a violência”* é chamado de *“Motor para os tumultos”* e que transforma grupos de torcedores organizados em *“grupos prontos para a guerra”*. Essas disputas originam tumultos e confusões entre torcidas do mesmo time e entre grupos de uma mesma torcida.

Em caso de punição pelos órgãos responsáveis por comandar os campeonatos de futebol, os clubes, geralmente, são os maiores prejudicados, com multas, perdas de mando de campo, obrigação de jogar com estádio sem torcedores. Sabendo dos prejuízos, clubes como Grêmio e Palmeiras, após seguidos atos de violência de alguns de seus torcedores, passaram a exigir um

controle e estabelecer restrições em relação ao comportamento e as ações dos indivíduos violentos: “*O rigor quanto ao comportamento será absoluto*”, “*exigência de cadastramento que irá implicar em responsabilidade civil de qualquer integrante que cometa atos de vandalismo*” e “*autofiscalização*”. Ambos os clubes acenam com a possibilidade de bom relacionamento com as torcidas organizadas, desde que elas tenham comportamento condizente. Diz o presidente do Palmeiras que “*Se eventualmente elas identificarem esses bandidos, expulsarem eles (...) o relacionamento voltará a ser bom*”.

Como vimos ao longo das análises, o clube paulista cortou as regalias, ou seja, utilizou-as como um instrumento de ameaça para mudar as ações de alguns de seus torcedores. No entanto, é uma ação que exige cautela, pois pode gerar revolta dos torcedores, fato que ocorreu na Arena do Grêmio, após alguns dirigentes do clube acenarem com a possibilidade de colocação de cadeiras no local destinado a torcida organizada Geral: “*Eram gremistas, mesmo, destruindo o patrimônio do clube*”. Concluímos quanto ao valor da cooperação, e também do dinheiro, que, para fazer a face positiva predominar, há a necessidade de um bom relacionamento e de determinados controles. Sugere-se que sujeitos de má índole tanto do lado dos clubes quanto do lado das torcidas não podem ter espaço para agir.

Abordamos isso, pois a violência no futebol, frequentemente, aparece atrelada a valores que representam ganhos político-administrativos, como apoio político, ou seja, alguns diretores de clubes resguardam suas relações de afetividade com líderes de torcidas organizadas, também ocasionadas pelo medo que aqueles têm destes, abrindo espaço para a manifestação do valor da impunidade, abordado a partir de agora.

O valor social (negativo) da impunidade, a respeito da temática da violência no futebol, aparece construído discursivamente como um dos principais motivadores do fenômeno. De maneira geral, ele é tratado, através de um investimento figurativo, como um “*imenso guarda-chuva*”, assim como o faz o enunciador do texto “Perdedores”. A referida figura indica que a impunidade serve de incentivo e proteção para os violentos, como abordado em “Dia da chibata”: “*Permitir que continuem ameaçando, amedrontando e ferindo, sem que qualquer castigo lhes seja aplicado, é estimular que persistam e aumentem a dose de violência*”. De acordo com as análises, essa situação é resultado da convivência dos clubes e das organizações que comandam o futebol. Mostramos a seguir, uma síntese a respeito da construção discursiva desse valor e de valores correlatos, como justiça e espírito esportivo.

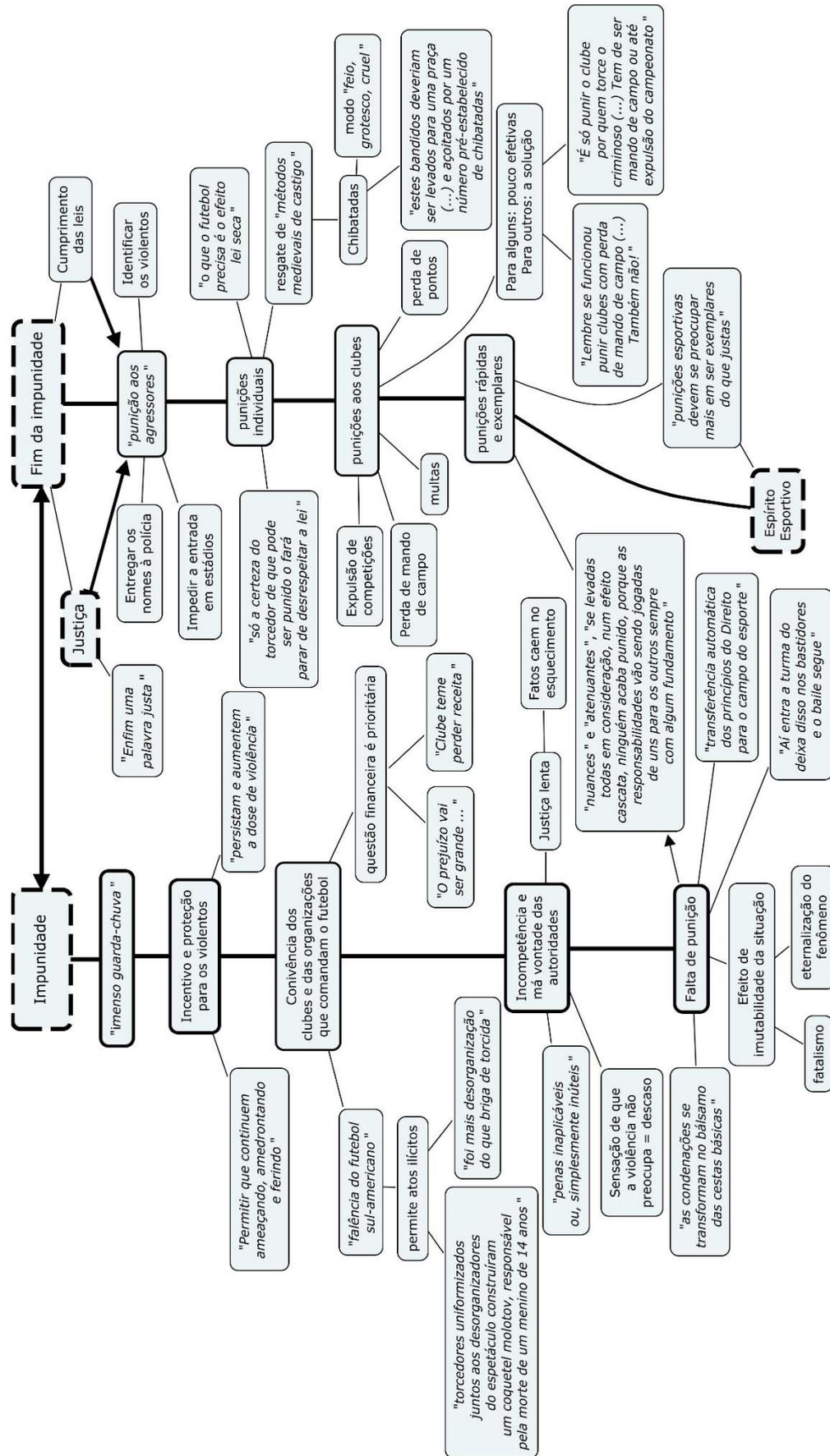


Figura 37 - Mapa valorativo 03: "Impunidade", "Fim da impunidade" e "Justiça"

A referida conivência, segundo o enunciador de “A lei seca do futebol”, resulta da “falência do futebol sul-americano” em relação a aspectos morais e jurídicos, o que permite a recorrência de atos ilícitos como: “*Torcedores uniformizados juntos aos desorganizadores do espetáculo construíram um coquetel molotov, responsável pela morte de um menino de 14 anos*”. Notamos através dos trechos semelhantes a “*Clube teme perder receita*”, que os aspectos financeiros são construídos como prioritários para clubes e organizações.

Aliada à conivência e à desorganização, tem-se a incompetência e má vontade das autoridades que resulta em “*penas inaplicáveis ou, simplesmente inúteis*”, em justiça lenta que permite o esquecimento dos fatos e a geração de uma sensação de que a violência não preocupa, criando um efeito de descaso com a maioria dos torcedores e com o esporte.

O resultado dessa mistura, para os enunciadores, é a falta de punições – “*Aí entra a turma do deixa disso nos bastidores e o baile segue*” como é dito em “Morte no estádio” e “*nuances*” e “*atenuantes*”, “*se levadas todas em consideração, num efeito cascata, ninguém acaba punido, porque as responsabilidades vão sendo jogadas de uns para os outros sempre com algum fundamento*” é dito em “Espírito esportivo” – ou a aplicação de penas que, posteriormente, são drasticamente diminuídas, “*as condenações se transformam no bálsamo das cestas básicas*” como diz o enunciador responsável pelo dito anterior ao apoiar-se no elemento figurativo “*bálsamo das cestas básicas*”. Pode-se deduzir, ainda, através dos dizeres acima, que a falta de punição tem como consequência um efeito de imutabilidade da situação que sugere eternalização da impunidade e, conseqüentemente, dos atos violentos.

Além da impunidade, os valores da justiça e do espírito esportivo também aparecem discursivizados, ou seja, os enunciadores circulam por temáticas secundárias para elaborarem seus discursos. A questão da justiça aparece ligada à punição dos agressores, os quais, segundo os enunciadores, devem ser identificados, ter seus nomes entregues à polícia, serem presos ou impedidos de entrarem em estádios de futebol por um determinado período de tempo. A partir dessas considerações, identificaram-se quais proposições são construídas pelos enunciadores para a busca de punições e métodos adequados para diminuir ou acabar com a impunidade.

Com punições individuais, o enunciador de “A lei seca do futebol” sugere que há mais possibilidade de haver redução nos atos de violência: “*o que o futebol precisa é o efeito lei seca*”; “*só a certeza do torcedor de que pode ser punido o fará parar de desrespeitar a lei*”. Já o enunciador de “Dia da chibata”, prevendo um futuro pouco positivo no que tange à resolução dos acontecimentos violentos, sugere “*métodos medievais de castigo*” em que os bandidos,

como trata os torcedores violentos, *“deveriam ser levados para uma praça, no centro da cidade e açoitados por um número pré-estabelecido de chibatadas”*.

Já as punições aos clubes giram em torno da ameaça da expulsão de competições, da perda de mando de campo, da perda de pontos e das multas. Constatamos que se desenvolve um embate discursivo em relação às punições que devem ser aplicadas aos clubes. Para o enunciador de “A lei seca do futebol” as punições aplicadas aos clubes são pouco efetivas: *“Lembre se funcionou punir clubes com perda de mando de campo ou com o depressivo espetáculo dos jogos sem público (...) Também não!”*. Já o enunciador de “Morte no estádio” vê a punição ao clube como a principal solução: *“É fácil acabar com atrocidades como esta que resultou na morte de um torcedor do San José (...) É só punir o clube por quem torce o criminoso (...) Tem de ser mando de campo ou até expulsão do campeonato”*.

Em relação a esse ator envolvido no fenômeno da violência, o clube de futebol, autoridades do setor administrativo, geralmente, buscam isenção da culpa pelos atos praticados pelos torcedores. Apresentamos, aqui, alguns trechos que mostram o presidente do Corinthians e o gerente de futebol Edu Gaspar, respectivamente, utilizando o argumento da fatalidade para inocentar o clube pela morte de Kevin Espada: *“Qual foi a conduta que o Corinthians praticou? Punir um clube, seja qual for, por algo pelo qual ele não deu causa, nós cometeríamos outra fatalidade”* em “Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade” e *“Não acredito que sejamos punidos porque acreditamos que tenha sido fatalidade”*, em “Fábio Santos afirma ser a favor de expulsão se violência acabar”.

Finalizando a síntese sobre o valor da impunidade, destacamos o que afirma o enunciador de “Espírito esportivo”. Em seu entendimento, as punições devem preocupar-se em ser exemplares: *“punições esportivas devem se preocupar mais em ser exemplares do que justas”*. Encontramos no referido texto, um enunciador que busca persuadir os demais parceiros da relação de comunicação de que o valor do espírito esportivo deve predominar nas soluções para a violência no futebol. Consequentemente, ações que sirvam de exemplo e causem receio aos possíveis infratores são consideradas mais eficazes do que ações justas, sustentadas pela ótica do campo jurídico, e possuem maior possibilidade de evitar novos acontecimentos trágicos.

Outro valor saliente ao longo das análises é a proteção. O valor da proteção foi abordado em duas linhas temáticas principais: aquela que os clubes concedem aos jogadores – mais resumida – e aquela que protege os líderes de torcidas organizadas e baseia as alianças que se



Em relação à primeira linha temática da proteção, situada no canto superior esquerdo do mapa, cria-se um relação de afetividade e preocupação quando os enunciadores dizem que “*A segurança será reforçada no CT*” e utilizam expressões como “*refúgio*”, “*reclusão*” e afastamento do “*clima pesado*”. Já a segunda é mais extensa e mais preocupante (restante do mapa), aos menos para as autoridades de segurança, em virtude da complicação que traz para jogos considerados tranquilos. Torcidas organizadas, de acordo com o enunciador de “Alianças Nacionais”, juntam-se a outras com intuito de “*combater*” torcidas consideradas inimigas. No Brasil, existem duas alianças: “*União do Punho Cruzado*” e “*União do Dedo Pro Alto*”, ambas “*tem como símbolos gestos com os braços que remetem à violência*”, que “*escolhem pontualmente suas amizades*”, optam por “*escoltar e proteger os forasteiros no estádio*”, bem como “*oferecer todo suporte quando visitada pela parceira*”.

Outro modo de manifestação da segunda linha temática é a proteção aos líderes e demais torcedores de um grupo organizado. Em relação à proteção aos líderes do grupo, afirmou o enunciador: “*seus amigos batem nos desafetos*”, “*sempre cercado de aliados*”, “*cercado de aliados que atuam como seus seguranças*” e “*pelo menos seis homens se dedicam a protegê-lo*”. Já a proteção aos demais integrantes de um grupo “*costuma garantir ascensão (...) ao topo das organizações*”. Verificamos que os referidos aspectos estão ligados ao valor da racionalidade dos atos. Baseando-se no valor da racionalidade, o enunciador sugere que as ações violentas são planejadas, que os líderes “*estimulam, patrocinam e comandam*” os tumultos e que os torcedores desenvolveram técnicas para fugir da polícia durante os conflitos.

Irracionalidade, fanatismo, medo/segurança, *status*, vingança e derrota foram outros valores construídos discursivamente pelos enunciadores e presentes no *corpus* de análise. A irracionalidade aparece atrelada a um comportamento animalesco atribuído aos torcedores violentos e seus atos, ou, como sendo a motivação dos atos. Vemos isso através dos seguintes dizeres: “*irreprimível ódio tribal que arremessou uns contra os outros por nada*”, “*olho atravessado*”, “*A OAS construiu a Arena, mas esqueceu de construir uma grande jaula*”, “*Manifestações agressivas e estúpidas*”, “*Tresloucado gesto*”. O enunciador de “O que explica a violência”, apoiado em um promotor do Ministério Público do Rio de Janeiro, sugere que a irracionalidade é utilizada estrategicamente por alguns torcedores, inclusive para causar medo. Difundindo a ideia de que “*são violentos e irracionais, (...) bárbaros e estão dispostos a qualquer coisa*”, buscam aumentar o cacife das torcidas e angariar benefícios. A irracionalidade pode ser aproximada ao valor do fanatismo, em virtude desse ser representado por um “*amor irrefreável*” a um clube de futebol, por acirrar rivalidades e basear um sentimento de

superioridade. Elaboramos a seguir, um esquema com a constituição dos valores citados no início deste parágrafo.

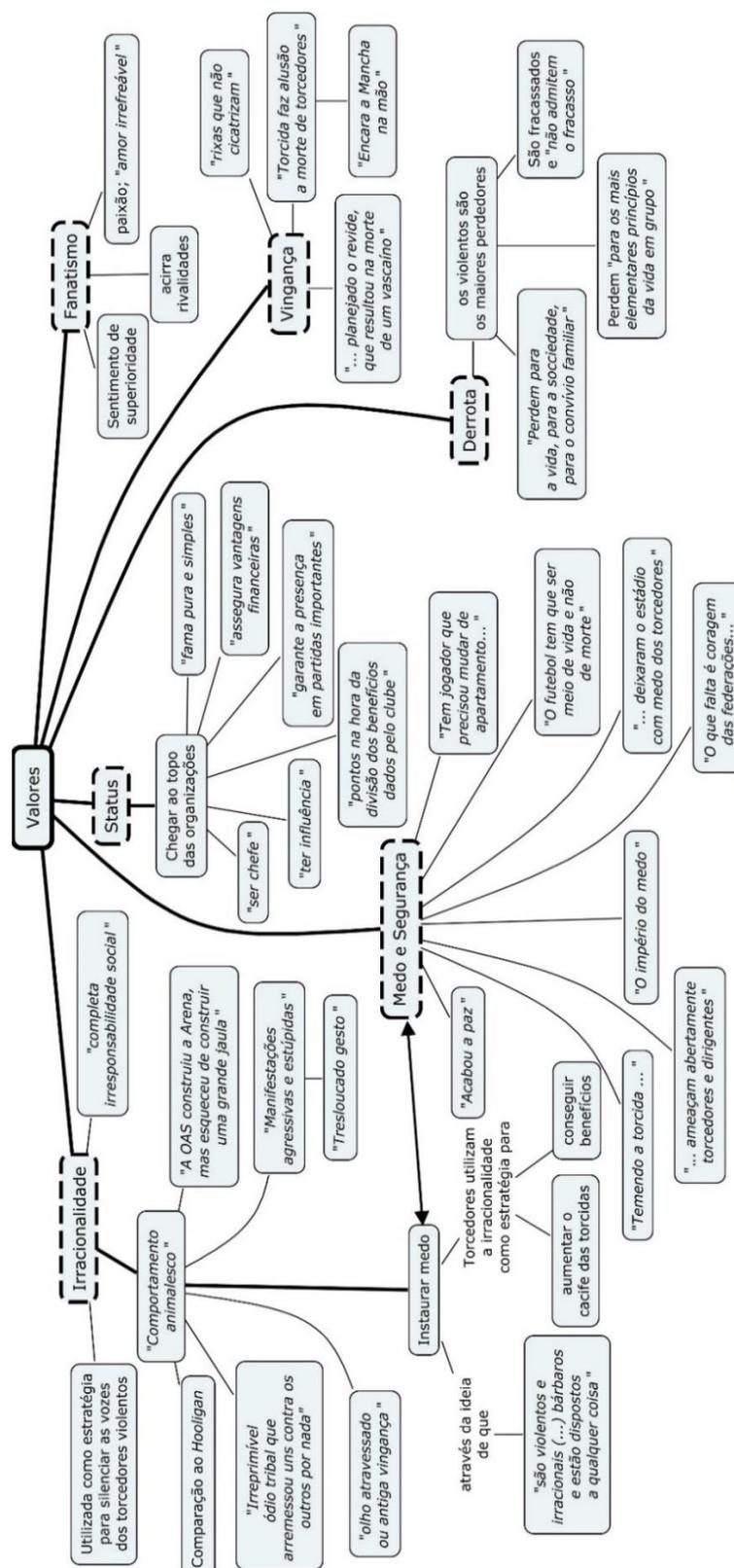


Figura 39 - Mapa valorativo 04: "Irracionalidade", "Status", "Medo", "Segurança", "Fanatismo", "Vingança" e "Derrota".

O valor do *status* está associado, como foi mostrado ao longo do Capítulo 2, às vantagens que a violência traz para alguns torcedores. Segundo os enunciadores, o *status* combina com a chegada aos principais níveis administrativos de uma organização. Com efeito, ser violento ou ter a fama de violento significa a possibilidade de “*ser chefe*”, de “*ter influência*”, de ter “*fama pura e simples*”, e de garantir “*vantagens financeiras*”, “*presença em partidas importantes*” e “*pontos na hora da divisão dos benefícios dados pelo clube*”.

Quanto aos valores do medo/segurança, é possível dizer que são construídos através do uso de termos correlatos. Desse modo, foi possível encontrar expressões como: “*Acabou a paz*”, “*Temendo a torcida...*”, “*ameaçam abertamente torcedores e dirigentes*”, “*O império do medo*” e “*O futebol tem de ser meio de vida e não de morte*”.

O valor da vingança é construído em “O que explica a violência” através das “*rixas que não cicatrizam*” e pelo “*revide*” que um grupo de torcedores planeja em virtude de um ataque adversário. Já em “*Torcida faz alusão a morte de torcedores*” aparece através da transcrição de um convite para uma briga sem armas de fogo: “*Encara a Mancha na mão*”.

Por último, apresenta-se o valor da derrota. Segundo o enunciador de “Perdedores”, os indivíduos violentos são os maiores derrotados em virtudes dos atos de violência que praticam, pois “*Perdem para a vida, para a sociedade, para o convívio familiar*”, perdem também “*para os mais elementares princípios da vida em grupo*”. O enunciador conclui a afirmação do valor dizendo que são fracassados, mas “*não admitem o fracasso*”.

Quanto ao propósito de identificar as principais vozes presentes e ausentes na encenação jornalística a respeito da violência no futebol, afirmamos que elas permeiam e constituem o discurso construído, além de, frequentemente, serem utilizadas como investimentos persuasivos para sustentar ou reforçar posicionamentos, intenções ou valores que os sujeitos enunciadores desejam compartilhar com os destinatários. Salientamos que as vozes que interessam a este propósito são aquelas vindas de pessoas, conforme será mostrado a seguir. O destaque é importante, pois, no momento que se fala das vozes que estão presentes em um discurso, não se fala apenas daquelas vindas de pessoas, fala-se também, por exemplo, de relações entre os indivíduos (‘*convívio familiar*’), de lugares históricos (a questão do ‘*império*’) ou geográficos e profissionais, como mostrou-se ao longo da análise dos efeitos de sentido de realidade.

Verificamos que, além da sempre presente voz do enunciador, especialmente através de julgamentos realizados tanto em reportagens quanto em artigos de opinião como foi apresentado ao longo dos efeitos de sentido de enunciação, vozes vindas do campo jurídico, de autoridades policiais, de autoridades ligadas aos clubes de futebol, de jogadores de futebol e de líderes de

torcidas organizadas são chamadas pelos enunciadores de Folha de São Paulo e Zero Hora para participar da construção discursiva sobre o fenômeno sociocultural em pauta. As referidas vozes são utilizadas com intuito de enriquecer o caráter informativo, dar credibilidade e legitimidade, além de fazer com que o texto desperte no leitor o sentido desejado pela instância da produção.

Do campo jurídico, tem-se, em “O que explica a violência”, a presença de Pedro Rubim, promotor do Ministério Público do Rio de Janeiro, responsável por acompanhar os atos de violência das torcidas. De acordo com o enunciador, o promotor atua em prol da punição e até suspensão de torcidas organizadas. Uma de suas ações foi a determinação do “*fim dos benefícios às torcidas suspensas*”. Já em “Corintianos são indiciados”, é aberto espaço para o diretor jurídico do Corinthians, Luiz Alberto Bussab, que realiza a defesa do clube: “*O Corinthians, como entidade, não contribuiu em nada para que isso ocorresse*”.

As vozes referentes a autoridades policiais surgiram através de um policial, que não teve seu nome divulgado pelo enunciador de “O comandante da baderna na Arena” e através de uma delegada da Polícia Civil de Porto Alegre, no mesmo texto, que fala a respeito de uma prisão de Cristiano Brum, número dois na hierarquia da Geral do Grêmio e apontado como “O mentor da baderna”, que ocorrera antes das brigas no novo estádio do clube. A não identificação ocorre também em “Corintianos detidos serão indiciados por homicídio de jovem”. Nele, utiliza-se apenas a instituição “*polícia*” para informar a quantidade de presos em virtude da morte do jovem boliviano.

A referência à mesma instituição é utilizada pelo enunciador de “Enfim, uma palavra justa” quando diz o seguinte: “*A palavra que circulou – autofiscalização – também me parece a mais adequada. Haverá outra antes da polícia?*” Aqui, o termo polícia faz referência à instituição que possui capacidade de solucionar os conflitos. No entanto, deduz-se também que se trataria de ações mais rígidas e possivelmente violentas. Em virtude disso, o enunciador sugere que os próprios torcedores resolvam e extingam as atitudes violentas. Ainda no texto sobre os corintianos, utiliza-se a opinião de Abigail Saba, responsável pela investigação do caso. Já em “O que explica a violência”, quem fala é o tenente-coronel Kleber Rodrigues Goulart, comandante do Batalhão de Operações Especiais (BOE), que diz que a violência precisa ser controlada, caso contrário, o Brasil pode enfrentar casos de radicalismo iguais ocorridos na Argentina e no Leste Europeu.

Em relação às autoridades ligadas aos clubes de futebol, destacam-se aquelas ligadas aos três grupos de acontecimentos que tiveram materialidades jornalísticas produzidas a seu respeito incluídas em nosso *corpus* de análise e que tiveram seus principais ditos apresentados

ao longo da síntese a respeito dos efeitos de sentido de realidade e de enunciação, ou seja, Paulo Nobre, presidente do Palmeiras em “Torcidas em xeque” e “Palmeiras tenta barrar agressores até em jogo fora do país” – neste último, tem-se ainda a presença do diretor executivo do clube, José Carlos Brunoro; Mário Gobbi, presidente do Corinthians, “Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade”, “Corintianos detidos serão indiciados por homicídio de jovem” e “Corintianos serão indiciados”- neste, há a presença de Edu Gaspar, gerente de futebol do clube; Fábio Koff, presidente do Grêmio, em “Grêmio controla a Geral para não perder dinheiro” e, Nestor Hein, membro do Conselho de Administração do clube, em “Enfim, uma palavra justa”. Quanto aos jogadores dos clubes, dois são ouvidos, Maurício Ramos, do Palmeiras, em “Por segurança, time vai para refúgio em Itu”, e Fábio Santos, do Corinthians, em “Fábio Santos afirma ser a favor de expulsão se violência acabar”.

Já em relação ao grupo de vozes composto pelos líderes de torcidas ou grupos organizados, verificamos que, em “O comandante da baderna na Arena”, a voz de Rodrigo Marques Rysdyk, o Alemão, é utilizada para ressaltar a paixão pelo clube, bem como o caráter de violência: *“Alemão resume sua filosofia, ao julgar três coisas que julga fundamentais – Futebol, briga para defender seu time e álcool. O Grêmio é o mais importante. Mas quebrar uns colorados e uns corintianos também é muito bom”*. A voz de um ex-líder da torcida organizada Guarda Popular do Internacional é utilizada pelo enunciador em “O que explica a violência” para falar da movimentação financeira mensal da torcida e avaliar o montante quase como insuficiente: *“Hierro avaliou em R\$ 25 mil o movimento mensal: - É até pouco para nosso tamanho”*. Por último, destaca-se a voz de Tadeu Macedo de Andrade, um dos líderes da Gaviões da Fiel, que teve sua opinião de que os presos na Bolívia eram todos inocentes, inclusive ele, publicada por Folha de São Paulo, em “Torcedores têm ligação com as organizadas”. Ao dizer que os torcedores presos possuem ligação com as organizadas, o enunciador sugere que estas abarcam torcedores violentos.

Não foi possível identificar vozes dos torcedores que não estiveram envolvidos em atos de violência. Conforme estudo mostrado na introdução e retomado ao longo do Capítulo 2, esse tipo de torcedor, em sua maioria, 85%, responsabiliza as torcidas organizadas pela violência nos estádios. Em estudo apresentado no Capítulo 2, para 68% dos torcedores, a violência é a principal responsável por não irem aos jogos. Afirma-se que esse torcedor deveria ser mais ouvido, bem como e, principalmente, aquele que vai ao estádio frequentemente e é pacífico. Com efeito, teríamos outro conjunto de opiniões e vozes, o qual, a nosso modo de ver, seria

fundamental, pois é afastado e, por vezes, impedido de ir aos jogos do clube para o qual torce, em virtude de punições causadas pela violência.

Encerrando as considerações a respeito do propósito referente às vozes presentes e ausentes no discurso, reiteramos a afirmação de Maingueneau (2008) de que o discurso é contextualizado e está em relação constante com outros discursos. Essa relação influencia os sentidos produzidos, tendo em vista que diferentes discursos são vozes de diferentes enunciadorees. Reiteramos ainda a premissa bakhtiniana da condição dialógica do discurso, que implica a existência de um diálogo constante, por vezes conflitante, com outros discursos bem como um diálogo, através do discurso, entre sujeitos histórica e discursivamente situados.

Quanto ao propósito de refletir sobre as relações existentes entre violência no futebol, mídia e sociedade cabe dizer que, embora o discurso midiático, no caso, o jornalístico, possua muito pouca influência direta nas formas de manifestação do fenômeno, é através dele que imagens, características e traços dos atores envolvidos são elaborados e disseminados. Ou seja, são os dispositivos midiáticos que constroem e escolhem os valores que são propostos aos leitores, procurando moldar suas opiniões e princípios. Entendemos que, ao absorver valores oriundos dos acontecimentos violentos, reconstruí-los e disseminá-los, o jornalismo esportivo, via discurso, contribui para a movimentação de sentidos e para a promoção, tanto positiva quanto negativa, do debate social a respeito do fenômeno da violência no futebol. Salientamos que o discurso representa um espaço de interação intersubjetiva que engloba, por exemplo, as materialidades, as intenções dos sujeitos e os valores humanos e sociais.

Através do discurso é que o leitor entra em relação com materialidades jornalísticas que emergem permeadas por uma dimensão persuasiva e possibilitam sua relação com demais sujeitos e com a sociedade, as quais tematizam o torcedor que pratica atos de violência como: “malfeitores”, “fracassados”, “facínoras”, “bandidos”, “celerados”, “brigões” ou “marginais”. Os enunciadores creditam, com efeito, a violência a sujeitos de má índole e mau caráter. Eis um exemplo da contribuição negativa. Como mencionou-se ao longo do Capítulo 2, tais qualificações pejorativas, embora aplicáveis, apenas reiteram a fama de violentos desses sujeitos, geralmente, pertencentes a pequenos grupos de torcedores organizados. Como aponta Murad (2010), aparecer na televisão praticando atos de violência ou ter fotografias demonstrando superioridade, virilidade, valentia que estampam capas e páginas de jornais – semelhantes aquelas apresentadas pela reportagem “O comandante da baderna na Arena” – por exemplo, encoraja esse tipo de torcedor a praticar novos atos. Como constatou-se a partir do valor do *status*, colabora ainda para aumentar a fama e para o recebimento de benefícios.

Outra contribuição negativa e que está inserida em um discurso do senso comum, a atribuição da violência apenas às torcidas organizadas e toda torcida organizada é violenta, surge quando os enunciadores, a exemplo do texto “O que explica a violência”, não demonstram preocupação em aprofundar o pensamento a respeito das causas do fenômeno. Além disso, silenciam outras causas, como a falta de transporte público adequado e seguro para os torcedores, jogos em horários tardios em que o sistema de transporte não opera em sua totalidade, despreparo de policiais e seguranças que gera mau tratamento aos torcedores ou excluindo-se a inserção da violência no futebol em um contexto de violência social.

As críticas apontadas nos dois parágrafos anteriores fazem parte do que Murad (2010) chama de caráter generalizante que se desenvolve no tratamento jornalístico acerca da principal causa de conflitos violentos nos estádios e cercanias, referente à atuação de grupos de torcedores organizados. Notamos que o referido caráter, aparece, por exemplo, no texto “Perdedores”, de Wianey Carlet, no momento em que não especifica que apenas uma minoria – cerca de 7%, segundo estudos apresentados por Murad (2010) – dos torcedores organizados é violenta e, indiscriminadamente, realiza qualificações como as citadas anteriormente.

Após a leitura e interpretação do *corpus* de análise, constatamos também que em nenhum momento os enunciadores enfatizaram que a maioria dos torcedores volta-se para a realização do espetáculo nas arquibancadas. Fez-se apenas a menção em “A lei seca do futebol” e “Espírito esportivo” de que a coletividade não deve ser punida devido a erros de poucos indivíduos. Há a preferência pela publicação de imagens violentas que, praticamente, ensinam modos de ser violento e têm potencial para causar um efeito de preocupação e insegurança e para incitar novos atos de violência. Além disso, não ajudam na solução do problema já que desenvolvem uma imagem das praças esportivas como sendo locais de violência, fato que atrai indivíduos violentos.

Através da análise dos efeitos de sentido e das vozes presentes e ausentes nas construções discursivas originárias de enunciadores de Folha de São Paulo e Zero Hora, verificamos que os clubes são apresentados, como instituições que buscam afirmar sua inocência, controlar as torcidas e os benefícios, bem como evitar prejuízos em virtude da violência. As autoridades policiais e jurídicas são vistas como as responsáveis por controlar, investigar e punir as ações violentas. Já grupos de torcedores organizados aparecem como os principais responsáveis pela violência no futebol, motivados pela impunidade, por disputas internas por verba e poder, pela rivalidade, pelo *status*, pela vingança. No entanto, através de alguns textos, como “A lei seca do futebol”, “Espírito Esportivo”, “Enfim, uma palavra justa”

e ‘Morte no estádio’, foi possível auferir que os clubes também são culpados pela violência ao cooperarem financeiramente com torcidas organizadas; os policiais, por vezes, fracassam na segurança e, através de atitudes drásticas e violentas, como afirma Murad (2010), incitam as confusões; já as autoridades jurídicas exigem seguidas punições, motivadas pelo histórico de violência carregado pelas torcidas organizadas e raramente aplicam penas individuais.

Os textos citados no parágrafo anterior trazem contribuições positivas para as discussões acerca do fenômeno. Neles, os enunciadores instauram um debate sobre a justiça ou não de determinadas punições aplicadas aos atores envolvidos com o fenômeno, questionam as autoridades, os clubes e as entidades que comandam o futebol a respeito da desorganização que permeia o esporte na América do Sul, a qual possibilita frequentes atos de violência, e realizam proposições para tentar diminuir a ocorrência do fenômeno: punições individuais e certeza de punição, punições exemplares, cancelamento dos benefícios e autofiscalização. Pensamos que as referidas abordagens, caso sejam reconhecidas pelos destinatários, resultam na consolidação de uma imagem positiva dos enunciadores, uma imagem de sujeitos conhecedores do assunto. Isso aponta para a maneira como, de um modo geral, o jornalismo esportivo posiciona-se em face do fenômeno sociocultural da violência no futebol, que não é bem a posição de especialistas – sociólogos, psicólogos, assistentes sociais, por exemplo – sobre o mesmo assunto.

As teses de Lopes (2012) e Toro (2004) afirmam que conflitos e brigas entre as torcidas de futebol, em menor ou maior escala, sempre existiram. No Brasil, em menor escala do início da prática do esporte até a metade do século passado e em maior escala a partir da década de 1980 até os dias atuais. A menor escala coincide com o intuito praticamente único de carnavalização do modo de torcer implantado por uma geração que lutou para que o esporte pudesse ser praticado por todas as pessoas, não apenas pelas elites. Já a maior escala coincide e atinge picos com influência de torcidas organizadas em clubes, os quais concedem privilégios a esses grupos, com a utilização dos torcedores como massa de manobra política e eleitoral e resulta, por exemplo, em diminuição do público em estádios e em acirramento de rivalidades locais e regionais. Lopes (2012) afirma que não adianta louvar o passado, no caso, grande parte do século anterior, como um tempo em que não houve violência. No entanto, estudos de Murad (2010; 2007) comprovam um panorama preocupante e salientam que a violência entre torcedores e o número de mortes em decorrência dela vem crescendo nos últimos anos.

Boa parte da sociedade tenta o controle de suas ações para o desenvolvimento social. O desafio humano é controlar os instintos e os comportamentos violentos para que não haja

prejuízo para a sociedade e para a solidariedade humana. A diminuição das possibilidades de violência durante o jogo entre os atletas, através da instalação de regras e punições, ao longo dos anos, colaborou para que o esporte se tornasse popularizado e uma forma atrativa de entretenimento. Baseados em Maffesoli (1987), que diz a violência necessita de uma negociação constante e da criação de métodos que proporcionam superá-la, é possível afirmar que o futebol encontrou formas de controle da violência. Entendemos que em relação à violência existente entre torcedores de times de futebol, ao menos no caso brasileiro, não é o que acontece. Raríssimas são as sanções e as punições aos agressores e quando ocorrem são ineficientes. A reincidência de atos violentos demonstra cada vez mais atraso e incompetência dos torcedores em saber viver pacificamente e em harmonia com a alteridade, além disso, demonstra a incompreensão de valores como o espírito esportivo e a competição sadia, e a incompetência dos organizadores e dirigentes de competições e clubes de futebol. A referida situação, conforme abordagem de Murad (2007), deriva do fato da violência no futebol estar inserida em um amplo contexto de violência social, em que apenas ações isoladas não são eficazes. Com efeito, reiteramos o caráter tanto de possibilidade humana quando de possibilidade social da violência, como aborda este último autor. Como é possível auferir, seguidamente os indivíduos não conseguem controlar seus comportamentos e põem em risco a sua sobrevivência e a de seu semelhante. Pensamos, com efeito, que cabe ao discurso midiático ser mais incisivo na promoção e oferta de valores que possam colaborar com o desenvolvimento solidário da sociedade.

Após as referidas considerações, faz-se necessário dizer que esse é apenas um caminho de análise. Os resultados encontrados emergem do nosso modo de ler e interpretar os textos baseados no aporte teórico-metodológico da Teoria da Enunciação, da Análise do discurso e da Semiologia dos Discursos. A cada nova leitura, os sentidos auferidos são passíveis de mudança; todo sujeito que analisa discursos aciona modos particulares de pensamento e interpretação e isso reflete no processo analítico.

Baseado em Gilles Deleuze, Peruzzolo (2006; 2004) diz que não é possível prender o sentido a algo, a uma materialidade, pois esta, em outro momento e outro contexto, pode despertar um sentido diferente. Além do mais, o mesmo sentido pode ser instaurado através de outras materialidades. Os autores ressaltam que o sentido deriva do sistema de relações, as quais ocorrem entre sujeitos diferentes que movimentam sentidos diferentes. Inspirados em Bakhtin (1986), é possível dizer que cada passo que damos rumo a uma tentativa de compreensão do discurso do jornalismo esportivo impresso a respeito da violência no futebol exige uma

elaboração léxica e uma estruturação de pensamentos e ideias do analista que, quanto mais substanciais forem, mais nos aproxima da compreensão desejada.

Encerrando, concluímos que o discurso do jornalismo impresso a respeito da violência no futebol carrega e manifesta diversas intencionalidades, amarra-se a tentativa de mostrar-se real, verídico e autêntico e está permeado por uma extensa cadeia temático-valorativa capaz de despertar sentidos variados. Entretanto, fica preso aos intuitos do dispositivo midiático e das competências do enunciador. Com efeito, demonstrou-se uma possibilidade de compreensão do lugar que a mídia esportiva assume frente a um fenômeno sociocultural. O caminho das palavras é mais longo que o da violência, mas é o único humanamente correto.

**BIBLIOGRAFIA**

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2004.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro. Relume-Dumará, 1994.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas. n.19. p.25-42, 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de Barros; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin Mikhail**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática. 2010.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.

BARROSO, Maria Luiz C. et al. Fatores que geram violência no futebol: uma análise psicológica da região sul do Brasil. **Ver. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum.**, Florianópolis, v.2, n.9, p.154-158, 2007.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentido. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. O jornalismo como acontecimento. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009, São Paulo (SP). **Anais** do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009.

\_\_\_\_\_. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**. São Paulo. v.15, p.13-28, 2008.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2005, p. 87-98.

\_\_\_\_\_. A construção do sentido: exemplo fotográfico persuasivo. **Líbero**. São Paulo. Ano VI, v.6, n.11. p.44-49, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA. Dóris Arruda C. da. Bakhtin e a linguística atual: Interloquções. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2005, p.287-294.

DALMONTE. Edson Fernando. Dispositivos midiáticos – modos de mostrar, modos de olhar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31. 2008, Natal. **Anais**. Natal: Intercom, 2008, 1 CD-ROM.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa. Difel. 1992.

DUNNING, Eric. Esporte, violência e civilização. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 14, n.30, p.223-231, jul/dez. 2008. Entrevista concedida à Édison Gastaldo.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. 2.ed. São Paulo, Perspectiva, 2004.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa. Difel. 1992.

EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES Willian; MENDES, Emília (Org.). **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 290-309.

FAIRCLOUGH, Norman. **Media Discourse**. London: Hodder Arnold, 1995.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FERNANDES, Adélia Barroso. **O contrato e as estratégias discursivas da primeira página dos jornais Folha de São Paulo e Le Monde**. 2011. 371p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2011.

FERREIRA, Luciane Corrêa. A conceitualização de violência e futebol. **Antares**. Caxias do Sul. v.4, n.7, jan./jul. p.166-177, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Elementos de Análise do Discurso**. 14. ed. São Paulo, Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. José Luiz. Enunciação e comunicação. In: FIGARO, Roseli (Org.) **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 46-78.

FLORES, V; TEIXEIRA, M. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. In: **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2009.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HESSEN, JOHANNES. **Filosofia dos valores**. 4.ed. Armênio Amado: Coimbra, 1974.

HOLLANDA. Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. 771p. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura). Pontifícia Universidade Católica do rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

JOHNSON. Roger N. **Agressão nos homens e nos animais**. Ribeirão Preto: Interamericana, s/d.

JIMÉNEZ. Isabel Cristina Souza. Bakhtin e a dialética discursiva: pressupostos teóricos para uma leitura de A Hora da Estrela de Clarice Lispector. In: **Tempo da Ciência**, Toledo – PR, v.12, n.23, p. 115-124, 2005.

KISCHINHEVSKY. Marcelo. **Do lábaro que ostentas estrelado: mídia, futebol e identidade**. 2004. 225p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

LANDOWSKI. Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: Pontes, 1992.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discurso sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. 2012. 589p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012.

LOVISOLO. Hugo. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des) civilizador. **Logos 33**. Rio de Janeiro. v.17, n.2, p.29-38, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **Lógica da Dominação**. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo. Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3.ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MASSONI, Sandra H. Crónica de la comunicación em um mundo fluido. **FISEC** (Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional de Lomas de Zamora. Zamora. Ano VI, n.16. p. 69-85, 2012. Disponível em: <<http://www.fisec-estrategias.com.ar>> Acesso em: 10 jan. 2012.

MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MONTAGU, Ashley. **A natureza da agressividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MORAES, G.H.S.M; MORAES, O.M.S.M. Futebol e Violência: Freud explica? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.145-157, 2012.

MOUILLAU, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O Jornal, da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol**. São Paulo: Benvirá: 2012.

NAVARRO, Pedro. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: GASPAR, Nádea Regina; MILANEZ Nilton (Orgs.) **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

NETO, Amarílio Ferreira. et al. A violência no esporte – uma abordagem interdisciplinar. **Motrivivência**. Florianópolis, p.49 – 52, jun. 1989.

ORLANDI. Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. Ed. Campinas: Pontes, 2005.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. A Semiose da notícia: por um lugar epistêmico para o estudo do Jornalismo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza (CE). **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2012.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. Sobre o facto e o acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Sociedade**, n.6, 2005, p.95-100.

PÉREZ, Rafael Alberto. El estado del arte em la Comunicación Estratégica. **Mediaciones Sociales**. Madrid. n.10, p. 121-196. I semestre 2012.

PERUZZOLO, Adair Caetano. Dispositivo de enunciação televisiva. **CISECO** (Centro Internacional de Semiótica e Comunicação). Brasil. Disponível em: <[www.ciseco.org.br/indez.php/artigos/38-dispositivo-de-enunciação-televisiva.html](http://www.ciseco.org.br/indez.php/artigos/38-dispositivo-de-enunciação-televisiva.html)> Acesso em: 18 maio, 2013.

\_\_\_\_\_, **Elementos de semiótica da comunicação: quando aprender é fazer**. Bauru: Edusc, 2004.

\_\_\_\_\_. **Comunicação como Encontro**. Bauru. EDUSC, 2006.

\_\_\_\_\_. Violência, Direitos e Cidadania. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n.100. p. 83-102, 1990.

\_\_\_\_\_. Adair Caetano. **Entender persuasão**. Curitiba: Honoris Causa, 2010.

\_\_\_\_\_, **Elementos de semiótica da comunicação: quando aprender é fazer**. 3. ed. rev. e amp. No prelo.

PORTO, Sergio Dayrell. Vivências interpretativas em jornalismo. Versão atualizada do método das “Seis leituras interpretativas em massa folhada”. In: PERREIRA, F.H; MOURA, D.O; ADGHIRNI, Z.L. (Orgs.). **Jornalismo e Sociedade: Teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n.6, 2005, p.59-76.

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de. (Orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ROSA, Susel Oliveira da. Violência e ordem: Porto Alegre nas décadas de 70, 80 e 90. In: **Sociais e Humanas**. Santa Maria, v.18, n.1, p.97-104, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre. Sulina: Edipucrs, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo**: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de São Paulo (1970-2004). 2004. 145p. Dissertação (Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2004.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VIZEU, Alfredo. A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística. **Famecos**. Porto Alegre, n.22, p. 107-116, dez. 2003.

VERISSIMO, Fabiane da Silva. **Discurso publicitário da sustentabilidade**: um estudo das estratégias persuasivas em anúncios de revista. 2013. 168p. (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2013.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

## ANEXOS

## ANEXO A: Reportagem “Barra Pesada”



GUERRA INTERNA



Quarta-feira de maio de 2012. Sede do Club Atlético Independiente, em Avellaneda, na Grande Buenos Aires. Um grupo de cerca de 30 torcedores, liderados por Pablo "Bebote" Alvarez, entra no escritório do presidente do clube, Javier Cantero, e pede à secretária que ele os receba. Antes da resposta, eles ignoram a segurança, invadem a sala do dirigente, trancam a porta e começam uma tensa reunião. As exigências: a demissão do gerente de futebol, a permissão para que as bandeiras das organizadas continuassem a ser guardadas

no estádio Libertadores da América e a cessão de ingressos e passagens. Todas são negadas. A discussão sobe de tom e os torcedores só deixam a sede depois da chegada da polícia.

A guerra entre o cartola e a organizada é a ponta da rede de interesses que inclui torcedores profissionais, dirigentes e partidos políticos. O Independiente de Avellaneda é o primeiro entre os grandes argentinos a colocar essa disputa com os *barrabravas* (expressão que designa as torcidas organizadas) no noticiário.

**FAÇA NO PESCOÇO**

Bebote faz tudo, líder da Diablos Rojos, comandou a invasão da sede e ameaçou dirigentes, como o vice Cláudio Keblaitis (abaixo)



Os escândalos vêm em escalada: boicote aos jogos, incêndios e ameaças de morte e de bomba.

Javier Cantero, economista eleito em dezembro do ano passado para a presidência do Independiente, propôs diluir a influência da organizada dentro e fora do estádio – justamente o contrário do que executava o antecessor, Julio Comparada, que mantinha relação estreita com as barras. Quando negou as reivindicações de Bebote, chefe da barra Diablos Rojos, presenciou uma torcida calada ante o Benfield, pelo Campeonato Argentino. Ao fim da mesma semana, recebeu uma ligação anônima denunciando a existência de uma bomba na escola do clube.

"Não me ameaçam diretamente de morte, eles não são bobos. Mas falam para algum dirigente que sabem onde minha irmã trabalha, que sabem onde meu filho estuda. Tenho

filhos de 25 e 28 anos que vivem longe, então a preocupação é a minha esposa", diz Cantero. Dias depois da invasão da sede, o dirigente voltou a encontrar Bebote na rua. Foi chamado de mentiroso. Recuou, visivelmente nervoso, e voltou para responder às acusações. "Mentiroso é quem vive do dinheiro do clube", disse, ao lado do torcedor, que se cobria com um capuz vermelho.

Maria Verónica Moreira, pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas da Universidade de Buenos Aires e autora do estudo "Poder e política de uma torcida de futebol na Argentina", descreve o modo como as torcidas do Independiente atuavam antes da chegada de Cantero. Segundo ela, esses torcedores tinham livre acesso ao cotidiano do clube – dos locais de treinamento até os escritórios onde despachavam os dirigen-

**“NÃO ME AMEAÇAM DIRETAMENTE DE MORTE, MAS FALAM QUE SABEM ONDE MINHA IRMÃ TRABALHA, ONDE MEU FILHO ESTUDA... Javier Cantero, presidente do Independiente**



## A ESCALADA DA VIOLÊNCIA

ARGENTINA CONTA SEUS MORTOS NA BRIGA ENTRE TORCIDAS

**1958**

Confronto entre torcedores de Vélez e River Plate. Uma granada atirada pela polícia mata Alberto Linker. A polícia começa a investigar as barras. Ações são financiadas por dirigentes de clubes, que pagam entradas e viagens.

**1968**

71 torcedores boquenses morrem esmagados no Superclássico River x Boca, no setor popular 12 do estádio Monumental de Nuñez, naquela que é considerada a maior tragédia do futebol argentino.



**1976**

Com poder nos clubes, barras começam a influenciar nas contratações e na troca de treinadores. Protegidos pela ditadura militar, torcedores envolvidos em confusões não são investigados pelo estado.

**1983**

Anibal Taranto, número 3 na hierarquia da barra do River Plate, é assassinado em mais um Superclássico. É enterrado com honras de herói, em funeral acompanhado pelo presidente do clube na época, Rafael Aragón Cabrera.

tes. "Nos processos eleitorais, gente das barras era convocada para participar das campanhas."

Pablo "Bebote" Alvarez é parte ativa desse processo desmontado recentemente. Ele assumiu publicamente a briga com Cantero pelas facilidades que mantinha com as gestões anteriores. Morador de Sarandi, cidade vizinha a Avellaneda, ele passou boa parte dos anos 90 na prisão. Libertado em 2003, foi flagrado com uma faca no estádio do Independiente no ano seguinte. Não bastasse, foi até o centro de treinamento do clube exigir que o time entregasse o jogo para o Newell's Old Boys e evitasse o título do River Plate em 2004. A polícia atribuiu a ele um bilhete com uma ameaça ao vice-presidente do Independiente, Cláudio Keblaitis, que pediu licença do cargo: "Dê-nos dinheiro ou te pegamos

## OS BARRAS SÃO GRUPOS DE REPRESSÃO TERCEIRIZADOS NOS CLUBES. A SITUAÇÃO [NA ARGENTINA] ESTÁ SEM CONTROLE

Gustavo Grabia, autor do livro *La Doce* - A verdadeira história da torcida organizada do Boca

com um disparo na cabeça".

Como não atende a pedidos de entrevista, é por meio do Facebook que o mundo sabe das opiniões do chefe da Diablos Rojos. No ano passado, publicou uma espécie de "carta-renúncia" da barra. Recentemente, deixou um recado a Cantero na rede social: "Todos viram que o Pinóquio [Cantero] não quis debater porque não pode sustentar suas mentiras. Ele vai ter que provar na Justiça que

sou um ladrão. Eu já sai da torcida, e Cantero terá que encontrar outro bo-bo como eu - que leve as bandeiras, as coloque e faça festa em todos os jogos". Não que Bebote tenha desistido. Em setembro, ele foi visto com um grupo de 30 integrantes da barra que preenchiam suas fichas de associados ao Independiente.

Bebote quer que a roda de interesses que mantém as barras continue a funcionar. É um processo alimentado por dirigentes e políticos locais, que usam da influência dos torcedores para chegar (ou continuar) no poder. Quando as barras não são sustentadas diretamente por dirigentes, usam das vantagens oferecidas para conseguir dinheiro. Isso é feito por meio dos ingressos que recebem e revendem na porta do estádio ou de outros serviços no entorno. No último dia 11 de setembro, houve um tiroteio entre membros

### BOCA LIVRE

Na contramão do Independiente, diretoria do clube portenho mantém os privilégios a torcedores envolvidos em distúrbios dentro e fora dos estádios



**1985**

Raúl Martínez morre no confronto Boca x Quilmes, atingido por uma bala calibre 38. Abre-se caminho para a investigação das ligações políticas das barras. A cada três meses, acontece uma morte relacionada ao futebol.

**ANOS 90**

Mudam as características dos confrontos entre torcedores, que passam a acontecer também fora dos estádios. Maior parte das mortes é relacionada às disputas de poder dentro das próprias torcidas.

**2012**

Guerra de facções do Newell's Old Boys, em Rosário, provoca três mortes. Torcedor do Nueva Chicago é morto depois de o clube convocar uma reunião para aproximar as barras. Outro torcedor é morto em acerto de contas dias depois.

das barras do Independiente e "flanelinhas". A barra exigia repasse de dinheiro de torcedores que cuidavam dos carros na partida contra o Quilmes. César Rodríguez, um dos líderes da mesma barra de Bebote, a Diablos Rojos, foi baleado.

"Os *barrabravas* atuam como tropas de choque e são grupos de repressão terceirizados dentro dos clubes. A situação está sem controle", afirma Gustavo Grabia, autor do livro *La Doce - A verdadeira história da torcida organizada do Boca*, publicado em 2009 na Argentina e neste ano no Brasil. "Eles não têm ideologia, trabalham para quem paga. Estão com quem está no poder", diz.

Segundo ele, a diretoria da maior parte dos clubes joga em conjunto com as organizadas para pressionar a oposição e garantir negócios ilícitos. "No Independiente, os balanços fiscais foram muito deficitários. Quando dirigentes em assembleia queriam discutir contas do clube, os *barrabravas* ameaçavam todos os diretores. Então, não lhes restava alternativa além de levantar-se da mesa e o orçamento terminava sendo aprovado. Sim, é uma espécie de tortura psicológica", diz Grabia.

Cantero tem uma teoria sobre os torcedores. "Se existem 300 torcedores, um é o general, quatro ou cin-



co são coronéis e os demais são pessoas muito humildes, que estão ali porque a *barrabrava* lhes dá comida, proteção e alguma droga", afirma. Para o presidente do Independiente, dirigentes dos demais clubes argentinos são coniventes com as torcidas organizadas por supostamente terem o rabo preso. "O problema é que os dirigentes fazem coisas e os barras sabem. Eles tentam extorquir: 'Sei que ficou com x por cento da venda de tal jogador, sei que roubou tantos mil dólares daqui'. E isso o dirigente teme. Mas quem nunca roubou não tem por que ter medo."

O Boca Juniors é o principal alvo de Cantero. Há três anos, as diretorias dos clubes argentinos têm recorrido a uma lista em que integrantes violentos das torcidas organizadas são afastados dos jogos, com o

tempo determinado pelo clube. A relação é entregue à polícia antes de cada jogo, com fotos dos *barrabravas*. Mas, na partida contra o Fluminense, pelas quartas de final da Libertadores, a diretoria boquense deixou que torcedores com histórico recente de confusões assistissem à partida em La Bombonera quando a orientação era impedi-los. "Nós repudiamos as barras. Mas, no Boca, [os dirigentes] até tiram fotos com esses torcedores", diz Cantero.

Por ora, o presidente do Independiente parece ter o apoio dos torcedores não identificados com as barras. Em uma passeata, um grupo de cerca de 1000 pessoas, incluindo torcedores do rival Racing, manifestou solidariedade ao dirigente. Seu sonho? Que um dia tudo acabe. "Desde que foi fundado o Independiente, em 1904, aconteceram duas Guerras, a queda do Muro de Berlim, o neoliberalismo da década de 1990, a queda das Torres Gêmeas... Com a prestação paga pelos sócios, o clube passou por tudo isso. Os chefes das *barrabravas* são apenas uma anedota. Espero que passe logo."



**VEJA MAIS NO SITE**  
Assista ao confronto entre o presidente do Independiente e a torcida: <http://abr.io/3xh5>

## ANEXO B: Repercussão da morte de Kevin Espada na mídia internacional

**MÍDIA INTERNACIONAL**  
Jornais de vários países noticiaram a morte do torcedor boliviano

**The Guardian**  
O jornal inglês noticiou a morte do torcedor boliviano destacando a declaração emocionada do técnico Tite após a partida e a **“possível participação”** de corintianos no acontecimento



**Olé**  
O periódico argentino colocou como manchete **“perderam todos”** e relatou que o garoto foi atingido por um **“tubo plástico, que penetrou na cavidade craniana”** causando morte imediata



**Marca**  
O jornal esportivo espanhol destacou a prisão dos doze torcedores corintianos. Além disso, publicou que o clube paulista havia declarado luto de **sete dias em solidariedade à família de Kevin**



Fonte: Folha de São Paulo, 22 fev. 2013, p.D3.